DR. RUPERT SHELDRAKE

Cães sabem quando seus donos estão chegando

Pesquisas científicas explicam os poderes surpreendentes de nossos animais de estimação

OBJETIVA

Quando o telefone toca na casa de um conhecido professor da Universidade da Califórnia, em Berkeley, sua esposa sempre sabe quando é ele que se encontra do outro lado da linha. Como? Whiskins, o gato da família, corre para o telefone e bate com a pata no receptor. Se for outra pessoa ligando, ele nem toma conhecimento.

Julia Orr acreditava que seus cavalos estivessem bem instalados ao mudar-se para outra fazenda, distante 14 quilômetros daquela onde morava. Mas Badger e Tango estavam apenas ganhando tempo. Certa noite, seis semanas depois, uma terrível tempestade escancarou a porteira do pasto onde eles se encontravam. Era a oportunidade ansiosamente esperada. Ao amanhecer, os animais aguardavam pacientemente no portão da antiga casa da Sra. Orr.

Há anos, Antonia Brown-Griffith sofre até 12 ataques epilépticos por semana. Com isso, sua vida resumia-se a uma angustiada espera dos momentos de crise. Tudo mudou com a chegada de Rupert, um cão que se tornou seu atento protetor. Cinqüenta minutos antes que um ataque se manifeste, Rupert lhe dá dois tapinhas com a pata,

Cães que sabem quando seus donos estão chegando

OBJETIVA

OBJETIVA
CORTESIA

RUPERT SHELDRAKE

Cães que sabem quando seus donos estão chegando

Pesquisas científicas explicam os poderes surpreendentes de nossos animais de estimação

Tradução
Cláudia Costa Guimarães

OBJETIVA

© 1999 by Rupert Sheldrake

Título original
Dogs That Know Whem Their Owmers Are Coming Home

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA., rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro - RJ - CEP 22241-090
Tel.: (21) 556-7824 - Fax: (21) 556-3322
INTERNET: http://www.objetiva.com

Capa
Glenda Rubinstein

Revisão
Fátima Fadel
Renato Bittencourt
Tereza da Rocha

Editoração Eletrônica
Textos & Formas Ltda.

2000
10 9 8 7 6 5 4 3 2

Com agradecimentos a todos os animais
com os quais tanto aprendi

Sumário

Prefácio 9
Introdução 15

PARTE I
Laços entre seres humanos e animais

1. A domesticação dos animais 28

PARTE II
Animais que sabem quando seus donos estão chegando

2. Cães 48
3. Gatos 95
4. Papagaios, cavalos e seres humanos 109

PARTE III
A empatia animal

5. Animais que consolam e curam 134
6. Mortes e acidentes a distância 151

PARTE IV
Intenções, chamados e telepatia

7. Captando intenções 168
8. Chamados e comandos telepáticos 187
9. A telepatia entre animais 218

PARTE V
O senso de direção

10. Jornadas incríveis 238
11. Migrações e memória 268
12. Animais que sabem que estão chegando em casa 288
13. Animais de estimação que encontram seus donos em locais distantes 299

PARTE VI
Premonições de animais

14. Premonições sobre ataques, comas e mortes súbitas .. 318
15. Pressentimentos relacionados a terremotos e outros desastres 338

PARTE VII
Conclusões

16. Poderes animais e a mente humana 370

APÊNDICES

Apêndice A. Como participar da pesquisa 390
Apêndice B. Experiências com Jaytee 397
Apêndice C. Campos mórficos 414

Notas 438
Referências bibliográficas 457

Prefácio

Este é um livro de reconhecimento — o reconhecimento de que os animais possuem habilidades que perdemos. Parte de nós esqueceu-se disso; a outra parte sempre soube.

Quando era criança, eu, como tantas outras crianças, me interessava por animais e por plantas. Minha família criava uma enorme variedade de bichinhos de estimação: Scamp, o cachorro, um coelho, hamsters, pombos, uma gralha, um periquito, uma tartaruga de água doce, dois cágados e diversos peixinhos dourados, além de populações inteiras de girinos e lagartas que eu criava toda primavera. Meu pai, Reginald Sheldrake, farmacêutico e microscopista amador, encorajava meu interesse e estimulou minha fascinação pelo mundo natural, ao mostrar-me como gotas de água de um lago pululavam com uma infinidade de formas de vida e que aparência tinham as escamas de uma asa de borboleta.

Fiquei especialmente intrigado com a maneira pela qual os pombos encontravam o caminho de casa. Nas manhãs de sábado, meu pai me levava para ver um imenso número deles ser solto. Na estação de trem local, em Newark-on-Trent, região central da Inglaterra, pássaros de corrida de toda a Grã-Bretanha aguardavam em cestos de vime empilhados. Na hora marcada, os carregadores abriam as tampas. Deixavam que eu ajudasse. Deles irrompiam centenas de pombos numa imensa comoção de vento

e penas. Eles voavam rumo ao céu, faziam um círculo e partiam em diversas direções, a caminho de lares distantes. Como conseguiam fazer aquilo? Ninguém parecia saber ao certo. Até hoje, a capacidade que têm de encontrar o caminho de casa continua sem explicação.

Na escola, a biologia e as outras ciências foram uma escolha natural e continuei esses estudos na Universidade de Cambridge. Mas ao dar prosseguimento à minha formação como biólogo, um imenso abismo começou a se abrir entre minha experiência pessoal com animais e plantas e a abordagem científica que me era ensinada.

A teoria mecanicista da vida, ainda hoje a ortodoxia dominante, afirma que os organismos vivos nada mais são do que máquinas complexas e geneticamente programadas. Presume-se que sejam inanimados, literalmente sem alma. Como regra geral, a primeira providência que tomávamos ao estudar organismos vivos era matá-los ou retalhá-los. Dediquei muitas horas de trabalho em laboratórios à dissecação e, então, à medida que meus estudos prosseguiram, à vivissecção. Era parte essencial de meu currículo de biologia, por exemplo, dissecar os nervos das pernas amputadas de sapos para então estimulá-las com eletricidade e provocar contrações musculares. Para estudarmos as enzimas existentes no fígado de um rato, um dos tecidos favoritos da bioquímica animal, a primeira coisa a fazer era decapitar ratos vivos e assistir ao sangue ir jorrando pelas pias do laboratório abaixo. Nada aprendi sobre como os pombos encontravam o caminho de casa.

Esses exercícios estudantis eram brandos se comparados à experiência que tive num emprego temporário como técnico de laboratório no departamento de farmacologia de uma companhia farmacêutica multinacional, onde novos remédios eram desenvolvidos e testados. Trabalhei lá durante seis meses, entre a

formatura da escola secundária e o ingresso na universidade, quando tinha 17 anos. Havia salas abarrotadas de ratos, porquinhos-da-índia, camundongos e outros animais aguardando ser injetados com substâncias químicas para sabermos qual dosagem os envenenaria. Os porquinhos-da-índia, que tinham os dedinhos beliscados até guincharem de dor, recebiam injeções contendo substâncias que estavam sendo testadas para definir sua capacidade analgésica. Gatos eram operados. Ao final de cada dia, dúzias de animais que sobreviviam a esses vários testes e experiências eram envenenados com gases e atirados num depósito para serem incinerados.

O amor pelos animais me levara a estudar biologia e não era a ele que ela estava me levando. Algo havia dado errado. Comecei a me perguntar o que estaria acontecendo. Mais tarde pude constatar que a divisão que eu sentia é corrente dentro e fora da comunidade científica.

Constatei que essa divisão não é inevitável. É possível existir um tipo de ciência mais abrangente. Além de muito mais econômica.

Em 1994, publiquei um livro chamado *Seven Experiments That Could Change The World* [Sete experiências que poderiam mudar o mundo], no qual explorei fenômenos conhecidos, embora pouco compreendidos, e sugeri como pesquisas baratas poderiam levar a avanços gigantescos. Uma dessas experiências dizia respeito às possíveis habilidades telepáticas de cães e gatos. Em especial, concentrei-me na capacidade que alguns cachorros têm de saber que seus donos estão chegando em casa.

Assim, tentando encontrar formas para que uma visão mais ampla da vida possa se desenvolver cientificamente, retornei aos animais de estimação. Demorei muito tempo para reconhecer que são os animais que melhor conhecemos. Eu sabia disso quan-

do criança. Para muita gente, trata-se de um fato de ofuscante obviedade mas, para mim, teve o impacto de uma descoberta. Eu me dei conta de que os animais que melhor conhecemos têm muito a nos ensinar. Eles podem nos ensinar a ampliar nossa compreensão da vida; não se limitam a ser bonitinhos, carinhosos ou divertidos.

Nos últimos cinco anos, venho realizando pesquisas sobre a perceptibilidade de animais domésticos com a ajuda de mais de dois mil donos e treinadores. Fiz um levantamento junto a mais de mil proprietários de animais domésticos, escolhidos a esmo, para descobrir o quanto são comuns diversos tipos de comportamentos inexplicáveis. Eu e meus companheiros de pesquisa entrevistamos centenas de pessoas com grande experiência junto a animais, incluindo treinadores de cachorros, treinadores de cães de busca e salvamento, treinadores de cães policiais, cegos e seus cães guias, veterinários, donos de canis e de estábulos, treinadores de cavalos, cavaleiros e amazonas, fazendeiros, pastores, zeladores de zoológicos, donos de lojas de artigos para animais, criadores de répteis e donos de animais de estimação.

Se eu tivesse citado ao menos parte de todos os relatos e entrevistas que me concederam, este livro seria pelo menos dez vezes mais grosso. Em alguns casos, centenas de pessoas relataram padrões de comportamento muito parecidos em seus animais de estimação, como o fato de os cachorros saberem quando seus donos estão chegando em casa. Precisei condensar essa informação e dar apenas alguns exemplos de cada tipo de comportamento perceptivo neste livro. Embora muitas pessoas tenham contribuído para o quadro geral, posso agradecer apenas a uma pequena minoria por nome. Sem toda a ajuda concedida por pessoas aqui mencionadas ou não, este livro não teria sido escrito. Sinto-me grato a todos aqueles que me ajudaram e aos seus animais.

Inicialmente, este trabalho de pesquisa foi financiado por Ben Webster, já falecido, de Toronto, Canadá, e foi imensamente auxiliado pela Fundação Lifebridge, de Nova York; Instituto de Ciências Noéticas, de Sausalito, Califórnia; Evelyn Hancock, de Old Greenwich, Connecticut; e o Instituto Ross, de Nova York. Também fui beneficiado, nos Estados Unidos, pelo apoio organizacional do Instituto de Ciências Noéticas, pela Fundação Schweisfurth, de Munique, nos países de língua alemã e, na Inglaterra, pela Rede Científica e Médica. Sinto-me muito grato por tanta generosidade e encorajamento.

Devo muita coisa aos meus parceiros de pesquisa, Pamela Smart, em Lancashire, Jane Turney, em Londres, Susanne Seiler, em Zurique e David Brown em Santa Cruz, Califórnia; e também à minha secretária, Cathy Lawlor. Eles me ajudaram de muitas formas: fazendo levantamentos, entrevistando pessoas, realizando experiências e coletando dados. Todos ajudaram a construir um imenso banco de dados computadorizado sobre a perceptibilidade dos animais de estimação, mas Pam Smart é a principal responsável por mantê-lo e aumentá-lo. Também sou grato a Anna Rigano e à Dra. Amanda Jacks por seu auxílio na pesquisa, e a Helmut Lasarcyk pela imensa trabalheira de traduzir as centenas de relatórios provenientes de países de língua alemã e acrescentá-los ao nosso banco de dados.

Meu agradecimento especial vai para Matthew Clapp pela dádiva de seus serviços na organização e manutenção de meu site na Internet (www.sheldrake.org), iniciado quando ele ainda estudava na Universidade da Geórgia.

Muitas discussões, comentários, sugestões e críticas, assim como muito auxílio prático, me ajudaram a pesquisar e a escrever este livro. Agradeço, em especial, a Ralph Abraham, Shirley Barry, Patrick Bateson, John Beloff, John Brockman, Sigrid Detshey,

Lindy Dufferin e Ava, Peter Fenwick, David Fontana, Matthew Fox, Winston Franklin, Robert Freeman, Edward Goldsmith, Franz-Theo Gottwald, o falecido Willis Harman, Myles Hildyard, Rupert Hitzig, Nicholas Humphrey, Tom Hurley, Francis Huxley, Montague Keene, David Lorimer, Betty Markwick, Katinka Matson, Robert Matthews, Terence McKenna, John Mitchell, Michael Morgan, Robert Morris, John O'Donohue, o falecido Brendan O'Reagan, Barbara e Charles Overby, Erik Pigani, Anthony Podberscek, minha esposa Jill Purce, Anthony Ramsay, John Roche, Miriam Rothschild, Marilyn Schlitz, Merlin e Cosmo Sheldrake, Paul Sieveking, Arnaud de St. Simon, Martin Speich, Dennis Stillings, Dennis Turner, Varena Walterspiel, Ian e Victoria Watson, Alexandra Webster, Richard Wiseman e Sandra Wright.

Em todos os meus pedidos de informação, tive a ajuda de diversos jornais e revistas da Europa e da América do Norte e de variados programas de televisão e de rádio. Agradeço a todos que tornaram isso possível.

Agradeço também àqueles que fizeram comentários e sugestões nos vários rascunhos deste livro: Letty Beyer, David Brown, Ann Docherty, Karl-Heinz Loske, Anthony Podberscek, Jill Purce, Janis Rozé, Merlin Sheldrake, Pam Smart, Mary Stewart, Peggy Taylor e Jane Turney. Tive a felicidade de encontrar editores tão solidários e construtivos como Steven Ross e Kristin Kiser, em Nova York, e Susan Freestone, em Londres, e o formato final deste livro deve, em muito, às suas proveitosas sugestões.

Finalmente, agradeço a Phil Starling por ter permitido a reprodução das fotografias das Figuras 2.1, 4.1 e 8.1, a Gary Taylor pela Figura 2.2 e a Sydney King por fazer os desenhos e diagramas.

Londres, fevereiro de 1999

Introdução

Kate Laufer, parteira e assistente social de Solbergmoen, Noruega, trabalha em horários peculiares e não tem hora prevista de voltar para casa. No entanto, quando está em casa, seu marido Walter a recebe com uma xícara de chá fresquinho. Qual seria a explicação para o *timing* desconcertante do marido? O cachorro da família, Tiki, um terrier, "onde quer que se encontre, o que quer que esteja fazendo", conta o Dr. Laufer, "quando Tiki corre para a janela e fica de pé no parapeito, sei que minha esposa está a caminho de casa".

Quando o telefone toca na casa de um conhecido professor da Universidade da Califórnia em Berkeley, sua esposa sempre sabe que é ele que se encontra do outro lado da linha. Como? Whiskins, o gato da família, um malhado prata, corre para o telefone e bate no receptor com a pata. "Muitas vezes, ele até consegue tirar o fone do gancho e mia carinhosamente para que meu marido o ouça do outro lado da linha", conta ela. "Whiskins nem toma conhecimento quando outra pessoa telefona."

Julia Orr acreditava que seus cavalos estivessem satisfatoriamente instalados em seu novo cercado quando mudou-se de Skirmett, em Buckinghamshire, para uma fazenda a 14 quilômetros. Mas Badger, um Welsh cob de 24 anos, e Tango, de 22 anos, apenas ganhavam tempo. Certa noite, seis semanas depois, uma tempestade escancarou o portão do pasto e eles

aproveitaram a oportunidade. Ao amanhecer, aguardavam pacientemente no portão da antiga casa da Sra. Orr. Haviam encontrado o caminho de volta através de estradas e pistas desconhecidas, deixando as reveladoras marcas de seus cascos em acostamentos e canteiros de flores.

No dia 17 de outubro de 1989, Tirzah Meek, de Santa Cruz, Califórnia, viu sua gata correr para o sótão da casa e se esconder, algo que ela nunca havia feito antes. Parecia apavorada e recusou-se a descer outra vez. Três horas depois a cidade foi atingida pelo terremoto Loma Prieta, que destruiu o centro de Santa Cruz.

Cachorros que sabem que os donos estão chegando em casa, gatos que atendem o telefone quando a pessoa de quem são mais próximos está ligando, cavalos que sabem encontrar o caminho de casa, gatos que prevêem terremotos: estes são alguns dos aspectos do comportamento animal que sugerem a existência de uma perceptibilidade que vai além da compreensão científica atual.

Após cinco anos de extensas pesquisas sobre os poderes inexplicáveis dos animais, cheguei à conclusão de que muitas das histórias contadas pelos donos de animais de estimação são bem fundamentadas. Alguns animais realmente possuem poderes de percepção que vão além dos sentidos.

Não há nada de novo nas fantásticas habilidades dos animais. As pessoas as vêm notando há séculos. Milhões de donos de animais domésticos, hoje, viveram tais experiências em primeira mão. Mas, ao mesmo tempo, muitos acham que precisam negar essas habilidades ou banalizá-las. Elas são ignoradas pela ciência institucional. Animais de estimação são os animais que melhor conhecemos, mas seu comportamento mais surpreendente e intrigante é tratado como se não fosse de interesse algum. Por que deve ser assim?

Um dos motivos é o tabu de levar-se os animais de estimação a sério.[1] Esse tabu não se restringe aos cientistas, é resultante das atitudes divididas da sociedade em geral para com os animais. Enquanto estamos no trabalho, nos entregamos ao progresso econômico, fomentado pela ciência e pela tecnologia e baseado na visão mecanicista da vida. Essa visão, que remonta à revolução científica do século XVII, é derivada da teoria de René Descartes do universo como máquina. Embora as metáforas tenham mudado (do cérebro como mecanismo hidráulico no tempo de Descartes, como estação telefônica há uma geração e como um computador hoje em dia), a vida ainda é pensada em termos de maquinário.[2] Animais e plantas são encarados como autômatos geneticamente programados, e a exploração dos animais é aceita como inevitável.

Enquanto isso, em casa, temos nossos bichinhos de estimação. Bichinhos de estimação encontram-se numa categoria diferente dos outros animais. A criação de animais domésticos fica restrita ao âmbito privado, subjetivo. As experiências com animais de estimação têm de ser mantidas fora do mundo "real" ou "objetivo". Há um imenso abismo entre os animais de estimação, tratados como membros da família, os animais criados exclusivamente para o abate e os de laboratórios de pesquisa. Nosso relacionamento com nossos animais de estimação baseia-se em diferentes combinações de atitudes, em relações do "eu" para com o "você" e não do eu para com um objeto, como seria encorajado pela ciência. Eu próprio senti essa divisão de forma especialmente intensa, como descrevi no Prefácio deste livro.

Quer se encontrem em laboratórios ou nos campos, os cientistas costumam evitar a formação de elos emocionais com os animais que estão pesquisando. Almejam uma objetividade distanciada. Assim, seria pouco provável que encontrassem tipos de comportamento baseados em laços de afeto forjados entre

animais e pessoas. Nesse campo, treinadores e donos de animais de estimação geralmente possuem muito mais conhecimento e experiência do que os profissionais que estudam o comportamento animal — a não ser que sejam, eles próprios, donos de algum animal doméstico.

O tabu contra levar-se animais de estimação a sério é apenas um dos motivos pelos quais os fenômenos que discuto neste livro foram negligenciados pela ciência institucional. O outro é o tabu contra levar-se fenômenos psíquicos ou paranormais a sério. Esses fenômenos são considerados paranormais — significando "além do normal" — não por serem raros ou excepcionais. Alguns são até bastante comuns. São chamados paranormais porque não podem ser explicados em termos científicos convencionais, não cabem na teoria mecanicista da natureza.

Pesquisas com animais

A riqueza da experiência com animais vivida por treinadores de cavalos e de cachorros, veterinários e donos de animais de estimação é normalmente considerada de pouca importância por ser *anedótica*. Isso acontece com tanta freqüência que resolvi procurar a origem dessa palavra para descobrir o que significa. Vem das raízes gregas *an* + *ekdotos*, que significam "não-publicado". Uma anedota é uma história não-publicada.

Alguns campos de pesquisa — a medicina, por exemplo — fazem uso freqüente de anedotas mas, quando são publicadas, elas literalmente deixam de ser anedotas; são então promovidas ao posto de estudos de caso.

No decorrer da pesquisa descrita neste livro, descobri que muitas pessoas tiveram experiências bastante similares com seus animais. E quando os relatos de tantas pessoas apontam de

maneira independente para padrões constantes que se repetem, as anedotas transformam-se em história natural. No mínimo, é a história natural do que as pessoas *acreditam* ser real sobre seus animais. A questão seguinte é se essas crenças são bem fundamentadas ou não. É por isso que as investigações experimentais são parte essencial desta pesquisa.

Um dos meus livros de biologia favoritos é *The Variations of Animals and Plants Under Domestication* [Variações de animais e de plantas sob domesticação], de Charles Darwin, publicado pela primeira vez em 1868. É cheio de informações coletadas por Darwin junto a naturalistas, exploradores, administradores coloniais, missionários e outros com os quais ele se correspondia em todo o mundo. Ele estudava publicações tais como *Poultry Chronicle* [Crônica avícola] e *The Gooseberry Grower's Register* [Índice do cultivador de groselhas]. Ele próprio cultivava 54 tipos diferentes de groselhas. Lançava mão da experiência de aficionados por gatos e coelhos, criadores de cavalos e de cachorros, apicultores, fazendeiros, horticultores e outras pessoas com grande experiência com animais e plantas. Associou-se a dois clubes de admiradores de pombos em Londres, criava todas as raças que conseguiu obter e visitava os criadores mais fanáticos para conhecer seus pássaros.

Os efeitos da reprodução seletiva de animais e de plantas domésticos, observados com tanta atenção, na prática, por homens e mulheres, deram a Darwin a maior prova do poder da seleção, ingrediente essencial da sua teoria de evolução através da seleção natural.

Desde o tempo de Darwin, a ciência vem se desligando cada vez mais das ricas experiências de pessoas que não são cientistas profissionais. Ainda há milhões de pessoas que possuem experiência prática com pombos, cachorros, gatos, cavalos, papagaios,

abelhas e outros animais, assim como macieiras, rosas, orquídeas e outras plantas. Há ainda dezenas de milhares de naturalistas amadores. Mas hoje em dia, a pesquisa científica fica quase que totalmente restrita a universidades e institutos de pesquisa e é realizada por profissionais com Ph.D. Tanta exclusividade empobreceu seriamente a biologia moderna.

Por que esta pesquisa jamais foi realizada?

A investigação dos poderes inexplicáveis dos animais descrita neste livro foi facilitada por aparelhos modernos tais como computadores e câmeras de vídeo, mas, em princípio, a maioria dessas investigações poderia ter sido realizada há 100 anos ou mais. O fato de estarem apenas começando é um tributo à força dos tabus existentes com relação a tais pesquisas.

Acredito que temos muito a ganhar ignorando esses tabus. Acredito, também, que temos muito a ganhar seguindo uma abordagem científica. Mas a palavra "científica" pode ter significados muito diferentes. Com muita freqüência, é relacionada a um dogmatismo intolerante que procura negar ou desbancar aquilo que não se adequa à visão mecanicista do mundo. Eu, por outro lado, considero "científico" um método de pesquisa amplo, que mantém-se atento a indícios e que testa explicações possíveis através de experiências. O caminho investigativo tem mais do espírito científico do que a negação. E é certamente muito mais divertido.

Essas atitudes científicas distintas são ilustradas pela história de um cavalo chamado Clever Hans — Hans, o esperto —, normalmente usada para justificar a rejeição de poderes animais aparentemente inexplicáveis. Eu tiro uma moral oposta do mesmo conto e encaro-o como exemplo da necessidade de investigarmos ao invés de negarmos fenômenos sem explicação.

A história de Clever Hans

Mais cedo ou mais tarde, qualquer um que se interessa pelos poderes inexplicáveis dos animais ouvirá a história de Clever Hans. Essa história tornou-se um aviso de cautela para os cientistas.

No início do século XX, havia em Berlim um cavalo chamado Hans que, segundo diziam, podia fazer cálculos matemáticos, ler e soletrar palavras em alemão. Ele usava o casco para escolher suas respostas. Seu treinador, Herr von Osten, ex-professor de matemática, estava convencido de que Hans possuía faculdades mentais consideradas exclusivas dos seres humanos. O cavalo causava furor e fazia muitas apresentações para professores, oficiais militares e outros.

As habilidades de Clever Hans foram investigadas pelo professor C. Stumpf, diretor do Instituto de Psicologia da Universidade de Berlim, e seu assistente, Otto Pfungst. Eles descobriram que o cavalo só conseguia dar a resposta certa quando quem perguntava a sabia e quando Hans conseguia ver esta pessoa. Concluíram que Hans não possuía habilidade matemática alguma e que não sabia ler alemão. Em vez disso, ele lia os pequenos movimentos corporais de quem fazia as perguntas e estes lhe diziam quando ele havia batido com o casco o número correto de vezes.

Desde então, sua história é usada para justificar a rejeição das habilidades inexplicáveis dos animais, atribuindo-as a "pistas sutis" em vez de possíveis poderes misteriosos possuídos pelo animal. Em suma, essa história vem sendo usada para coibir pesquisas e impedir investigações em vez de estimulá-las. No entanto, extrair essa moral da história de Clever Hans não faz justiça às investigações de Stumpf e Pfungst. Eles investigaram uma alegação controversa em vez de rejeitá-la e foram muito

corajosos em fazê-lo porque suas conclusões entravam em choque com as crenças de muitos de seus colegas.

As habilidades de Clever Hans eram controversas não por envolverem poderes paranormais e sim por demonstrarem que os animais possuem a capacidade de pensar. Muitos cientistas, em especial os darwinianos, ficaram satisfeitos em crer que Clever Hans realmente conseguia fazer contas e compreender alemão. Eles gostavam da idéia de os animais serem capazes de possuir pensamento racional porque isso minava a crença convencional de que o intelecto humano era único. Preferiam a idéia da evolução gradual, de uma variação de grau entre animais humanos e não-humanos, em vez de variações de tipo.

Em contraste, os tradicionalistas ficaram muito céticos com relação a Clever Hans por acharem que as faculdades mentais superiores estavam limitadas ao homem. As descobertas de Stumpf e de Pfungst apoiavam os tradicionalistas e foram impopulares junto aos "desapontados darwinianos que expressaram medo, temendo que pontos de vista eclesiásticos e reacionários encontrassem material favorável nas conclusões".[3]

Embora biólogos às vezes mencionem o "efeito Clever Hans" como razão para rejeitar as inexplicáveis habilidades dos animais, seu efeito é bastante específico. Ele depende da linguagem corporal, um elemento muito importante para a comunicação entre os cavalos, assim como para tantas outras espécies. Se o animal consegue ser sensível a um ser humano quando esta pessoa está fora de seu campo de visão, isso não é um exemplo do efeito Clever Hans e requer uma outra explicação.

No decorrer da pesquisa sobre os poderes inexplicáveis dos animais domésticos, descobri que a maioria dos treinadores e donos de animais de estimação tem plena consciência da importância da linguagem corporal. Mas, de qualquer forma, muitos

dos fenômenos que discuto aqui, assim como a aparente capacidade dos animais de saberem que seus donos estão chegando em casa, não podem ser discutidos em termos do efeito Clever Hans. Um animal não consegue ler a linguagem corporal de uma pessoa a muitos quilômetros de distância.

Três tipos de percepções inexplicáveis

Neste livro, discuto três categorias principais de percepções animais inexplicáveis, a saber: a telepatia; o senso de direção; e as premonições.

1. *A telepatia.* Começo com a capacidade que alguns cachorros, e outros animais, têm de saber que seus donos estão chegando em casa. Em muitos casos, a antecipação da chegada das pessoas por parte dos animais não pode ser explicada em termos de rotina, de indícios fornecidos por quem está em casa ou pelo som da aproximação de carros conhecidos. Em experiências filmadas, os cachorros conseguem antecipar a chegada de seus donos em horários aleatórios, até mesmo quando chegam de táxi ou em outros veículos desconhecidos por eles. De alguma forma, as pessoas comunicam a intenção de voltar para casa telepaticamente.

Alguns animais de estimação também reagem telepaticamente a diversas outras intenções humanas e respondem a chamados e comandos silenciosos. Alguns sabem quando uma pessoa em especial está ao telefone. Outros demonstram reações quando seus donos estão sofrendo ou morrendo em algum lugar distante.

Sugiro que a comunicação telepática depende de laços entre pessoas e animais que não são apenas metafóricos e sim verdadeiras conexões. Eles estão ligados através de campos, chamados campos mórficos. Apresento esses campos no Capítulo 1,

no qual discuto, também, a evolução dos laços entre seres humanos e animais.

2. *O senso de direção.* Os pombos-correio conseguem encontrar o caminho de volta para o seu pombal através de centenas de quilômetros de território desconhecido. As andorinhas migrantes européias viajam milhares de quilômetros até chegarem aos seus campos de alimentação na África e na primavera retornam à sua terra natal, até mesmo para o prédio onde haviam feito seu ninho anteriormente. Essa capacidade de viajar para destinos distantes continua sem explicação e não pode ser esclarecida pelo olfato ou por qualquer outro dos sentidos conhecidos, nem mesmo um possível "senso de bússola".

Alguns cachorros, gatos, cavalos e outros animais domésticos também têm bom senso de direção e encontram o caminho de casa a partir de locais estranhos, a muitos quilômetros de distância. Os animais parecem ser atraídos pelo destino desejado como se um elástico invisível os ligasse àquele lugar. Essas ligações só encontram explicação nos campos mórficos.

Alguns animais não encontram o caminho de volta para lugares e sim para pessoas. Os donos de alguns cachorros, ao viajarem e deixaram seu animal para trás, são encontrados por este em locais distantes onde o animal jamais esteve. Seguir a pista de uma pessoa pelo faro pode explicar alguns casos quando as distâncias são curtas, mas em outros casos a única explicação plausível parece ser o elo invisível forjado entre o animal e a pessoa a quem este é ligado. Mais uma vez, isso poderia ser comparado a um elástico esticado, o que eu atribuo ao campo mórfico que conecta animal e dono.

3. *Premonições.* Algumas premonições podem ser explicadas em termos de estímulos físicos: por exemplo, animais que ficam

agitados antes de um terremoto podem estar reagindo a mudanças elétricas sutis; cachorros que avisam aos donos epiléticos da iminência de um ataque podem estar notando tremores musculares sutis ou odores fora do comum. Mas outras premonições parecem envolver pressentimentos misteriosos que desafiam nossas pressuposições habituais sobre a divisão entre passado, presente e futuro.

A telepatia, o senso de direção e as premonições são exemplos daquilo que algumas pessoas chamam de percepção extra-sensorial. Outros os atribuem a um "sexto sentido" (ou "sétimo sentido", mas de qualquer forma a um sentido ou sentidos a mais). Outros os chamam de "paranormais". Outros ainda de "psíquicos". Todos esses termos estão de acordo entre si ao apontarem para algo que vai além dos limites da ciência estabelecida.

"Percepção extra-sensorial" significa, literalmente, uma percepção além ou fora dos sentidos. À primeira vista, o termo "sexto sentido" parece significar o contrário, pois sugere uma perceptividade que faz parte dos sentidos apesar de exercida através de um outro tipo de sentido ainda não reconhecido pela ciência. Esse conflito desaparece se considerarmos o sentido de "extra-sensorial" como sendo "fora dos sentidos *conhecidos*".

Os termos "percepção extra-sensorial" e "sexto sentido" não sugerem o que são esses fenômenos ou como funcionam. Eles meramente nos dizem o que não são. Não são explicáveis em termos dos sentidos conhecidos.

Todos os três tipos de perceptibilidade — a telepatia, o senso de direção e as premonições — parecem ser melhor desenvolvidos em espécies não-humanas, tais como os cachorros, do que nas pessoas. No entanto, eles também ocorrem entre os humanos. Poderes psíquicos humanos ou "sextos sentidos" parecem mais naturais, mais biológicos quando vistos sob a óptica

do comportamento animal. Muito daquilo que parece ser "paranormal", hoje em dia, parece normal quando expandimos nossas noções de normalidade.

A ciência conseguirá avançar apenas quando caminhar além de seus limites atuais. Neste livro, espero demonstrar que é possível investigar as capacidades inexplicáveis dos animais cientificamente e de forma que não seja invasiva ou cruel. Também sugiro uma variedade de maneiras pelas quais os donos de animais e estudiosos podem fazer grandes contribuições a esse novo campo de pesquisa.

Temos muito a aprender com nossos animais de estimação. Eles têm muita coisa para nos ensinar a respeito da natureza animal — e da nossa própria natureza.

PARTE I

Laços entre seres humanos e animais

1

A domesticação dos animais

Laços com animais

Muitas pessoas amam seus animais de estimação e são amadas por eles. Desenvolvem fortes laços afetivos. Neste capítulo, exploro a evolução e a natureza dos laços estabelecidos entre seres humanos e animais.

Mas, antes de mais nada, é importante reconhecer que os elos emocionais entre pessoas e animais são a exceção e não a regra. Para cada gato ou cachorro bem-amado, há centenas de animais domésticos confinados nos ambientes áridos de fazendas-indústrias e laboratórios de pesquisa. Em muitos países do Terceiro Mundo, animais de carga são tratados com brutalidade, com os seres humanos no papel dos brutos. As sociedades tradicionais não costumam aderir aos ideais modernos do bem-estar animal. Os esquimós, por exemplo, tendem a tratar seus huskys com severidade.

Existem ainda animais que são vítimas da negligência impensada e da crueldade deliberada. Em todo o mundo industrializado, organizações para a prevenção da crueldade com

animais descobrem e divulgam, continuamente, estarrecedores tormentos sofridos por animais em mãos humanas: cavalos com as costelas aparecendo através da pele emaciada; cães presos e negligenciados; gatos torturados. Muitos animais são, simplesmente, abandonados. Só nos Estados Unidos, aproximadamente cinco milhões de cães indesejados e um número parecido de gatos são sacrificados todos os anos por autoridades locais ou por organizações voluntárias.[1]

Mas, apesar de tanta exploração, abuso e negligência, a partir da infância, muitas pessoas formam laços com animais. As crianças costumam ganhar de presente ursinhos de pelúcia e outros animais de brinquedo e gostam de ouvir histórias sobre animais. Acima de tudo, a maioria gosta de ter um bichinho de verdade. A maioria dos animais de estimação vive em casas onde há crianças.[2]

Ouvir histórias sobre animais assustadores — inclusive contos de fadas como Chapeuzinho Vermelho — e relacionar-se com animais afetuosos parece ser um aspecto normal e fundamental da natureza humana. Na realidade, através da história evolucionária, nossa natureza foi moldada pelas nossas interações com os animais, e todas as culturas humanas foram enriquecidas com canções, danças, rituais, mitos e histórias a seu respeito.

A evolução dos laços entre seres humanos e animais

Dentre as mais antigas espécies de hominídeos a terem recebido nome, conhecidas através dos restos de seus fósseis, estão a *Australopithecus ramidus* e a *Australopithecus anamensis*, que datam de quatro milhões de anos. As primeiras ferramentas de pedra foram usadas há aproximadamente 2,5 milhões de anos e

sinais da inclusão da carne na alimentação surgem aproximadamente um milhão de anos depois, mais ou menos à mesma época em que o *Homo erectus* deixou a África para espalhar-se pela Eurásia (Figura 1.1). O uso do fogo pode ter-se iniciado há aproximadamente 700 mil anos. Humanos modernos surgiram na África há mais ou menos 150 mil anos. As primeiras obras de arte, pinturas rupestres, muitas delas de animais, apareceram há 30 mil anos. A revolução agrícola teve início há 10 mil anos e as primeiras civilizações e manuscritos surgiram há 5 mil anos.[3]

Nossos ancestrais subsistiam como coletores e caçadores, com a coleta tendo muito mais importância do que a caça. A velha imagem do Homem Caçador, caminhando confiante com passadas largas pelas savanas africanas é, na verdade, um mito. Até mesmo dentre as sociedades de coletores e caçadores ainda existentes, apenas uma pequena parcela da comida que consomem provém de animais caçados pelos homens; a grande maioria vem da coleta realizada, em particular, pelas mulheres. (As exceções são os coletores e caçadores das regiões árticas, onde há poucas plantas.)[4] Em vez de caçarem eles próprios, os hominídeos e os primeiros *Homo sapiens* normalmente obtinham a carne que consumiam de restos de animais mortos por predadores mais eficazes, tais como os grandes felinos.[5] A caça grossa, que veio substituir o aproveitamento da carniça deixada por outros bichos, talvez date apenas de 70 mil ou 90 mil anos.

Nas culturas de coletores e caçadores, os seres humanos não se vêem separados do reino dos outros animais e, sim, intimamente interconectados.[6] Os especialistas na comunicação com o mundo não-humano são os xamãs que, através de seus espíritos guardiões ou animais de poder, conectam-se com a energia dos animais. Há uma misteriosa solidariedade entre as pessoas e os animais. Os xamãs sentem-se guiados pelos animais, ou trans-

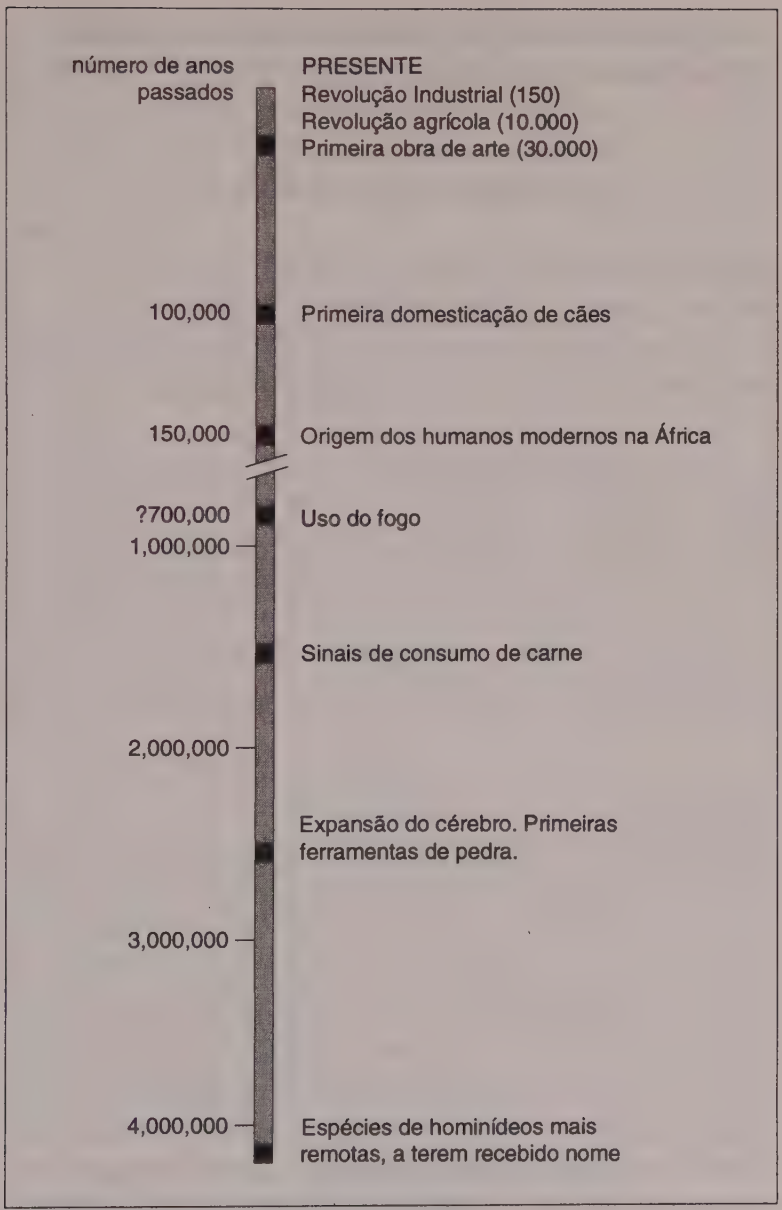


Figura 1.1 A linha do tempo da evolução humana.

formados em animais, compreendendo, assim, sua linguagem e compartilhando sua presciência e poderes ocultos.[7]

A domesticação dos cães

Os primeiros animais a serem domesticados foram os cachorros. Seus ancestrais, os lobos, caçavam em bandos, tais como os homens, e desde um estágio muito primitivo foram usados tanto para caçar quanto para proteger povoados. Sua domesticação antecede o desenvolvimento da agricultura.[8]

A visão convencional é de que a primeira domesticação dos lobos ocorreu entre 10 mil e 20 mil anos. Mas indícios recentes, obtidos através do estudo do DNA de cachorros e de lobos, indicam uma data muito anterior para a primeira transformação do lobo em cachorro: mais de 100 mil anos. Essas novas provas também sugerem que os lobos foram domesticados diversas vezes e não apenas uma, e que os cachorros continuaram a cruzar com lobos selvagens.[9]

Se essa descoberta for confirmada, significará que nosso companheirismo com os cachorros, já tão antigo, pode ter apresentado um papel importante na evolução humana. Os cães podem ter tido grande responsabilidade nos avanços das técnicas de caça, ocorridas de 70 mil a 90 mil anos. O veterinário australiano David Paxton chega a sugerir que não foram as pessoas que domesticaram os cães e sim os cães que domesticaram as pessoas. É possível que os lobos tenham começado a viver na periferia dos povoados como uma espécie de infestação. Alguns aprenderam a viver junto a seres humanos de uma forma mutuamente útil e, aos poucos, foram transformando-se em cachorros. O mínimo que se pode dizer é que eles teriam protegido os povoados e avisado, com latidos, sobre qualquer aproximação.[10]

Em termos evolucionários, os lobos que se transformaram em cães foram extremamente bem-sucedidos. Podem ser encontrados aos milhões em qualquer local habitado do mundo. Os descendentes de lobos que permaneceram lobos são agora encontrados esparsamente, muitas vezes em populações ameaçadas de extinção.

A domesticação dos cães antecede, em muito, à de outros animais. Na realidade os cães podem ter sido fundamentais na domesticação de outras espécies, tanto por sua habilidade de arrebanhar animais tais como ovelhas quanto na proteção dos mesmos contra predadores.

Algumas raças de cachorros são muito antigas. No Egito antigo, já havia diversas raças distintas: cachorros do tipo galgo ou Saluki, do tipo mastim, do tipo basenji, do tipo pointer e um pequeno cão do tipo maltês que lembrava um terrier (Figura 1.2).[11] Os cães eram venerados no Egito antigo. Alguns eram até mesmo embalsamados e, em todas as cidades, havia um cemitério inteiramente dedicado aos enterros dos cães. O deus dos mortos era Annubis, com sua cabeça de cão, ou de chacal.

No mundo moderno, há enormes variações, de cultura para cultura, no tratamento dispensado aos cachorros. No mundo árabe, eles costumam ser detestados, em parte devido à existência de enormes populações de cães sem dono ou de cães ferais, fonte de doenças perigosas tais como a raiva. Ainda assim, alguns cães de caça são admirados e paparicados. Em outras partes do mundo, como em Burma, na Indonésia e na Polinésia, os cães são abatidos para servir de alimentação para seres humanos e não são, normalmente, bem-vistos.[12] Mas, na maioria das culturas, em especial onde são usados para a caça ou para controlar rebanhos, ou mantidos sem qualquer motivo utilitário, os cães são geralmente tratados com afeto.[13]

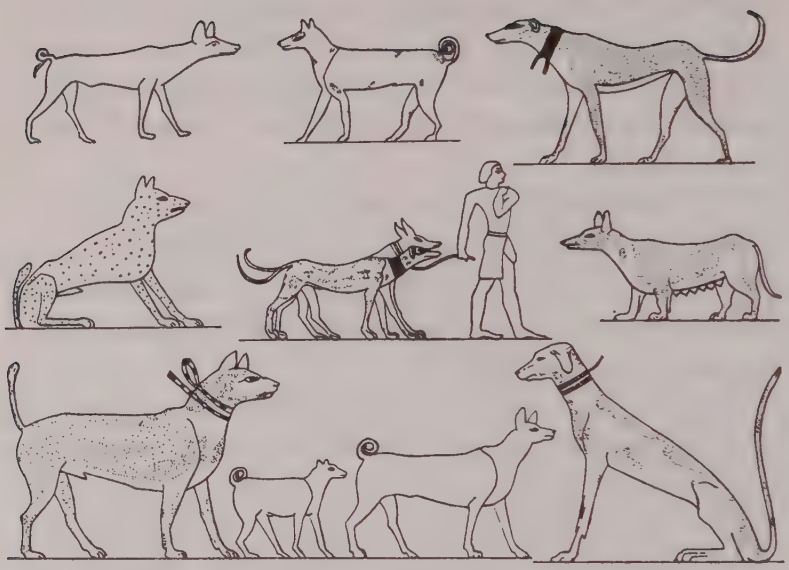


Figura 1.2 Raças de cães egípcios, das tumbas de Beni Hassan (2200-2000 a.C.) (segundo Ash, 1927).

A domesticação de outras espécies

Francis Galton, primo de Charles Darwin, foi um pioneiro do pensamento moderno no que diz respeito à domesticação. Ele demonstrou haver relativamente poucas espécies apropriadas para tal fim. As espécies capazes de serem domesticadas devem se adequar às seguintes condições:

Precisam ser robustas e sobreviver com poucos cuidados e atenção. Devem ter uma simpatia inerente pelos seres humanos. Devem gostar de conforto. Devem ser úteis. Devem se reproduzir livremente. Devem ser gregárias e, assim, fáceis de controlar em grupos.

Ovelhas, cabras, gado, cavalos, porcos, galinhas, patos e gansos adequam-se a esses critérios. Mas outras espécies, tais como veados e zebras, embora gregárias e apesar de inúmeras tentativas de domesticação, continuam a ser "selvagens" demais para serem manejadas com facilidade.[14]

Os gatos são a única espécie domesticada que não é gregária, mas sua natureza territorial e amante do conforto faz com que formem relacionamentos simbióticos com as pessoas, embora preservem parte de sua independência como caçadores solitários. Revertem com relativa facilidade a uma existência livre e feral.[15]

Os gatos foram domesticados muito mais recentemente do que os cães, provavelmente há não mais de 5 mil anos. Os primeiros registros de gatos datam do Egito antigo, quando eram tratados como animais sagrados e era proibido matá-los. Eram mumificados em números tão extraordinários que, no início do século XX, múmias de gatos eram escavadas às toneladas, moídas e vendidas como fertilizante.[16]

Os cavalos também foram domesticados, relativamente, há pouco tempo, provavelmente há 5 mil anos, na região do Turquestão. É possível que tenham sido usados, primeiramente, como animais de tração. O primeiro registro de um cavalo sendo montado vem do Egito, por volta de 1500 a.C.[17] Os cavalos logo tornaram-se importantes na guerra e na caça, quando passaram a ser vistos mais como camaradas e menos como escravos.

Nas civilizações primitivas, embora os animais domesticados fossem explorados para uso humano, ainda havia um difuso senso de união entre o ser humano e o animal. Diversos animais eram tidos como sagrados, da mesma forma que as vacas, os elefantes e os macacos ainda o são na Índia de hoje. Muitos dos deuses e deusas tomavam a forma de animais ou tinham auxiliares animais.

À primeira vista, restaram poucos traços dessa solidariedade para com o reino animal nas sociedades industriais. Animais de carga foram substituídos por máquinas; cavalos, burros, mulas e bois não são mais nossos companheiros do dia-a-dia. A intimidade do camponês com os animais foi substituída pelo *agribusiness* moderno, com animais mantidos em fazendas-indústrias e alimentados em escala industrial.

Ainda assim, em nossas vidas privadas, permanece a antiga afinidade com outros animais. Há muitos observadores de pássaros, naturalistas e fotógrafos da vida selvagem amadores. Filmes sobre a vida selvagem são eternos favoritos nos canais de televisão, assim como as histórias sobre animais, em especial sobre cachorros como Lassie[18] e o cão detetive austríaco, Kommisar Rex. Mas é principalmente e mais intimamente através da criação de animais domésticos que esses laços são preservados. Muito embora a maioria dos habitantes das cidades modernas não precise mais de gatos para caçar ratos ou cães para tocar animais ou para caçar, ambos são criados aos milhões, assim como um enorme número de outras criaturas que não desempenham papel utilitário algum: pôneis, papagaios, periquitos, coelhos, porquinhos-da-índia, furões, hamsters, peixinhos dourados, lagartos, bichos-pau e muitos outros tipos de animais de estimação.

A maioria de nós precisa que os animais façam parte de nossa vida; nossa natureza humana está atrelada à natureza animal. Longe dela, somos menores. Perdemos parte de nossa herança.

A criação de animais de estimação

As pessoas criam animais domésticos em todo o mundo. Conforme observou Francis Galton em 1865: "É fato conhecido por todos os viajantes que os selvagens com freqüência capturam

Figura 1.3 Pequenos cães de estimação na Grécia antiga (segundo Keller, 1913).

animais de diversas espécies, ainda jovens, e os criam como favoritos para a venda ou a exibição como curiosidade."[19]

Galton sugeriu que essa forma de criação foi a principal maneira pela qual muitas espécies foram domesticadas, além da criação de animais sagrados e das coleções de animais ferozes mantidas em cativeiro por chefes tribais e reis. Em alguns casos, contanto que se adequassem às condições necessárias (resumidas acima), esses animais eram domesticados. Gosto da sugestão de

Galton, de que a criação de animais de estimação precede a domesticação; acho-a bastante plausível. E se, primeiramente, os lobos tornaram-se seguidores dos agrupamentos humanos para então transformarem-se em cães, a teoria de Galton sugere uma forma simples pela qual este processo teria sido acelerado, através da adoção de filhotes de lobo ou cachorro como animais de estimação.

No Egito antigo e em várias outras regiões do mundo, além de cães maiores, usados para a caça, guarda e manutenção de rebanhos, havia também raças menores que aparentemente viviam dentro das casas como animais de estimação. Os gregos e romanos antigos também mantinham animais dentro de casa (Quadro 1.3). De fato, cães pequenos foram encontrados espalhados por todo o mundo antigo e são os ancestrais de vários dos cães de estimação de hoje. No Tibete e na China, costumava-se criar cães de guarda e cães domésticos; os cães de guarda eram grandes e ferozes e viviam fora das casas enquanto os menores viviam dentro das casas e dos mosteiros.[20]

A criação de animais de estimação, ao contrário da criação de animais por motivos utilitários, era uma espécie de luxo. Há muito mais pessoas abastadas hoje em dia e maior número delas cria animais. Os animais que vivem dentro de casa, servindo de companhia para as pessoas, muitas vezes tornam-se mais intimamente ligados à sua família humana do que os que vivem do lado de fora, no terreiro da fazenda, nas cocheiras ou nos canis. Em países industrializados, tais como a França, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, a maioria das casas contém pelo menos um animal doméstico. Através das décadas recentes, com o crescimento da urbanização e da prosperidade, mais famílias — ao invés de menos — criam animais de estimação. No Reino Unido, por exemplo, entre 1965 e 1990, o número total de cachorros subiu de 4,7 para 7,4 milhões e o de gatos de 4,1 para 6,9 milhões.

Os hábitos relativos à criação de animais de estimação em cada nação exercem um enorme papel na formação de uma "personalidade nacional". Mas essa é uma área na qual quase não existem pesquisas; há apenas simples estatísticas. A Tabela 1 mostra o número de proprietários de cães e de gatos numa variedade de países. Os maiores percentuais de casas com cachorros encontram-se na Polônia e nos Estados Unidos, com a França, a Bélgica e a Irlanda logo atrás. A Alemanha tem um dos

Tabela 1
Porcentagens de famílias proprietárias de cães e de gatos em diversos países (segundo Fogle, 1994)

	Porcentagem de famílias com:	
	cães	*gatos*
Polônia	50	33
Estados Unidos	38	30
França	36	25
Bélgica	36	25
Irlanda	36	20
Canadá	32	24
Portugal	30	14
República Checa	30	16
Reino Unido	27	21
Dinamarca	23	17
Países Baixos	22	24
Itália	20	22
Finlândia	20	18
Noruega	17	18
Suécia	16	19
Espanha	16	8
Áustria	15	26
Japão	12	5
Alemanha	11	9
Suíça	10	26
Grécia	10	7

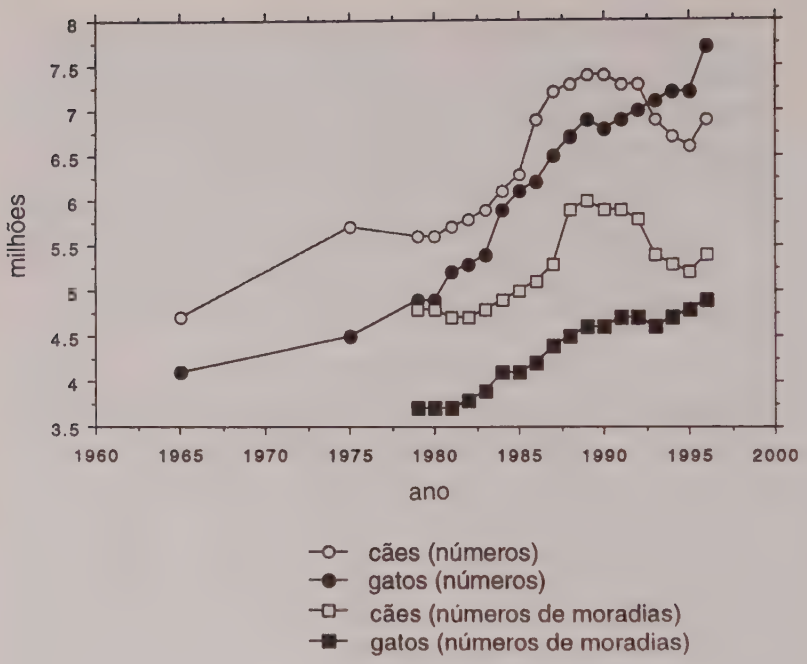


Figura 1.4 Mudanças nas populações de cachorros e de gatos no Reino Unido entre 1965 e 1997 (fonte: Associação dos Fabricantes de Alimentos para Animais Domésticos do Reino Unido).

menores números de proprietários de cachorros e de gatos. Na maioria dos países há mais lares com cães do que com gatos, embora em alguns, notavelmente na Suíça e na Áustria, haja uma nítida predominância de gatos sobre cães como o animal doméstico favorito.

Em anos recentes, houve surpreendentes mudanças nas características da criação de animais de estimação. No Reino Unido, o número de cachorros diminuiu enquanto o número de gatos continuou a crescer (Figura 1.4). Desde 1992 há, em geral, mais gatos do que cães, mas ainda há um maior número de *lares* com cães do que com gatos, já que muitas famílias proprietárias

de felinos têm dois ou mais gatos. Um aumento similar na popularidade dos gatos com relação aos cachorros ocorreu nos Estados Unidos e até 1996 os gatos haviam ultrapassado os cães como os animais domésticos mais numerosos, com populações de 59 e 53 milhões, respectivamente. Como no Reino Unido, no entanto, ainda há mais lares com cães do que com gatos.[21]

Laços sociais entre animais

Conforme mostrou Francis Galton, a maioria dos animais domésticos era, originalmente, social. Eles também tendem a ser animais com hierarquias de dominância, o que facilitou o controle dos seres humanos sobre eles. Até mesmo os gatos, apesar de terem hábitos de caça independentes e solitários, crescem com estreitos relacionamentos sociais entre mães e filhotes.

A natureza gregária original dos animais domésticos revela-se quando eles retornam à natureza. Em seu livro *Variation of Animals and Plants Under Domestication*, Charles Darwin estava especialmente interessado nesse retorno de animais domesticados a seus hábitos ancestrais.[22]

Em geral, os animais ferais vivem em grupos parecidos com os de seus progenitores selvagens. Cavalos ferais, por exemplo, costumam viver em grupos de cinco, aproximadamente, assim como seus parentes selvagens.[23] Cachorros ferais vivem em matilhas e constituem covis, tal como os lobos.[24]

Animais sociais são ligados a outros membros do grupo através de laços invisíveis. O mesmo pode ser dito sobre os laços sociais humanos. Nossos animais domésticos são sociais por natureza, assim como nós. Os laços existentes entre as pessoas e os animais são uma espécie de híbrido dos tipos de laços que os

animais formam uns com os outros e daqueles que as pessoas formam umas com as outras.

Uma das dificuldades para a compreensão da natureza desses laços entre animais e seres humanos é o fato de sabermos tão pouco sobre os laços entre humanos e humanos e entre animais e animais. Sabemos da ligação emocional existente entre membros da mesma família e sabemos que esta pode persistir através dos tempos e manter as pessoas unidas até mesmo quando encontram-se a continentes de distância umas das outras. Sabemos que os animais possuem grupos sociais e que, de alguma forma, o grupo como um todo está ligado entre si de maneira a funcionar como se fosse um superorganismo, conforme discutirei no Capítulo 9. O caso torna-se especialmente claro no caso de insetos que vivem em sociedade, tais como as formigas, os cupins, as abelhas e as vespas. Isso fica visível quando um bando de pássaros vira e mergulha inclinando as asas, praticamente ao mesmo tempo, sem se chocarem. E o mesmo pode ser dito de um cardume que nada num bloco denso, embora seja capaz de mudar de direção a qualquer instante e reagir rapidamente à aproximação de um predador.

A natureza dos laços sociais

Há muitos tipos de laços sociais dentro das espécies, tais como o da gata mãe com seus gatinhos, da abelha com os outros integrantes da colmeia, de um estorninho com seu bando, de um lobo com sua matilha, assim como a enorme variedade de laços humanos. Há ainda os laços sociais *entre* as espécies, assim como os existentes entre animais de estimação e seus donos.

Todos esses laços interligam integrantes de um grupo e influenciam sua forma de se relacionarem. Acredito que tais laços

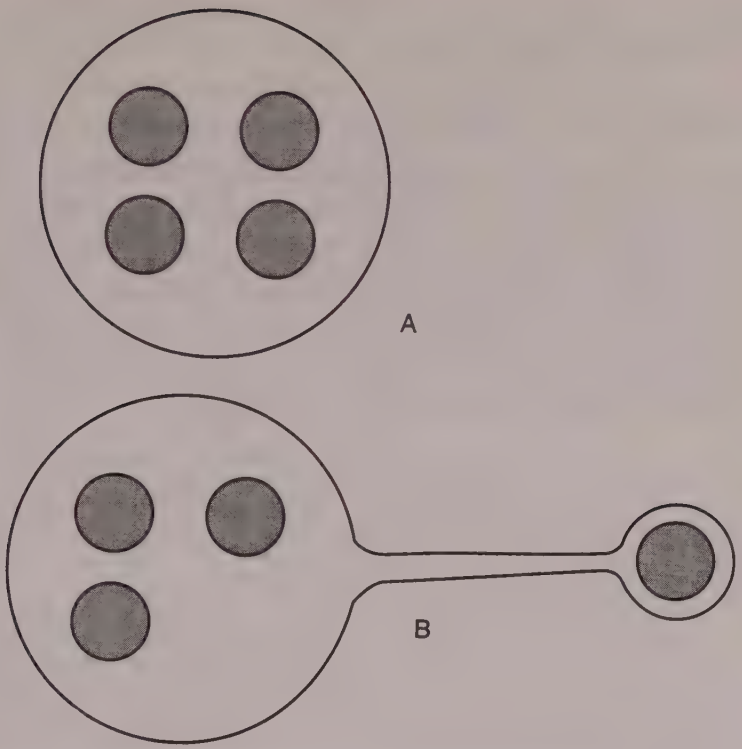


Figura 1.5 Uma representação diagramática do campo mórfico de um grupo social (A), ilustrando a maneira pela qual o campo se expande sem deixar de ligar o indivíduo a outros integrantes do grupo quando estão longe (B).

não sejam meramente metafóricos mas uma ligação de verdade. Eles continuam a interligar indivíduos mesmo quando se encontram separados, além dos limites da comunicação sensorial. Essas ligações a distância bem poderiam constituir canais telepáticos.

As ligações entre animais existem dentro de um *campo social.* Assim como os conhecidos campos da física, campos sociais ligam as coisas a distância, mas diferenciam-se deles pelo fato de envolverem e conterem uma espécie de memória. Já sugeri em meu livro *The Presence of the Past* [A presença do passado]

que os campos sociais são exemplo de uma classe de campos denominados *campos mórficos.*[25]

Os campos mórficos contêm e coordenam as partes de um sistema dentro do tempo e do espaço e compreendem a memória de sistemas anteriores similares. Grupos sociais humanos — tais como tribos e famílias — herdam, através de campos mórficos, uma espécie de memória coletiva. Os hábitos, crenças e costumes dos ancestrais influenciam o comportamento presente, tanto de maneira consciente quanto inconsciente. Todos nós sintonizamos as memórias coletivas, algo parecido com o "inconsciente coletivo" proposto pelo psicólogo C.G. Jung.

Colônias de cupins, cardumes, bandos de pássaros, rebanhos, matilhas e outros grupos de animais também são contidos e estruturados por campos mórficos e esses campos são todos moldados por seus próprios tipos de memória coletiva.

Os animais são ligados uns aos outros através dos campos sociais de seus grupos e seguem padrões habituais de relacionamento, repetidos através das gerações. Os instintos são como hábitos coletivos das espécies ou raças, moldados pela experiência através das muitas gerações e sujeitos aos rigores da seleção natural. Essa forma de ver os instintos como efeitos herdados do hábito e da experiência é próxima ao pensamento de Charles Darwin, mais claramente exposto em seu *Variation of Animals and Plants Under Domestication* e de importância central em *A origem das espécies.*[26]

O processo através do qual essa memória é transferida do passado para o presente denomina-se *ressonância mórfica* e envolve a influência de semelhante sobre semelhante através do tempo e do espaço.[27] Discuto a natureza dos campos mórficos e da ressonância mórfica em maior detalhe no Capítulo 9 e no Apêndice C.

Os campos mórficos ligam os integrantes de um grupo social uns aos outros e o campo abrange em seu interior todos os integrantes do grupo (Figura 1.5A). Se um integrante do grupo vai para um local distante, continua ligado ao resto do grupo através desse campo social, que é elástico (Figura 1.5B).

Campos mórficos permitiriam que uma enorme variedade de influências telepáticas passassem de animal para animal dentro de um determinado grupo social, ou de pessoa para pessoa ou de pessoa para animal de estimação. A capacidade que esses campos têm de esticarem-se como elásticos invisíveis permite que ajam como canais para a comunicação telepática, até mesmo cobrindo enormes distâncias.[28]

A esta altura, não é necessário compreender os detalhes da hipótese do campo mórfico, do qual fiz apenas um brevíssimo resumo. O importante é que essa hipótese faz com que a telepatia pareça possível, até mesmo provável. Mas considerando que ela seja *teoricamente* possível, será que ocorre de verdade? Com base em indícios disponíveis, discutidos nos capítulos a seguir, concluo que a telepatia é, realmente, um fenômeno verdadeiro.

PARTE II

Animais que sabem quando seus donos estão chegando

2

Cães

Os indícios mais contundentes da telepatia entre os seres humanos e os animais vêm do estudo com cachorros que sabem quando seus donos estão chegando em casa. Esse comportamento antecipatório é comum. Muitos proprietários de cães simplesmente não lhe dão a devida importância e não refletem sobre suas implicações mais amplas.

Quando Peter Edwards chega em casa, uma fazenda em Wickford, Essex, seus setters irlandeses estão quase sempre esperando no portão para recebê-lo. Sua esposa Yvette conta que é freqüente esperarem de 10 a 20 minutos até que ele chegue, muito antes de ele deixar a estrada principal para pegar a que leva à casa. Ela passou 20 anos sem dar muita importância àquilo, limitando-se a pensar: "Peter está chegando em casa, os cachorros foram esperar no portão."

Após ler no *Sunday Telegraph* sobre minha pesquisa com cachorros que sabem que seus donos estão chegando em casa, Yvette começou a se perguntar: Como é que os setters sabem que Peter está chegando? Ele tem horários irregulares no trabalho, em

Londres, e não costuma dizer a ela quando esperá-lo. Mas os cachorros reagem independentemente do vento que estiver soprando ou do veículo no qual ele estiver retornando.

A capacidade dos setters irlandeses de detectarem, de antemão, o retorno de Peter é típica de muitos outros cães. Em resposta a indagações feitas na Europa e nos Estados Unidos, coletei mais de 580 relatos sobre cachorros que sabem quando seus donos estão chegando em casa. Alguns esperam à porta ou à janela dez ou mais minutos antes de seus donos retornarem do trabalho, da escola, das compras ou de qualquer outro local. Outros saem para encontrar seus donos na rua ou no ponto de ônibus. Alguns cachorros fazem isso quase que diariamente; outros apenas quando os donos estão retornando de férias ou após uma ausência mais prolongada, algumas vezes mostrando sinais de agitação horas ou mesmo dias antes de seu retorno. Embora alguns cientistas apressem-se em atribuir esse fenômeno à rotina ou aos apurados faro e audição caninos, você logo descobrirá que, caso após caso, explicações simples como essas não são suficientes.

O contexto para esse comportamento antecipatório é a maneira pela qual muitos cães saúdam seus donos com enorme entusiasmo. A não ser que sejam bem disciplinados, eles tentam pular e lamber o rosto do dono, da mesma forma que os filhotes saúdam os pais, balançando o rabo com tanta força que todo o traseiro passa a fazer parte do movimento.

As saudações dos lobos são parecidas. Quando os filhotes já foram desmamados, passam a pedir comida para os pais ou para outros integrantes da matilha. Quando o adulto vem chegando, trazendo a comida na boca, eles o cercam excitados, balançando o rabo, adotando gestos de submissão e pulam para lamber o canto de sua boca. Em lobos adultos, o mesmo tipo de compor-

tamento desenvolve-se numa saudação ritualizada. A maior parte da atenção é direcionada aos animais que possuem posição mais elevada junto aos demais.[1]

Assim, as saudações dispensadas pelos cães aos seus donos seguem uma longa linhagem evolucionária, remetendo aos lobos dos quais descendem nossos cães domésticos. Mas muitos cachorros vão além de saudar seus donos quando estes chegam em casa, antecipando a chegada e parecendo saber que estão a caminho mesmo quando ainda se encontram a muitas milhas de distância.

Seria uma questão de rotina?

No caso de pessoas que chegam em casa à mesma hora todos os dias, o comportamento de seus cães poderia ser atribuído à rotina. Teresa Preston, de Suffolk, na Virgínia, achou ser esse o caso ao perceber que Jackson, o cachorro da família, esperava a chegada do ônibus escolar que trazia seus filhos, todos os dias. Mas ela precisou pensar duas vezes quando deu-se conta de que ele também antecipava a chegada de seu marido, que retornava em horários inesperados do trabalho como capitão de um navio-tênder, posicionado a 32 quilômetros de Portsmouth:

> Ele chegava em casa em horários inesperados. Quando o barco atracava, Jackson ficava todo animado, ia até a porta e pedia para sair. Na maioria das vezes, ele ia se sentar no final da calçada, posicionando-se de maneira que pudesse olhar na direção da qual "sabia" que o carro viria. Ele ficou tão bom nisso que eu acabei notando e às vezes aproveitava o alerta de Jackson para ajeitar o cabelo e retocar a maquiagem antes da chegada de meu marido! Se eu estivesse fazendo o jantar e estivesse prestes a decidir quantas porções

fazer ou quantos lugares colocar à mesa, usava sua antecipação e, dependendo, pegava um prato a mais.

Ou talvez os cachorros captem a expectativa de quem está esperando. Em alguns casos, pessoas telefonam para dizer que estão chegando e quando a pessoa em casa sabe que a outra está a caminho, seu estado de espírito muda, dando ao cachorro dicas através de sua expressão corporal entre outras coisas. Mas a antecipação de alguns cães ocorre mesmo quando a pessoa em casa não tem idéia de quando seu familiar deveria chegar. Recebi inúmeros relatos de famílias de advogados, motoristas de táxi, oficiais militares, jornalistas, parteiras e outras pessoas que não têm horário fixo, afirmando que o cachorro conta *a eles* que o parente está a caminho.

John Batabyal, de Stratford, Lancashire, é um exemplo. Sua esposa trabalhava num hospital, em regime de horário flexível, e costumava chegar em casa em momentos inesperados e, ainda assim, ele sempre tinha um bule de chá fresquinho à sua espera. Isso a desconcertou até descobrir que no momento exato em que deixava a enfermaria do hospital para voltar para casa, os dois cachorros levantavam-se e iam sentar-se à janela, indicando para o marido que era hora de colocar a chaleira de água no fogo.

Em Manhattan, a babá irlandesa da família West beneficiava-se de um alarme canino parecido dado por um blue terrier chamado Kerry. O posto do general Charles West era em Governor's Island, no porto de Nova York, e sua esposa trabalhava como vice-presidente da Time Inc. Nas palavras do general West:

> Morávamos no quarto andar de um edifício e cada um de nós chegava em casa em horários variados, vindos de direções diferentes. Nem a babá, nem nosso filho pequeno sabiam quando estávamos chegando em casa, mas entre 10

e 15 minutos antes de nossa chegada, Kerry ficava incrivelmente agitada; corria para a janela da frente e olhava para a rua, ganindo alegremente, balançando o rabo como uma louca. A babá sempre sabia que um de nós estava prestes a chegar. Ela brincava dizendo que era uma ótima forma de limpar a criança para a chegada de um dos pais. E isso não era uma ocorrência ocasional. Aconteceu dia após dia, semana após semana, durante anos.

Não há dúvidas de que alguns cachorros estão acostumados a aguardar o retorno de seu dono nos horários de rotina, mas a maioria das pessoas não vê isso como um acontecimento especialmente notável. Na maioria dos 585 relatos que coletei, assim como nos exemplos apresentados, o comportamento do cão não é explicável apenas em termos de rotina.

Será que os cães conseguem farejar a aproximação de seus donos?

A maioria dos cachorros possui um olfato muito mais apurado do que o nosso e é bem provável que possam farejar seus donos ou os carros destes de muito mais longe do que seria possível para uma pessoa. Mas a que distância?

Os cachorros normalmente usam o olfato para rastrear coisas, farejando o chão e seguindo trilhas. Mas para farejar a chegada de uma pessoa, teriam de cheirar o ar. Partindo do princípio de que o vento esteja soprando na direção correta e que eles se encontrem ao ar livre, ou dentro de casa com as janelas abertas, a que distância poderiam farejar a pessoa ou o carro que se aproxima?

As melhores estimativas que consegui obter sugerem que essa distância é consideravelmente menor do que um quilômetro e meio, até mesmo para a mais sensível das raças de cães, o cão

de caça. Malcolm Fish, da seção de cães da polícia de Essex, está realizando experiências com cães de caça para a chefia para saber se seriam mais apropriados para certos tipos de trabalho policial do que os pastores alemães, atualmente a raça-padrão. Ele conta que, se alguém estiver escondido numa cerca viva a 800 metros de distância, na direção oposta ao vento, um cão de caça poderá, às vezes, sentir o cheiro dessa pessoa, mas apenas se o vento estiver soprando na direção certa e se a pessoa estiver parada. Ele acredita ser altamente improvável que um cachorro, até mesmo um cão de caça, consiga farejar uma pessoa percorrendo o caminho do trabalho até a sua casa. "Imagine alguém dentro de um carro, voltando para casa com um cilindro de fazer fumaça, as janelas abertas e a fumaça escapando para fora. Ela sopraria para trás. Os odores não se deslocam para a frente como o som. Além do fato de, hoje em dia, os carros serem quase lacrados, o que não permitiria a saída de muitos cheiros do carro, e de as portas das casas serem vedadas para não permitir a entrada de correntes de ar. Assim, acredito que seria impossível para um cachorro farejar o dono a 800 metros de distância."

Alguns cães reagem apenas um ou dois minutos antes da chegada de seus donos e, nesses casos, o faro poderia ajudar na explicação. Mas muitos reagem dez ou mais minutos antes, quando a pessoa ainda se encontra a muitos quilômetros de distância. Além do mais, eles o fazem independentemente da direção do vento e podem fazê-lo mesmo com as janelas fechadas. Sua expectativa não encontra explicação razoável em termos de olfato.

Será que os cães conseguem ouvir a aproximação de seus donos?

A maioria dos cães tem uma audição mais aguçada do que a nossa. Eles podem ouvir sons agudos demais para nós, como é o caso

dos "apitos silenciosos" que emitem sons acima da freqüência detectável para nós. Eles também podem ouvir sons mais distantes. Numa estimativa feita *grosso modo*, "um cachorro pode ouvir sons quatro vezes mais longe do que um ser humano".[2] Mas isso talvez seja uma generosidade desmedida para com os cães. Celia Cox, veterinária inglesa especializada em cirurgia do ouvido, nariz e garganta, testou a audição de milhares de cachorros e estima que sua sensibilidade auditiva seja parecida com a dos seres humanos. Ela duvida muito que eles consigam ouvir os seus donos chegarem de muito longe: "As pessoas me contam que seus cães sabem que elas estão chegando muito antes de dobrarem a esquina de suas ruas, mas eu acho muito improvável que isso se dê, puramente, através da audição."

Da mesma forma, Kevin Munro, do Centro de Audição e Equilíbrio da Universidade de Southampton, comparou a capacidade auditiva de cães e de seres humanos usando uma técnica sofisticada denominada Audiometria de Resposta Evocada.[3] Ele esperava descobrir que os cães ouvem muito melhor do que os seres humanos por se tratar de uma crença comum. "Ao receber os resultados, fiquei bastante surpreso ao constatar que a audição de ambos, apesar de os cães serem capazes de ouvir sons muito mais agudos, era parecida em todos os outros aspectos."

Mas para propósitos de discussão, digamos que os cães consigam, realmente, ouvir as coisas quatro vezes mais longe do que as pessoas. Se um carro ou pessoa — ambos conhecidos por você, sendo que a pessoa chega a pé — estiverem se aproximando de sua casa, a que distância você os ouvirá?

Eu vivo em Londres e com todos os barulhos de fundo, com os muitos carros e pessoas passando, provavelmente ouço carros ou pessoas conhecidos se aproximarem de minha casa a menos de 20 metros de distância e assim mesmo quando me encontro

em um dos aposentos da frente da casa, com as janelas abertas. Por outro lado, quem vive em partes isoladas, no interior, onde há poucos ou nenhum carro passando, talvez possa ouvir um veículo se aproximando a menos de 800 metros de distância, especialmente à noite. Mas eu avalio que, na maioria dos cenários urbanos e suburbanos, a grande parte das pessoas não seria capaz de reconhecer os sons de um carro ou pessoa conhecidos a mais de algumas centenas de metros de distância e, geralmente, de muito menos distância do que isso. Você pode fazer a sua própria estimativa. Depois pode testá-la, com a ajuda de sua família e amigos. Você realmente consegue detectar a aproximação de um carro ou pessoa especial quando estão a tal distância?

Multiplique sua estimativa por quatro. Assim você terá uma indicação aproximada da distância da qual um cachorro poderia ouvir a chegada de seu dono, na mais generosa das suposições. Eu acredito que num cenário urbano ou suburbano essa distância seria menor do que 800 metros, até mesmo sob as condições mais favoráveis, com o vento soprando na direção certa. Com o vento soprando em outras direções, o alcance seria muito menor. E seria ainda menor se o cachorro estivesse dentro de casa com as janelas fechadas.

Tudo isso pressupõe que a pessoa esteja fazendo o percurso a pé, ou num carro conhecido, mas, e se a pessoa estiver chegando de táxi, no carro de um amigo ou em qualquer outro veículo desconhecido do cachorro? Apesar da falta de sons familiares para reconhecer, muitos donos constataram que a expectativa do cachorro é a mesma.

Por exemplo, quando Louise Gavit, de Morrow, na Geórgia, parte na direção de casa, BJ, o cachorro da família, vai para a porta. Seu marido observou BJ fazê-lo repetidamente e, anotando os horários, descobriu que as reações de BJ normalmente têm início assim que Louise decide voltar para casa e começa a

caminhar na direção do veículo escolhido, até mesmo quando ela se encontra a muitos quilômetros de distância. "Minha forma de locomoção é irregular: uso meu próprio carro, o de meu marido, uma caminhonete ou inúmeros carros dirigidos por pessoas estranhas a BJ. Posso também caminhar. Mas, de alguma forma, BJ reage ao meu pensamento/ação da mesma maneira. Até mesmo quando vê que meu carro continua parado na garagem ele reage."

Retornos por ônibus, trem e avião

A idéia de que as reações dos cachorros talvez encontrem explicação nos sons distantes de um carro é também refutada pelo fato de um cachorro reagir da mesma maneira a donos que estão chegando de ônibus ou de trem. Não há dúvida de que se eles sempre chegarem no mesmo ônibus, como por exemplo num ônibus escolar, o animal talvez reconheça os sons característicos poucos instantes antes da chegada do veículo. Mas quando as pessoas viajam em horários variados, usando ônibus ou trens públicos, não haveria como o animal saber se o seu dono estaria num dado ônibus ou trem pelo som.

Helen Meither, por exemplo, viajava 24 quilômetros de ônibus para ir trabalhar em Liverpool, todos os dias, deixando seu Cairn terrier com a família. Dependendo do horário em que ela acabava de trabalhar, voltava para casa num ônibus que chegava às 18h ou em outro que chegava às 20h. "O ponto de ônibus ficava a uns 400 metros de minha casa e o caminho passava por dentro de um pequeno bosque. Eu nunca sabia se deixaria o trabalho a tempo de pegar o ônibus que saía mais cedo, mas o cachorro sempre sabia se eu estava ou não nele. Quando eu estava, ele ia para a porta entre as 17h45 e as 17h50, independentemente

do tempo que estivesse fazendo, e atravessava o bosque para me encontrar. Quando eu me atrasava, ele nem se mexia antes das 19h45 e ia me encontrar à chegada do outro ônibus."

Em nosso banco de dados há mais de 60 relatos sobre animais que reagem à chegada de pessoas em ônibus, demonstrando que o animal sabe que seu dono está chegando de uma maneira que não encontra explicação na rotina, em sons ou em odores. O mesmo pode ser dito de mais de 50 casos que envolvem viagens em trens. Eis aqui um exemplo:

Carole Bartlett, de Chiselhurst, Kent, deixa Sam, um cruzamento de labrador com galgo, em casa com o marido quando vai ao teatro ou visita amigos em Londres. Ela volta para casa saindo da estação Charing Cross e faz uma viagem de 25 minutos seguida por uma caminhada de cinco minutos. O Sr. Bartlett não sabe em que trem ela voltará, o que poderia ocorrer em qualquer horário entre as 18h e as 23h. "Meu marido conta que Sam sai de cima de minha cama, onde ele passa o dia quando eu saio, desce as escadas meia hora antes de minha chegada e vai aguardar na porta da frente." Em outras palavras, o cachorro começa a esperar por ela quando ela dá início à viagem de trem.

Em alguns casos, a pessoa ausente diz a quem ficou em casa que estará num determinado trem, embora acabe apanhando outro. Isso aconteceu quando Sheila Brown, de Westbury, Wiltshire, foi a um casamento em Londres e deixou sua cadela, Tina, com uma vizinha, dizendo a esta que estaria no trem que chegaria às 22h30. Na realidade ela voltou cinco horas antes e ficou surpresa ao encontrar uma xícara de chá à sua espera. Tina levantara-se subitamente e dirigira-se para a porta, onde ficou abanando o rabo. Como a vizinha sabia que Tina costumava antecipar a chegada de Sheila, concluiu corretamente que esta havia pego o trem mais cedo.

Talvez ainda mais notáveis do que os cães que sabem quando seus donos estão chegando de trem ou de ônibus são aqueles que sabem de antemão quando estarão chegando de avião. Houve muitas histórias desse tipo durante a Segunda Guerra Mundial, quando foi permitido a alguns pilotos manterem seus cães nos aeródromos. O comandante de esquadrão Max Aitken (que mais tarde tornou-se lord Beaverbrook), por exemplo, mantinha seu Labrador na base do Esquadrão nº 68. Edward Wolfe, subordinado a ele, me contou: "Quando o esquadrão começava a chegar de uma operação, um de cada vez ou de dois em dois, o Labrador preto do comandante, que estava quietinho no rancho, levantava-se e corria para fora para receber o dono. Ele sempre sabia quando Max Aitken estava chegando."

Recebi um relato muito parecido sobre um cachorro que reagia ao retorno de seu dono, piloto de um esquadrão de planadores, caso em que o retorno dos aviões era quase silencioso.

Pelo menos em um caso, a possibilidade de que o cachorro pudesse estar reagindo ao som de um avião em especial foi testada. O cachorro em questão era um outro Labrador, que reagia à chegada do dono, um oficial da RAF.

> Ele ficou olhando o dono voar para longe num avião e depois se acomodou para esperá-lo. Quando o mesmo avião voltou, o cachorro nem mesmo se levantou. Todos os homens acharam que o cachorro havia fracassado no teste. Estavam errados; certo estava o cachorro. O dono não estava no avião. Mais tarde, um avião diferente veio se aproximando pela direção oposta. Ele se levantou, balançando o rabo animadamente. Seu dono havia chegado. (J. Greany)

A expectativa de cães pertencentes a funcionários de companhias aéreas é igualmente impressionante. Algumas pessoas que

trabalham para companhias aéreas comerciais descobriram que seus cachorros sabem quando estão chegando em casa, até mesmo quando ninguém mais na casa sabe. Elizabeth Bryan é um exemplo:

> Passei a vida inteira trabalhando como integrante da tripulação, saindo do aeroporto de Gatwick. Durante dez anos, meu cachorro Rusty começava a dar saltos e a latir mais ou menos no mesmo horário em que meu avião estava aterrissando e então sentava-se, quietinho, observando a porta da frente até eu chegar em casa. O mais impressionante é que não havia rotina alguma nas minhas idas e vindas — eu podia passar um ou 14 dias fora sem ter horários regulares para aterrissar, mas mesmo assim ele sabia.

Da mesma forma, algumas pessoas cujo trabalho exige que viagem de avião, como passageiros, têm cachorros que sabem quando estão chegando. Ian Fraser Ker, de Wescott, Surrey, deu-se conta desse fenômeno na primeira vez que telefonou para a esposa ao chegar ao aeroporto de Heathrow. Ela lhe disse que havia achado que ele estava chegando porque o cachorro da casa, um boxer, estava muito alvoroçado.

> Isso se desenvolveu de tal forma que nos dias em que o cachorro demonstrava sinais de agitação e ia sentar-se perto da porta da frente com o nariz praticamente enfiado na caixa de correio, minha esposa chegava ao requinte de fazer almoço para mim e, dito e feito, eu ligava do aeroporto dizendo que tinha chegado.

Em casos como esse, não haveria forma de o cachorro reconhecer qualquer som ou odor familiar ou reagir a rotinas. E quando as pessoas em casa não sabiam quando esperar a volta, o cachorro não poderia captar a expectativa delas. Por eliminação, a telepatia parece ser a explicação mais plausível.

A alternativa, como os céticos se apressarão em apontar, é que indícios baseados nas experiências do próprio dono do animal não são confiáveis, seja devido a falhas da memória, a mentiras e fraudes ou ilusões, e ao desejo de que aquilo seja, realmente, verdade. Após conversar com diversos donos de animais sobre suas experiências e de entrevistar membros de suas famílias, não tenho motivos para duvidar que os relatos a respeito do comportamento de seus cães sejam, em geral, confiáveis. E na ausência de qualquer pesquisa científica anterior, esses relatos são o único ponto de partida que temos se quisermos explorar esses fenômenos.

É correto manter uma atitude de ceticismo e fazer perguntas adicionais e dar-se conta de que as pessoas podem se enganar. Mas algumas pessoas repudiam todas as provas provenientes da experiência de donos de cachorros por uma questão de princípio. Este tipo de ceticismo compulsivo tem origem no dogma de que a telepatia é algo impossível. Na minha opinião, preconceitos deste gênero são barreiras para a pesquisa científica de mente aberta. Eles não são científicos e sim anticientíficos. Estou mais interessado em cães do que em dogmas. Obviamente, é necessário que se faça um acompanhamento do estudo de *históricos* de *comportamento antecipatório* canino através de investigações experimentais, conforme descrito mais adiante neste capítulo. Mas antes de tudo é importante sabermos mais sobre a história natural de cachorros que sabem quando seus donos estão chegando em casa. E como os indícios, até aqui, apontam para algum tipo de ligação telepática, precisamos explorar mais detalhadamente o que a idéia de telepatia poderá sugerir.

Padrões variados de respostas telepáticas

Telepatia quer dizer, literalmente, "sentimento distante" e tem duas raízes gregas: *tele*, como em telefone e televisão, e *pathe*,

como em simpatia e empatia. Se os cachorros estão reagindo telepaticamente aos donos, devem estar, de alguma maneira, captando os pensamentos ou sentimentos destes sobre voltar para casa. Eis aqui três das principais maneiras pelas quais isso poderia acontecer:

1. Alguns cachorros talvez reajam apenas quando seus donos já estão próximos de casa e estes estão obviamente cientes da iminência de sua própria chegada. Uma outra forma de expressar isso talvez seja dizer que os cães sentem a aproximação de seus donos. O cachorro talvez reaja, digamos, dois ou dez minutos antes do retorno de seu dono, independentemente de quando este partiu.
2. Quando estão se deslocando na direção de casa, algumas pessoas podem estar pensando ou sentindo muito pouca coisa sobre estarem indo para casa durante grande parte da jornada; podem estar envolvidas numa conversa ou em alguma outra atividade. Mas há estágios durante a viagem em que os sentimentos e os pensamentos concentram-se na casa com intensidade cada vez maior: por exemplo, quando as pessoas saltam de um avião num aeroporto ou ao desembarcarem de um navio, ou ao deixarem um trem ou ônibus. Talvez, nesse momento, alguns cachorros consigam captar pensamentos e sentimentos relacionados ao retorno ao lar.
3. As mais extremas manifestações de telepatia ocorreriam se os cachorros fossem capazes de captar a *intenção* de seus donos de voltarem para casa, e de reagir quando estão partindo na direção de casa, ou mesmo quando estão se preparando para tal.

Na realidade esses três tipos de expectativas são comuns. Alguns cachorros antecipam o retorno de seus donos com apenas

alguns minutos de antecedência. Talvez o animal os tenha ouvido ou farejado, e a telepatia nada teria a ver com isso. Mas quando o cachorro reage com mais de cinco minutos de antecedência, a hipótese de telepatia precisa ser levada a sério, especialmente se o faz mesmo com as janelas fechadas, anulando a possibilidade de a direção do vento influenciar a transmissão de odores e sons. Há muitos casos em que os cachorros reagem dez ou mais minutos antes de uma pessoa voltar para casa, independentemente da direção do vento. Um exemplo são Peter Edwards e seus setters irlandeses. Outros exemplos são os cães dos aeródromos (discutidos acima) que reagiam quando o avião de seu dono estava prestes a aterrissar, ou cães que vão encontrar seus donos em pontos de ônibus, partindo quando o ônibus está a caminho.

Em segundo lugar, há cães que reagem quando as pessoas desembarcam de navios, de aviões, de trens e de ônibus e dão início ao trecho final de suas jornadas de volta ao lar. Nós já vimos exemplos de cachorros que reagem quando integrantes da tripulação e passageiros de vôos comerciais chegam ao aeroporto; e há muitos outros que reagem quando as pessoas desembarcam de navios, trens ou ônibus.

Finalmente, há cachorros que parecem reagir às intenções das pessoas de voltarem para casa, antes mesmo de se colocarem a caminho. O cachorro de Louise Gavit, BJ, é um exemplo (ver p. 55). Suas idas e vindas não têm horário fixo. Com o auxílio de seu marido, que observa BJ em casa, ela descobriu que, tipicamente, o cachorro reage da seguinte maneira:

> Quando eu deixo o local onde estive e caminho para o carro com a intenção de voltar para casa, BJ, nosso cachorro, acorda, caminha até a porta, deita-se no chão perto da porta e aponta o nariz na direção dela. Ali ele fica. À medida que me aproximo da entrada de casa, ele vai ficando de pronti-

> dão e começa a caminhar de um lado para outro, demonstrando agitação quanto mais perto eu vou chegando. Ele está sempre ali para enfiar o focinho pela porta entreaberta, em sinal de saudação, assim que a abro. Esse tipo de percepção parece não ser limitada pela distância. Ao que parece, ele não demonstra reação alguma quando eu me desloco de um lugar para outro. Suas reações só se tornam aparentes quando dou forma ao pensamento de voltar para casa e tomo a providência de caminhar até meu carro para voltar para ela.

É claro que não há nada de novo nesse tipo de comportamento; há anos que ele é observado e comentado. Em seu conhecido livro *Kinship With All Life* [Afinidades com toda a vida], J. Allen Boone descreve como o cachorro Strongheart antecipava seu retorno de um almoço em seu clube em Los Angeles, localizado a 19 quilômetros. Um amigo ficava tomando conta de Strongheart enquanto ele estava fora.

> Jamais havia algum horário específico para o meu retorno, mas no instante preciso em que eu decidia deixar o clube para voltar para casa, Strongheart parava o que estava fazendo, ia para seu posto de observação favorito e ali aguardava, pacientemente, até eu virar a esquina e começar a subir o morro.[4]

O mesmo padrão de reação surgiu em experiências. Por exemplo, a pedido meu, Monica Sauer, que vive perto de Munique, Alemanha, fez alguns testes com Pluto, seu cachorro, cujas reações eram observadas por seu companheiro. Pluto reagia não só quando ela partia para casa em seu próprio carro como também no carro de algum amigo, desconhecido dele. Eu então pedi a ela que voltasse para casa de táxi. Quando ela o fez, Pluto reagiu 40 minutos antes da sua chegada. A viagem demorou 30

minutos. Ela havia telefonado pedindo o carro e aguardou 10 minutos antes de partir para casa. O cachorro reagiu não quando ela entrou no táxi e sim quando ela o pediu.

Reações adiantadas desse tipo provavelmente passarão despercebidas a não ser que as pessoas prestem muita atenção para seus horários de partida e para os horários em que seus cachorros demonstram reações. Dentre aqueles que observam com atenção estão Catherine e John O'Driscoll, cujo retriever dourado, Samson, é especialmente sensível à volta de John para casa. Por exemplo, certo dia, John foi ao teatro em Northampton, Inglaterra, e Samson correu para a porta todo animado muito antes da chegada. Segundo Catherine me contou: "Perguntei a John o que ele estava fazendo naquele momento e ele me disse que estava olhando para o relógio desejando poder voltar para casa." Em outra ocasião, quando John estava numa reunião: "Ele estava olhando para o relógio e fechando a maleta no mesmo momento em que Samson correu para a porta latindo, todo alvoroçado."

Há muitos outros exemplos desse tipo. Dos 585 relatos registrados em nosso banco de dados, sobre cachorros que sabem que seus donos estão chegando em casa 97 (17%) afirmam que eles reagem quando a pessoa parte na direção de casa ou está se preparando para fazê-lo.

Talvez alguns cães que parecem reagir apenas alguns minutos antes de uma pessoa chegar em casa saibam, na verdade, que seu dono já se encontra a caminho de casa mas demonstram sinais óbvios de agitação apenas quando a pessoa está se aproximando. Antes disso, reações mais sutis podem passar despercebidas.

Voltando de férias e de longas ausências

A maioria dos exemplos que discuti até aqui envolve cachorros que reagem quando seus donos estão retornando do trabalho ou de

ausências relativamente curtas. Agora voltarei minha atenção para as reações dos cães quando seus donos retornam após ausências mais longas, tais como férias. Alguns cachorros não antecipam a chegada de seus donos quando estes passaram apenas um dia fora, mas reagem quando se ausentam por períodos mais longos. Este é o caso de Jessie, cadela da marquesa de Salisbury, que mora com ela em Hatfield House, em Hertfordshire (Figura 2.1).

"Jessie é uma cachorrinha muito perspicaz e inteligente. Ela sempre parece saber o que vou fazer antes mesmo de eu fazê-lo", conta Lady Salisbury. Quando Lady Salisbury viaja para o exterior, costuma deixar Jessie, uma hunt terrier, com o jardineiro-chefe, David Beaumont. Ele e a esposa normalmente sabem quando Lady Salisbury está a caminho porque Jessie fica agitada e vai esperar à porta ou no portão da casa deles horas antes que ela chegue. O comportamento de Jessie foi documentado por Miriam Rothschild, membro da Sociedade Real e conhecida naturalista, que me cedeu suas observações, generosamente. Numa dada ocasião, por exemplo, as reações de Jessie tiveram início quando Lady Salisbury estava fazendo as malas e preparando-se para deixar uma casa na Irlanda; em outra ocasião, ela partia rumo ao aeroporto, na Cracóvia, Polônia. Lady Salisbury conta que a mãe de Jessie era ainda mais sensível às suas chegadas do que a filha e reagia até mesmo se ela se ausentasse por um único dia. Jessie não reage a não ser que ela esteja longe por, pelo menos, três dias.

Algumas vezes, o comportamento do cachorro parece estar relacionado aos pensamentos e intenções da pessoa muito antes que elas, de fato, dêem início à jornada. Foi assim com Frank Harrison, que teve uma febre logo após ingressar no exército inglês e, ao ter alta do hospital, recebeu licença de alguns dias. Ele nada informou aos pais.

Figura 2.1. A marquesa de Salisbury com sua hunt terrier Jessie, em Hatfield House, Hertfordshire (fotografia: Phil Starling).

Quando cheguei em casa, Sandy (nosso terrier irlandês) aguardava à porta e fui informado de que ele não se afastava dali há dois dias, a não ser para comer e se exercitar. Isso foi mais ou menos no momento em que me informaram sobre a dispensa. É claro que seu comportamento preocupou meus pais. Quando cheguei de surpresa, Mamãe disse: "Ele sabia que você estava a caminho. Está explicado." Essa

história de ele me esperar à porta durou os dois anos e meio que servi o exército. Sandy se dirigia à porta 48 horas antes de eu chegar em casa. Meus pais sabiam que eu estava chegando porque Sandy sabia!

Recebi mais de 20 outros relatos sobre cachorros que antecipam a chegada de rapazes que retornam ao lar em dispensa das forças armadas ou da marinha mercante sem que, em muitos casos, as famílias tivessem sido informadas de antemão. Algumas vezes os cachorros reagiam um ou dois dias antes da chegada do rapaz em questão, como fazia Sandy, ou às vezes algumas horas antes.

Considerando que as reações antecipatórias dos cães dependem da telepatia, o fato de reagirem quando seus donos estão se preparando para voltar para casa vindos de outro continente sugere que a comunicação telepática pode ocorrer através de enormes distâncias. Ela não diminui com a distância, da mesma forma que os fenômenos gravitacionais, elétricos e magnéticos.

Em alguns casos, a expectativa do cachorro pode apontar com precisão um estágio especial da preparação para a partida. Tony Harvey voltava para sua fazenda em Suffolk após três semanas de caça em Dartmoor, a 400 quilômetros de distância, tendo deixado Badger, um border terrier, em casa com a esposa. Quando chegou, a esposa lhe contou que Badger havia pulado de dentro do cesto e se colocara sobre o peitoril da janela às 6h40. "Foi exatamente o horário em que deixei Dartmoor para voltar para casa. Não foi a hora exata em que começamos a carregar o caminhão e sim a hora em que ele pegou a estrada de casa." Badger "passou o dia inteiro agitado, colocando-se de pé diante da janela, olhando para o quintal" até a chegada de seu dono às 21h30.

Como no caso de pessoas que voltam do trabalho, alguns cachorros reagem quando a pessoa está se aproximando de casa em vez de fazê-lo quando iniciam sua jornada. Por exemplo,

quando Larry Collyer está a caminho de casa, em Glastonbury, Somerset, após uma ausência de diversos dias, sua esposa Daphne sabe que ele está prestes a chegar porque seu chow chow vai esperar junto à porta de meia a uma hora antes. Ele também já fez isso quando o Sr. Collyer voltou um ou dois dias antes do esperado.

As pessoas com maior oportunidade de observar o comportamento dos cachorros antes de seus donos retornarem de férias ou de outras jornadas são aquelas que trabalham em canis. Eu e meus assistentes entrevistamos proprietários de canis tanto na Grã-Bretanha quanto nos Estados Unidos e descobrimos que a maioria observou que alguns cachorros parecem saber quando estão prestes a voltar para casa. Alguns comentários típicos incluem: "Alguns tornam-se mais atentos quando chega o dia de irem embora." "Há um ar de expectativa algumas horas antes." "Alguns cachorros realmente agem de maneira diferente no dia em que vão voltar para casa." No entanto, houve uma proprietária de canil do leste da Inglaterra que negou, veementemente, que qualquer coisa do gênero tivesse ocorrido em seu estabelecimento. "Os cachorros ficam tão contentes aqui que se esquecem completamente de seus donos e não têm o menor interesse em seu retorno." Essa foi, no entanto, uma opinião isolada.

Talvez alguns cachorros comportem-se de maneira diferente em canis porque a equipe dos mesmos começa a tratá-los com mais atenção quando estão prestes a serem resgatados pelos donos. Mas alguns donos retornam, inesperadamente, mais cedo e ainda assim alguns cachorros parecem saber. Sam Hyers, de Rockford, Michigan, deu o seguinte exemplo: "Um cachorro relativamente calmo (ele passa a maior parte do tempo deitado) ficou três horas perto da porta. Eu o levei para passear diversas vezes mas ele não precisava se aliviar. Então seu dono retornou com dois dias de antecedência. Eu não tinha a menor idéia de que os donos voltariam mais cedo."

Os laços existentes entre cães e pessoas

A maioria das pessoas cuja chegada é antecipada pelos cachorros sente ter um "elo estreito", "uma forte ligação emocional" ou são "muito apegados" ao cachorro. Na maioria dos casos registrados em nosso banco de dados, 78%, os cachorros reagem a uma pessoa apenas; 17% reagem a duas; e apenas 5% a três ou mais. Quando os cachorros reagem a mais de uma pessoa, estas são normalmente membros da família. Praticamente as únicas outras pessoas cuja chegada é antecipada pelos cachorros são amigos de quem são especialmente próximos, pessoas que os levam para passear ou que lhes fazem agrados.

A única exceção ocorre quando o cachorro tem uma forte aversão a uma dada pessoa. John Ashton, por exemplo, tinha um amigo que não gostava de cachorros e que costumava visitá-lo em sua casa em Lancashire praticamente uma vez por semana. A princípio Rolf, um pastor alemão normalmente afável, não demonstrava nenhum comportamento fora do comum. "Alguns meses mais tarde, meu amigo Clive veio me visitar certa noite e uns dez minutos antes de ele chegar, Rolf foi para a garagem aguardá-lo com rosnados e precisou ser preso quando Clive chegou. Eu só posso supor que Clive tenha batido nele ou o tenha chutado na visita anterior. Depois daquela noite, eu passei a ir buscar Clive na garagem e a prender Rolf. Ele sempre antecipava a hora da chegada de Clive com 10 ou 15 minutos de antecedência."

Num caso muito interessante, o cachorro, um springer spaniel, reagia de maneira diferente dependendo da intenção com que uma dada pessoa vinha fazer a visita. O visitante em questão era Christopher Day, veterinário de Oxfordshire, e o cachorro pertencia à sua sogra:

A cadela costumava saber se eu estava visitando socialmente ou na condição de veterinário. Se a visita era social, ela pulava em cima de mim e dava gritinhos de alegria, mas se a visita era como veterinário, ela se escondia por trás do aquecedor. Eu não via nada que pudesse dar a ela algum indício de que eu estava ali como veterinário e, de qualquer maneira, ela já teria decidido se esconder antes de eu entrar na casa. Ela estava sempre certa. Minhas visitas eram muito freqüentes, eu aparecia para fazer todo tipo de coisas, muito embora raramente aparecesse como veterinário. Eu não a visitava como veterinário apenas quando ela estava doente, às vezes era para fazer coisas rotineiras. Mas a cachorra sempre sabia quando eu estava a serviço ou não.

Assim, a capacidade dos cachorros de saberem quando as pessoas estão chegando depende de ligações emocionais, geralmente positivas, mas algumas vezes negativas, e podem ser influenciadas pela intenção da chegada da pessoa. De uma maneira geral, porém, depende da relação afetiva dos cães com seus companheiros humanos mais próximos ou com membros da família e amigos íntimos que vêm visitar.

Todo mundo sabe que cachorros estabelecem ligações fortes com pessoas. James Serpell, pioneiro do estudo das relações entre cães e humanos na Universidade de Cambridge, exprimiu isso da seguinte forma:

O cachorro médio comporta-se como se fosse, literalmente, "ligado" ao dono por um cordão invisível. Se lhe fosse dada a oportunidade, ele o seguiria por todos os cantos, sentando-se ou deitando-se ao seu lado. Exibe claros sinais de tristeza quando o dono sai e o deixa para trás, ou barra sua entrada em um determinado cômodo inesperadamente.[5]

Acredito que os indícios considerados neste capítulo e no seguinte sugerem que o cordão invisível que liga o cachorro ao dono é elástico: pode esticar-se e contrair-se (Figura 1.5B). Ele liga cachorro e dono quando estão próximos. Continua a ligar o cachorro ao dono até mesmo quando estão a centenas de quilômetros de distância. A comunicação telepática ocorre através dessa ligação elástica.

Telepatia ou precognição?

Muitos donos, cujos animais de estimação sabem que um membro da família está prestes a chegar atribuem isso à telepatia, a um "sexto sentido" ou à percepção extra-sensorial.

O termo telepatia sugere que o cachorro está reagindo aos pensamentos, sentimentos, emoções ou intenções de uma pessoa distante. Mas as expressões "sexto sentido" e percepção extra-sensorial são mais gerais, e assim como cobrem a telepatia, são freqüentemente usados com relação a uma variedade de outros fenômenos inexplicáveis, tais como a capacidade de antecipar perigos e de encontrar o caminho de casa. Alguns dos fenômenos atribuídos ao sexto sentido ou à percepção extra-sensorial parecem incluir a precognição — saber de acontecimentos futuros com antecedência.

Será que os cachorros sabem que seus donos estão chegando em casa devido à precognição da chegada e não à captação dos pensamentos ou das intenções de seus donos?

Talvez seja esse o caso em algumas circunstâncias. Mas a telepatia me parece ser uma explicação mais provável quando os cachorros reagem no momento em que seus donos estão partindo para casa ou quando estão, simplesmente, pretendendo partir, antes de fazê-lo de fato. Também me parece ser uma explicação

mais provável para as reações dos animais quando os seres humanos mais próximos a eles atingem um estágio crucial de sua jornada de retorno ao lar, como o desembarque de um avião, de um navio, de um trem ou de um ônibus.

Uma das formas de separar os possíveis papéis da telepatia e da precognição é ver o que acontece quando as pessoas mudam de idéia. O que acontece quando elas partem para casa e a viagem é interrompida? Se a reação do animal for precognitiva e ocorrer com base na antecipação da chegada, ele não deveria reagir quando a viagem da pessoa é malograda. Se a reação for telepática, ele deveria então reagir à intenção da volta, mesmo que a pessoa não chegue. Então, o que será que acontece de fato?

O que acontece quando as pessoas mudam de idéia?

Um dos primeiros exemplos que encontrei da reação de um cachorro quando alguém muda de idéia me foi contado por Radboud Spruit, da Universidade de Utrecht, na Holanda. Ele morava perto dos pais, a uma distância de seis minutos de carro, e costumava visitá-los diversas vezes por semana, em horários pouco regulares. Sua mãe notou que o cachorro costumava ir esperá-lo no portão do jardim mais ou menos dez minutos antes de sua chegada, iniciando a espera alguns minutos antes de ele dar início ao percurso.

> Certa vez, minha mãe ligou e perguntou se eu havia planejado visitá-los no dia anterior, porque o cachorro havia me esperado. Eu havia planejado visitá-los mas mudei de idéia no caminho. Foi no mesmo momento em que nosso cachorro foi esperar por mim. Minha mãe disse que o cachor-

ro ficou confuso quando eu não cheguei dali a quinze minutos. Ele voltou correndo para dentro de casa e depois correu de volta para o portão. Depois de meia hora, parecia que o cachorro havia esquecido completamente.

Em alguns casos, quem está com o cachorro consegue dizer com precisão quando o dono partiu na direção de casa e quando mudou de idéia. Por exemplo, quando Michael Joyce estava tomando conta do cachorro de sua cunhada, enquanto sua esposa e a cunhada faziam compras em Colchester, Essex, a 22 quilômetros dali, ele notou que o animal se levantou às 16h45, caminhou até a janela e sentou-se.

Alguns minutos depois ele voltou à posição anterior, escarrapachado sobre o tapete. Então, às 17h15, meia hora depois, ele começou a ficar agitado e ansioso outra vez e foi aguardar perto da janela, antecipando a chegada das duas. Quando minha mulher e minha cunhada chegaram, eu disse: "Vocês decidiram deixar Colchester às 16h45, mudaram de idéia e, depois, decidiram partir às 17h15." E foi realmente o que aconteceu.

Os indícios apresentados por essas e por outras jornadas interrompidas sustentam a idéia de que os cachorros estejam reagindo à chegada dos donos telepática e não precognitivamente.

É comum os cães saberem que seus donos estão chegando em casa?

As pessoas que me escrevem em resposta aos meus pedidos de informação tendem a ser aquelas cujos animais se comportam de maneira especialmente impressionante. É claro que as pessoas cujos animais *não* reagem de maneira especial não me escrevem

para informá-lo. Assim, meu banco de dados não contém uma amostragem representativa de todos os cães e, em si, não revela o quão comum é esse tipo de comportamento.

Das pesquisas informais feitas com amigos, colegas e pessoas que comparecem às minhas palestras e conferências, descobri que entre um e dois terços dos proprietários de cachorros dizem ter observado esse comportamento antecipatório em seus cachorros. Os próprios leitores podem realizar estudos similares para ver se obtêm resultados parecidos.

Muito embora estudos informais dêem uma noção aproximada, eles estão abertos a inúmeras críticas, a principal delas a de que as pessoas consultadas representam uma amostragem tendenciosa. Para evitar possíveis fontes de predisposição, é preciso interrogar uma amostragem da população escolhida ao acaso, usando técnicas-padrão de pesquisa. Eu e meus assistentes terminamos quatro amostragens do gênero, realizadas em ambientes geográfica e culturalmente diferentes: no norte de Londres; em Ramsbottom, uma cidade perto de Manchester, noroeste da Inglaterra; em Santa Cruz, uma cidade universitária no litoral da Califórnia; e no vale de San Fernando nos arredores de Los Angeles.

Uma amostragem de residências foi feita aleatoriamente por telefone. Em Santa Cruz e Los Angeles, o montante desses lares que continham cachorros foi de 35%, semelhante à média nacional americana. Em Ramsbottom, foi de 31%, um pouco acima da média nacional inglesa. Em Londres foi de apenas 16%, conforme a tendência de haver menos cães em cidades grandes, onde um maior número de pessoas vive em apartamentos.

A primeira pergunta feita aos donos de animais de estimação foi: "Você, ou alguém de sua casa, já notou se o seu animal torna-se agitado antes da chegada de algum membro da

família?" Para aqueles que responderam sim, foi perguntado a seguir: "Quanto tempo antes de você/eles chegarem o animal começa a ficar alvoroçado?" (Outras perguntas foram-lhes então feitas sobre seus animais de estimação, perguntas estas que discutirei nos Capítulos 7 e 8. Os leitores que estiverem interessados nos detalhes dessas pesquisas podem ler mais a seu respeito em nossos trabalhos publicados em revistas científicas[6] e também disponíveis em meu site na Internet.[7])

Apesar das grandes diferenças entre os lugares pesquisados e do fato de as pesquisas terem sido realizadas por pessoas diferentes, os resultados são notavelmente parecidos (Figura 3.1). Segundo relatos, mais ou menos metade dos cachorros exibem comportamento antecipatório antes de seus donos chegarem em casa; a porcentagem geral foi de 51%. A porcentagem mais alta foi em Los Angeles (61%), e a mais baixa em Santa Cruz (45%). Esses números podem ter subestimado as respostas positivas, já que as pessoas que moram sozinhas normalmente não sabem se seu animal demonstra ou não expectativa diante de sua chegada.

A maioria dos cachorros que anteciparam a chegada de seus donos o fez menos de dez minutos antes mas, segundo relatos, entre 16% e 25% o fizeram com mais de dez minutos de antecedência.[8] É pouco provável que tais reações tenham se dado em virtude de sons e de odores, conforme demonstrei anteriormente, embora alguns casos possam encontrar explicação na rotina.

Não foram feitas outras pesquisas formais, com entrevistados escolhidos aleatoriamente em outros países, mas minhas pesquisas informais realizadas na Bélgica, Brasil, Canadá, Dinamarca, França, Alemanha, Holanda, Irlanda, Noruega, Portugal e Suíça produziram resultados parecidos com os das pesquisas informais realizadas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos.

Por que é que tantos cachorros *não* reagem?

Mesmo se, conforme demonstra meu estudo, aproximadamente metade dos cachorros de um determinado lugar antecipa a chegada de seu dono, ainda há outra metade que não o faz. Por quê? Eu posso pensar em cinco explicações possíveis:

Primeiro, quando as pessoas vivem sozinhas, não há ninguém que possa observar as reações do cachorro, assim estas passariam despercebidas.

Segundo, alguns cachorros demonstravam reações no passado mas seus donos não as notaram ou não as encorajaram. Nos lares onde as pessoas *notam* esse tipo de comportamento, o simples fato de prestarem atenção pode servir de encorajamento para o cachorro. Mas há muitas casas onde não há incentivo para que o cachorro demonstre o que sabe fazer. Se mais donos prestassem atenção neste tipo de comportamento, a porcentagem de cachorros que o exibem talvez aumentasse.

Terceiro, a ligação entre cachorro e dono talvez não seja tão forte assim para evocar tal comportamento. Pode ser que o cachorro não esteja tão interessado assim no retorno da pessoa.

Em quarto lugar, alguns cachorros podem ser menos sensíveis do que outros. Há uma ampla variação de sensibilidade em todos os outros aspectos, incluindo faro, audição e visão, até mesmo entre cães de parentesco muito próximo. Assim sendo, por que não nesse particular?

Em quinto, algumas raças podem ser relativamente insensíveis.

Essas possibilidades são compatíveis entre si e poderiam funcionar juntas.

Atualmente, ainda sabemos muito pouco para poder testar as quatro primeiras hipóteses. Mas a quinta pode ser explorada imediatamente. Já há informações suficientes em nosso banco de

dados, provenientes de estudos formais para investigarmos se algumas raças são mais sensíveis que outras.

Seriam algumas raças mais sensíveis que outras?

Recebi relatos de comportamento antecipatório por parte de 44 raças distintas, além de cruzamentos e de vira-latas de linhagem desconhecida.

Normalmente, as raças de cães são agrupadas em categorias amplas e especialistas diferentes usam sistemas variados, mais ou menos arbitrários. Eu uso a classificação do Kennel Clube inglês, com as categorias a seguir. Os três primeiros grupos são tradicionalmente usados para a caça e são freqüentemente chamados de raças de esporte:

Cães de tiro: O grupo inclui labradores, retrievers, spaniels e setters.

Cães de caça: Os sabujos são divididos em subgrupos que caçam guiados pela vista, tais como galgos e lurchers, e pelo faro, tais como bloodhounds e foxhounds.

Terriers

Grupo de trabalho: Deste grupo fazem parte, em sua maioria, cachorros originariamente usados para o trabalho junto às criações de gado, incluindo collies, pastores alemães e outros cães pastores, assim como cães de tração, tais como os huskies.

Grupo de utilidade: Um grupo variado que inclui poodles, dálmatas e buldogues.

Grupo toy: Em sua maioria animais de pequeno porte que tradicionalmente vivem dentro de casa como animais de

estimação, incluindo os pequineses, cavalier King Charles spaniels e chihuahuas.

Dos 415 relatos de comportamento antecipatório encontradas em nosso do banco de dados, nos quais a raça do cachorro era mencionada, a divisão, de acordo com essas categorias, foi a seguinte:

Cães de tiro	74
Cães de caça	49
Terriers	46
Grupo de trabalho	135
Grupo de utilidade	52
Grupo toy	22
Vira-latas	37

Nesses relatos, as raças que apareceram com mais freqüência foram os labradores (20 exemplos), os pastores alemães (14), collies (12) e poodles (12). Isso não significa, no entanto, que essas raças sejam extraordinariamente sensíveis; talvez isso se dê simplesmente pelo fato de serem algumas das raças mais queridas. Da mesma forma, o fato de a maioria dos relatórios dizer respeito a cães de trabalho e de tiro talvez reflita, simplesmente, um número maior de pessoas que criam cachorros dessas categorias e não de outras.

Assim, embora não possamos tirar conclusões detalhadas a partir dos relatórios registrados no banco de dados com relação à sensibilidade dos diferentes tipos de cachorros, é evidente que o comportamento antecipatório é corrente e que não está restrito a nenhum grupo em especial.

As pesquisas formais realizadas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos fornecem um panorama mais seguro por serem baseadas em amostragens aleatórias. Os resultados combinados

de todos os quatro estudos são mostrados na tabela adiante. Assim como os totais para cada categoria, os números apresentados para cada raça são fornecidos no caso em que havia mais de dez cães de um tipo em especial.

Considerando o tamanho relativamente pequeno da amostragem, as diferenças entre os grupos não são significativas do ponto de vista estatístico e poderiam refletir variações meramente acidentais. Assim, não há muito que possa ser concluído dessas diferenças, embora eu suspeite que as porcentagens relativamente altas de toys e grupos de utilidade talvez se repetissem em outras pesquisas. Há muitas gerações, muitas das raças incluídas nesses grupos vêm sendo reproduzidas para servir de companhia para os seres humanos. Talvez tendam a ser mais sensíveis às intenções de seus donos, tanto devido ao cruzamento quanto pela maior probabilidade de serem criadas dentro de casa. É possível que sejam, literalmente, mais próximas de seus donos do que os cães maiores, dentre os quais muitos são mantidos em canis ao ar livre ou restritos a certas partes da casa.

Tipo de Cão	*Total pesquisado*	*Número que antecipa*	*% que antecipa*
Cães de tiro	58	30	52
Labradores	21	8	38
Spaniels	21	12	57
Cães de caça	12	6	50
Terriers	41	23	56
Grupos de trabalho	55	24	44
Pastores alemães	16	6	38
Collies	13	8	62
Grupo de utilidade	17	11	65
Grupo toy	20	13	65
Vira-latas	82	39	48

Esses números confirmam que muitos tipos de cachorros parecem antecipar a chegada de seus donos. Essa capacidade não está restrita a qualquer raça ou grupo em particular.

Nem tampouco está restrita a um dos sexos, embora os machos tendam a demonstrar esse tipo de comportamento com mais freqüência do que as fêmeas. Nos 465 relatos incluídos no banco de dados em que o sexo do cachorro é mencionado, apenas metade diz respeito aos machos. O estudo de lares ingleses escolhidos aleatoriamente afirma que 48% dos machos demonstram comportamento antecipatório, frente a 44% de fêmeas.

Diários do comportamento de cães

Os relatórios de donos de cachorros sobre o comportamento de seus animais são um inestimável ponto de partida para estudos mais extensos. Na verdade, eles são o único ponto de partida possível, já que, na ausência de qualquer investigação científica, eles são a única informação disponível.

O próximo passo é manter registros escritos do comportamento dos cães. Muito pode ser aprendido através de tais registros e o único equipamento necessário é um caderno e uma caneta. Para uma pesquisa mais detalhada é necessário filmar as reações do cachorro em vídeo, fazendo constar o horário da filmagem. Tais investigações são o tema do resto deste capítulo. A meu pedido, mais de 20 donos de cachorros mantiveram registros do comportamento de seus cães e alguns realizaram experiências voltando para casa em horários pouco usuais e chegando em veículos estranhos, tais como táxis.

Esses registros são extremamente esclarecedores e revelam detalhes do comportamento dos animais que, de outra forma, seriam esquecidos. Eles confirmam que alguns cachorros realmente antecipam a chegada das pessoas com bastante segurança,

embora não necessariamente em todas as ocasiões. Eu encorajaria os leitores cujos animais parecem antecipar suas chegadas a manterem seus próprios diários, anotando:

1. A data e os horários exatos em que o animal parece esboçar reações antecipatórias, quando ele o fizer.
2. O horário da chegada da pessoa e o horário em que ela partiu para casa.
3. Onde estava e quanto tempo esteve fora.
4. Que meio de transporte usou para voltar para casa.
5. Se chegou no horário de rotina, no horário esperado.
6. Quaisquer outros comentários ou observações.

É melhor manter esses registros num caderno especial. É importante anotar os erros assim como os acertos do animal, de maneira que se o cachorro não mostrar sinais de expectativa antes de a pessoa chegar em casa, isso esteja devidamente registrado. Da mesma maneira, deve-se anotar os alarmes falsos.

Com apenas uma exceção, em todos os registros que me foram enviados os cachorros mostraram reações regulares dez minutos ou mais antes da chegada da pessoa; alguns reagiam com horas de antecedência quando a pessoa favorita partia numa longa jornada de volta para casa. Essas reações não encontram explicação no fato de o animal ter ouvido ou farejado a pessoa. A maioria também não pode ser atribuída à rotina. No entanto, em um dos registros, o cachorro só conseguia antecipar a chegada do dono três ou quatro minutos antes; neste caso, é possível que ele tenha ouvido o carro do dono se aproximar.

Houve diversos casos em que os cachorros pareceram dar alarmes falsos mas, no final das contas, os donos haviam realmente partido para casa mas mudaram de idéia ou foram interrompidos no meio do caminho.

Algumas vezes, quando estavam ocupados com alguma coisa, doentes ou assustados, os cachorros não reagiram de antemão à volta do dono. Algumas vezes, eles deixaram de reagir sem que houvesse motivo aparente. Mas, na grande maioria das ocasiões, os cachorros anteciparam a chegada do dono com dez minutos de antecedência ou mais.

Os registros mais extensos dizem respeito a um macho, fruto do cruzamento de vira-lata com um terrier, chamado Jaytee, que mora no noroeste na Inglaterra com a dona, Pamela Smart (Figura 2.2).

As antecipações de Jaytee

Durante muitos anos, a família de Pamela Smart observou Jaytee antecipar a chegada dela com meia hora de antecedência, ou mais.

Figura 2.2 Pam Smart com Jaytee (fotografia: Gary Taylor).

Ele parecia saber quando Pam estava a caminho de casa até mesmo quando ninguém mais sabia e quando ela voltava para casa em horários diferentes dos de rotina.

Pam adotou Jaytee no Lar para Cães de Manchester em 1989, quando ele era ainda um filhote, e logo eles formaram um forte elo. Ela mora em Ramsbottom, na Grande Manchester, num apartamento térreo, e tem como vizinhos de porta os pais, William e Muriel Smart, aposentados. Quando ela sai, normalmente deixa Jaytee com eles.

Em 1991, quando Pam trabalhava como secretária em Manchester, seus pais notaram que Jaytee costumava ir para o batente da janela quase todos os dias da semana por volta das 16h30, aproximadamente o horário em que ela se preparava para voltar para casa. O trajeto levava de 45 a 60 minutos e Jaytee aguardava, na janela, durante toda a sua duração. Como Pam trabalhava em horário fixo, a família supunha que o comportamento de Jaytee dependesse de alguma espécie de senso temporal.

Pam ficou sem função em 1993 e, conseqüentemente, ficou desempregada. Ela se ausentava de casa por horas a fio e não estava mais presa a nenhum padrão de atividade regular. Normalmente, seus pais não sabiam quando ela chegaria em casa, mas ainda assim Jaytee aguardava a sua volta. Suas reações pareciam ocorrer em torno do horário em que ela partia para casa.

Em abril de 1994, Pam leu um artigo no *Sunday Telegraph* sobre a pesquisa que eu estava desenvolvendo sobre esse fenômeno,[9] e se ofereceu para participar. O primeiro estágio dessa investigação envolvia um diário mantido por Pam e pelos pais. Entre maio de 1994 e fevereiro de 1995, ao sair, ela deixou Jaytee com os pais em 100 ocasiões e eles anotavam as reações do cão. A própria Pam registrava onde havia estado, que distância percorrera, o meio de transporte e a que horas havia partido para voltar

para casa. Em 85 dessas 100 ocasiões, a reação de Jaytee foi de postar-se ao lado da janela antes do retorno de Pam, normalmente com dez minutos de antecedência ou mais.

Quando analisados estatisticamente, os dados demonstraram que as reações de Jaytee eram significativamente[10] relacionadas ao horário em que Pam partia para casa, como se ele soubesse que ela estava a caminho.[11] A que distância ela se encontrava não parecia ser importante.[12]

No entanto, das 100 ocasiões houve 15 nas quais Jaytee não reagiu. Teria acontecido alguma coisa incomum nessas ocasiões? Em algumas, a Sra. Smart estava fora de casa ou dormindo. Jaytee era muito ligado à Sra. Smart, mas tinha um pouco de medo do Sr. Smart. Quando estava sozinho com o Sr. Smart, Jaytee escondia-se no quarto e não podia ser observado. Em algumas ocasiões, houve distrações externas de primeira ordem, tais como uma cadela no cio na casa do vizinho. Em outras, ele estava doente. Mas em três ocasiões não houve distrações aparentes ou motivos para sua falta de reação. Assim, não era sempre que Jaytee reagia aos retornos de Pam, podendo estar distraído por uma cadela no cio, por exemplo.

As reações antecipatórias de Jaytee costumavam ter início quando Pam estava a mais de 6,5 quilômetros de distância e, em alguns casos, a 65 quilômetros. Não haveria forma de ele ouvir o carro dela a tal distância, especialmente com o carro se aproximando contra o vento, com o trânsito intenso da Grande Manchester ao fundo e na rodovia M66, que passa perto de Ramsbottom. Além disso, o Sr. e a Sra. Smart já haviam notado que Jaytee continuava a antecipar o retorno de Pam mesmo quando ela chegava em veículos desconhecidos.

Mesmo assim, para confirmarmos que Jaytee não estava reagindo ao barulho do carro de Pam ou de outros carros conhecidos,

investigamos se ele reagia mesmo quando ela usava meios de transporte fora do comum: bicicleta, trem e táxi. Ele reagia.[13]

Pam não costumava dizer aos pais, de antemão, quando estaria chegando em casa, tampouco telefonava para informar-lhes. Na verdade, muitas vezes, ela própria não sabia quando estaria chegando após sair à noite com amigos, visitar amigos e parentes ou fazer compras. Mas é possível que, em alguns casos, seus pais tivessem adivinhado quando ela estaria chegando e então, consciente ou inconscientemente, comunicado sua expectativa para Jaytee. Assim, algumas de suas reações podem ter sido ocasionadas pela ansiedade dos pais em vez de dependerem de alguma influência misteriosa por parte da própria Pam.

Para testar essa possibilidade, fizemos experiências nas quais Pam partia de volta para casa em horários selecionados aleatoriamente após a sua saída. Ninguém mais sabia desses horários. Nessas experiências, Jaytee passou a aguardá-la quando ela partia, ou seja, um ou dois minutos após ela se dirigir ao carro, muito embora ninguém em sua casa soubesse quando ela estaria de volta.[14] Assim, as reações dele não podiam ser explicadas com base na expectativa dos pais dela.

A essa altura, ficou clara a importância de começarmos a filmar o comportamento de Jaytee em vídeo, de forma a mantermos um registro mais preciso e objetivo do mesmo. E justo nesse ponto, fui procurado pela unidade de ciências da Televisão Estatal Austríaca (ORF) que queria filmar uma experiência com um cachorro. Pam e os pais generosamente concordaram em realizar essa experiência filmada com Jaytee.

Na companhia do Dr. Heinz Leger e de Barbara von Melle, da ORF, elaborei uma experiência que envolvia duas câmeras, uma para filmar Jaytee continuamente na casa dos pais de Pam e outra para seguir Pam em seus passeios.

Essa experiência ocorreu em novembro de 1994. Nem Pam nem seus pais estavam a par dos horários, selecionados aleatoriamente, nos quais pediríamos que ela voltasse para casa.

Cerca de três horas e 50 minutos após sua saída, dissemos a ela que era hora de voltar para casa. Ela então caminhou até um ponto de táxi, chegando lá em cinco minutos, e em casa dez minutos depois disso. Como de costume, Jaytee a recebeu entusiasticamente.

Pelos videoteipes, o comportamento de Jaytee pôde ser observado com detalhes impossíveis de registrar anteriormente. Durante o período em que Pam estava fora, ele passava grande parte do tempo deitado aos pés da Sra. Smart. Na versão editada, produzida pela ORF para transmissão pela televisão, a partir do momento em que avisamos a Pam para voltar para casa, os dois videoteipes podem ser vistos juntos, numa tela dividida em perfeita sincronia, de forma a observarmos Pam de um lado da tela e Jaytee do outro. De início, Jaytee se encontra deitado aos pés da Sra. Smart, como de costume. Então Pam é avisada de que é hora de voltar para casa e, quase que imediatamente, Jaytee passa a demonstrar sinais de prontidão, levantando as orelhas. Onze segundos depois de dizermos a Pam que volte para casa, enquanto ela atravessa um pequeno gramado em direção ao ponto de táxi, Jaytee se levanta, caminha até a janela e senta-se, cheio de expectativa. Ele permanece à janela durante todo o período do retorno de Pam.[15]

Parece não haver maneira possível de Jaytee ter sabido, por métodos sensoriais normais, a que instante Pam partia rumo à sua casa. E nem isso poderia ser atribuído à rotina, já que os horários eram escolhidos aleatoriamente, numa parte do dia em que Pam normalmente não voltaria para casa.

Essa experiência sublinha a importância das intenções de Pam. Jaytee começou a esperar por sua dona tão logo ela soube que deveria

voltar para casa, antes mesmo de entrar no veículo e dar início à viagem de táxi. Jaytee parece ter reagido telepaticamente.

As experiências filmadas com Jaytee

Em abril de 1995, recebi uma subvenção da Fundação Lifebridge de Nova York que patrocinava minha pesquisa sobre os poderes inexplicados dos animais. A essa altura, como resultado da publicação de meu livro *Seven Experiments That Could Change the World*[16] e de pedidos de informações junto a donos de animais de estimação, comecei a receber centenas de cartas. Eu as li e respondi a todas pessoalmente, mas não consegui dar cabo da tarefa de organizá-las no banco de dados. Eu precisava de uma assistente de pesquisa que fosse, necessariamente, uma boa secretária e que tivesse grande habilidade ao computador — de forma a construir um banco de dados —, além de ter interesse por animais e ser capaz de realizar experiências por conta própria. Pam Smart encaixava-se na função de maneira ideal.

Assim, após um ano de pesquisa voluntária com seu cachorro, Pam tornou-se minha assistente de pesquisa em tempo integral. As experiências com Jaytee foram em frente mas, agora, incluíam a filmagem habitual do comportamento de Jaytee durante toda a ausência de Pam.

Adotamos o procedimento mais simples possível, para que as observações de Jaytee pudessem ser feitas de forma rotineira e automática. A câmera de vídeo foi montada sobre um tripé e a deixamos filmar continuamente, em modo LP (de longa duração), com uma fita, também, de longa duração; todos os horários foram registrados. A filmadora ficava apontada para o local onde Jaytee normalmente a aguardava, perto do batente das janelas do apartamento dos pais de Pam. Essas experiências só foram pos-

síveis porque os pais de Pam concordaram em ter sua sala monitorada continuamente, durante horas a fio e, algumas vezes, diversas vezes por semana. Eles e os membros de sua grande família, que os visitavam com bastante freqüência, simplesmente se acostumaram a isso, e foram adiante com sua vida normal.

O comportamento de Jaytee também era filmado no apartamento de Pam quando ele ficava sozinho, assim como na casa de Cathie, irmã de Pam. Os vídeos eram analisados por uma terceira pessoa que nada sabia a respeito da experiência. Na maioria dos vídeos, durante grande parte do tempo, Jaytee não aparece no filme. Mas todas as vezes que ele aparece à janela, o momento exato em que o faz está registrado, assim como o período que permanece ali. Também foram feitas observações sobre seu comportamento. Por exemplo, em algumas das suas idas à janela, percebe-se claramente que está latindo para algum gato de passagem ou assistindo a alguma atividade do lado de fora. Em outras, está dormindo ao sol. Em outras ainda ele aparenta esperar, e nada mais. Já realizamos e analisamos, em vídeo, mais de 120 registros do comportamento de Jaytee, do momento em que Pam parte de casa até o seu retorno.

Entre maio de 1995 e julho de 1996, fizemos uma série de 30 videoteipes de Jaytee no apartamento de Pam enquanto esta saía para passear. Os pais de Pam não eram avisados do seu horário de chegada e, normalmente, ela própria o ignorava. O objetivo era observar o comportamento de Jaytee em circunstâncias mais ou menos "naturais". Sete desses 30 vídeos foram realizados durante o dia, em diversos horários da manhã e da tarde; 23 foram realizados à noite, com Pam voltando em diversos horários entre as 19h30 e as 23h.

Os resultados gerais encontram-se na Figura 2.3. O padrão geral está claro. Em média, Jaytee esperou à janela com muito

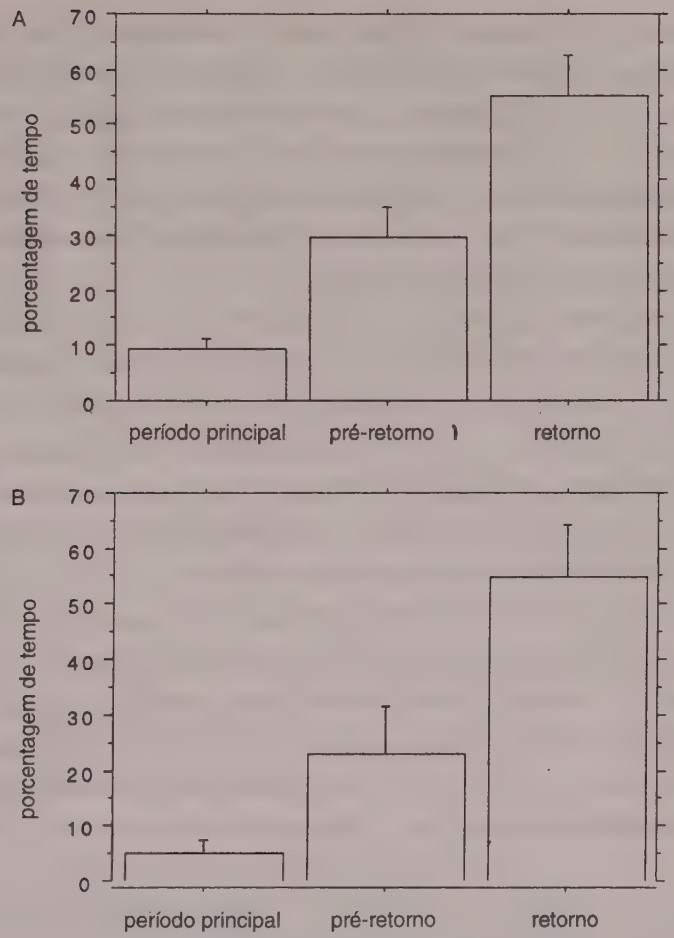


Figura 2.3 Reações de Jaytee ao retorno de Pam. Os diagramas mostram a porcentagem de tempo passada por Jaytee à janela durante a maior parte da ausência de Pam (período principal), durante os dez minutos anteriores à sua partida para casa (pré-retorno) e durante os primeiros dez minutos da viagem de retorno (retorno). (A margem de erro de cada valor está indicada pela linha que fica acima da barra.)

A: Médias de 30 experiências nas quais Pam voltou para casa em horários de sua própria escolha.

B: Médias de 12 experiências nas quais Pam voltou para casa em horários escolhidos aleatoriamente, ao ser convocada através do bipe.

mais freqüência quando Pam estava a caminho de casa; ele começava a esperá-la quando ela se preparava para voltar. Ele passava muito pouco tempo à janela durante a maior parte da ausência dela. Estatisticamente falando, essas diferenças têm enorme significado,[17] e demonstram que Jaytee estava reagindo às intenções de Pam. (Uma análise mais detalhada desses resultados encontra-se no Apêndice B.)

O padrão de reações de Jaytee pode ser visto em maior detalhe nos gráficos da Figura 2.4. Qualquer que fosse a duração da ausência de Pam, ele aguardava à janela com muito mais freqüência quando ela estava a caminho de casa do que em qualquer outro período. Ele normalmente começava a esperá-la um pouco depois de ela colocar-se a caminho, enquanto pensava em voltar para casa e se preparava para fazê-lo.

Logo no início de nossa pesquisa, descobrimos que Jaytee antecipava o retorno de Pam até mesmo quando ela partia para casa em horários escolhidos aleatoriamente. Esta foi uma descoberta tão importante que fizemos mais uma série de 12 experiências filmadas em vídeo nas quais Pam retornava em horários selecionados ao acaso. Eu usava dados para escolher um horário qualquer e quando chegava a hora em questão, eu lhe avisava pelo bipe.[18] Ela então partia para casa assim que possível. Normalmente a filmagem da área próxima à janela era feita durante todo o período da ausência dela.

Os resultados, resumidos na Figura 2.3B, seguem o mesmo padrão das chegadas habituais de Pam (Figura 2.3A), e confirmam que as reações de Jaytee não resultaram da rotina nem da expectativa passada pelos pais dela. Jaytee ia para a janela com muito mais freqüência quando Pam estava a caminho de casa do que durante a maior parte de sua ausência (55% do tempo contra 5%). Em termos estatísticos, esse efeito tem enorme significado.[19]

Em seguida à bem-sucedida experiência com Jaytee realizada pela ORF, houve vários relatórios sobre esta pesquisa na televisão e nos jornais. Os jornalistas procuraram um cético para comentar os resultados e muitos escolheram o Dr. Richard Wiseman, presença assídua na TV inglesa como "desmascarador" de fenômenos psíquicos.[20] Ele é psicólogo da Universidade de Hertfordshire e editor-consultor da *Skeptical Inquirer* [Informativo cético], órgão da CSICOP (Comitê para a Investigação Científica de Reivindicações de Fenômenos Paranormais).

Ao contrário de céticos teóricos, Richard Wiseman tem a grande virtude de realmente realizar experiências em vez de se limitar a criticar os outros. Assim, quando ele criticou o meu trabalho com Jaytee, eu o convidei para realizar alguns testes por conta própria e Pam e sua família generosamente concordaram em ajudá-lo.

Em suas experiências, o próprio Richard Wiseman filmava Jaytee enquanto seu assistente, Matthew Smith, saía com Pam para filmá-la. Eles viajavam no carro de Smith ou de táxi e iam a bares ou a outros locais que ficavam de oito a 18 quilômetros de distância. Smith então escolhia um número, a esmo, que determinaria quando eles partiriam de volta para a casa dela, ou então telefonava para uma

---

Figura 2.4 A duração das visitas de Jaytee à janela durante as ausências de longa, média e curta duração de Pam. O eixo horizontal representa séries de períodos de dez minutos (p1, p2, etc.) do momento em que ela saía até tomar o caminho de casa. O último período mostrado pelo gráfico representa os primeiros dez minutos da jornada de retorno de Pam ("ret"), cujo ponto é indicado por um círculo preenchido (•). O eixo vertical mostra o número médio de segundos passados por Jaytee à janela a cada período de dez minutos. Os gráficos representam a média de 11 experiências longas, sete médias e seis curtas. (Algumas poucas experiências "barulhentas" foram excluídas para que os padrões normais pudessem ser vistos de maneira mais clara; mas essas experiências barulhentas em si mostraram o mesmo padrão geral, como pode ser visto através da Figura B.1 B no Apêndice B.)

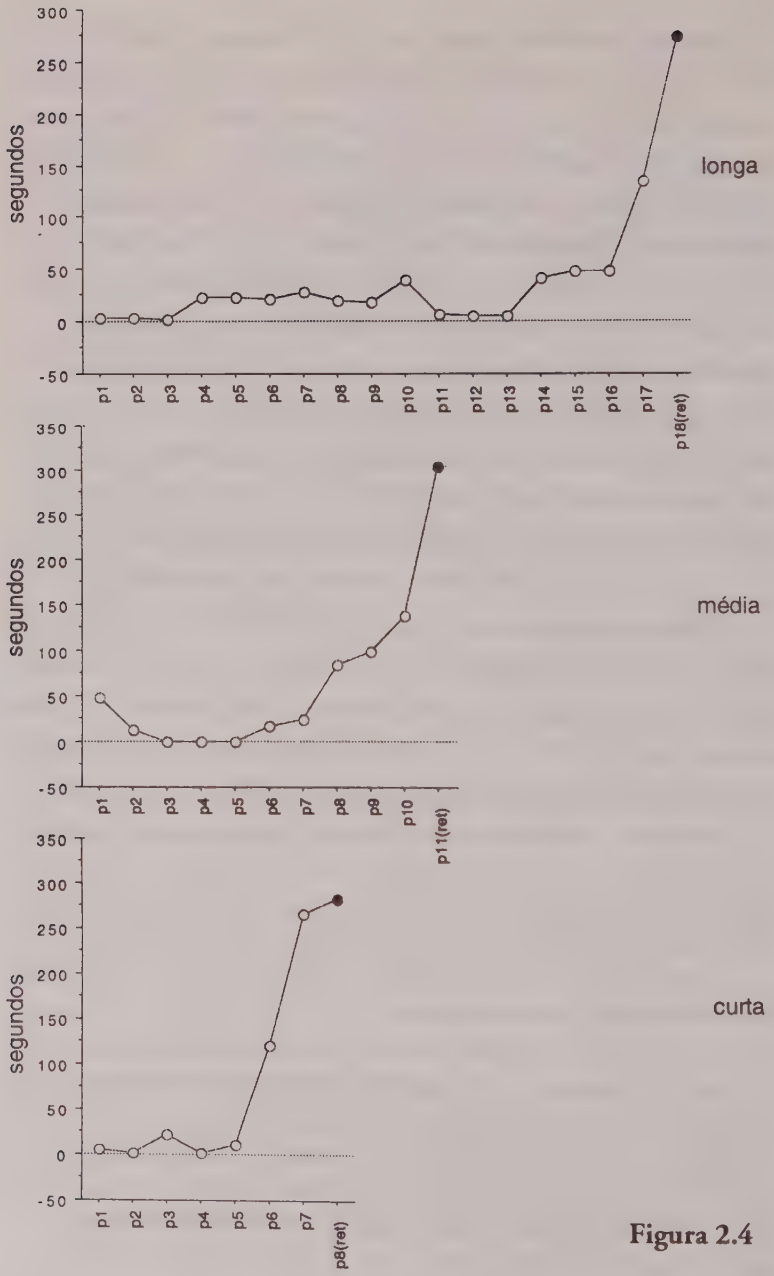
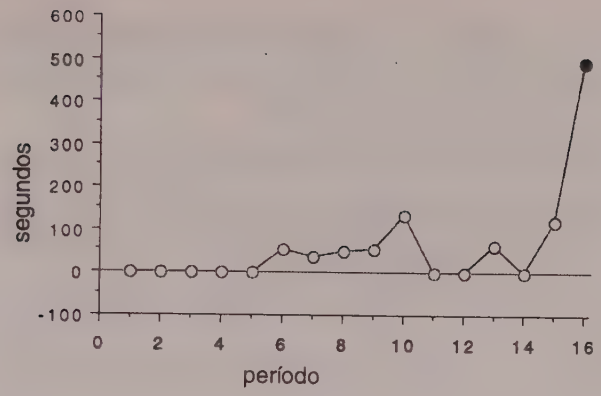
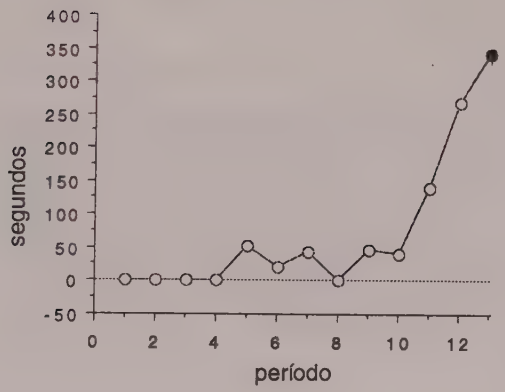

segundos
300
250
200
150
100
50
0
-50
p1
p2
p3
p4
p5
p6
p7
p8
p9
p10
p11
p12
p13
p14
p15
p16
p17
p18(ret)
longa
segundos
350
300
250
200
150
100
50
0
-50
p1
p2
p3
p4
p5
p6
p7
p8
p9
p10
p11(ret)
média
segundos
350
300
250
200
150
100
50
0
-50
p1
p2
p3
p4
p5
p6
p7
p8(ret)
curta

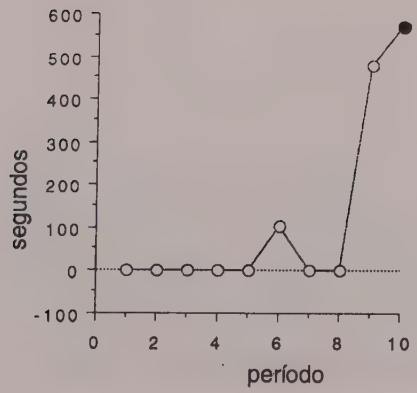
Figura 2.4



12 de junho



13 de junho



4 de dezembro

Figura 2.5

terceira pessoa que escolhia um número para ele, também aleatoriamente. Assim, ele sabia de antemão a hora de partida, mas não contava a Pam até chegar a hora de ir.

Os videoteipes do comportamento de Jaytee foram analisados por uma pessoa que não sabia a que horas Pam partira para casa. Pam e eu também os analisamos. Todos nós concordamos quanto ao momento em que Jaytee dirigia-se à janela e quanto tempo passou ali.[21] Esses resultados são demonstrados na Figura 2.5. O padrão é muito parecido com os de minha experiência e confirmaram que Jaytee antecipava a chegada de Pam mesmo quando ela voltava para casa em horários escolhidos a esmo, em veículos estranhos para ele.[22]

Nenhum animal foi investigado de maneira tão extensa quanto Jaytee, mas várias séries de experiências filmadas em videoteipe já foram realizadas com outros cachorros. Os resultados confirmam as conclusões às quais chegamos com Jaytee. Os cachorros realmente parecem saber quando seu dono está chegando em casa, até mesmo quando estes o fazem em horários selecionados de maneira aleatória, em veículos desconhecidos pelo animal.

Figura 2.5 Resultados de três experiências realizadas por Richard Wiseman e Matthew Smith com Jaytee, no apartamento dos pais de Pam, em 1995. Os gráficos mostram quanto tempo Jaytee passou à janela, durante sucessivos períodos de dez minutos. Assim como na Figura 2.4, o ponto final de cada gráfico representa os primeiros dez minutos da viagem de retorno de Pam e está indicado por um círculo preenchido (•). (Gráficos diagramados segundo dados de Wiseman, Smith e Milton, 1998.)

3

Gatos

Muitos gatos têm vida dupla: ao ar livre são caçadores solitários, dentro de casa são companheiros mais ou menos afetuosos. Em relação aos seus criadores humanos, comportam-se como gatinhos junto à mãe, que os alimenta e os protege.

Em geral, os gatos são mais independentes e menos sociáveis do que os cachorros. Normalmente, o gato não sente a menor necessidade de estar ao lado de seu dono o tempo todo. Enquanto a maioria dos cães centra-se nas pessoas, a maioria dos gatos centra-se na casa.

Os gatos convivem com os seres humanos há, pelo menos, 5 mil anos. É provável que tenham sido domesticados, em primeiro lugar, na África do Norte e seu ancestral selvagem foi o gato selvagem africano, *Felis silvestris*, da subespécie *libyca*. Os antigos egípcios os reverenciavam e os criavam dentro de casa. Eram encarnações da deusa-gata Bastet, parente de Sekhmet, aterrorizante deusa-leoa, assassina e devoradora em tempos de guerra.

A famosa história de Rudyard Kipling, *The Cat that Walked by Himself* [O gato que caminhava sozinho], do livro *Histórias*

bem assim, exemplifica as características felinas. Mas muito embora os gatos sejam caçadores solitários, livres para fazer o que melhor lhes convier, não costumam viver sozinhos, pelo menos em se tratando das gatas. Pesquisas recentes feitas com grupos de gatas que habitam em fazendas e gatas ferais demonstram que elas são surpreendentemente sociáveis.[1] Tendem a viver em pequenos grupos que, muitas vezes, contêm mães e filhas de ninhadas anteriores. Dentre esses grupos, ninhadas de diferentes fêmeas podem ser criadas no mesmo ninho, com as mães dispensando cuidados maternos a gatinhos que não são os seus, amamentando-os inclusive. Os machos, no entanto, realmente levam vidas bastante solitárias e vagueiam por territórios mais extensos.[2]

Há um amplo limite de "intensidades de relacionamento" entre gatos e seus donos e isso ajuda a explicar por que ter um gato está se tornando cada vez mais popular em muitos países industrializados. Geralmente esses relacionamentos são razoavelmente simétricos. Quanto mais atenção um dono presta às vontades de seu gato, mais atenção o gato presta às de seu dono. E como a independência é muito importante para a maioria dos gatos, "a aceitação da natureza independente do gato é um dos segredos para um relacionamento harmonioso entre ser humano e gato".[3] Mas os gatos podem se ajustar rapidamente se seus donos tiverem pouco tempo para eles ou se não estiverem interessados em estabelecer elos mais estreitos.

Sabendo quando as pessoas estão chegando

Muitos gatos parecem saber quando seus donos estão chegando. Em resposta aos meus pedidos de informação, recolhi 359 relatos de tal comportamento junto a proprietários de gatos. No levantamento que realizamos com aproximadamente 1.200 lares escolhidos aleatoriamente na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, 91

continham gatos que pareciam saber que seus donos estavam chegando em casa. Em outras palavras, mais ou menos 8% das casas possuem gatos assim.

Aproximadamente três quartos dos relatos que recebi de proprietários de gatos envolviam a volta do trabalho, das compras, da escola ou algum outro tipo de ausência de curta duração. Eis aqui algumas observações típicas:

"Ela quase sempre está à janela quando chego em casa."

"Ele surge do nada."

"A qualquer hora que chegamos em casa, nossos dois gatos parecem estar à nossa espera."

"Ele está sempre esperando por nós atrás da porta."

"Ela está quase sempre presente e eu me pergunto como ela sabia."

Quando as pessoas moram sozinhas, normalmente não sabem há quanto tempo o gato está à sua espera ou se, na realidade, passou o dia inteiro esperando no mesmo lugar. Até mesmo quando há gente em casa, o comportamento antecipatório dos gatos torna-se menos fácil de notar quando eles têm permissão para passear ao ar livre. Se o tempo está bom, alguns aguardam do lado de fora da casa e, assim, fica menos fácil observá-los.

Em 70% dos casos dos quais tenho notícia, o gato espera uma pessoa apenas; em 20%, espera de uma a duas pessoas, e três ou mais, em 10% dos casos. Assim como acontece com os cachorros e com outros animais, as pessoas pelas quais os gatos esperam são aquelas das quais sentem-se mais próximos, normalmente membros da família ou amigos mais chegados. A seguir, temos o exemplo de um gato que vive em Washington, DC, e que reagia a duas pessoas:

> No Natal, meu namorado me deu uma gatinha chamada Sami. Ele passava no meu apartamento quase todas as

noites após o trabalho. Eu sabia quando ele estava a caminho porque Sami sentava-se à porta por, aproximadamente, dez minutos antes de ele chegar. Eu não tinha como dar sinais para a gata porque nunca sabia a que horas ele estaria chegando. Ele trabalhava no ramo imobiliário e tinha horários irregulares. Duvido muito que Sami pudesse ouvir o carro dele, pois vivo numa cidade extremamente barulhenta, num edifício. Quando minha mãe vem me visitar, ela conta que Sami prevê minha chegada da mesma forma — e eu pego o metrô. (Jeanne Randolph)

Na maioria dos casos em que as pessoas observaram o comportamento dos gatos com relação à espera, descobriram que eles se colocam de prontidão menos de dez minutos antes da pessoa chegar. Ainda assim, praticamente todas as histórias envolvem um comportamento que não parece explicável em termos de rotina, de sons familiares ou de outras explicações diretas. Por exemplo, quando o filho adolescente do Dr. Carlos Sarasola estava vivendo com ele em seu apartamento de Buenos Aires, na Argentina, ele costumava chegar em casa tarde da noite, depois de seu pai já haver se deitado com Lennon, o gato. O Dr. Sarasola notou que Lennon saltava da cama subitamente e ia aguardar ao lado da porta da frente, de 10 a 15 minutos antes da chegada de seu filho, de táxi. Intrigado com esse comportamento, o Dr. Sarasola fez observações cuidadosas sobre o horário em que o gato reagia para ver se este poderia estar reagindo ao bater da porta do táxi. Não estava, pois o gato reagia muito antes da chegada do táxi. "Certa noite, prestei atenção para diversos táxis que iam parando na frente de meu edifício. Três deles pararam e Lennon permaneceu quieto na cama comigo. Algum tempo depois, ele desceu da cama e foi até a porta. Cinco minutos depois, ouvi o táxi que trazia meu filho chegar."

Alguns gatos fazem questão de ir encontrar seus donos no caminho de casa, voltando do trabalho ou da escola, e alguns os aguardam em pontos de ônibus ou estações de trem.

Como é o caso dos cachorros, em algumas famílias a reação dos gatos é um sinal para a preparação de uma refeição ou de uma xícara de chá.

> O gato de meu pai descia até o portão da frente, sentava-se no mourão e esperava por ele uns dez minutos antes de sua chegada. Como ele é jornalista, seus horários eram muito variáveis. Minha mãe dizia saber que era hora de colocar as batatas para cozinhar quando o gato levantava os olhos, aparentava prestar atenção para algum som e se afastava. Não podia ser o som distante do carro, no entanto, porque isso acontecia mesmo quando Papai não estava de carro e chegava de ônibus ou a pé. (Joyce Collin-Smith)

Em alguns casos, os avisos dados pelos gatos de que há alguém para chegar ajuda as pessoas a interromperem festas ilícitas. Este foi o caso de Bryan Roche:

> Enquanto eu fazia o curso de graduação em psicologia, fui trabalhar durante as férias na ilha de Nantucket, nos Estados Unidos. A casa de hóspedes na qual eu trabalhava e vivia como pensionista era habitada por uma gata persa chamada Minu. Sua dona (minha patroa) vivia dizendo que tinha um relacionamento extra-sensorial com a gata, de maneira que, quando ela pegava o carro para voltar para casa, a gata "rosnava" durante 20 minutos. Ela muitas vezes ilustrava essa fábula com curiosas lembranças do comportamento paranormal de seu felino e eu costumava caçoar com os residentes sobre aquelas histórias pouco prováveis.
>
> Certa noite, no entanto, sem o conhecimento de minha patroa, dei uma festinha na casa de hóspedes. Quando a

festa estava no auge, notei que a gata estava se portando de maneira bastante estranha. Ela arqueava as costas, da maneira que os gatos costumam fazer, além de rosnar bastante alto, como se fosse um cachorro. Dada a gravidade de ser pego de surpresa dando uma festa na casa de minha patroa, decidi levar em consideração o aviso da gata e dar fim à festa. Os convidados divertiram-se mais com a minha superstição do que com a imitação de cachorro feita pela gata. E, realmente, a dona da gata chegou uns seis ou sete minutos depois. A gata paranormal salvou meu emprego.

Eu ainda não estava convencido da natureza paranormal do que acontecera e passei a observar a gata com bastante atenção. Logo ficou claro que Minu conseguia "sentir" a chegada da dona até mesmo quando esta o fazia num carro diferente ou num horário pouco comum. Suas previsões provavam ser confiáveis até mesmo quando sua dona chegava à ilha, vinda do continente, de barco! Eu fiquei tão convencido da segurança das previsões da gata que dei diversas outras festas para as quais a gata era cordialmente convidada. Em cada uma dessas ocasiões a gata provou ser um seguríssimo "alarme contra chegada de patroas".

Muito embora os gatos reajam à chegada de seus donos com constância, alguns o fazem apenas sob certas condições, mais comumente quando o retorno do dono está ligado à sua alimentação. Alguns donos notaram que suas gatas reagem com mais freqüência quando estão grávidas mas perdem o interesse na chegada do dono quando passam a ter filhotes para cuidar.

Nos 274 relatos de comportamento antecipatório existentes em nosso banco de dados em que consta o sexo do gato, há um número um pouco maior de histórias sobre machos do que sobre fêmeas.[4] Nas pesquisas realizadas com lares selecionados aleatoriamente na Inglaterra, um número levemente maior de fêmeas

demonstrou reações, no lugar de machos: 26% contra 24%. Estatisticamente falando, a diferença não é significativa e podemos concluir que, em média, machos e fêmeas comportam-se de maneira muito parecida nesse aspecto.

Mantendo um diário

Gatos que podem passear ao ar livre normalmente mudam seu comportamento de acordo com o tempo. Em dias ensolarados, eles podem ficar esperando do lado de fora, em um lugar onde bate sol, perto de uma porta ou portão; em dias chuvosos, do lado de dentro, num parapeito de janela, olhando para fora; e em dias frios, em algum lugar quentinho.

Essa variação frustrou, até aqui, as experiências filmadas com gatos porque, se a filmadora estiver apontada para um determinado lugar, o gato pode ir esperar em outro, fora do foco da câmera. Os cães, por outro lado, tendem a esperar no mesmo lugar, normalmente ao lado da porta ou do portão, e podem ser filmados mais facilmente. Para trabalharmos com gatos de forma mais eficaz, seria necessário um equipamento de vigilância mais sofisticado do que o que já foi usado até aqui, ou então restringir as experiências a gatos que aguardam em um local previsível.

O comportamento de gatos que circulam com maior liberdade, dentro e fora de casa, é mais natural e mais variado. Pode ser estudado mais simples e diretamente através dos diários mantidos por famílias que criam gatos.

Até o presente, o diário mais detalhado foi o de Judith Preston-Jones, de Tonbridge, Kent, e seu marido. Suas duas gatas siamesas, Flora e Maia, costumavam reagir ao seu retorno após pequenas ausências, depois das compras ou da natação, esperan-

do na garagem ou na soleira da porta. Após longas ausências, ou à noite, antecipavam seu retorno em dez minutos, aguardando em locais variados.

No diário mantido por ela e pelo marido durante um período de dois meses, há 28 registros cobrindo retornos à tarde ou à noite. Em 15 ocasiões, o Sr. e a Sra. Preston-Jones saíram juntos e não havia ninguém para observar as gatas, embora elas estivessem à sua espera em todas as ocasiões, no lugar de costume. A exceção ocorreu quando fazia muito frio e as gatas estavam sentadas no aquecedor. Em oito ocasiões o Sr. Preston-Jones observou que as gatas mostravam sinais de agitação e expectativa de 10 a 15 minutos antes do retorno de sua esposa. Os locais de espera variavam de acordo com as circunstâncias. Quando chovia, elas ficavam dentro de casa, ao lado da porta ou olhando pela janela da cozinha; e quando o tempo estava bom esperavam do lado de fora, no jardim, na soleira da porta ou na garagem. Em quatro ocasiões as gatas já se encontravam no jardim com ele e não demonstraram quaisquer sinais especiais de expectativa. Em uma das recepções, as gatas haviam desaparecido e estavam escondidas no segundo andar da casa enquanto o técnico consertava a máquina de lavar.

A observação mais interessante ocorreu certa noite quando a Sra. Preston-Jones chegou em casa às 21h40, após comparecer a uma reunião na igreja do vilarejo, a cinco quilômetros dali. Seu marido a recebeu com um "Bem, desta vez as gatas se enganaram! Começaram a ficar agitadas por volta das 21h, então eu estava esperando você há meia hora." O que na realidade ocorreu foi que ela havia deixado a igreja, entrado no carro, lembrado de um assunto que desejava discutir com uma amiga, voltado à igreja e ficado lá até às 21h30. As gatas reagiram quando ela partiu inicialmente e entrou no carro.

Aversões

Assim como alguns cães antecipam a chegada de pessoas às quais têm profunda aversão (p. 70), alguns gatos fazem o mesmo. Mosette Broderick, que mora em Manhattan, tornou-se objeto de aversão ajudando um antigo professor que lhe contara que Kitty, sua gata, o odiara durante dias, depois de ele levá-la ao veterinário. Mosette ofereceu-se para levá-la ao veterinário e, assim, Kitty começou a odiá-la em vez de odiar seu dono.

> Com o passar dos anos, Kitty desenvolveu tal repulsa com relação a mim que meu professor sempre sabia quando eu estava em seu quarteirão. Quando eu virava na 62, vindo da Lexington Avenue, a uns 200 metros e muito barulho de distância dela, Kitty corria e se escondia debaixo das escadas, algo que só fazia quando esperava a minha chegada. O mais curioso era que eu estava longe de seu alcance auditivo, visual e olfativo. Numa cidade aglomerada como Nova York, ela não tinha como me ouvir com toda a barulheira do trânsito. Ela certamente não poderia ter me visto. Odores, no inverno nova-iorquino, com as portas fechadas e a calefação ligada, não poderiam constituir um fator. E eu nem sempre aparecia no mesmo dia ou horário, assim a rotina não era uma possibilidade.

No início, Kitty só se comportava dessa maneira quando Mosette chegava para levá-la para o veterinário, mas, à medida que o tempo foi passando, ela se escondia até mesmo nas visitas mais inocentes.

Uma comparação entre gatos e cachorros

Menos gatos do que cachorros antecipam a chegada de seus donos. Recebi 359 histórias sobre gatos e 585 sobre cachorros.

É claro que esses números são apenas uma aproximação, mas um panorama parecido surge nas pesquisas realizadas com lares selecionados aleatoriamente na Inglaterra e nos Estados Unidos. De um total dos quase 1.200 lares estudados, 91 tinham gatos que antecipavam quando alguém estava prestes a chegar e 177 tinham cachorros que faziam o mesmo. O número total de cachorros e gatos incluídos no estudo foi praticamente o mesmo. Em geral, 55% dos cachorros demonstraram comportamento antecipatório, comparado a 30% de gatos. Essa diferença entre cachorros e gatos apareceu em todas as quatro localidades por nós pesquisadas: Londres e Grande Manchester, na Inglaterra, e Los Angeles e Santa Cruz, na Califórnia (Figura 3.1).

Os números do comportamento antecipatório dos gatos foram mais altos na Califórnia do que na Inglaterra. Não sei por quê. Talvez isso se dê porque os donos de gatos da Califórnia formem elos mais estreitos com seus animais do que os ingleses. Mas até mesmo na Califórnia os cachorros exibiram um desempenho mais significativo do que os gatos.

Será então que os gatos são menos sensíveis do que os cachorros? Não necessariamente. Talvez eles simplesmente estejam menos interessados nas idas e vindas de seus donos. Alguns podem estar ligados apenas superficialmente à pessoa que está retornando. Todavia, muitos gatos estão *sim* interessados na chegada de seus donos e parecem prever seu retorno.

Os padrões de antecipação demonstrados pelos cães e gatos também mostram diferenças características. Com os cachorros, uma proporção considerável (17%) reage quando seu dono está partindo para casa ou quando tem a intenção de fazê-lo (conforme discutido nas p. 60-64). Com os gatos, essa proporção é de apenas 1%. Da mesma forma, com relação aos cachorros, uma porcentagem bastante alta reage quando a pessoa atinge um es-

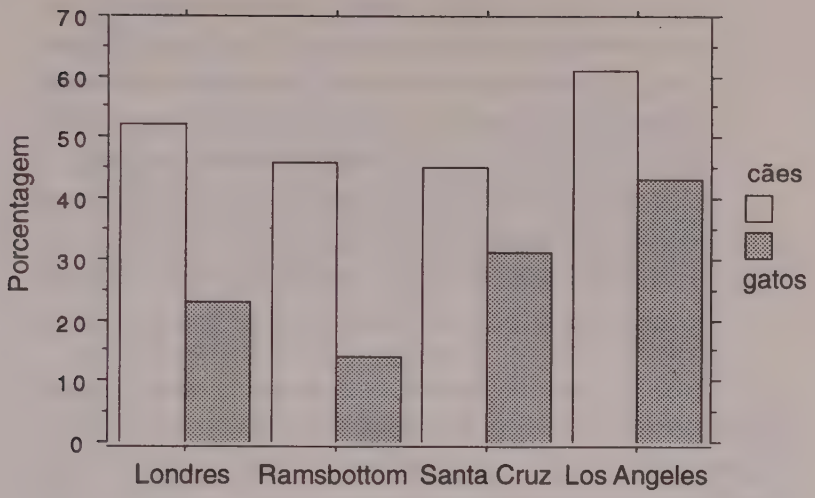


Figura 3.1 Porcentagem de donos de gatos e de cachorros que afirmaram que seus animais anteciparam seus retornos. Os estudos foram realizados com uma amostragem aleatória de lares em Londres; em Ramsbottom (Grande Manchester, no noroeste da Inglaterra); e em Santa Cruz e Los Angeles, na Califórnia.

tágio crucial da jornada, tal como o desembarque de um trem ou avião (ver p. 62 a 63). Alguns gatos fazem isso também embora, mais uma vez, a porcentagem seja muito baixa, em torno de 2%. Praticamente todos os gatos que reagem ao retorno de seu dono do trabalho ou das compras o fazem quando as pessoas estão em trânsito. Por que será? Eu posso pensar em duas razões possíveis:

1. Pode ser que os gatos sejam menos sensíveis do que os cachorros ou que, por algum motivo, sejam incapazes de detectar os retornos de seus donos até estes estarem bem perto de casa. Talvez eles não consigam captar as intenções de seus donos a muitos quilômetros de distância da mesma forma que os cachorros parecem fazê-lo.

2. Pode ser que os gatos sejam capazes de saber quando seus donos estão partindo, mas não tenham motivação para reagir com muita antecedência. Se o objetivo for, simplesmente, ir ao encontro e receber uma pessoa que está para chegar, não há necessidade de começar a aguardá-la quando ela ainda está tão longe assim. Enquanto uma das funções tradicionais dos cachorros é avisar a aproximação das pessoas, não se espera dos gatos, normalmente, que desempenhem tal papel da mesma forma.

A maneira como os gatos se comportam em antecipação ao retorno de seus donos após ausências relativamente curtas parece ser compatível com as duas explicações. Mas a forma impressionante com que alguns gatos reagem ao retorno de seus donos após longas ausências demonstra que podem ser tão sensíveis quanto os cachorros.

Retornos após férias e longas ausências

Alguns gatos demonstram sinais de expectativa horas antes de seus donos voltarem após uma longa ausência. Se ficaram com amigos ou vizinhos, uma das formas mais comuns de fazê-lo é voltando para sua própria casa. Por exemplo:

> Nosso gato consegue sentir quando a família está voltando para casa. Enquanto viajávamos, o animal ficou com nossos vizinhos. No momento em que partíamos da Grécia, da Turquia ou da Itália (e de locais mais próximos também, é claro), o gato insistia em voltar para nossa casa para passar a noite. (Dr. Walther Natsch, Herrliberg, Suíça)

Algumas vezes, esse comportamento é inesperado e assusta a pessoa que está tomando conta do gato:

> Viajamos em férias e deixamos nosso gato com minha tia, que mora a uns três quilômetros de nosso apartamento, no centro de Brighton. Quando voltamos, duas semanas depois, o gato estava esperando no mourão do portão e ficamos muito agradecidos à minha tia por ter nos poupado o trabalho de ter de buscá-lo. Quando ligamos para lhe agradecer, ela estava desesperada; o gato havia fugido naquela manhã e ela o procurava desde então. (John Eyles)

Uma outra forma que um gato tem de demonstrar sua expectativa é indo ao encontro de um membro da família que está vindo fazer uma visita. Eis o que aconteceu com Elisabeth Bienz quando saiu de casa na Suíça e mudou-se para Paris, deixando para trás seu amado gato, Moudi:

> Alguns dias mais tarde, ele sumiu da casa dos meus pais e não foi mais visto. Eu voltava para casa a cada dois ou três meses e o gato reaparecia: bem alimentado e bem cuidado. Meus pais jamais descobriram onde ele ficava, nesse meio tempo. Alguns dias depois de eu ir embora, ele sumia outra vez. A maior surpresa aconteceu um dia quando apareci sem avisar de antemão. O gato apareceu algumas horas antes de minha chegada. Minha mãe ficou confusa e achou que ele havia se enganado. Mas logo depois eu também apareci.

No meu banco de dados, há mais de 50 exemplos do comportamento antecipatório de gatos antes do retorno de seus donos de férias e de longas ausências. Na maioria deles, assim como nestes exemplos, os gatos pareciam saber dos retornos iminentes com muito tempo de antecedência. Em alguns casos, não havia possibilidade alguma de terem captado a expectativa de quem estava tomando conta deles.

Tais casos refutam o argumento de que os gatos só têm consciência de retornos iminentes pouco tempo antes de ocorrerem. Sua agitação e motivação são provavelmente acentuadas após longas ausências ou férias, especialmente quando foram retirados de ambientes familiares. Não é apenas o retorno da pessoa preferida que estão ansiando e sim o retorno ao seu próprio território.

Muito embora os gatos possam antecipar chegadas de maneira caracteristicamente felina, está claro que sua expectativa não pode ser explicada simplesmente em termos de rotinas e de pistas sensoriais. Como no caso dos cachorros, ela parece ser telepática e depender de uma ligação próxima entre o gato e a pessoa. Sugiro que esses elos envolvem ligações estabelecidas através de campos mórficos e que estes são esticados, e não rompidos, quando uma pessoa parte e deixa o gato para trás. Os elos são canais através dos quais a comunicação telepática pode ocorrer, até mesmo através de centenas de quilômetros.

Gatos e cachorros não são as únicas espécies criadas como animais de estimação que prevêem o retorno de seus donos. Conforme veremos no capítulo a seguir, tal capacidade pode ser encontrada também em outras espécies, até mesmo em seres humanos. Assim como no caso dos gatos e dos cachorros, ela parece depender da formação de laços próximos que podem funcionar como canais para a telepatia.

4

Papagaios, cavalos e seres humanos

Entre cães e gatos, a expectativa da chegada de seus donos depende dos fortes laços sociais entre a pessoa e o animal. Assim, não devemos esperar encontrar essa capacidade telepática em espécies solitárias por natureza, como é o caso da maioria dos répteis, ou em formas de vida que não formam elos fortes com seres humanos, tais como bichos-pau. Até mesmo no caso das espécies sociais que formam fortes ligações com as pessoas, pode ser que algumas sejam inerentemente insensíveis aos sentimentos e às intenções dos seres humanos.

Entretanto, embora haja muito menos informação disponível sobre espécies além de cães ou gatos, existe o suficiente para sugerir que animais de pelo menos 17 outras espécies também parecem antecipar a chegada das pessoas. Alguns seres humanos também o fazem, especialmente em sociedades rurais tradicionais.

A antecipação é demonstrada não só por mamíferos como também por pássaros, e das 33 histórias que coletei relacionadas a pássaros que pressentem chegadas, 20 relacionam-se a papagaios.

Papagaios

Os papagaios têm uma vantagem sobre os cães: o fato de poderem falar. E alguns anunciam a chegada de seu dono com muita antecedência, como é o caso de Suzie, um papagaio-verdadeiro que viveu com a família Kycett em Warwick de 1927 a 1987. O pai, cobrador de uma financeira, costumava fazer suas cobranças em Coventry a bordo de uma lambreta.

> Como não tivesse horários regulares, ele podia chegar em casa a qualquer hora. O nome de meu pai era Cyril, algo que o papagaio não conseguia pronunciar direito. À noite, ele ficava sentado em silêncio em seu poleiro e de repente ficava todo alvoroçado e gritava "Werril" e nós sabíamos que chegara a hora de colocar a chaleira no fogo porque papai estaria em casa em meia hora. (John Lycett)

Pepper é um jovem papagaio-verdadeiro que vive na Pensilvânia. Seus donos são a Dra. Karen Milstein e seu marido, Philip, de quem o pássaro é muito próximo. "Nosso pássaro costuma dizer 'Alô' e chamar por meu marido um pouco antes de ele chegar em casa, muito embora o horário possa variar significativamente de um dia para outro", contou-me ela em 1992. Até 1994, quando Pepper tinha sete anos, ela notou que ele costumava reagir à intenção de seu marido de voltar para casa. Em outubro de 1994, a Dra. Milstein escreveu um diário e aqui, por exemplo, está o registro do dia 17 de outubro:

> 17h40 Pepper está em silêncio
> 18h14 Pepper começa a dizer "Alô"
> 18h16 Philip telefonou para avisar que estava saindo. Disse que formou a intenção há dois minutos.

Pepper continuou a dizer "Alô Philip" até Phil chegar em casa, um pouco após as 18h30.

Mas muito embora na maioria das ocasiões Pepper ficasse agitado quando Philip formava a intenção de voltar para casa, e o fazia em horários que fugiam a uma possível rotina, algumas vezes não demonstrava reação alguma até Philip estacionar o carro.

Os papagaios podem formar ligações muito próximas com certas pessoas e são capazes de mostrar fortes sinais de ciúme, especialmente com relação a pessoas do sexo oposto. Oscar, um papagaio-de-bochecha-verde, de propriedade de David e Celia Watson, de Sussex, é muito ligado a David: "Algumas vezes, quando ele vê meu marido, eu mal posso chegar perto deste, senão ele me ataca. Não posso nem mesmo tocar em sua gaiola ou alimentá-lo. Ele é muito ciumento. Atira-se contra a lateral da gaiola quando meu marido deixa o aposento." Não é de estranhar que Oscar fique extremamente agitado quando David chega em casa. O alvoroço tem início entre 10 e 20 minutos antes: "Achamos que ele estivesse reagindo porque David chegava em horários regulares, mas não tem sido o caso", conta Celia. "No emprego que meu marido tem agora, ele nunca chega em casa no mesmo horário e ainda assim Oscar está esperando por ele. Ele corre dentro da gaiola e começa a agitar as asas e a fazer uns barulhinhos."

A maioria das histórias relacionadas a papagaios anteciparem a chegada de seus donos diz respeito a retornos do trabalho ou das compras, ou de qualquer outro trajeto diário para longe de casa. Mas algumas estão relacionadas a reações ao retorno da pessoa após ausências mais longas. Por exemplo, quando Peter Soldini foi para a França de férias, ausentando-se de sua casa na Suíça, deixou seu papagaio com a mãe e disse a ela que pretendia voltar em quatro semanas. Sem informar à mãe, ele decidiu voltar para casa mais cedo, após três semanas apenas, e levou três dias

para fazer a viagem de volta. "Quando entrei na casa de minha mãe, a primeira coisa que ela disse foi: 'Você nem imagina como esse pássaro se portou nesses últimos três dias. Passa o dia todo falando e cantando. Estava tão alvoroçado!'"

Outros membros da família dos papagaios

Outros membros da família dos papagaios também parecem capazes de prever a chegada de seus donos. Recebi três relatos sobre periquitos australianos que mostram inconfundíveis sinais de agitação com cinco ou dez minutos de antecedência, três sobre periquitos e dois sobre calopsitas.

Kathy Douglas mora em Santa Cruz, na Califórnia, com seis calopsitas. Amigos que estiveram em seu apartamento quando ela estava fora notaram que eles ficavam mais ativos e piavam mais alto antes de seu retorno. Generosa, ela concordou com meu colega David Brown em fazer uma série de dez experiências nas quais os pássaros eram filmados durante a sua ausência. Ela retornava em horários aleatórios quando recebia o sinal através de um bipe.

Uma análise desses videoteipes mostra que, em algumas ocasiões, os pássaros piavam alto quando ela não estava a caminho de casa, por exemplo quando o telefone tocava ou alguém batia à porta. Mas em sete de dez experiências, os pássaros realmente piaram mais quando ela estava a caminho de casa, um percurso que consumia mais de dez minutos a pé. Em média, durante todo o período da experiência, eles piavam alto durante 15% do tempo em que ela se encontrava fora e 49% do tempo quando ela estava a caminho de casa. Estatisticamente falando, os resultados foram significativos.[1]

Do ponto de vista experimental, pássaros que anunciam a chegada de seus donos, como fazem alguns papagaios, estão mais aptos a dar resultados menos ambíguos do que um comportamento menos específico, tal como o animado piar das calopsitas ou dos periquitos australianos, embora ainda não tenhamos tido a oportunidade de fazer experiências registradas em vídeo com papagaios que anunciam a chegada de seus donos.

A julgar pelos relatos que recebi, a família dos papagaios é praticamente a única dentre os pássaros de gaiola que antecipa a chegada de seus donos: um papagaio, um periquito, uma cacatua

Figura 4.1 Suzanne Rolfe com a mainá Sambo (na foto, contra a gaiola) e Jacko, seu sucessor, em Sutton St. Nicholas, Herefordshire (fotografia: Phil Starling).

e uma calopsita. Nada foi relatado a respeito de tentilhões, canários ou outras espécies.

Há, no entanto, uma exceção a essa regra: um mainá falante chamado Sambo, que pertence à família Rolfe, de Sutton St. Nicholas, Herefordshire (Figura 4.1). Sambo tinha uma excelente comunicação com Robert, filho mais velho dos Rolfe, e costumava dizer aos Rolfe quando ele estava chegando da escola interna. "Dois ou três dias antes do dia em que ele deveria chegar, Sambo começava a tagarelar 'Robbie'", conta Suzanne Rolfe. A família achava que isso se devia ao fato de eles estarem mencionando seu nome com mais freqüência do que o normal, mas quando ele terminou a escola e começou a trabalhar, foi mandado para o leste da África. "Algumas vezes ele nos avisava quando estava de licença e viria nos ver, embora fosse mais freqüente chegar sem avisar. Ainda assim, nós sempre sabíamos que ele estava vindo porque Sambo começava a chamar 'Robbie' alguns dias antes de sua chegada."

Galinhas, gansos e uma coruja

Outras histórias do comportamento antecipatório dos pássaros que recebi dizem respeito a uma coruja manchada de estimação, galinhas e gansos.

A coruja: Uma coruja chamada Joggeli viveu com a família Koepfler em seu apartamento de Zurique, Suíça, durante 25 anos.

> Quando algo que ela considerasse agradável lhe acontecia, a coruja fazia sons característicos, um grr-grrr-grrrr agudo, como um sino. Ao mesmo tempo, ela fechava os olhos. Quando nossos filhos vinham para casa, da escola ou da universidade, nós sempre ouvíamos os barulhinhos alegres de Joggeli quando ela ainda não podia ver ou ouvi-los. Meu irmão, que mora em outro lugar e raramente nos visita, não

levava Joggeli a sério e ria do pássaro. Um dia, Joggeli começou a emitir sons zangados, agressivos e voou de encontro à vidraça da janela. Eu pensei: "O que há de errado com ela? Ela só faz isso quando Ralph vem nos visitar." Dito e feito: meu irmão nos fez uma visita surpresa.

Galinhas: Uma característica comum de relatos sobre as reações antecipatórias das galinhas é o fato de reagirem às pessoas que as alimentam. Por exemplo, quando Roberto Hohrein estava estudando na Alemanha, sua família criava dez galinhas. Era trabalho dele alimentá-las quando chegava da escola. Sua mãe descobriu que de 10 a 15 minutos antes de ele chegar, elas pareciam estar à sua espera, de pé, num canto do galinheiro de onde poderiam vê-lo se aproximar.

Como minha mãe ficou surpresa pelo fato de elas ficarem ali, de pé, à mesma hora todos os dias, de acordo com os meus horários. As escolas alemãs não terminam no mesmo horário todos os dias. Algumas vezes eu nem mesmo usava o transporte público e arranjava um carro para me trazer. Mas não importava quando, as galinhas sempre ficavam ali e me aguardavam porque estavam com fome. Elas só deixavam de prestar atenção quando eu chegava cedo demais. Isso acontecia quando elas ainda não estavam com fome.

Gansos: Se as reações das galinhas são motivadas mais devido ao desejo de serem alimentadas do que a um vínculo pessoal, eis aqui uma história sobre gansos que sugere que o elo forjado com uma determinada pessoa era seu principal motivo. Herr K. Theiler, que vivia perto de Thun, na Suíça, tinha três gansos de estimação com quem tinha um relacionamento especialmente próximo: "Até mesmo meu estado de espírito, alegria ou tristeza, refletia-se no comportamento deles." Sua esposa sabia, por eles,

a que horas ele estaria chegando do escritório. "Os gansos ficavam esperando, impacientes, na entrada para o jardim. Normalmente, eu chegava em casa às 12h15, mas se algo acontecesse, ela sabia que eu ia me atrasar porque os gansos faziam silêncio."

Sabe-se que pássaros de uma ampla variedade de espécies formam fortes ligações com pessoas, especialmente se foram criados por elas desde muito cedo,[2] e é bem possível que outras espécies sejam capazes desse tipo de comportamento antecipatório, além daqueles dos quais já ouvimos falar.

Os ancestrais selvagens da maioria dos pássaros domesticados, incluindo gansos, galinhas e pássaros da família do papagaio, viviam em bandos. Talvez sua capacidade de antecipar a chegada de um companheiro humano derive da capacidade de saber que um membro que se separou do bando está se aproximando. Ou talvez esteja mais relacionada à capacidade dos pássaros mais jovens em saberem que seus pais estão retornando ao ninho trazendo comida. Mas parece que nada é conhecido sobre esse tipo de comportamento antecipatório na vida selvagem.

Se outras pesquisas junto a pássaros de estimação confirmarem que os membros de certas espécies podem, realmente, prever a chegada de seus donos através de uma espécie de telepatia, valeria a pena observar os pássaros na natureza. Será que antecipam a volta de outros pássaros aos quais são muito ligados? Será que os pássaros mais jovens do ninho conseguem antecipar a chegada de seus pais, trazendo comida?

Talvez também seja possível realizar experiências com pássaros domesticados, tais como gansos, para saber se antecipam a chegada de um pássaro que saiu do alcance da vista e dos ouvidos para, então, ser trazido de volta, ou voltar por conta própria. As experiências também poderiam ser feitas com pombos-correio. Será que os pássaros deixados no pombal demonstram sinais de

expectativa antes do retorno de seu macho, ou fêmea, e de outros companheiros após uma corrida?

Répteis e peixes

Não ouvi falar de um único cágado, lagarto, tartaruga, cobra ou outro réptil de estimação que antecipe a chegada do dono. Não recebi relatos dessa espécie de comportamento através dos meus pedidos gerais de informação sobre animais domésticos paranormais, nem foram descobertos exemplos em pesquisas feitas com lares selecionados aleatoriamente na Grã-Bretanha e Estados Unidos. Pedidos feitos em publicações especiais tais como a *Reptilian International* também não revelaram um único caso. Talvez existam répteis de comportamento antecipatório, mas, se for o caso, parecem ser muito raros.

Embora negativa, esta é, certamente, uma descoberta significativa. Sugere que os répteis são incapazes de captar o retorno de seus donos ou que têm pouco ou nenhum interesse em suas idas e vindas. Sugiro que a ausência de elos sociais talvez seja crucial:

Na natureza, a maioria dos répteis é solitária, juntando-se com outros de sua espécie apenas para o acasalamento. Além disso, na maioria das espécies, depois que as fêmeas já puseram seus ovos, elas os abandonam à sua própria sorte e os filhotes precisam lutar sozinhos pela sobrevivência. Pense, por exemplo, numa tartaruga-marinha nascendo numa praia a milhares de quilômetros de distância do local onde seus ancestrais se alimentavam, local este que precisará encontrar sem que nenhum adulto a guie. O comportamento dos crocodilos, que cuidam de suas crias, é uma notável exceção. Crocodilos do Nilo fêmeas, por exemplo, tomam conta do ninho onde puseram seus ovos e

também protegem seus filhotes quando jovens e os levam até a água. Mas os filhotes logo se espalham e afastam-se dos membros mais velhos da espécie, pois temem, com bom motivo, as tendências canibais destes.[3] Assim, até mesmo neste caso, não há interesse em criar elos. E se répteis selvagens não formam elos fortes uns com os outros, répteis cativos terão pouca capacidade inerente de formar laços com seus criadores humanos.

Essas conclusões negativas sobre répteis são reforçadas por um de meus correspondentes mais experientes, Jeremy Wood-Anderson, naturalista e colecionador de répteis que vive no Paquistão, onde cria uma ampla variedade de répteis há mais de 30 anos. Embora esteja convencido de que a paranormalidade exista em graus variados entre mamíferos e pássaros, ele não acredita que ela exista nos répteis em qualquer formato reconhecível. Ele está convicto de que eles não são capazes de captar os pensamentos de seus donos telepaticamente: "Além de reações a hábitos aos quais se acostumaram, não há absolutamente ligação alguma entre os processos mentais de répteis e de humanos."

Cheguei a conclusões negativas similares no que diz respeito aos anfíbios. O número de pessoas que criam sapos, salamandras aquáticas e outros anfíbios é relativamente pequeno, mas não há relatos que sugiram que formem elos psíquicos com seres humanos ou que reajam a eles telepaticamente. O mesmo pode ser dito com relação a insetos de estimação, assim como os bichos-pau.

Muitas espécies de peixes são mais sociáveis do que répteis ou anfíbios. Eles nadam em cardumes ou bandos. Algumas espécies, incluindo algumas espécies de ciclídeos muito populares junto a criadores de peixes tropicais, constroem ninhos e protegem ovos e filhotes. Mas até mesmo junto às espécies em que há algum grau de cuidado dos pais para com os filhotes, há pouco

interesse na substituição de pais peixes por seres humanos e para a formação de laços junto aos filhotes.

A criação de peixes é muito mais comum do que a de répteis, anfíbios ou insetos. Somente na Grã-Bretanha, há aproximadamente 19 milhões de peixinhos dourados de estimação e 10 milhões de peixes tropicais.[4] Aproximadamente 10% das famílias criam peixes. Há bastante oportunidade para as pessoas notarem se seus peixes ficam agitados antes da chegada de algum membro da família. Mas eu não ouvi um único exemplo e nem observei nada de parecido junto à família de peixinhos dourados que temos em nossa própria casa e nem encontrei indícios de outro tipo de ligação telepática entre pessoas e peixes.

Porquinhos-da-índia, furões e outros pequenos mamíferos

Dentre os mamíferos criados como animais de estimação, cachorros e gatos são, de longe, os mais comuns, mas há uma variedade de outras espécies criadas com grande freqüência, incluindo coelhos, porquinhos-da-índia, ratos, camundongos, gerbos, hamsters e furões. Não recebi um único relato sobre gerbos, hamsters, ratos ou camundongos paranormais. Recebi apenas um relato, não-decisivo, sobre um coelho doméstico e quatro sobre porquinhos-da-índia, mas nenhum deles reagiu com mais de dois minutos de antecedência e é impossível desconsiderar a possibilidade de que estivessem reagindo a sons familiares.

De todos os pequenos mamíferos dos quais já tive notícia, o único que parece promissor do ponto de vista telepático é um furão que vive no East End de Londres. Esse animal tem uma forte ligação com o dono, enquanto a esposa deste e o furão com-

partilham uma antipatia mútua. Joan Brown já notou que o furão espera pelo marido dela na porta da frente antes de sua chegada:

> Se o furão estiver na sala de espera, ou ele ouve o carro antes de mim ou sabe, de alguma forma, que meu marido está a caminho porque corre para a porta uns bons dez minutos antes de ele chegar. Algumas vezes ele chega tarde mas o furão sabe, mesmo assim. Se meu marido parar para tomar um drinque com os colegas do trabalho, pode chegar até mesmo uma hora atrasado, mas o furão também estará à sua espera uma hora mais tarde que o normal.

Macacos

John Bate, de Blackheath, no sul de Londres, tinha um sagüi que previa chegadas:

> Quando eu trabalhava em Coventry e morava em Blackheath, o sagüi avisava à minha esposa quando eu estava a norte do túnel de Blackwell [que passa por baixo do rio Tâmisa] guinchando de maneira distinta. Numa tarde de sexta-feira, minha esposa estava com uma visita em casa e avisou a esta que eu estaria chegando em 15 minutos. "Como você sabe?", perguntou-lhe a amiga. "O macaco acaba de me contar", replicou minha esposa. Depois de quinze minutos, elas ouviram minha chave na porta. Por mais apurada e discernidora que seja a audição de um animal, me parece duvidoso que ele pudesse distinguir um carro de outro no meio do pesado trânsito de Londres, a seis ou oito quilômetros de distância, do outro lado ou debaixo das águas do rio Tâmisa.

Concordo com essa conclusão. Já ouvi falar de diversos outros macacos capazes de prever chegadas, mas é tão raro eles serem

criados como animais de estimação hoje em dia que é pequeno o escopo para realizar mais pesquisas com eles, por mais fascinante que pudesse ser.

Cavalos

Além de cachorros e gatos, os cavalos são a espécie não-humana com as quais as pessoas têm os relacionamentos mais fortes. Muitos cavaleiros sentem-se muito ligados a seus animais e alguns estão convencidos da existência de um elo paranormal. Discutirei provas mais gerais da telepatia existente entre cavalos e seres humanos no Capítulo 8. Aqui, estou interessado especificamente na capacidade, que alguns cavalos têm, de saber quando seus donos estão chegando em casa.

Muitas pessoas descobriram que seus cavalos parecem saber quando estão se aproximando do estábulo. Podem ficar mais atentos, mostrar sinais de agitação ou relinchar. Mas a grande maioria não tem muita certeza de quanto tempo antes os cavalos reagem ou até que ponto suas reações são uma questão de rotina ou se a reação se deve a uma audição apurada. Além do mais, como cavalos não moram dentro de casa, eles normalmente são observados menos atentamente do que cachorros, gatos e outros animais domésticos.

As pessoas que têm as melhores oportunidades de notar o pressentimento dos cavalos são aquelas que trabalham em estábulos ou que cuidam dos cavalos de outras pessoas enquanto estas estão longe.

Quando Adele McCormick e sua família ausentavam-se de seu rancho, perto de Calistoga, Califórnia, costumavam deixar seus 13 cavalos aos cuidados de pessoas que sabiam quando eles retornariam. Os cavalos realmente pareciam antecipar sua che-

gada, embora seja possível que captassem esse pressentimento das pessoas que estavam cuidando deles. Em uma ocasião, no entanto, ficaram sob os cuidados de um estranho que não sabia quando a família voltaria.

> Quando chegamos em casa, o homem nos cumprimentou e disse: "Eu sabia que vocês estavam a caminho porque os cavalos começaram a agir de maneira esquisita." Ele contou que enquanto os alimentava, "em vez de olharem para a comida, como costumam fazer, os 13 ficavam olhando para a estrada, correndo e relinchando". Segundo ele, isso começou às 16h30. Chegamos ao rancho entre as 17h15 e as 17h30.

Algumas vezes os cavalos demonstram comportamento antecipatório com horas de antecedência, especialmente quando a pessoa favorita está longe há muito tempo. Foi o que aconteceu, repetidamente, com Elliot Abhau que, por motivo de trabalho, precisou deixar seus dois amados cavalos com seus melhores amigos numa fazenda em Maryland. Nos dez anos que se seguiram, ela os visitava algumas semanas, em intervalos irregulares. Ela não costumava avisar aos amigos quando iria mas eles contaram a ela que sempre sabiam devido ao comportamento dos cavalos: "Um dia antes, eles começam a implicar um com o outro (algo que não acontecia em outras ocasiões) e então, no dia da chegada, eles ficam de pé, juntos, olhando para a estrada." Isso acontecia horas antes de ela chegar, de carro, e a viagem demorava de quatro a seis horas.

Herminia Denot cresceu num rancho na Argentina e aprendeu a montar quase antes de andar. Era muito apegada a Pampero, seu cavalo, mas precisou deixá-lo quando foi fazer o segundo grau em Buenos Aires, voltando ao rancho da família apenas durante as férias. O rancheiro que tomava conta do cavalo contou que, à medida que o momento da chegada da dona ia se

aproximando, "Pampero enlouquecia. Galopava em torno do picadeiro, relinchando". No dia antes da chegada, ele parava na frente do portão do curral, olhando para o norte, para a direção da estação de trem. Mas, em certa ocasião, os pais trouxeram Herminia para casa de carro e dessa vez Pampero surpreendeu o peão olhando para sudeste, e não para norte, para os trilhos do trem. A direção para a qual ele estava olhando era na verdade de onde ela vinha se aproximando, na estrada.

Finalmente, temos um exemplo inglês: Fiona Fowler ganhou um pônei New Forest, Joey, quando tinha 12 anos e ela mesma o adestrou. Quando foi para Londres estudar enfermagem, teve de deixá-lo com a mãe, perto de Winchester. Ela ia para casa, de folga, aproximadamente duas vezes por mês. A mãe notou que Joey sempre demonstrava saber quando a dona estava a caminho de casa, deixando o cercado onde passava a maior parte de seu tempo na companhia de outros cavalos para esperar ao portão. Ele fez isso durante anos, cada vez que ela voltava para casa. "Houve uma ocasião em especial em que ninguém estava me esperando e minha mãe ficou surpresa de encontrar Joey me aguardando no portão, como sempre. Dez minutos depois eu liguei da estação pedindo que fossem me buscar."

Histórias como essa parecem demonstrar que os cavalos sabem quando seus donos estão chegando de maneira aparentemente telepática. O estágio seguinte dessa pesquisa teria de envolver a filmagem de experiências com o cavalo, registrando seu comportamento enquanto o dono parte a caminho de casa em horários selecionados aleatoriamente.

Carneiros

Não é freqüente criarem-se carneiros como animais de estimação, mas, quando os cordeiros são criados assim, podem se formar

ligações próximas, como na canção infantil *Mary tinha um carneirinho.*

Margaret Railton Edwards e o marido Richard viram-se donos de um cordeirinho quando uns amigos fazendeiros criadores de ovelhas deixaram um animal doente, ainda sendo amamentado, na casa deles. Cuidaram do cordeiro até recuperar a saúde e ele viveu com eles, dentro de casa, durante quase quatro meses:

> Shambles era praticamente domesticado e sentava-se no meu colo para assistir à TV à noite. Meu marido, Richard, chegava em casa entre as 17h e 19h. Uns dez minutos antes de sua chegada, Shambles sentava-se ao lado da porta da frente e o esperava. Mesmo que Richard chegasse no carro de um amigo, ele ainda o aguardava à porta. De vez em quando, Richard vinha em casa à hora do almoço e o mesmo acontecia.

Soube de duas outras pessoas que criaram carneiros como animais de estimação e tiveram experiências parecidas. Um cordeiro, Augustus, foi adotado pela família Ferrier, na ilha de Whidbey, em Washington, e formou um laço especialmente forte com Grant — então com 14 anos — que o alimentava, o levava para passear, brincava de dar cabeçadas e jogava bola com ele. Malcolm, pai do menino, me contou que Grant chegava da escola à tarde em horários irregulares devido às diversas atividades extracurriculares das quais participava; mas a família sempre sabia que ele estava a caminho: "Augustus levantava a cabeça, fazia 'baa', corria pelo cercado e mostrava todos os sinais de que algo estava prestes a ocorrer. E então, cinco minutos depois, Grant e os amigos apareciam." Será que Augustus poderia saber da chegada por vias normais? Malcolm Ferrier acha que não:

> Conversamos muito a respeito dessa seqüência e ficamos complemente convencidos de que não havia método físico normal pelo qual Augustus pudesse saber que Grant estava a caminho. Ele não podia vê-lo (excesso de vegetação), nem ouvi-lo quando começava seu ritual de boas-vindas, em especial com todo o trânsito dos arredores de uma cidade. Ficou muito claro para todos nós, de maneira amadora e não-experimental, que alguma estranha forma de comunicação estava ocorrendo; os vizinhos viviam comentando a respeito também. Grant vivia tentando aproximar-se do animal sem ser visto.

Essas histórias sobre carneiros, embora poucas em número, estão bastante de acordo com o padrão de comportamento demonstrado por cães, gatos, cavalos, papagaios e outros animais. A capacidade de antecipar a chegada de uma pessoa parece ocorrer numa ampla variedade de espécies de mamíferos e pássaros. Em cada um dos casos, parece depender da formação de um laço estreito entre a pessoa e o animal.

As espécies que não demonstram esse tipo de antecipação, incluindo peixes, répteis e pequenos mamíferos tais como hamsters e camundongos, talvez não o façam por serem insensíveis por natureza a influências telepáticas, ou por serem incapazes de formar elos com pessoas que sejam fortes o suficiente para agirem como canais de comunicação telepática.

Presume-se que tal capacidade não tenha evoluído simplesmente no contexto da criação de animais domésticos, pois ocorre, também, entre os animais na natureza. Voltarei à discussão da telepatia entre animais no Capítulo 9.

Se a antecipação de chegadas é tão corrente entre animais não-humanos, seria de se esperar que algumas pessoas também

tivessem a capacidade de saber quando outras pessoas estão prestes a chegar.

Seres humanos

São muitas as histórias contadas por pessoas que viveram ou viajaram pela África sobre a maneira que alguns africanos têm de antecipar chegadas na ausência de qualquer meio de comunicação conhecido. Por exemplo, Laurens van der Post descobriu que os membros das tribos do deserto de Kalahari, na África meridional, sabiam dizer quando membros de seu grupo haviam matado um antílope a 80 quilômetros de seu acampamento e quando estariam voltando. Os homens que o caçaram viajavam com Van der Post e ao voltarem para o acampamento em Land Rovers carregados de carne, Van der Post perguntou-se como reagiriam aqueles que ficaram para trás ao saberem do sucesso da caçada. Um dos homens respondeu: "Eles já sabem." E realmente, ao se aproximarem do acampamento, ouviram a canção usada em tais ocasiões. Quando o antílope foi morto, eles souberam imediatamente, via "telegrama", como diziam os homens da tribo. Van der Post achava que eles "evidentemente tinham a impressão de que o telégrafo do homem branco também funcionava por telepatia".[5]

Muitas pessoas familiarizadas com a África tiveram experiências parecidas. Um jovem europeu chamado Sinel, que vivia entre os tribais do sul do Sudão, observou que "a telepatia é constante". Eles sempre sabiam onde ele estava e o que estava fazendo, até mesmo quando estava longe. Numa dada ocasião, quando se perdeu, os homens foram resgatá-lo, como se intuíssem que estava em apuros. De outra vez, quando ele pegou uma ponta de flecha no caminho e a levou de volta, dois homens da

tribo foram perguntar-lhe se podiam examiná-la.[6] Ouvi histórias parecidas ocorridas na Índia. É provável que tais habilidades tenham sido melhor desenvolvidas nas sociedades tradicionais do que no moderno mundo industrial.

Elas parecem ser amplamente reconhecidas até mesmo em algumas partes da Europa. A "segunda visão" dos celtas habitantes das regiões montanhosas da Escócia incluía "visões da 'chegada' de pessoas que se encontram longe no momento mas que, mais tarde, realmente chegam".[7] Na Noruega, existe até mesmo um nome especial para o fenômeno, *vardøger*, que quer dizer, literalmente, "alma que avisa". Tipicamente, alguém da casa ouve uma pessoa chegar a pé ou de carro, entrar e pendurar o casaco. Só que não há ninguém lá. Dez a 30 minutos depois, barulhos parecidos são ouvidos outra vez, mas desta vez a pessoa realmente chega. "As pessoas se acostumam. As donas de casa colocam a chaleira no fogo quando a *vardøger* chega, sabendo que o marido logo estará em casa."

Felizmente esse fenômeno foi estudado pelo professor Georg Hygen, de Oslo, que investigou dúzias de casos recentes. Ele concluiu que o fenômeno é mais telepático do que precognitivo: em outras palavras, a *vardøger* não é um pré-eco do que acontecerá no futuro e sim algo relacionado às intenções da pessoa. Para princípio de conversa, os sons não são sempre idênticos àqueles ouvidos de antemão. É possível ouvirem uma pessoa subir até o quarto quando na verdade esta pessoa dirige-se à cozinha assim que chega.[8] Além do mais, o fenômeno das *vardøgers* pode ocorrer mesmo que a pessoa não chegue, tendo ela mudado de idéia.

Um exemplo diz respeito a um homem que combinara de encontrar a mulher numa loja. Ele decidiu depois ir buscá-la no escritório mas não pôde fazê-lo porque se atrasou, então ele foi esperá-la na loja conforme o plano original. Ela não apareceu;

depois de esperar uma hora, ele voltou para casa. Quando ela própria chegou em casa, reclamou que ele não fora pegá-la no escritório. Ela havia ouvido sua *vardøger* e devido a experiências anteriores aprendera a confiar nela de tal forma que ficou esperando no escritório durante uma hora, até que desistiu.

No mundo de fala inglesa, não há palavra equivalente para *vardøger*. Não obstante, algumas pessoas notam e comentam, espontaneamente, o pressentimento de chegadas, muito embora ninguém tenha mencionado os efeitos sonoros típicos da Escandinávia. Desses relatos, a maioria diz respeito a pais e filhos e o restante a maridos e mulheres.

Em alguns casos, as crianças também parecem prever a chegada dos pais. Eis aqui alguns exemplos de um bebê que fez isto:

> Até meu filho fazer oito meses, eu sempre sabia quando o pai dele estava a caminho de casa. Entre sete e oito minutos antes de sua chegada, meu bebê ficava muito ativo e depois parecia esperar alguma coisa. Na época, morávamos numa base aérea em atividade e não acho que ele pudesse ouvir alguma coisa, além do fato de que meu marido usava uma bicicleta em algumas ocasiões. Ele costumava chegar em casa inesperadamente, a qualquer hora do dia ou da noite, pois estava acostumado a pousar rapidamente. (Belinda Price)

Outros pais contaram que, quando saem à noite e deixam seu bebê com a babá, é freqüente a criança acordar um pouco antes de chegarem em casa. E quando as crianças são grandes o suficiente para falar, algumas chegam a anunciar a chegada de seus pais. Isso aconteceu quando Sheila Michaels tomava conta de um garoto de três anos, em Nova York, enquanto a mãe estava hospitalizada.

> Eu esperava que sua mãe recebesse alta só dali a um dia. Eu estava lendo sua história favorita quando ele foi até a porta dizendo, calmamente, "Mamãe, Mamãe", de uma maneira que me entristeceu profundamente. Tentei fazer com que ele voltasse para ler o livro comigo mas não arredou pé, repetindo "Mamãe, Mamãe", sem parar. Eu disse a ele que ela voltaria no dia seguinte e que o pai dele chegaria dentro de algumas horas. Ele permaneceu imóvel. Então a mãe entrou em casa.

Eu nunca ouvi falar de pais que pressentem o retorno de seus filhos e sim de mães. Eis aqui um exemplo dramático da Segunda Guerra Mundial.

> Durante a guerra, meu irmão Jack serviu na Marinha Real e quando estava na ativa não lhe permitiam escrever para casa. Certa noite — quando Jack já estava longe há mais de dois anos — minha mãe se colocou de pé de repente e disse: "Eu preciso arrumar a cama de Jack, ele chega esta noite." "O que faz a senhora pensar isso?", todos nós perguntamos, rindo dela. "Eu apenas SEI que ele vai chegar." Assim, ela subiu para fazer a cama. Mais tarde, naquela mesma noite, Jack chegou! (Sra. C. W. Lawrence)

A maioria das antecipações é de natureza mais mundana. Bonnie Hardy, que vive em Victoria, na Colúmbia Britânica, mãe de rapazes adolescentes, descobriu que esse fenômeno a fazia passar as noites em claro. Quando seus filhos mais velhos chegavam muito tarde nos fins de semana, por mais que se esforçassem para fazer o máximo de silêncio possível, ela se via incomodada mesmo assim. "Nada funcionava e então eu me dei conta de que não era apenas o deslocamento dos rapazes pela casa que incomodava meu sono, mas o fato de eu acordar quando eles entra-

vam no carro para voltar para casa." Primeiro ela acordava, depois os ouvia chegar.

De forma parecida, algumas mulheres descobrem que acordam antes de os maridos chegarem em casa. Cindy Armitage Dannaker, moradora da Pensilvânia, é uma dessas mulheres.

> Acontece com tanta freqüência que eu simplesmente digo a mim mesma: "Ele está a caminho", e espero. Normalmente, dali a cinco minutos, ouço o jipe de meu marido chegar. A sensação que tenho é de que ele pensou em mim, ou algo assim, e capto isso enquanto durmo. Eu só sei que, sem motivo aparente, acordo e sinto que ele está para chegar.

Algumas vezes, essa antecipação ocorre com muita antecedência, em especial quando as pessoas estão separadas por um longo período. Algumas vezes, as pessoas reagem a essas sensações de forma apropriada, indo esperar um trem ou avião em especial.[9] Eis aqui um relato especialmente surpreendente:

> Trabalhei para a ONU durante 14 anos e nesse tempo, precisei viajar muito. Apenas em uma ocasião precisei voltar para Genebra por motivo de doença, nos anos 70, quando estava em Abidjan. Não avisei à minha esposa que estaria chegando, pois não queria que ela se preocupasse, além do fato de ela estar em férias com nossos quatro filhos na Áustria. No entanto, quando cheguei a Genebra, ela me aguardava no aeroporto. Segundo me contou, ela havia tido uma sensação esmagadora de que precisava ir ao encontro daquele vôo em especial e assim empacotou a família toda e voltou para casa. (O.S. Knowles)[10]

Se tais casos de pressentimento por parte de seres humanos forem analisados isoladamente, parecem anomalias dispersas. Mas, no contexto de comportamento antecipatório de uma

grande variedade de espécies animais, encaixam-se num padrão maior. A capacidade de antecipar chegadas parece ser um aspecto importante da história natural da telepatia. O fato de essas previsões poderem ocorrer com bebês e enquanto as pessoas estão dormindo demonstra que não dependem de faculdades mentais mais elevadas. Funcionam em um nível mais fundamental, e encontram sua raiz na nossa longa herança biológica e evolucionária.

PARTE III

A empatia animal

5

Animais que consolam e curam

A empatia

A palavra *empatia* quer dizer "compreensão ou sofrimento solidário".[1] Conforme já vimos, contém a raiz grega *pathe*, sentimento ou sofrimento, como nas palavras simpatia e telepatia. Não estou sugerindo, no entanto, que a empatia e a telepatia estejam, necessariamente, ligadas. Não há dúvida de que as pessoas captam os sentimentos das outras através da linguagem corporal e de outra informação sensorial e que os animais são sensíveis às pessoas da mesma forma. O que nos interessa, aqui, não é tanto a forma pela qual os sentimentos são transmitidos e sim o fato de que os animais reagem a eles com tanta solidariedade.

A ajuda mútua é um aspecto essencial da vida social de muitas espécies animais. Até mesmo aqueles que acreditam que o comportamento animal como um todo é moldado por "genes egoístas"[2] reconhecem a importância do comportamento altruísta nos formigueiros, no cuidado dos pais com seus filhotes pássaros e mamíferos, e em grupos sociais de todos os tipos.[3] Por exemplo, quando o integrante de um rebanho ou bando dá um

sinal de alarme, alertando os outros membros com relação a algum perigo, ele pode estar se arriscando, chamando a atenção do predador para si próprio.[4]

Os teóricos do gene egoísta reconhecem a realidade do altruísmo em grupos sociais formados por animais mas o explicam em termos de genes egoístas, que trabalham em prol de sua própria sobrevivência e reprodução. Individualmente, um animal pode sacrificar a vida pelo bem geral dos genes que compartilha com seus filhotes e parentes geneticamente próximos.

O altruísmo entre animais domésticos e seres humanos não pode ser explicado em termos de genes egoístas de nenhuma forma muito objetiva. Uma pessoa que ajuda um animal doente, que cuida dele e que paga as contas do veterinário, está se comportando altruisticamente, mas não devido aos genes egoístas compartilhados entre animal e pessoa. Os animais domésticos e as pessoas possuem genes extremamente diferentes; pertencem a espécies diferentes. E da mesma forma que as pessoas ajudam os animais domésticos, os animais ajudam as pessoas, pelo menos através de uma ligação emocional.[5] As pessoas formam os laços mais estreitos com as espécies que demonstram a maior empatia com relação a elas: acima de tudo com cachorros, gatos e cavalos.

Ter animais domésticos pode nos ajudar a ficarmos bem

Nossa própria gata chamava-se Remedy [remédio] pois minha esposa Jill logo descobriu que ela era exatamente isso. Sua presença carinhosa e ronronante era, de fato, um remédio. Ela parecia sentir quando era muito necessária e sentava-se, ou deitava-se, no meu colo ou no de Jill, colocando sua magia curativa para funcionar.

No meu banco de dados, há mais de 200 histórias sobre animais que consolam e curam. A maioria delas é sobre gatos e cachorros que ficam próximos a pessoas que estão doentes ou tristes, como se para confortá-las. Na realidade, não há nada de "como se" no fato. Eles *realmente* confortam as pessoas e até mesmo ajudam a curá-las. Vários projetos de pesquisa científica quantificaram seus efeitos benéficos.

Em um estudo americano, pessoas idosas que adotaram gatos foram comparadas a um grupo similar de idosos que não adotaram gatos. Entrevistas e testes subseqüentes, realizados com regularidade, demonstraram que no período de um ano havia diferenças marcantes entre os dois grupos. Conforme medição de testes psicológicos padrão, os proprietários de gatos sentiam-se melhor enquanto os não-proprietários sentiam-se pior. E embora a princípio não houvesse muita diferença entre proprietários e não-proprietários, um ano depois aqueles que tinham um gato sentiam-se menos sozinhos, menos ansiosos e menos deprimidos. Os gatos também tiveram um efeito favorável na redução da pressão arterial de hipertensos e na redução da necessidade de medicação.[6]

É claro que os benefícios conferidos pelos gatos não ocorreram apenas devido à sua presença na casa; dependem da ligação desenvolvida entre a pessoa e o gato. Gatos de estimação proporcionaram divertimento, companhia e carinho e ajudaram as pessoas a pararem de pensar em seus problemas e doenças. Quanto mais forte o elo, maiores os efeitos positivos.[7]

Da mesma forma, relacionamentos com cachorros podem reduzir a pressão arterial e conceder outros benefícios fisiológicos.[8] Tais benefícios também podem ser sentidos pelos próprios cachorros, pois seu batimento cardíaco diminui quando estão sendo acariciados.[9]

Em estudo realizado por Erika Friedmann e seus colegas da Universidade da Pensilvânia, donos de animais de estimação que foram hospitalizados com problemas cardíacos mostraram um ano mais tarde uma taxa de sobrevivência maior do que o grupo de controle composto por não-proprietários de animais de estimação.[10] A presença de um animal de estimação numa casa foi um previsor de sobrevivência mais forte do que o apoio do cônjuge ou de uma família numerosa.

Os animais também podem ajudar pessoas desoladas devido a alguma perda. Diversos estudos com pessoas que perderam um cônjuge recentemente demonstram que aqueles que tinham animais de estimação estavam menos propensos ao desespero e à sensação de isolamento. Sua saúde também era melhor e precisavam tomar menos medicamentos.[11]

Mas não são apenas os doentes, os idosos, aqueles que sofreram perdas e as pessoas vulneráveis que se beneficiam de ter um animal de estimação. Esses efeitos são bastante gerais, tanto para adultos quanto para crianças.[12] Os cachorros, em particular, ajudam as pessoas a fazerem amigos. Uma pesquisa feita por James Serpell, da Universidade de Cambridge, demonstrou que a maioria das pessoas que adquiriram um cachorro recentemente desenvolveu maior segurança e auto-estima. Sua saúde geral melhorou, em parte devido ao aumento de exercício ao levarem o cachorro para passear. Também passaram a sofrer menos de males como dores de cabeça, resfriados e gripes.[13]

Animais de estimação ajudam as crianças a desenvolverem um melhor senso de interdependência ou de envolvimento com os outros. Os animais não só lhes proporcionam aceitação, companhia e divertimento como também auxiliam no desenvolvimento de habilidades sociais e de um senso de responsabilidade, por terem de cuidar dos animais e responder às suas neces-

sidades.[14] E há indícios de que os membros de famílias que adquirem animais domésticos tendem a discutir menos, a sentirem-se mais próximos uns dos outros e a passarem mais tempo brincando juntos.[15]

Embora a maioria dos estudos tenha reforçado a mensagem de que os animais nos fazem bem, este nem sempre é o caso.[16] Animais de estimação não têm poderes mágicos: são bons, ruins ou indiferentes, assim como as pessoas. Algumas pessoas adquirem um animal justamente porque esperam algum bem dele e o imenso peso da expectativa pode fazer com que o bichinho seja abandonado sem a menor cerimônia ou morto por desenvolver problemas de comportamento, ou por não conseguir fazer com que seu dono sinta-se melhor.

Da mesma forma que são criados como animais de estimação, muitos cachorros ajudam as pessoas de forma muito prática, incluindo os cães pastores e outros cães de trabalho e também aqueles que prestam serviços com um papel vital nas vidas de milhares de pessoas. Os mais conhecidos são os cães guia para os cegos, mas há também os cães de escuta para os surdos, cães que assistem aos deficientes físicos e os que alertam os epiléticos de uma crise iminente.

Há também muitos programas — mais de dois mil só nos Estados Unidos — através dos quais os animais visitam as pessoas em hospitais, abrigos para doentes e desamparados e asilos para idosos. Esses animais normalmente pertencem a voluntários e costumam ser chamados [em inglês] de animais PAT ("pet as therapy" — animais como terapia). São úteis para as crianças, especialmente as portadoras de doenças crônicas, muitas das quais aguardam, ansiosamente, seus visitantes animais.[17] Eles também são muito populares junto aos idosos e às pessoas internadas em abrigos, onde podem exercer um efeito relaxante

tanto nos pacientes quanto na equipe, tornando o ambiente mais leve, proporcionando afeto e contato físico e facilitando os contatos sociais.[18]

Algumas prisões permitem que os animais visitem seus donos presos ou dão auxílio para que os próprios presos os criem e, assim, constatou-se uma redução na taxa de violência, no número de suicídios e no consumo de drogas, além de uma melhora nos relacionamentos entre presos e funcionários.[19]

Como podem os animais ser tão benéficos para os seres humanos? Tentativas de classificar sua influência incluem palavras tais como "empatia", "aceitação", "companheirismo", "segurança emocional" e "carinho". Estas são as mesmas palavras usadas para os efeitos curativos de outras pessoas. O segredo desse poder curativo é o mesmo, quer ele venha de pessoas ou dos animais: o amor incondicional.

Amar incondicionalmente parece ser uma tarefa mais fácil para cães e gatos do que para grande parte dos seres humanos. O comportamento carinhoso dos animais de estimação é, ao mesmo tempo, a causa e o efeito dos laços que formam com as pessoas. Esse comportamento se manifesta de maneira mais notável quando seus donos estão precisando de carinho.

Gatos que consolam

Uma das características mais constantes dos relatos sobre o comportamento consolador e curativo dos animais de estimação é o fato de reagirem às necessidades das pessoas. Eles não se comportam de maneira genericamente afetuosa. Por exemplo:

> Minha Kitty sempre parecia saber quando eu precisava ser consolada. Certa noite, fui me deitar após um dia muito estressante, com todas as preocupações do mundo pesando

sobre os meus ombros. Kitty saltou em cima de mim, foi subindo pelo meu peito, miou e repousou a pata gentilmente sobre meu rosto. Ela parecia estar dizendo: "Está tudo bem, Mamãe, eu amo você." Então, ela se aninhou debaixo do meu queixo. Foi o melhor remédio que eu poderia ter tomado. (Jahala Johnson, Antioch, Tennessee, EUA)

A sensibilidade dos gatos é especialmente admirável por serem animais que normalmente dão enorme valor à sua independência.

Durante 15 anos, Baerli, um gato macho ruivo, foi meu leal companheiro, a alegria de minha vida. Era um gato lindíssimo, que amava sua liberdade. No entanto, quando eu não me sentia bem ou estava triste, ele jamais se afastava de mim. Sentava-se em meu colo, ronronando e pressionando o corpo de encontro ao meu. Quando eu estava bem outra vez, ele partia, como de costume, especialmente à noite. (Gertrude Bositschnick, Leoben, Áustria)

Quando há mais de um gato em uma casa, eles às vezes se revezam. Karen Richards, de Stourbridge, no condado de West Midlands, mora com cinco gatos e quando esteve muito mal, durante vários meses, sem poder ir trabalhar, um dos gatos ficava por perto enquanto os outros passeavam à vontade. "Os gatos faziam rodízio para sair, assim nunca me deixavam completamente só."

Muitas pessoas relataram que seus gatos as consolaram quando choravam a morte de uma pessoa muito querida. Por exemplo: "Os dois gatos ficaram colados a mim como se não quisessem que eu ficasse sozinha com minha dor e isso durou exatamente o tempo que eu fiquei de luto. Depois disso, os gatos tornaram-se mais distantes outra vez." (Murielle Cahen, Paris)

Muita gente comentou que seus gatos comportam-se de maneira extraordinariamente atenciosa quando elas estão doentes. Uma característica comum dos relatos de comportamento atencioso e consolador dos gatos é que este tem início quando é necessário e dura o tempo que for preciso. Quando a pessoa já está mais alegre, mais calma ou melhor de saúde, o gato volta ao seu comportamento habitual, mais independente.

Cães dedicados

Muitos cachorros, assim como muitos gatos, parecem sentir quando seus donos precisam de consolo. Por exemplo, Jeanette Hamilton, de Redwood City, na Califórnia, acha que seu poodle, Marcus, é extremamente sensível aos seus sentimentos. "Quando eu choro (baixinho), ele vem até mim e lambe minhas lágrimas. Ele entra em sintonia com o que estou sentindo, quer esteja aos meus pés ou em outro cômodo, acordado ou adormecido."

Dos mais de 120 relatos sobre esse tipo de comportamento por parte dos cachorros, há muitos comentários deste tipo: "Meu cachorro sabe exatamente quando não estou me sentindo bem ou quando estou triste." "Quando estou triste, ela não me deixa e coloca a cabeça sobre o meu joelho." Um dos mais simples, porém mais eloqüentes, foi feito por Sue Norris, de St. Helens, Lancashire: "Sou autista e tenho uma cachorra, Nickita, que sabe como sou. Ela me consola antes de eu lhe dizer qualquer coisa. Algumas vezes, eu tenho um dia ruim. Ela fica comigo, onde eu estiver."

Muitos cachorros também parecem saber quando a pessoa favorita está doente e se comportam com enorme consideração, ficando perto dela e se comportando de maneira realmente reconfortante. Rosemarie von der Heyde, de Achern, na Alemanha, tem um dachshund que normalmente a recebe em casa com

enorme entusiasmo. "Mas certa vez, eu havia machucado o calcanhar e ele reagiu de forma completamente diferente. Ficou parado, completamente imóvel, e olhou para mim. Aproximou-se de mim, lentamente, e estendeu a pata. Deitei-me no sofá e, ao contrário do que costuma fazer, ele não pulou em mim. Deitou-se ao meu lado, silenciosamente, como se quisesse me consolar."

Algumas vezes, os cachorros parecem saber qual parte do corpo da pessoa está dolorida e a consola quando necessário. John Northwood, de Poole, em Dorset, é um policial aposentado que acha que os cachorros não devem deitar-se na cama com os donos. Ele costuma levar o collie de sua filha para passear e em uma ocasião, quando foi visitar a filha, sentiu dores na coluna e precisou se deitar.

> Assim que minha cabeça tocou o travesseiro, a porta do quarto se abriu e lá veio Ben. Ele pulou sobre a cama e se esticou sobre as minhas costas. Eu estava me sentindo mal demais para reclamar, mas a sensação dele deitado sobre as minhas costas foi muito boa. Ele deve ter sentido que eu não estava bem e que precisava de calor.

Algumas pessoas que sofrem de enxaqueca têm cachorros que vêm se deitar com elas quando estão com dor. Frau R. Huber, de Horgen, na Suíça, descobriu que Nero, seu cachorro, sabia também de que lado da cabeça era a enxaqueca. "Se fosse do lado direito, ele lambia meu olho direito e o lado direito da minha testa, nervosa e vigorosamente, ganindo baixinho. Se a dor fosse do lado esquerdo, ele fazia o mesmo do outro lado. Funcionava como uma massagem."

Animais que impedem suicídios

Como já vimos, tanto os cães quanto os gatos podem ser muito sensíveis aos humores e às emoções de seus donos. Em alguns

casos, suas reações vão além do consolo; podem, literalmente, salvar a vida da pessoa.

No meio de um estressante problema conjugal, uma mulher da Irlanda do Norte decidiu pôr fim à sua vida. Deixando o cachorro e os gatos "adormecidos, satisfeitos, embolados uns nos outros na frente da lareira", ela foi até a cozinha pegar água e tabletes de paracetamol. De repente, seu amado springer spaniel, William, deu um salto, correu à sua frente e, pela primeira vez em seus 15 anos de vida, "mostrou os dentes para mim, rosnando! Seu queixo estava completamente contraído, de forma que ficou completamente irreconhecível", conta ela. "Horrorizada, coloquei a tampa de volta no vidro, voltei para a sala e sentei-me no sofá. William veio correndo, pulou em cima de mim e começou a lamber meu rosto, freneticamente, agitando o corpo inteiro."

Em alguns casos, os cachorros impediram suicídios alertando outras pessoas. Uma pastora alemã chamada Rexina foi trancada em casa, certa vez, pelo dono enquanto ele ia até um galpão no jardim. A cachorra ficou esperando à porta, mas após algum tempo ela uivou e saiu correndo à procura dos outros membros da família.

> Ela estava muito agitada e notamos que nosso pai havia saído já há bastante tempo. Nós a soltamos e fomos procurá-lo. Quando o encontramos, ele disse: "Graças a Deus que vocês vieram!". Mais tarde, admitiu que tivera a intenção de suicidar-se. Rexina sentiu sua intenção e, se não fosse ela, teria sido tarde demais. (Dagmar Schneider)

Também os gatos já impediram que as pessoas se matassem, como no caso de uma gata suíça chamada Pamponette.

> Eu estava me sentindo muito para baixo e queria me matar. Minha gata deve ter sentido o estado no qual eu me

encontrava. Naquele dia, ela não saiu do meu lado um só instante. Ela, que normalmente não miava, passou o dia inteiro miando e esfregando a cabeça em mim cada vez que se sentava. À tarde, Pamponette costumava ir dormir com as outras quatro gatas, mas dessa vez não me deixou e, à noite, dormiu perto do meu travesseiro, onde ela não gosta de ficar normalmente. (P. Broccard)

Seu comportamento foi igual ao dos gatos que consolam seus donos que estão doentes ou tristes, mas nesse caso havia muito mais em jogo.

Animais como terapeutas

Os antigos gregos acreditavam que os cães eram capazes de curar doenças e os criavam como terapeutas auxiliares em seus templos de cura. Asklepios, principal divindade curativa, estendia seus poderes a cães sagrados.[20] Embora eles não tenham tal papel na medicina moderna, na prática encontraram outra vez o seu papel curativo nos programas PAT administrados por voluntários.[21]

Alguns dos efeitos das "visitas" dos animais a pessoas doentes ou idosas são genéricos: eles tornam o ambiente reconfortante e alegre e "tiram as pessoas de si". Mas, algumas vezes, esses animais mostram uma notável sensibilidade às necessidades e à doença de certas pessoas. Por exemplo, Chad, um golden retriever, vai quase todos os dias com a dona, Ruth Beale, visitar um abrigo em Birmingham, na Inglaterra.

Ele parece saber exatamente quais pacientes estão em pior estado, em comparação aos outros com os quais ele age como um verdadeiro palhaço. Ele fica ali, quietinho, com a cabeça no colo deles, ou na cama, ou fica de pé, ao seu lado. Houve uma senhora em especial de quem ele se tornou

muito próximo e, um dia, recebemos um telefonema às 22h dizendo que ela estava morrendo e que queria Chad ao seu lado. Ele ficou ao lado dela durante três horas, enquanto ela morria, com a cabeça repousando sobre a cama.

Chad ganhou o prêmio PAT de Cachorro do Ano em 1997 por seu trabalho nos abrigos.

Deena Metzger criava um lobo chamado Timber quando trabalhava como orientadora psicológica e morava no campo, perto de Santa Mônica, na Califórnia. Ele também demonstrava notável sensibilidade. "Eu o observava distinguir dentre as necessidades dos meus pacientes e ir até eles, colocar a cabeça silenciosamente sobre seus colos quando sentiam uma dor profunda demais para ser consolada por um ser humano. A intuição dele era infalível."[22] Outros orientadores psicológicos e terapeutas também já descobriram que seus cachorros ou gatos podem ser muito perceptivos com relação às necessidades dos pacientes de seus donos, podendo, até mesmo, agir como terapeutas assistentes. O próprio Sigmund Freud era assistido por sua cachorra, uma chow, que não era um mero ornamento e sim parte integrante do processo, "a cura pela carícia", como ele chamava. Ela "ficava sentada, em silêncio, ao pé do sofá, durante o horário analítico". Mas ao final da sessão, ela ajudava a Freud mais do que aos pacientes "mexendo-se de maneira infalível" para mostrar que a consulta havia chegado ao fim.[23]

Os cavalos têm efeito terapêutico notável em pessoas com problemas mentais ou físicos, incluindo portadores da síndrome de Down. Há muitos anos existem programas de montaria para deficientes na Grã-Bretanha e em outros países, permitindo-lhes adquirir mais confiança e uma sensação de liberdade. Além dos benefícios psicológicos, essas pessoas também podem melhorar o equilíbrio e a coordenação motora.[24]

Em Calistoga, na Califórnia, Adele e Deborah McCormick, time composto por mãe e filha, trabalham como terapeutas com portadores de doenças mentais graves, pessoas de comportamento criminoso e viciados em drogas. Mas seu trabalho como fisioterapeutas tomou uma nova dimensão quando recrutaram os cavalos que criavam em seu rancho para ajudarem no processo de cura.[25]

> O tamanho, a força e a presença física do cavalo tornam as pessoas mais atentas, literalmente fazendo-as cair em si... A terapia eqüina serve para qualquer um que esteja se sentindo para baixo, desmoralizado, assustado, preocupado ou perdido. É para aqueles que estão procurando uma forma alternativa de curar uma doença física ou aqueles que se perguntam como lidar com as pressões de cada novo dia.

Muitas pessoas montam simplesmente porque gostam e estão recebendo muitos desses benefícios sem nem mesmo pensar no cavalo como terapeuta.

Animais como orientadores psicológicos

É freqüente as pessoas conversarem com seus animais e algumas se abrem com eles regularmente. Isso pode ser de grande ajuda. É como se o animal servisse de orientador psicológico. Uma mulher me escreveu dizendo o seguinte sobre o seu cão, um bouvier bernesiano:

> Quando eu estava triste, ele chegou e me cutucou como se quisesse dizer: "Não esqueça que estou aqui!". Quando ele se deitou e eu lhe contei as minhas inquietações, ele me olhou com grandes olhos plenos de compreensão e, de

repente, colocou a pata em minha mão. Desde então, ele vem fazendo isso com regularidade.

A Dra. Mary Stewart, da Escola de Veterinária da Universidade de Glasgow, é uma das principais pesquisadoras das interações entre seres humanos e animais e, também, orientadora psicológica de vasta experiência. Sua familiaridade com ambas as áreas permitiu-lhe comparar animais domésticos, especialmente cachorros, com orientadores psicológicos.

A maioria concorda que as características importantes de um bom orientador psicológico são ser "autêntico, sincero, mostrar empatia, não formar juízos, saber ouvir, não falar muito e garantir completo sigilo". Mary Stewart salienta que essas são as mesmas características às quais os donos de cachorros e de outros animais de estimação dão tanto valor. É como se esses animais de companhia estivessem proporcionando, silenciosamente, um tipo de serviço de apoio psicológico aos seus donos sem que ninguém se dê conta. Ela sugere que um dos motivos pelos quais os cachorros e outros animais aumentam a auto-estima de seus donos e encorajam a sensação de bem-estar é o fato de encarnarem "as condições essenciais de congruência, empatia e respeito incondicional, condições necessárias para qualquer orientador psicológico que se empenhe em proporcionar 'um ambiente de crescimento' no qual o paciente possa entrar em contato com recursos interiores para o seu desenvolvimento".[26]

É lógico que existem diferenças importantes. O próprio fato de os animais viverem tanto no presente e serem incapazes de falar significa que não podem ajudar a explorar o passado ou a analisar relacionamentos íntimos e padrões autodestrutivos que se repetem. É aqui que os bons terapeutas humanos são insubstituíveis. Mas, além das limitações óbvias, os animais têm as suas vantagens. Seres humanos, como outros primatas, acham o

contato físico reconfortante. Especialmente quando jovens, precisam ser tocados e abraçados com todo o carinho para sentirem-se seguros. Os animais podem nos reconfortar através do toque e nós podemos acariciá-los e aninhá-los, mas os orientadores psicológicos precisam ter cuidado em oferecer esse tipo de consolo para evitar possíveis acusações de abuso.[27]

Talvez a maior vantagem dos animais seja a sua capacidade de amar. Para clientes com baixa auto-estima, é difícil aceitar que um humano possa ter muito respeito por eles e, assim, sentir que um psicólogo realmente os aceita em vez de apenas aparentar fazê-lo. Alguns temem que, se revelarem tudo, deixarão de ser aceitos. Por outro lado, podem acreditar facilmente que seus animais os amam incondicionalmente. E, como Jeffrey Mason demonstra tão nitidamente em seu livro com o mesmo título, "os cães nunca mentem sobre o amor".[28]

Cães fiéis após a morte

A dedicação de alguns animais continua depois da morte da pessoa favorita. Algumas vezes essa dedicação é tão notável que eles acabam ficando não apenas famosos e assumindo um lugar na mitologia popular, mesmo que inadvertidamente, como também têm monumentos construídos em sua honra. Existe um próximo às águas solitárias da represa de Derwent, em Derbyshire, erigido a pedido da população, com os seguintes dizeres:

EM HOMENAGEM À DEDICAÇÃO DE TIP, O CÃO PASTOR
QUE FICOU AO LADO DO CORPO DE SEU DONO,
SR. JOSEPH TAGG, NA CHARNECA DE HOWDEN DURANTE
QUINZE SEMANAS, DE 12 DE DEZEMBRO DE 1953
A 27 DE MARÇO DE 1954

O dono de Tip era um guarda-caça aposentado de 81 anos, encontrado morto numa charneca 15 semanas após ter partido de casa, em Bamford, na companhia de Tip, para dar uma passeio pelas colinas. Equipes de busca não os descobriram porque a neve cobrira as colinas e há muito haviam sido dados por mortos. Três meses e meio depois, um casal de pastores encontrou o corpo de Joseph Tagg com Tip ao seu lado, em condições lamentáveis porém viva. Ela logo se tornou uma heroína nacional e passou seu último ano de vida em alto luxo na casa da sobrinha de seu dono, que precisou proteger a cadela das hordas de admiradores que vinham visitá-la. Uma enorme multidão se reuniu para a inauguração de seu memorial e os peregrinos ainda visitam seu santuário.[29]

Fama parecida obteve o terrier pertencente a um jovem chamado Charles Gough, que morreu numa parte remota do Distrito dos Lagos em 1805. Seus restos mortais foram encontrados meses depois por um pastor, atraído até o local por um cão esquelético que ainda rondava o corpo. Sir Edwin Landseer imortalizou a cena num quadro e vários poetas e artistas contribuíram com suas próprias homenagens.[30] O maior deles, William Wordsworth, celebrou o cachorro em seu poema "Fidelity" [Fidelidade], que termina com os seguintes versos:

> Sim, ficaram claros os indícios, desde o dia
> Em que o malfadado Viajante pereceu,
> O Cão o local vigiou,
> Ao lado de seu dono:
> Como se alimentou por tanto tempo
> Só ele sabe, ele que tão sublimemente amou;
> Ele de sentimentos fortes, grandiosos,
> Acima de qualquer estimativa humana!

Inúmeros outros cães jamais atingem tal fama e, no entanto, demonstram profunda dedicação a seus donos após a morte.

Muitas vezes ficam transtornados pela dor e passam por algo que só pode ser descrito como um período de luto. Alguns perdem completamente a vontade de viver. Por exemplo: "Imediatamente após a morte, o cachorro recusou qualquer alimento e morreu, ele próprio, duas semanas depois." Alguns cães, consternados, parecem cometer suicídio, pulando de janelas ou atirando-se debaixo de caminhões.

Outros, de alguma maneira, encontram os túmulos de seus donos e permanecem ali, como fez Greyfriars Bobby, o famoso cão fiel de Edimburgo. Outros os visitam com freqüência mas voltam para casa, se tiverem uma casa para onde voltar:

> Meu marido teve um derrame muito sério em 1988 e morreu no hospital após ficar internado por duas semanas. Após seu enterro, num adro próximo à nossa casa, Joe, o cachorro, desaparecia de casa durante horas e descobrimos que ele ia sentar-se ao lado do túmulo de meu marido. Como foi que ele soube quando meu marido havia morrido e onde havia sido enterrado? (Molly Parfett, Wadebridge, Cornualha)

Histórias como essas, de duradoura dedicação, ilustram como pode ser forte a ligação entre os cães e seus donos e reforçam sua antiqüíssima reputação de lealdade.

6

Mortes e acidentes a distância

Se existem elos invisíveis entre animais e seus donos, que permitem que reajam às necessidades uns dos outros, permitindo, também, que alguns animais de estimação saibam telepaticamente quando seus donos estão a caminho de casa, seria surpreendente se esses laços não fossem afetados pelo sofrimento ou pela morte do dono.

Os efeitos da morte e do sofrimento não são temas que se prestem à experimentação. É claro que não se pode pedir a alguém que sofra um acidente pelo bem da ciência, ou que morra num horário selecionado aleatoriamente para que as reações de seus animais de estimação possam ser observadas. Os indícios surgem, exclusivamente, de casos espontâneos.

Em nosso banco de dados, há 108 relatos sobre cães que, aparentemente, reagiram a distância a acidentes ou à morte de seus companheiros humanos, 51 relatos de gatos que fizeram o mesmo e 10 de seres humanos que souberam a distância que seus animais de estimação estavam sofrendo ou morrendo. O que podemos aprender com esses casos?

Cães e acidentes a distância

Algumas vezes, os cachorros exibem sinais inconfundíveis de sofrimento para os quais nenhum motivo imediato pode ser encontrado. Mais tarde, descobre-se que seu dono corria perigo naquele exato momento ou que havia sofrido um acidente:

> Certo dia, nossa cadela começou a agir como se estivesse louca: atirou-se de encontro à porta e queria sair. Nós a trancamos dentro de casa. Ela continuou a uivar, a arranhar, estava fora de si. De repente, meu marido chegou em casa. Estava machucado porque havia se metido numa briga num bar. A cachorra sabia. Não sabemos como. (Hilde Albrecht, Limbach, Alemanha)

Em casos como esse, certamente não é concebível que o cachorro pudesse saber da experiência de seu dono através da visão, do faro ou da audição. Não obstante, os céticos poderão argumentar que o bar devia ficar próximo o bastante para os sentidos normais terem captado alguma pista. Mas, com freqüência, os acidentes ocorrem a muitos quilômetros de casa, além dos limites de todos os sentidos conhecidos.

Numa noite de verão, em 1991, um jovem soldado inglês deixou sua casa em Liverpool para voltar para o quartel, no sul da Inglaterra. Mais tarde, naquela mesma noite, a cachorra da família, Tara, começou a ganir e a tremer violentamente. Os pais do rapaz acharam que ela devia estar doente, deram-lhe paracetamol e tentaram consolá-la. Mas ela não se acalmou por mais de uma hora. Ficou de prontidão, inquieta, até o telefone tocar:

> Telefonaram de um hospital em Birmingham para dizer que David havia caído do trem na região de Tamworth (a 130 quilômetros de distância). Seus ferimentos, embora

graves, não eram sérios e deixaram que ele falasse conosco. Tara mostrou-se encantada durante a conversa telefônica, depois deitou-se e dormiu. Mais tarde soubemos que ela ficou transtornada no momento em que ele caiu do trem e se acalmou quando ele estava no hospital sendo examinado e aliviado. (Margaret Sweeney)

Há no banco de dados 11 casos de cães que reagiram de maneira parecida em emergências ocorridas a distância, mostrando sinais de sofrimento ou de agitação. Além dos dois exemplos acima, cinco envolveram acidentes de carro ou de moto; um caiaque virado; um incêndio; um ataque cardíaco; e um ocorreu quando uma mulher dava à luz numa maternidade a 25 quilômetros de distância.

Extraordinariamente, enquanto escrevia este capítulo, eu mesmo pude observar as reações de um cachorro coincidindo com um acidente distante. Durante as férias, em fevereiro de 1998, tomávamos conta de um labrador amarelo chamado Ruggles, que pertencia a uns amigos e vizinhos, a família Beyer. O filho deles, Timothy, integrava uma excursão de esqui organizada pela escola nos Alpes italianos; seus pais foram em férias para a Espanha. Ruggles acomodou-se bem e passava grande parte do tempo na nossa sala de estar. Mas certa manhã, quando voltou de seu passeio às 11h30, ele não queria sair do vestíbulo. Nós fizemos de tudo. Ele ficou ao lado da porta da frente até o levarmos para passear outra vez, às 15h. Seu comportamento foi tão surpreendente e fora do comum que eu pensei que os pais de Timothy haviam decidido voltar mais cedo. Fiquei esperando um telefonema deles dizendo que acabavam de chegar.

Realmente recebemos um telefonema naquela tarde, mas não era dos pais de Timothy. Era da Itália, dizendo que Timothy caíra do teleférico naquela manhã e que havia quebrado a perna; foi levado para o hospital de helicóptero. O acidente acontecera

às 11h, horário da Inglaterra. (Curiosamente, quando Ruggles voltou de seu passeio vespertino, estava mancando. Ele pulou dentro de um lago e aterrissou sobre vidro quebrado; ficou com a pata ensangüentada e rompeu um tendão. Precisou passar a tarde numa clínica veterinária. Assim, ele e Timothy estavam internados, os dois ao mesmo tempo, com a perna enfaixada.)

É claro que é impossível saber ao certo se as reações apresentadas pelo cachorro entre as 11h30 e as 15h realmente foram devidas ao acidente do menino. Ruggles não me parecia especialmente aflito enquanto aguardava à porta. Na realidade, ele parecia saber que algo importante estava acontecendo e sentiu que precisava estar preparado. Mas sua reação foi tão definida e a coincidência tão notável que eu acho que pode ter havido uma ligação causal entre os dois fatos.

Nesse caso, como na maioria dos casos, as reações do cachorro não tiveram serventia alguma para a pessoa machucada. Além de qualquer outro motivo, o animal encontrava-se longe demais. Mas em alguns casos os cachorros ajudaram a salvar seu dono, ou pelo menos tentaram.

Em um caso, o dono de uma cachorra caiu do caiaque no meio do rio Reno e estava tendo dificuldades:

> Fraco como eu estava, vi meus amigos correrem em minha direção com minha cachorra. Ela os vinha puxando e latindo bem alto. Eles perguntaram se eu havia tido problemas porque a cachorra tinha começado a puxar a trela de repente, querendo descer o rio exatamente no mesmo momento em que eu quase desisti de lutar contra a água.

Há outro caso, ocorrido na Irlanda do Norte, em que um pastor alemão chamado Chrissie salvou a vida de seu dono, Walter Berry, que ficou coberto de gasolina enquanto consertava o carro e depois se incendiou acidentalmente com uma fer-

ramenta de solda. O cachorro estava a 200 metros dali com Joan, esposa de Walter, quando isso aconteceu. Havia duas garagens e um quintal no caminho. "Chrissie enlouqueceu — começou a fazer barulhos que nunca havia feito", contou Joan. Ela se deu conta de que algo estava errado e deixou que Chrissie saísse. Ele correu direto para Walter. Joan o seguiu e, felizmente, chegou a tempo de apagar o fogo. Chrissie salvou a vida de Walter.

Nesses dois casos, precisamente porque os cachorros estavam perto o suficiente para poder ajudar, é difícil descartar a possibilidade de terem sido alertados por algum som ou por outros indícios sensoriais. No entanto, essa objeção não pode se aplicar a uma cachorra de São Francisco chamada Lupé, que salvou a vida de seu dono quando se encontrava a 64 quilômetros de distância:

> Quando Lupé tinha uns dois anos, eu tomei uma *overdose* de drogas num dia em que ela estava visitando amigos em San José. Mais tarde me contaram que Lupé foi, subitamente, até os limites da propriedade e começou a uivar de maneira "sinistra", sem que ninguém conseguisse acalmá-la. Após algum tempo, meus amigos pensaram: "Deve ter acontecido alguma coisa com Leone" e, assim, correram para São Francisco e me encontraram. (Leone Katafisz)

Em muitos casos nos quais os cães uivam sem nenhum motivo aparente, ou mostram outros sinais claros de aflição, sabe-se, mais tarde, que o dono não só estava correndo perigo como, na verdade, estava morrendo. Sem que houvesse qualquer coisa que o cachorro pudesse fazer para salvá-lo.

Cães que uivam quando seus donos morrem

Dos 40 relatos que recebi sobre a reação dos cachorros à morte de uma pessoa ausente a quem eram muito ligados, 36 (90%)

envolvem reações vocais. Em 21 casos, os cachorros uivaram; em cinco, eles choramingaram ou ganiram; em quatro, latiram de maneira incomum; e em três, rosnaram. Nos quatro casos em que nenhum som foi emitido, as reações foram descritas como "triste", "arrasado", "trêmulo" ou "aflito".

Os casos mais impressionantes são aqueles em que o animal mostra claros sinais de aflição em momentos inesperados, em especial quando uma grande distância separa o animal do dono. No exemplo a seguir, ocorrido durante a Guerra das Falklands/Malvinas, quase 10 mil quilômetros os separavam:

> Meu filho era muito apegado à nossa West Highland terrier. Ele ingressou na Marinha Real em 1978 e como a sua base era em terra durante grande parte do tempo até 1982, vinha para casa com freqüência nos fins de semana. Ele vinha de trem. Aos poucos, fomos nos dando conta de que a cadela começava a ficar alvoroçada entre 20 e 30 minutos antes de ele passar pela porta, então assim que ela começava a ir e vir da porta da frente, eu ia preparar o chá das cinco para que quando ele chegasse (sempre com fome) a refeição estivesse pronta. Na época, costumávamos achar graça. Em abril de 1982, seu navio, o HMS *Coventry*, foi convocado para as Falklands/Malvinas. No início da noite do dia 25 de maio, a cachorra saltou sobre os meus joelhos, tremendo e choramingando. Quando meu marido chegou, eu disse: "Não sei o que há de errado com ela, está assim há mais de meia hora. Ela não quer descer de cima dos meus joelhos." No noticiário das 21h, disseram que um "Tipo 42" havia sido afundado e soubemos que era o HMS *Coventry*, embora o nome só fosse revelado no dia seguinte. Nosso filho foi um dos que morreram. Nossa cachorrinha definhou e morreu em poucos meses. (Iris Hall, Cowley, Oxford)

Tipicamente, a aflição dos cães ou os seus uivos só podem ser compreendidos em retrospectiva:

> Meu irmão Michael era co-piloto de um bombardeiro Wellington durante a guerra. Ele fez muitos ataques surpresa contra a Alemanha em 1940. Naquela época tínhamos um cachorro chamado Milo que era metade spaniel, metade collie e nutria uma afeição especial por Michael. Numa noite de junho, Michael estava a caminho de casa após um desses ataques surpresa e passou um rádio para a base avisando que estava perto da costa da Bélgica e que logo voltaria. Naquela mesma noite Milo, que dormia num estábulo nos fundos da casa, uivou tanto que minha mãe teve de se levantar e trazê-lo para dentro de casa. Michael jamais retornou de sua missão naquela noite. Foi dado como desaparecido, dado como morto no dia 10 de junho de 1940. (Stephen Hyde, Acton, Londres)

> Meu marido e eu estávamos em férias em County Cork, na República da Irlanda, em abril de 1968 e, no domingo de Páscoa, ele morreu subitamente. Nosso poodle de sete anos tinha ficado com amigos em St. Albans. Um pouco depois da meia-noite o poodle uivou e correu escada acima atrás de minha amiga, que estava no banho. Um pouco depois da meia-noite, meu marido morreu. (Sra. G. Moore, St. Albans, Hertfordshire)

Se o laço entre a pessoa e o animal for, realmente, uma ligação verdadeira, conectando-os mesmo que milhares de quilômetros os separem, o rompimento desse laço pela morte de um dos dois ou devido a um grave perigo deveria de fato afetar o outro. Peguemos uma simples analogia. Se duas pessoas estiverem ligadas por um elástico esticado e uma delas o sacudir ou soltar, o outro sentirá a diferença. Mesmo que não saiba exata-

mente o que está acontecendo com a outra pessoa, saberá que *alguma coisa* está acontecendo.

Parece pouco provável que os cachorros formem tais laços apenas com pessoas. Eles são animais sociais e podem formar fortes ligações uns com os outros. Será que os cães reagem quando outros cachorros aos quais são apegados morrem em lugares distantes? Às vezes, sim. Eis aqui um exemplo, dos sete casos existentes em nosso banco de dados, no qual a morte de um outro cachorro se deu inesperadamente, num lugar distante:

> Tenho um cão pastor Beance de dois anos chamado Yssa, que veio comigo para a França aos três meses de idade da ilha de La Réunion, no oceano Índico, a 10 mil quilômetros de distância. Lá, deixei sua mãe, Zoubida, de dez anos. No dia 13 de fevereiro desse ano, ela estava dormindo no quarto de meu filho. Por volta das três da manhã, ela veio arranhar a minha porta, ganindo, chorando, agitada. Ela não queria sair de casa. Às 9h meu cunhado telefonou de La Réunion. O vigia de nossa casa havia encontrado Zoubida morta. Havia sido envenenada. (Dr. Max Rallon, Châteauneuf le Rouge, França)

A existência de tantos relatos independentes desse tipo me leva a acreditar que esse seja um fenômeno real, muito embora não seja possível realizar experiências para testá-lo. Mas é necessário realizar mais pesquisas através da coleta de histórias mais bem documentadas, sendo que as mais convincentes são as que envolvem diversos testemunhos do comportamento do cachorro.

Por que é que os cães uivam quando a pessoa favorita morre?

O uivo não é encontrado em todas as espécies da família canina — as raposas, por exemplo, não uivam —, mas é restrito

aos membros de espécies altamente sociais, tais como cachorros domésticos, dingos, coiotes e lobos.[1]

A literatura disponível sobre a ecologia do lobo sugere que eles uivam por dois motivos essenciais: primeiramente para ajudar a reunir a matilha, em especial antes de uma caçada. Em segundo lugar, os indivíduos solitários uivam para procurar contato com outros membros da matilha ou para atrair outros lobos durante a temporada de acasalamento.[2]

Alguns lobos e cães uivam para a lua ou para o céu: ninguém sabe por quê. E alguns uivam em resposta ao som de um canto ou do violino, como se tentassem acompanhá-los com seu próprio canto. Mas assim como lobos solitários, os cachorros muitas vezes uivam quando estão sós, privados da companhia de seres humanos e de outros cachorros, especialmente quando presos. Desmond Morris afirma que esse "uivo de solidão" é uma forma de dizer "junte-se a mim".[3] Então o que dizer de seus uivos quando um companheiro próximo morre?

Dos relatos que recebi sobre cães que uivaram por ocasião da morte de seus donos, alguns estavam presos do lado de fora e o uivo fez com que fossem levados para dentro de casa, como no caso de Milo. De uma maneira limitada, seu uivo funcionou, pois trouxe-lhes companhia e consolo. Mas em muitos casos, os cachorros não uivaram quando estavam presos do lado de fora e as tentativas das pessoas de consolá-los não funcionaram, pelo menos a princípio. Talvez esse tipo de uivo seja uma forma de expressar dor. E isso talvez tenha uma longa ancestralidade evolucionária, pois diversos observadores de lobos já afirmaram que "os lobos uivam de maneira especialmente triste quando um companheiro querido morreu".[4]

Os animais que *não* uivaram mostraram-se claramente transtornados ou tristes. Obviamente sentiram que algo estava

errado. Talvez não soubessem o quê: simplesmente viram-se apreensivos ou temerosos. Se seus companheiros humanos estavam próximos, possivelmente achegaram-se em busca de consolo.

As reações de gatos a mortes e acidentes a distância

Embora um menor número de gatos pareça reagir a acidentes e a emergências se comparados a cachorros, as situações nas quais o fazem são parecidas, conforme demonstram os exemplos a seguir:

> Em maio de 1994, eu estava sentada do lado de fora, na varanda, com Klaerchen, nossa persa de três anos, deitada ao meu lado, ronronando confortavelmente. Minha filha de 11 anos havia saído de bicicleta com uma amiga. Tudo me parecia maravilhoso, pura harmonia, mas de repente Klaerchen se levantou, deu um grito como jamais havíamos ouvido e saiu como um relâmpago na direção da sala, onde ficou sentada na frente da estante onde se encontra o telefone. Logo o telefone tocou e eu recebi a notícia de que minha filha sofrera um grave acidente de bicicleta e que havia sido levada para o hospital. (Andrea Metzger, Bempflingen, Alemanha)

As formas como os gatos reagem a mortes distantes são parecidas com a maneira com que reagem a emergências. O mais comum é emitirem sons incomuns, tais como uivos, miados queixosos ou gemidos, além de exibirem outros sinais de angústia.

> Tínhamos um lindo gato de Chartreux que todos nós amávamos, mas ele amava meu marido mais do que qualquer

outra pessoa. Durante as férias de verão, fomos acampar na Dinamarca e deixamos o gato num abrigo para animais na Suíça. Na Dinamarca, meu marido, que tinha 48 anos e nunca ficara doente, morreu de um ataque cardíaco. Quando fomos buscar o gato, a mulher contou que soube exatamente o momento em que a tragédia ocorrera e então nos deu o dia e hora exatos — algo que ela não tinha como saber! Nosso gato se retirara para um canto e gemera como jamais havia feito, olhando fixamente para um ponto à sua frente como se estivesse observando algo de especial, o corpo todo tremendo. (Hedwig Ritter, Zurique, Suíça)

Mas, embora a maioria dos gatos pareça reagir vocalmente à morte de uma pessoa que se encontra distante, alguns reagem silenciosamente. Um gato simplesmente se escondeu na noite em que o pai de uma família morria no hospital: "Ninguém conseguiu encontrá-lo, ele nunca saía de casa. Só apareceu outra vez quando voltamos do enterro." (Mme. Charlin, Lyons, França) Outros gatos mudaram o local onde dormiam.

O efeito da morte de uma pessoa não parece diminuir com a distância. Em alguns dos casos de nossa coletânea, a pessoa estava morrendo a milhares de quilômetros e, ainda assim, o gato parecia saber. Por exemplo, um macho pertencente a uma família suíça era muito apegado ao filho, Frank, que foi embora para trabalhar como cozinheiro em um navio. Ele voltava para casa em períodos irregulares e o gato costumava esperar por ele à porta antes de sua chegada. Mas, um dia, o gato foi sentar-se ao lado da porta e miou com extrema tristeza.

Não conseguíamos afastá-lo de perto da porta. Finalmente o deixamos entrar no quarto de Frank, onde ele cheirou tudo mas continuou seu lamento. Dois dias após o estranho comportamento do gato, fomos informados de que nosso

filho morrera exatamente à mesma hora, durante uma viagem à Tailândia. (Karl Pulfer, Koppingen, Suíça)

A distância era de mais de 11 mil quilômetros.

Reações humanas às mortes de animais distantes

Se, conforme sugeri, os laços entre animais e pessoas puderem ser pensados como um elástico, então as influências deveriam ser passadas em ambas as direções, de pessoa para animal e de animal para pessoa. Nós já analisamos as influências que passam da pessoa para o animal. E o que dizer das influências que partem na direção oposta? Será que algumas pessoas reagem aos seus animais quando estes sofrem acidentes ou estão morrendo em algum lugar distante?

A julgar pelo número de relatos existentes em nosso banco de dados, os seres humanos são, em geral, menos sensíveis com relação aos seus animais do que os animais em relação a eles. Temos 54 relatos de reações de animais à morte de pessoas distantes e apenas sete onde o contrário ocorreu. Todos sete são de mulheres. Cinco são relacionados a cães e dois a gatos. Cinco ocorreram quando as mulheres estavam acordadas e dois durante o sonho.

As experiências vividas enquanto as mulheres estavam acordadas envolveram sensações de preocupação e, em algumas, sintomas físicos também. Por exemplo, no dia 20 de maio de 1997, Dianne Arcangel estava deixando o hotel para ir ao aeroporto pegar um avião e voltar para casa, no Texas. Um pouco depois que a viagem de carro começou, às 16h05, hora do Texas, ela começou a ficar agitada, embora não conseguisse encontrar explicação para tal.

No decorrer da viagem, fui ficando enjoada e comecei a transpirar. Depois de 15 minutos, comecei a sentir que meu estômago e intestinos estavam sendo rasgados com tal intensidade que segurei a barriga e me dobrei ao meio. Quando chegamos ao aeroporto, eu me sentia fisicamente doente, profundamente pesarosa. Temendo que algo de muito errado estivesse acontecendo em minha casa, liguei para minha filha. "Nós acabamos de ter uma tempestade terrível, com raios e tudo, mas já passou", disse ela, completando que estava tudo bem. Mas eu chorei até chegar em casa. Quando cheguei no aeroporto de Houston, às 22h, encontrei meu marido aos prantos. Ele explicou que um raio atingira nossa casa às 16h08 (todos os nossos relógios pararam a essa hora). Kitty, uma das minhas oito gatas, ficou tão apavorada com a tempestade que correu para fora. Quando meu marido chegou em casa, encontrou dois cachorros imensos no quintal, de pé, por cima do corpo inerte da gata. Ao afastá-los, viu que estavam cobertos com o sangue e com os pêlos dela. O trauma causado ao corpo dela foi no local onde eu senti aquela dor martirizante, no exato momento em que aquilo acontecia com ela. (Dianne Arcangel, Pasadena, Texas)

Algumas outras mulheres também sentiram dor física, mas de maneira menos específica. O caso de Mary Wall, que mora em Wiltshire, ocorreu quando ela estava a mais de três mil quilômetros de distância de seus cães Shi Tzu, quando estava no Chipre em férias com o marido:

Às 16h, horário do Chipre, numa sexta-feira, fui tomada por uma sensação tão intensa que acabei por mencioná-la ao meu marido. Algo estava muito errado com os cachorros. A sensação era tão forte que eu sentia dor física. Ao chegar ao aeroporto de Heathrow, alguns dias depois, me

disseram que o macho morrera no sábado anterior. Eu jamais teria acreditado que um cachorro, ou que qualquer outro animal, pudesse "se comunicar" com um ser humano, embora eu já tivesse vivido a experiência de "saber" o que estava acontecendo duas ou três vezes antes na minha vida, mas apenas com relação a pessoas muito próximas.

Algumas vezes, ocorre a sensação de que algo está errado, embora não especificamente ligado ao cachorro. Por exemplo, uma mulher suíça estava trabalhando em seu escritório na Basiléia e teve uma estranha sensação certa manhã. Ela mencionou o fato a seus colegas de trabalho, embora não soubesse explicar do que se tratava. "Depois de mais ou menos uma hora, a idéia me passou pela cabeça: 'Você deveria ligar para casa.' Eu soube uma hora depois que nosso pastor alemão havia morrido atropelado." (Lotti Rieder-Kunz)

Em outros casos, o conhecimento da morte do cachorro foi bastante explícito. Nancy Millian, de New Haven, Connecticut, saiu de férias e deixou Blaze, o cachorro, em casa. "Depois de uns cinco dias de viagem, fiquei incrivelmente agitada e ouvi as palavras 'O Blaze morreu' dentro de minha cabeça. Contei à amiga com quem viajava e ela respondeu que era, provavelmente, apenas uma preocupação natural. Telefonei para casa e me certificaram de que estava tudo bem." Dois dias depois ela chegou em casa e soube que seu cachorro tinha, realmente, morrido no dia em que ela se sentiu agitada. A pessoa que estivera tomando conta dele não quis deixá-la triste por saber que sua volta antecipada de nada adiantaria.

Finalmente, eis aqui o exemplo de uma informação explícita que penetrou nos sonhos de uma adolescente:

No verão de 1992, passei o mês de julho longe de casa. Certa noite, sonhei que minha gata havia sido atropelada

em nossa rua (estávamos morando na Bélgica nessa época e eu estava na Holanda). Eu me lembrava do sonho na manhã seguinte e, como tinha um diário naquela época, escrevi meu sonho. Quando cheguei em casa, me disseram que a gata havia sido atropelada. Fui verificar o diário e foi na mesma noite em que eu tive o sonho. (Laura Broese)

Em todos esses casos, uma longa distância separava a pessoa de seu animal e uma transferência de informação não poderia ter ocorrido através de canais sensoriais normais. A telepatia, ou algo assim, me parece ser a única explicação plausível. Da mesma forma que os animais podem reagir telepaticamente quando seus donos estão aflitos ou prestes a morrer, as pessoas podem ser influenciadas, de maneira parecida, pela aflição e morte de seus animais.

Gente que sabe quando outras pessoas morreram

Até aqui, os fenômenos descritos neste capítulo dizem respeito a pessoas e a animais não-humanos. No entanto, esses tipos de reações a mortes e acidentes ocorridos a distância podem acontecer entre seres humanos. Na realidade, alguns dos casos de telepatia humana mais impressionantes dizem respeito a pessoas que se encontram longe e estão correndo perigo ou morrendo. Os pioneiros da pesquisa psicológica, iniciada há mais de um século, juntaram impressionantes coleções de casos desse tipo, autenticados através de cuidadosa pesquisa e atestados por testemunhas.[5] Em mais da metade desses casos, as pessoas sonharam com quem estava morrendo ou sofrendo. Dos casos ocorridos quando as pessoas estavam acordadas, a maioria envolvia uma impressão ou intuição, sem qualquer representação visual.

Aproximadamente 20% do número total de casos envolviam imagens ou alucinações.[6]

Dos casos existentes no banco de dados em que as pessoas pareciam saber do sofrimento ou da morte de animais domésticos distantes, um deles envolveu uma representação visual — o sonho do gato sendo atropelado. Os outros envolveram sensações, impressões ou intuições. Dessa forma, os mesmos tipos de experiências parecem ocorrer tanto com animais quanto com outras pessoas, muito embora a proporção entre comunicações sonhadas e acordadas, ou visuais e não-visuais, possa variar. Os casos de telepatia entre pessoas também dependem de um relacionamento próximo, da mesma forma que os de pessoas para com animais domésticos e de animais domésticos para com pessoas, discutidos neste capítulo.

PARTE IV

Intenções, chamados e telepatia

7

Captando intenções

Laços entre cães e pessoas vêm sendo construídos ao longo de dezenas de milhares de anos e entre gatos e pessoas e cavalos e pessoas há, pelo menos, cinco mil anos. Trata-se de laços sociais interespécies, que foram evoluindo sujeitos à seleção natural e à deliberada seleção humana através de muitas gerações.

Os laços sociais existentes entre pessoas e animais domésticos são parecidos com os laços existentes entre animais da mesma espécie, como por exemplo entre um casal de cambaxirras e seus filhotes; ou os membros de um cardume; ou os lobos de uma alcatéia que saiu para caçar ou de uma tribo aborígine australiana.

Já vimos como esse tipo de comunicação a distância permite aos animais domésticos de muitas espécies saberem quando seus donos estão chegando em casa. Em alguns casos, os animais parecem detectar a intenção da pessoa de voltar para casa antes mesmo de sua partida. Alguns seres humanos têm habilidade parecida, embora ela seja mais bem desenvolvida nas sociedades rurais tradicionais do que nas modernas; em nossa civilização

urbana ela é mais evidente entre as crianças pequenas do que entre os adultos. No caso de pessoas, assim como no caso de animais não-humanos, tais antecipações telepáticas ocorrem apenas quando existem laços emocionais estreitos com a pessoa que está para chegar.

Tais laços, quer sejam entre seres humanos ou, para os nossos propósitos aqui, entre animais e seres humanos, são, também, emocionalmente ressonantes. Os animais podem consolar e curar as pessoas favoritas. Até mesmo quando encontram-se afastados, alguns parceiros muito unidos sabem quando o outro está sofrendo ou morrendo. Isso também envolve um certo tipo de telepatia e funciona das duas formas: de pessoas para animais e de animais para pessoas.

O que leva à discussão das formas pelas quais as intenções, os chamados e os comandos de uma pessoa podem afetar seus animais de estimação e as formas pelas quais os animais podem afetar as pessoas. Em alguns casos, essas intenções, esses chamados e essas necessidades parecem ser comunicados telepaticamente. Tal capacidade telepática existe na natureza, nas sociedades animais, demonstrando que a telepatia possui uma longa linhagem evolucionária. A telepatia é natural, não sobrenatural, e é um aspecto importante da comunicação entre os animais. A telepatia humana precisa ser vista nesse contexto biológico mais amplo.

Começo aqui a refletir sobre as formas pelas quais os animais captam as intenções de seus donos e pelas quais as pessoas captam as intenções de seus animais.

Animais que "lêem pensamentos"

Muitas pessoas já notaram que seus animais parecem "ler seus pensamentos". A percepção dos animais pode muito bem depen-

der de uma combinação de influências tais como a observação da linguagem corporal, o som de determinadas palavras e a rotina dos donos. Além disso, é possível que sejam capazes de captar intenções diretamente, através de uma espécie de telepatia ressonante. Como já vimos nas Partes II e III, alguns animais captam as intenções e os sentimentos das pessoas quando se encontram a quilômetros de distância. Assim, não seria surpreendente se pudessem fazê-lo quando estão próximos.

Muitas pessoas que têm experiência com animais aceitam a telepatia como fato e há uma riqueza de experiências anedóticas que apontam para a realidade das influências telepáticas. Por outro lado, céticos ferrenhos acreditam que qualquer ligação misteriosa atualmente desconhecida pela ciência é impossível ou improvável demais para merecer uma atenção mais séria.

A única forma de resolver essa questão é examinar, com mais atenção, as provas extraídas das experiências de seres humanos com seus animais e, então, realizar experiências para esclarecer o que está acontecendo.

Gatos que desaparecem antes de visitas ao veterinário

Alguns gatos têm verdadeira aversão às visitas ao veterinário. Dúzias de proprietários me contaram que seus gatos simplesmente desaparecem quando estão prestes a serem levados à consulta. Experientes proprietários de animais desse tipo fazem de tudo para não deixar escapar pista alguma, mas com freqüência seus esforços são inúteis:

> O gato sempre sabe de antemão quando vou levá-lo ao veterinário, muito antes de eu ir buscar seu cesto no sótão. Tento agir com o máximo de naturalidade para que ele não

note, mas ele parece enxergar através de mim, sob qualquer circunstância, e acaba saindo de casa aos uivos. (Andrea Künzli, Starrkirsch, Suíça)

Isso é inconveniente não só para os proprietários como também para os veterinários. Alguns aconselham as pessoas a trancar o gato dentro de casa antes da consulta, em especial quando a mesma envolve injeções ou operações. Mas alguns gatos fogem mesmo assim.

Será que esse tipo de comportamento é muito comum? Fizemos uma enquete junto às clínicas veterinárias listadas nas Páginas Amarelas do norte de Londres. Entrevistamos os veterinários diretamente, ou então suas enfermeiras ou recepcionistas perguntando se, em sua opinião, alguns donos de gatos cancelavam consultas porque o animal havia desaparecido. Sessenta e quatro das 65 clínicas tinham cancelamentos desse tipo com bastante freqüência. A clínica restante abandonara o sistema de hora marcada para gatos: as pessoas simplesmente aparecem com seus gatos, e assim ficou resolvido o problema de consultas perdidas.

Muito embora tenha havido uma concordância generalizada de que alguns gatos realmente captam as intenções de seus donos, houve uma variedade de opiniões quanto a como eles o fazem:

Não é sempre o cesto do gato. Os clientes sabem que uma vez que mostrem o cesto, não haverá a menor possibilidade de pegarem o animal; assim, normalmente, acontece antes de eles verem os cestos. Muita gente conta que chega às 17h30 e que o gato está esperando na soleira da porta, a não ser no dia da consulta. Acho que eles, definitivamente, sabem ler pensamentos, pois o dono passa o dia todo fora e eles não têm como ver se a pessoa estava triste ou se comportando de forma diferente. Eles dizem assim:

"Não sei por que ele não apareceu na hora do chá. É muito estranho." (Recepcionista de uma clínica veterinária, East Barnet)

Algumas vezes as pessoas contam que foram buscar o cesto e que o gato ficou escondido num arbusto, no jardim, ou então não aparece em casa na manhã seguinte e isso se dá muito antes de eles verem o cesto. São esperados em casa para tomar o desjejum e ficam em cima de uma árvore. Ou, no caso das consultas noturnas, as pessoas saem para trabalhar e o gato sai e se esconde. (Enfermeira de uma clínica veterinária, Wembley)

Algumas vezes os gatos vêem o cesto e em outras, desaparecem sem motivo aparente. Acontece com bastante freqüência. Os animais têm sentidos a mais, sentidos estes que não compreendemos completamente. Eu diria até mesmo que é uma coisa telepática, mas eles têm uma sintonia muito exata para situações variadas. Conseguem captar o comportamento e os sentimentos das pessoas, embora eu não diria que captam pensamentos. (Veterinário, Eastcote)

Normalmente, é difícil, senão impossível, desvendar as formas pelas quais os animais captam as intenções de seus donos quando estão por perto. Mas o que dizer do fato de que, no momento em que uma pessoa decide levar o gato ao veterinário, o mesmo desaparece? Por exemplo, se uma pessoa telefona do trabalho para o veterinário, marcando uma consulta para aquela mesma noite, será que o gato vai ter sumido quando ela passar em casa para pegá-lo? E será que isso aconteceria mesmo se o dia da consulta ao veterinário fosse escolhido aleatoriamente por uma terceira pessoa, e o dono do gato fosse informado apenas depois de ter chegado ao trabalho? Dessa forma, seria possível testar, experimentalmente, a possibilidade de haver um compo-

nente telepático na capacidade que alguns gatos têm de ler as intenções de seus donos.

Outras aversões felinas

Visitas ao veterinário não são a única coisa que os gatos tentam evitar. Alguns também fogem quando precisam tomar remédio ou ser borrifados com *spray* antipulgas, ou sujeitos a qualquer outro tipo de procedimento ao qual têm aversão.

> Meu gato Ciggy sabe de onde vem grande parte de sua comida e, com freqüência, fica por ali à espera da refeição seguinte. Quando, no entanto, vou até o mesmo armário para pegar o *spray* para tratar seu pêlo, antes mesmo de eu botar a mão na lata, ele se arremessa pela portinhola em direção ao jardim para não ser borrifado. Eu nunca digo a ele que vou borrifá-lo e já tentei, até mesmo, pensar em outra coisa enquanto vou pegar o *spray*, mas ele sempre parece saber as minhas intenções. (Sheila Howard, Wandsworth, Londres)

Os gatos também tendem a desaparecer antes de serem levados embora para sempre. Pauline Westcott, de Roehampton, Surrey, trabalhou no resgate de gatos, coletando-os em resposta a ligações telefônicas de gente que os encontrou ou que não os quer mais. Em nove de dez casos, os gatos precisavam ser sacrificados.

> Nós descobrimos que se um horário fosse marcado para buscá-los, por maior que fosse o esforço da pessoa que estava tomando conta deles, os animais, em muitos casos, não podiam ser encontrados. Nos diziam que o gato havia sumido instantes após a ligação ser feita para marcar a hora de buscá-lo ou, então, um pouco antes de ser feita. Nós só tínhamos certeza de que encontraríamos o animal se cobris-

sem todo o cômodo com tapumes e, literalmente, fechassem cada entrada, rachadura e ventilação. Perdíamos tanto tempo, gasolina e horas de trabalho que nosso sistema vivia precisando ser mudado. E ainda havia aquelas visitas inevitáveis em que o gato não era capturado.

A percepção do gato da iminência do perigo é obviamente uma questão de sobrevivência e se os animais selvagens possuem capacidades comparáveis é de se presumir que a seleção natural os favoreceria. Mas sabemos ainda menos sobre a intuição dos animais selvagens do que sobre a dos domésticos.

Se comparados aos gatos, os cachorros raramente desaparecem ou tentam se esconder antes de irem ao veterinário. No entanto, alguns parecem saber que estão a caminho da clínica. Maxine Finn, recepcionista de uma clínica veterinária no norte de Londres, descreveu as reações deles da seguinte forma:

Muitos clientes têm cachorros que sabem quando estão indo ao veterinário. Quando começam a dirigir, o cachorro começa a tremer e a ganir como se soubesse que está a caminho. Mais ou menos um cliente por semana conta uma história parecida. Temos alguns clientes que voltam anos após a última visita e os cachorros ainda assim começam a tremer no caminho para cá. Parece que eles se lembram do percurso ou então captam, de alguma maneira, para onde estão indo.

Alguns cachorros, como os gatos, também antecipam que estão prestes a serem submetidos a procedimentos aos quais têm aversão, tais como tomar banho ou aparar as unhas ou o pêlo.

Nos dias em que nossa poodle, Snowy, ia ser tosada (uma vez a cada seis semanas), não importavam as precauções tomadas para evitar que ela não soubesse, ela sempre se

enfiava debaixo do piano ou de uma cama — até hoje eu não sei como ela podia saber, a não ser que estivesse lendo meus pensamentos. (Sylvia Scott, Goostrey, Cheshire)

Mas as reações mais claras dos cachorros às intenções de seus donos não se devem a aversões e sim ao entusiasmo sentido antes de um passeio.

Cães que antecipam um passeio

A maioria dos cachorros fica alvoroçada diante da perspectiva de um passeio e ansiosa quando vê seus donos prepararem-se para levá-los para passear, ou quando ouve palavras como "passear". Por uma questão de rotina, alguns cães são levados à mesma hora todos os dias, momento em que ficam entusiasmados. Por exemplo, se eles normalmente são levados para passear depois de um programa de televisão em especial, quando ouvem a música tema do final ou vêem a televisão ser desligada, mostram sinais de agitação. Com relação a essas reações, elas são iguais aos "reflexos condicionados" estudados pelo fisiólogo russo I.P. Pavlov, que descobriu que quando os cachorros eram alimentados com carne logo após ouvirem o soar de um sino, passavam a associar o sino com a comida e salivavam quando ele tocava, antes mesmo de verem a comida.

Mas muitos donos não levam seus cachorros para passear em horários rotineiros e alguns constataram que a inquietação do cachorro tem início *antes* de darem qualquer sinal óbvio, como vestir um casaco ou pegar a coleira. Por exemplo:

Devido ao trabalho e a compromissos familiares, levo meu cachorro, Digby, para passear em horas diferentes durante o dia, mas ele sempre parece saber quando estou pensando

em levá-lo. Ele pode estar deitado, quietinho, e eu vou fazer algo pela casa e penso comigo mesma: "Assim que acabar de fazer isto, vou levar o Digby para passear." No mesmo instante, ele se levanta e começa a me seguir pelos cantos com aquela expressão de expectativa, balançando o rabo. Não sei se é a linguagem corporal ou se ele lê meus pensamentos, pode acontecer até mesmo meia hora antes de eu levá-lo para passear, mas ele sabe que a idéia está passando pela minha cabeça. Ele não tira os olhos de mim e nem sai do meu lado. Isso sempre me impressionou (e irritou! — eu vivo tropeçando nele). Vivo me perguntando: "Como é que ele sabe?" (Sra. R. Kellard, Abington, Northamptonshire)

Muitas outras pessoas ficam confusas com a maneira pela qual seus cães parecem ler seus pensamentos até mesmo quando não estão dando sinais de suas intenções. Temos mais de 50 relatos do gênero em nosso banco de dados. Assim como a Sra. Kellard, a maioria dos informantes tem plena consciência da possibilidade de a linguagem corporal estar entregando o jogo, mas alguns já chegaram à conclusão de que essa não é sempre a explicação porque seus cachorros reagem até mesmo quando estão dormindo ou longe do alcance da vista:

Não consigo compreender como meu cachorro Ginny, um vira-lata que tenho há sete anos, pode saber quando estou prestes a levá-lo para passear (além dos outros dois cachorros). O simples pensamento é o suficiente para fazê-lo sair pela casa saltitando de alegria. Eu devo acrescentar que meus animais podem se movimentar livremente pela propriedade, quando bem entenderem. Já fiz a experiência com ele diversas vezes. De forma a excluir qualquer troca de olhares ou qualquer outra informação através dos sentidos, eu deixava o cachorro do lado de fora, no jardim, por trás

de janelas e portas fechadas, e só então pensava em levá-lo para passear. O resultado era sempre o mesmo: ele enlouquecia de felicidade e de expectativa. Quando eu me visto para ir trabalhar, ele fica em silêncio completo. Meus outros dois cachorros não são como ele. (Liliane Hoschet, Cessange, Luxemburgo)

Eu podia estar fazendo qualquer coisa ou, até mesmo, coisa alguma; eu podia estar sentada costurando, assando alguma coisa, e a idéia passava pela minha cabeça: "Vou sair para levar os cachorros para passear, o dia está tão bonito", e os dachshunds apareciam imediatamente aos meus pés, balançando o rabo. Eles não tinham como saber através da minha expressão ou pelos meus movimentos, pois isso acontecia quando estavam no jardim ou completamente adormecidos. Eu testei essa teoria, deliberadamente, e não havia forma de me verem. Uma vez que o pensamento passava pela minha cabeça, os cachorros sabiam, independentemente do que estavam fazendo no momento. (Mary Rothwell, Arnold, Nottingham)

Com cachorros que reagem dessa maneira é possível fazer experiências simples nas quais são mantidos em locais onde não podem ouvir, ver ou farejar o dono e são filmados continuamente em vídeo. Então, num horário escolhido aleatoriamente, o dono começa a pensar em levá-los para passear e após um período de, digamos, cinco minutos, o faz. Será que o videoteipe mostraria que os cachorros dão sinais de agitação antes de serem levados para passear, e depois de o dono ter formado a intenção de levá-los?

Algumas experiências preliminares desse tipo já foram realizadas a meu pedido por Jan Fennell, de Winterton, Lincolnshire. Ela estuda o comportamento dos animais e tem plena

consciência da maneira pela qual os animais podem captar padrões de rotina ou pistas fornecidas pelo comportamento do dono. Ela tem seis cachorros e já havia observado que os cães pareciam saber quando ela estava intencionando levá-los para passear em horários além dos de costume e até mesmo quando ela tentava não dar qualquer pista.

Para os propósitos da experiência, os cachorros foram encerrados num prédio anexo onde eram filmados continuamente por uma câmera de vídeo montada sobre um tripé e apontada para a porta. Ela pensava em levá-los para passear em horários escolhidos aleatoriamente durante o período em que a câmera os filmava. As experiências foram realizadas durante cinco dias diferentes: uma vez durante a manhã, duas à tarde e duas à noite.

Os videoteipes mostram que, durante grande parte do tempo, os cachorros ficavam deitados ou brincavam uns com os outros e de vez em quando alguns dos cachorros reagiam brevemente, levantando as orelhas, a sons vindos do lado de fora, tais como motocicletas. Mas depois de Jan já ter decidido levá-los para passear, em quatro dos cinco filmes os cachorros chegaram mais perto da porta e sentaram-se ou ficaram de pé num semicírculo em volta da porta, alguns balançando o rabo. Permaneceram nesse estado de clara expectativa de três a cinco minutos antes de Jan chegar e abrir a porta e deixá-los sair para dar sua volta. Por outro lado, no resto do videoteipe, eles não mostraram reações antecipatórias parecidas e demonstraram algum interesse apenas 13 segundos antes de ela entrar no anexo, provavelmente devido ao som de sua aproximação.

Além disso, numa experiência de controle, Jan trancou os cachorros e foi visitar o anexo num horário escolhido aleatoriamente, sem a intenção de levá-los para passear. Quando ela chegou ao anexo, apenas um dos cachorros foi até a porta antes

de ela abri-la, com meros 12 segundos de antecedência. Quando ela abriu a porta, os outros cachorros se levantaram e se movimentaram, mas permaneceram tranqüilos e não demonstraram nada da agitação que precede um passeio.

Essas experiências pioneiras sugerem que os cachorros conseguiam, realmente, sem ver sua dona, antecipar as intenções que ela tinha de levá-los para passear; embora não em todas, conseguiam na maioria das ocasiões.

Cachorros que sabem quando vão passear de carro

Alguns cães antecipam quando vão partir de carro com o dono. Este fenômeno é parecido com a antecipação de um passeio a pé. Embora a rotina e as pistas fornecidas pelos sentidos normais possam, algumas vezes, explicar as reações dos cachorros, nem sempre é o caso. A seguir, um exemplo da Austrália:

> Minha esposa e eu saímos de casa em intervalos irregulares para fazer compras, etc. Em geral levamos o cachorro conosco, em nosso carro. Quando partimos, o cachorro fica perto da traseira do carro para que o deixemos entrar na mala. Se eu sair de casa com a intenção de partir de carro, o cachorro corre para a traseira. Mas se eu sair de casa com as chaves na mão, apenas para pegar alguma coisa dentro do carro, o cachorro não reage. Hoje, quando estávamos à mesa para tomar o chá da manhã, minha esposa disse que gostaria de sair para fazer compras em cinco minutos. Quando olhei pela janela da cozinha, vi que o cachorro já estava sentado perto da traseira do carro, olhando para a porta de casa, cheio de expectativa. Até aquele momento eu ainda não havia saído de casa e não havia tido nenhum contato com o cachorro. Desconhecemos a existência de quaisquer elementos físicos que pudessem ter indicado para

ele que estávamos prestes a sair de casa. (Dieter Eigner, Powelltown, Victoria)

Em nosso banco de dados, há mais de 30 exemplos parecidos, mas não há necessidade de discuti-los com maiores detalhes devido à sua similaridade com a antecipação por parte dos cães que estão prestes a sair para passear a pé. As mesmas considerações se aplicam a experiências projetadas para eliminar pistas sensoriais normais. A decisão de entrar no carro deve ser tomada em horários escolhidos aleatoriamente, com o dono longe do cachorro, de forma que ele não consiga receber a informação através da visão, da audição ou do faro. As reações do cachorro devem ser filmadas, ininterruptamente, com uma câmera de vídeo virada para o local onde o cão costuma esperar (nesse exemplo, perto da traseira do carro).

Animais que sabem quando seus donos estão prestes a deixá-los

Faz uma enorme diferença na vida dos animais domésticos quando seus donos resolvem sair, em especial quando partem em férias ou outras jornadas mais demoradas. Muitos cachorros e gatos parecem captar a intenção dos donos de partirem. Não há dúvida de que isso acontece porque o animal assiste a preparações óbvias, tais como a arrumação das malas. Mas, em nosso banco de dados, há mais de 100 relatos de donos de animais domésticos que acreditam que seus animais sabiam até mesmo antes de serem expostos a sinais tão reveladores. Por exemplo: "Se alguém estivesse partindo de férias, nosso labrador passava três ou quatro dias com uma expressão de extrema infelicidade, antes mesmo de as pessoas partirem ou de começarem a fazer as malas. Depois da partida, ele voltava ao normal." (Mary Burdett, Blackrock, Irlanda)

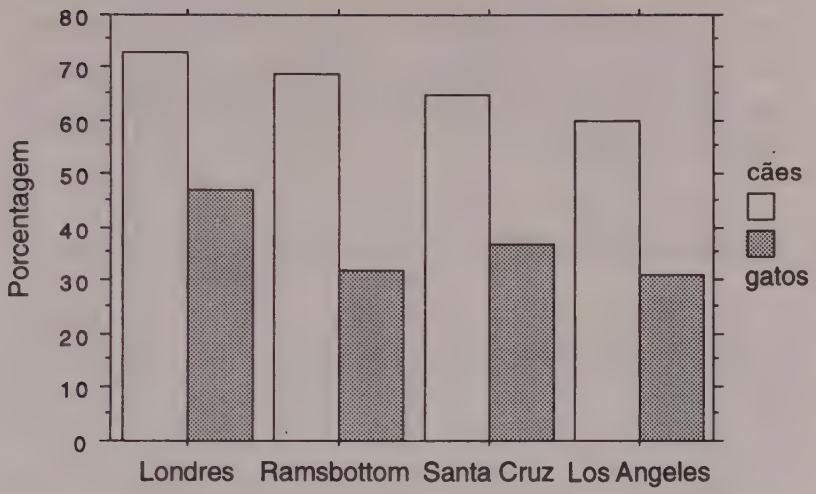


Figura 7.1 Porcentagens de proprietários de cachorros e de gatos que disseram que seus animais sabiam que estes iriam sair antes mesmo de mostrarem qualquer sinal físico de que iriam fazê-lo. As pesquisas foram realizadas com uma amostragem aleatória de casas em Londres e em Ramsbottom, noroeste da Inglaterra; e em Santa Monica e Los Angeles, Califórnia.

Nos quatro levantamentos realizados por mim e por colegas, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos (p. 74), uma das perguntas feitas foi: "Você concordaria ou discordaria que seu animal de estimação sabe que você vai sair antes de você mostrar qualquer sinal físico de estar prestes a fazê-lo?" Esta pergunta cobre diversos fenômenos: o da partida para uma viagem, o da partida deixando o animal para trás e o da partida levando o animal junto. Em média, 67% dos proprietários de cachorros e 37% dos de gatos concordaram (Figura 7.1). Estas foram as porcentagens mais altas de respostas positivas a qualquer uma das perguntas que fizemos sobre a perceptibilidade dos animais de

estimação. Mas, embora seja uma das formas mais comuns de os animais reagirem às intenções das pessoas, é uma das mais difíceis, do ponto de vista experimental, pois é difícil manter a pessoa afastada do animal por muitas horas, ou mesmo dias, antes do momento da partida.

Animais que sabem quando vão ser alimentados

Muitos animais parecem saber quando vão ser alimentados, muitas vezes mostrando sua expectativa através da agitação. Essa expectativa pode ser, muitas vezes, uma questão de rotina, de ver, de farejar ou de ouvir a pessoa preparar a comida, ou em resposta a algum outro sinal dado pela pessoa. Mas isso também pode depender de uma detecção de intenção mais sutil.

Os exemplos mais impressionantes dizem respeito não a refeições normais, mas a lanchinhos ou agrados especiais.

> Quanto mais velho Maxi, meu pastor alemão, vai ficando, mais telepático ele parece se tornar. É só eu pensar "salsichas" ou "chocolate" ou "biscoitos" para ele aparecer. Ele pode estar no jardim, com a porta fechada, mas ele "sabe". Posso abrir a geladeira uma dúzia de vezes sem que ele reaja, mas é só tirar salsichas ou chocolate de dentro da geladeira para ele aparecer "batendo" na porta, pedindo para entrar. (Frank Bramley, Telford, Shropshire)

Os gatos exibem comportamento parecido. Eis aqui um de diversos exemplos:

> Tiger, uma gata malhada, costumava ficar passando por entre as minhas pernas para apanhar os pedacinhos de carne que iam caindo no chão — o que seria bastante comum — mas ela sempre parecia *saber* que eu estava *pensando* em

pegar o moedor de carne (ela não exibia a menor reação quando eu ia picar frutas ou legumes) e aparecia aos meus pés, mesmo que anteriormente estivesse dormindo encolhidinha, ou estivesse lá fora, no jardim — antes mesmo de eu abrir a gaveta onde guardo o moedor (senão eu teria achado que ela sentia algum cheiro). Ela simplesmente parecia ler meu pensamento, pois nunca reagia quando eu abria aquela mesma gaveta para tirar outros equipamentos. (Joan Hayward, Dorchester)

Como é que eles sabem? Em alguns casos, a audição e o faro, muito mais apurados do que o de um ser humano, podem ter alguma influência; ou então os animais podem estar reagindo telepaticamente a intenções humanas, até mesmo a distância. Essas são alternativas já familiares, já apresentadas em discussões anteriores, sobre as reações dos animais às intenções de seus donos. Mais uma vez, a única forma de tentar resolver essa questão seria separar o animal do dono para que o som, o olfato e a audição possam ser excluídos.

Cavalos

Muitos proprietários de cavalos e zeladores de estábulos já descobriram que os animais antecipam o momento de serem alimentados, mas é difícil distinguir os efeitos da intenção dos efeitos da rotina, ou da audição ou da visão da comida sendo preparada ou apanhada. No entanto, algumas pessoas que criam cavalos moram a quilômetros de distância dos estábulos ou dos cercados onde eles pastam, longe demais para o cavalo ver, farejar ou ouvir, e, mesmo nessas circunstâncias, alguns cavalos parecem antecipar sua chegada, como se soubessem que estão a caminho, mesmo que cheguem em horários não costumeiros.

Olwen Way, moradora de Brinkley, perto de Newmarket, tinha um haras onde só criava garanhões e cavalos de corrida e possui muitos anos de experiência com cavalos. Ela agora cria um pônei chamado Freddy perto da casa do filho, no vilarejo seguinte ao seu, Burroughs Green, a quatro quilômetros de sua casa. Como Freddy sofre de laminite (uma inflamação da pata exacerbada por uma alimentação à base de capim novo), precisa ficar num cercado sem comida alguma e Olwen vai até Burroughs Green, todos os dias, para alimentá-lo. A nora e os netos de Olwen observaram que Freddy costumava ir para a cerca e parecia estar à espera da dona antes de ela chegar, muito embora esta viesse em horários irregulares.

Num período de seis meses, Olwen e sua família fizeram um diário das esperas de Freddy, nos dias em que havia alguém para observá-las. Normalmente Freddy reagia de dois a três minutos antes que Olwen chegasse de carro, embora algumas vezes isso se desse com oito ou dez minutos de antecedência, quando ela saía de casa. Em dada ocasião, ela veio de um vilarejo mais distante, a 20 minutos de carro de Burroughs Green, e Freddy reagiu 20 minutos antes de sua chegada. Nós também filmamos o comportamento de Freddy em experiências nas quais Olwen partiu em resposta a telefonemas dados em horários aleatórios, fazendo o percurso de táxi. Ainda assim, Freddy antecipava sua chegada excluindo, assim, a possibilidade de que estaria reagindo à rotina ou aos sons do carro de Olwen.

Bonobos (chimpanzé pigmeu)

Realizamos pesquisas sobre a antecipação dos macacos com relação à hora de sua alimentação em diversos zoológicos da Europa. Na maioria dos casos, os animais são alimentados em

horários regulares, e portanto fica difícil distinguir os efeitos da intenção de seus criadores daqueles provocados pela rotina. Além disso, como a maioria dos animais de zoológico, eles tendem a ser bem alimentados, logo raramente estão com fome.

A história de que mais gosto, protagonizada por um macaco, me foi contada por Betty Walsh, zeladora-sênior dos chimpanzés do zoológico de Warwickshire, Inglaterra. Diz respeito aos seus bonobos:

> Um dos bonobos fêmea carregava uma longa bengala de bambu, com a qual ela andava cutucando o público; portanto, queríamos tirá-la dela. Eu tinha um saco com quatro bolinhos com os quais íamos tomar chá e pensei em dar um deles para ela, se me devolvesse a bengala. Mas ela viu que eu tinha quatro bolos, e então quebrou a bengala em quatro pedaços, um para cada bolinho. Ela foi mais do que esperta. Bolou isso numa fração de segundo.

Aqui é impossível separar telepatia e pistas sutis da inteligência, pura e simples. De alguma forma, a macaca captou a intenção da criadora de recompensá-la com um bolinho se abrisse mão da vara e ao ver os quatro bolos, imediatamente pensou numa maneira de ficar com todos.

Apesar da dificuldade em separar a antecipação telepática da rotina, alguns macacos reagem de uma forma que sugere que realmente captam as intenções dos zeladores de alimentá-los. Por exemplo, Jacqueline Ruys, zeladora-chefe do zoológico de Apenheul, em Apeldoorn, Holanda, toma conta de três bonobos. Ela prepara a comida deles no início da tarde e a guarda num prédio que fica a 100 metros da jaula dos bonobos, com árvores e um prédio no caminho. Normalmente, os animais são alimentados entre as 15h e 17h, mas nunca em um horário fixo:

> Quando estou deixando nosso prédio, carregando o balde de comida, eles não podem me ver, mas os machos começam a gritar na mesma hora. Começam a fazê-lo quando eu coloco um pé do lado de fora. No entanto, quando saio para jogar um balde de lixo no latão lá fora, sem a comida deles, eles não gritam. Entro e saio do prédio onde preparo a comida deles umas 50 vezes por dia. Não sei como podem saber, mas eles sabem quando estou chegando com a comida em vez de outra coisa qualquer.

Em situações como essa, deveria ser possível elaborar experiências nas quais os animais são filmados em vídeo e os horários de sua alimentação escolhidos aleatoriamente. Como ser alimentado tem importância fundamental para todos os animais, experiências desse tipo poderiam ser realizadas com uma enorme variedade de espécies e poderia proporcionar uma forma de descobrirmos quais espécies são capazes de criar laços com seus criadores humanos e de reagir às suas intenções telepaticamente. Nesse caso, como em tantos outros, há um grande potencial para uma investigação empírica.

8

Chamados e comandos telepáticos

No capítulo anterior, discuti as maneiras pelas quais os animais reagem às intenções das pessoas. Muitos animais parecem captar intenções, quer seus donos gostem ou não, sem nenhum esforço deliberado por parte do dono.

Ao chamarem um animal ou darem ordens, os donos estão tentando, deliberadamente, mudar o comportamento dele. Uma pessoa que chama um gato quer que ele se aproxime. Um pastor quer que seu cão arrebanhe as ovelhas de acordo com suas intenções. Um cavaleiro deseja que um cavalo salte uma barreira. Através de chamados e de comandos, as pessoas impõem o seu desejo de que os animais façam determinada coisa. Algumas vezes esses chamados e comandos parecem ser comunicados telepaticamente e funcionam em duas vias, dos seres humanos para os animais e dos animais para os seres humanos.

A telepatia também parece estar ligada a chamadas telefônicas. Alguns gatos e cachorros parecem saber quando seu dono está telefonando ou prestes a telefonar. E muitas pessoas parecem

ter intuições aparentemente telepáticas de que uma determinada pessoa está telefonando, antes mesmo de atenderem o telefone.

Com que freqüência ocorrem experiências telepáticas com animais?

Dentre aqueles que trabalham com cachorros e cavalos, a existência de influências telepáticas é normalmente tida como fato. "Ninguém em sã consciência as questionaria", disse Barbara Woodhouse, uma respeitada treinadora inglesa de cães:

> Você precisa sempre ter em mente que os cachorros lêem seus pensamentos através de um pronunciado sentido telepático. É inútil pensar uma coisa enquanto se diz outra, ninguém engana um cachorro. Se você deseja conversar com seu cachorro, precisa fazê-lo com sua mente e sua força de vontade, assim como com a voz. Eu comunico meus desejos com minha voz, com minha mente e com o amor que tenho pelos animais... A mente de um cachorro capta pensamentos com tanta rapidez que, à medida que você os tem, eles entram na mente do cachorro, simultaneamente. Tenho grandes dificuldades em dar comandos para os donos em sala de aula, pois os cachorros obedecem aos meus comandos antes mesmo de minha boca ter tido tempo de dar a ordem ao dono.[1]

Quando comecei a perguntar a proprietários de animais de estimação, treinadores de cachorros, cegos que possuem cães guia e cavaleiros sobre a sua comunicação com os animais, logo descobri que as opiniões de Barbara Woodhouse a respeito são amplamente compartilhadas. Essa impressão foi confirmada por pesquisas formais.

Eu e meus assistentes realizamos pesquisas em lares escolhidos aleatoriamente na Inglaterra e nos Estados Unidos nas quais fiz aos donos de animais a seguinte pergunta: "Você concordaria ou discordaria da afirmação de que seu animal de estimação reage aos seus pensamentos ou comandos feitos em silêncio?" Uma média de 48% dos proprietários de cachorros e 33% dos de gatos concordaram.[2]

Fizemos então outra pergunta: "Você concordaria ou discordaria da afirmação de que seu animal de estimação às vezes se comunica telepaticamente com você?" O padrão de respostas foi bastante parecido com o da pergunta sobre pensamentos e ordens dadas em silêncio. Em média, 45% dos proprietários de cachorros e 32% dos de gatos acreditam que as reações de seus animais não são, simplesmente, uma questão de captar pistas sensoriais, envolvendo, sim, uma influência telepática.[3]

Também perguntamos às pessoas a respeito de sua experiência com animais que tiveram anteriormente: "Você concordaria ou discordaria da afirmação de que algum animal que conheceu no passado era telepático?" Cerca de 45% dos proprietários de animais de estimação e 35% daqueles que não possuíam animais de estimação à época da pesquisa concordaram.[4]

Essas pesquisas sugerem que pelo menos um terço da população adulta acredita que tiveram ou que ainda terão ligações telepáticas com animais. Na Inglaterra, isso significa mais de 15 milhões de pessoas e nos Estados Unidos, mais de 65 milhões!

Que tipos de experiências levaram tantas pessoas a acharem que seus animais podem reagir a elas telepaticamente? Eu já discuti as formas pelas quais os animais parecem reagir telepaticamente às intenções dos seres humanos (Capítulos 2, 3, 4 e 7) e à sua tristeza (Capítulo 6). Agora tratarei de diversos tipos de chamados e comandos.

Chamando gatos

De todos os fenômenos aparentemente telepáticos descritos por donos de gatos, a capacidade de chamar um gato mentalmente é um dos mais comuns. Por exemplo, Nancy Arnold, de Kalamazoo, Michigan, tem cinco gatos e notou que quando estão do lado de fora da casa, "basta eu pensar num determinado gato e em um minuto, ou um pouco mais, o gato em questão aparece na porta. Para mim, a telepatia deles é um fato consumado". No tempo em que morava em Jerusalém, Rhona Hart deixava que Tiger, sua gata, vagasse pelos campos e jardins que ficavam próximos ao seu apartamento enquanto saía para trabalhar. Quando ela chegava em casa, era freqüente Tiger ir ao seu encontro mas, caso isto não ocorresse, ela ia chamá-la de volta para casa, à noite. "Comecei a me dar conta de que, às vezes, quando eu estava pensando em chamá-la de volta para casa, Tiger aparecia sem eu ter de sair. Comecei a achar que 'pensar' era um pouco mais eficiente do que chamar."

Eis aqui outro exemplo, de Pauline Bamsey, de Port Talbot, no País de Gales, que está convencida de que seu gato possui poderes telepáticos:

> Quando ele não está por perto, é só eu pensar "Venha para casa, Leo", se eu achar que ele está fora há tempo demais. Em minutos, às vezes em menos de um minuto, ele aparece, dependendo da distância a que se encontrava. Ele costuma visitar os jardins dos vizinhos e também um terreno baldio que fica nos fundos de nosso jardim. É lá que ele caça. Se eu estiver no jardim pensando "Onde você está, Leo?", ele me chama em voz alta quando vem se aproximando do jardim. Se eu estiver dentro de casa, ele atravessa a portinhola da entrada dos fundos com um miado bem sonoro e até mesmo sobe as escadas à minha procura. Enquanto

escrevo esta carta posso vê-lo no telhado da garagem, dormindo todo encolhidinho. Pensei comigo mesma: "Olha você aí, Leo." Ele acordou quase que imediatamente, levantou-se e olhou diretamente para mim através da janela, que fica a uns cinco metros da garagem. Depois de alguns instantes ele se virou e foi para o terreno que fica do outro lado do telhado da garagem!

Algumas pessoas acreditam que os chamados telepáticos podem funcionar ao contrário. Os gatos parecem chamá-las, conforme discutirei no final do capítulo.

Cães

No treinamento dos cachorros, quer seja para fins de trabalho, de agilidade, de obediência ou, simplesmente, como animais de estimação, os proprietários costumam ficar fisicamente próximos dos cães, e fica difícil separar os efeitos da influência mental direta dos sentidos normais e dos treinamentos. A maioria dos treinadores concentra-se, simplesmente, no desempenho, sem refletir muito nas formas de comunicação entre ser humano e cachorro.

Alguns cães do grupo de trabalho ainda sabem o que fazer quando estão longe. Mas mesmo assim é difícil saber o que está acontecendo. Raymond McPherson, de Brampton, condado de Cumbria, é um bem-sucedido competidor em provas com cães pastores e vencedor do Campeonato Supremo Internacional. Ele está convencido de que seus border collies são extremamente inteligentes. Mas será que sua capacidade de antecipar as intenções do dono deve-se mais à inteligência e à rotina de trabalho do que à telepatia?

Se você tem um cachorro com um cérebro e um instinto natural para arrebanhar ovelhas, ele consegue fazer muita

coisa sem precisar de uma única ordem. Se você for a uma prova de cães pastores, poderá ver uma pequena parcela do que são capazes de fazer. Mas é quando você sai para as colinas, no dia-a-dia do trato com as ovelhas, que descobre como eles são inteligentes. Podem trabalhar longe da sua vista, alguns se afastam por quase cinco quilômetros e um cachorro pode trabalhar com três, quatro, 500 ovelhas ou até mesmo mais. Você pode estabelecer uma tremenda ligação com eles e eles antecipam o que você quer que façam antes mesmo de você pedir. A melhor forma de construir um bom elo com um cachorro é através da gentileza.

Como sempre, a melhor forma de separar a influência de pistas sensoriais das influências mentais diretas é em situações nas quais nem a rotina nem a comunicação sensorial normal podem proporcionar uma explicação plausível. Alguns cães, assim como os gatos, reagem a chamados silenciosos e vão ao encontro de seus donos quando convocados. Os mais incríveis são os chamados quando o cachorro está do lado de fora e distante de seu dono.

Eric LeBourdais treinou sua golden retriever para responder ao chamado de um apito para cães, de maneira que ela fica livre para percorrer grandes distâncias. Certo dia, quando a cachorra tinha aproximadamente um ano, ele se lembrou de repente de que precisava fazer uma determinada coisa em casa. Ela estava a 400 metros de distância. Ele ia colocar a mão no bolso para tirar o apito mas no momento em que o pensamento lhe ocorreu, ela levantou a cabeça como se ele já tivesse usado o apito e veio direto para ele. Isso o surpreendeu mas ele achou que fosse coincidência.

No entanto, à medida que os anos foram passando, isso aconteceu dúzias de vezes — o suficiente para eu ficar completamente convencido de que não há coincidência alguma no fato. Jamais houve qualquer ato de minha parte

— nada de "normal", que pudesse ocasionar tal coisa. Algumas vezes ela podia estar completamente fora de vista e eu começava a pensar em voltar para casa. Ela sempre vinha diretamente para mim, exatamente como se tivesse sido chamada.

No caso de cães do grupo de trabalho e dos que atendem a chamados, o comando costuma ser algo com que o animal está acostumado. A telepatia está no *timing*. No entanto, os casos mais impressionantes são aqueles em que a pessoa deseja que o animal realize uma tarefa fora de sua rotina; a influência nesses casos é mais detalhada e específica. Eis aqui o exemplo de um cachorro de estimação que reagia às ordens silenciosas de sua dona, Janet Penney, que vive na Cornualha:

Certo dia, enquanto meu cachorro dormia profundamente, eu pensei: "Acorde e traga a sua grande bola azul para irmos brincar no jardim." Maggers acordou, foi até a caixa onde ficam seus brinquedos e procurou a bola azul (da qual ele não gosta muito!), trouxe-a para mim e foi esperar na porta dos fundos (não, ele não precisava fazer pipi!). Um dia, já no final de sua vida, ele deixou todos os brinquedos espalhados e eu estava tropeçando neles (caminho de maneira um pouco vacilante, pois tenho artrite). Eu não disse uma única palavra (o pobrezinho estava dormindo) mas pensei em como seria bom se ele guardasse os brinquedos. Quando desci as escadas, encontrei-o com a caixa de brinquedos no meio da sala e *todos* os brinquedos dentro!

Esse tipo de comunicação telepática foi explorado em experiências realizadas pelo falecido Vladimir Bechterev, eminente neurofisiologista russo.[5] Embora tenham sido realizadas há muitos anos, ao que sei ainda são os únicos estudos experimentais nessa área relatados na literatura científica.

As experiências de Vladimir Bechterev

Bechterev, um investigador de admirável curiosidade e mente aberta, ficou intrigado com o número realizado por um cachorro em um circo de São Petersburgo no qual o cão, um fox terrier chamado Pikki, parecia responder às ordens mentais dadas por seu treinador, W. Durow. Durow contou a Bechterev que seu método era visualizar a tarefa que queria que o cachorro realizasse, como, por exemplo, pegar um livro de cima de uma mesa, para então tomar a cabeça do cão entre as mãos e olhar dentro de seus olhos.

> Fixo em sua mente o que acabo de fixar na minha. Mentalmente, coloco diante dele o trecho de chão que leva à mesa, a seguir as pernas da mesa, então a toalha de mesa e, finalmente, o livro. Então dou a ele a ordem, ou melhor, um empurrão mental: "Vá!" E ele se afasta de mim como se fosse um autômato, aproxima-se da mesa e agarra o livro com os dentes. Está realizada a tarefa.

Bechterev e diversos de seus colegas descobriram que também podiam dar ordens a Pikki da mesma forma, até mesmo na ausência de Durow. Fizeram diversos testes para descobrir se estavam dando pistas sutis para o cachorro com os olhos, a cabeça ou com outros movimentos do corpo. Bechterev também fez testes com seu próprio cachorro e descobriu que este, também, respondia a ordens mentais. Suas conclusões:

1. O comportamento dos animais, especialmente o dos cães treinados para obedecerem, pode ser diretamente influenciado pela sugestão.
2. Essa influência pode ser eficaz sem qualquer contato direto entre o transmissor e o cachorro receptor, assim

como quando se encontram separados por biombos de madeira ou metal, vendas etc.

3. Disso conclui-se que o cachorro pode ser diretamente influenciado sem a presença de qualquer sinal pelo qual poderia estar sendo guiado.[6]

Bechterev encarou essas investigações como uma preliminar e mostrou que seria desejável realizar outras experiências com cachorros. "Seria importante estudar não só as condições que governam a transferência de influências mentais do agente para o receptor, como também as circunstâncias que envolvem tanto a inibição quanto a execução de tais sugestões. Isso seria, necessariamente, de interesse teórico tanto quanto prático." Infelizmente o trabalho pioneiro de Bechterev não teve continuidade e essas palavras continuam tão relevantes hoje quanto quando as escreveu, há mais de 75 anos.[7]

Cães guia

Algumas das pessoas que trabalham mais próximas aos cachorros são os cegos com seus cães guia. Eu quis saber se algum cego havia notado que seu cachorro era capaz de captar suas intenções sem receber ordens verbais ou sem interpretar sua linguagem corporal. Com o auxílio da Associação Inglesa de Cães Guia para os Cegos, Jane Turney e eu conversamos com 20 donos de cães guia sobre sua experiência. Também recebemos valiosos dados através de cartas escritas em resposta a um pedido de informações publicado na *Forward*, revista inglesa para donos de cães, impressa em Braille.

Alguns donos de cães guia não haviam notado coisa alguma do gênero, mas a maioria havia. Vários comentaram que isto dependia dos laços afetivos entre eles e o cachorro e que alguns

cães eram muito mais sensíveis do que outros. Até mesmo os cães mais sensíveis podem não captar as intenções de seus donos sempre:

> Paxton, um labrador preto, é meu segundo cachorro. Levei dois anos para me acostumar com ele. Hoje em dia, há muitas ocasiões nas quais sinto que ele conseguiu captar sinais que eu não lhe dei de maneira consciente, que eu não lhe dei em voz alta. Eu penso assim, "Precisamos ir a tal lugar", e é para lá que vamos, embora eu não tenha dito uma única palavra. Ele capta, muito bem, as coisas que eu penso e sinto. Já houve vezes em que eu tentei testá-lo, em que tentei pensar, propositadamente, em informações, tentando ser o mais objetiva possível, e ele fez a mesma coisa. Ele não faz isso sempre. Às vezes, sua sintonia parece ser maior do que em outras ocasiões. Há momentos em que ele está distraído e eu não estou pensando de forma muito clara e não estou lhe dando orientações precisas. (Sarah Craig, Bridgend)

Os casos mais impressionantes envolvem cães que reagem a pensamentos que o dono não está planejando pôr em ação imediatamente. Por exemplo, Mike Mitchinson estava caminhando de casa, em Bath, para uma loja em especial, que se encontra a 20 minutos de distância. O caminho o levava a passar pelo consultório do dentista.

> Quando entramos na rua em questão, lembro-me de ter pensado: "Não posso esquecer a hora no dentista na quinta-feira, às 10", (era segunda-feira). E assim fui em frente, confiante, prestando muito pouca atenção para onde eu estava indo. Imagine só a minha surpresa quando dobrei à esquerda e fui dar numa estradinha de pedregulho! Isso mesmo, estávamos no dentista!

Da mesma forma, John Collen, de Southend-on-Sea, estava passando por umas lojas, certa manhã, pensando que gostaria de ir ao verdureiro naquela tarde comprar maçãs quando o cachorro o levou diretamente até a loja.

> Eu disse ao dono que estava apenas *pensando* em entrar porque não queria ficar carregando as maçãs e que voltaria mais tarde, mas o simples fato de eu ter pensado naquilo, muito de passagem, foi o suficiente para Pedro captar.

Será possível que os cães guia estivessem reagindo a mudanças na maneira de os donos caminharem ou segurarem a trela? Diversos de nossos informantes pensaram nessa possibilidade, incluindo o dono de Pedro.

> Sou completamente cego, assim não posso ver o cachorro e não tinha muita certeza quanto à direção na qual estávamos indo. Sob tais condições eu não poderia estar dando indicação alguma com relação ao caminho a ser tomado, a pararmos ou a continuarmos. Eu simplesmente caminhava, pensando, e foi assim que comecei a acreditar que ele estava captando alguma coisa além de pistas visuais ou outras indicações físicas.

Peter Neely, de Kumnock, na Escócia, chegou a conclusão parecida:

> Quando estou trabalhando com Sam, o labrador preto que tenho há dois anos como cão guia, eu diria que existe realmente uma ligação telepática porque ele parece saber em que direção eu quero ir. Ele parece pressentir que estou mudando de idéia no meio do caminho. Acredito que se você é dono de um cão guia, além de ser um entusiasta de cães guia, existe uma ligação, uma espécie de cordão umbi-

> lical entre você e o cachorro porque o que você está sentindo e o que ele está sentindo sobem trela acima. Algumas pessoas poderiam dizer que seu subconsciente faz com que você coloque uma tensão diferente na trela, e que é isso que o cachorro capta, mas eu sinceramente não sinto que seja o que estou fazendo.

É claro que trata-se, apenas, de opiniões, mas as opiniões de pessoas com anos de experiência junto a cães guia são mais valiosas do que as de pessoas sem experiência alguma. No entanto, considerando o contato físico através da trela, fica difícil separar as influências telepáticas das pistas sensoriais sutis e eu ainda não consegui pensar numa experiência objetiva com cães guia que conseguisse eliminar, de forma conclusiva, a possibilidade de movimentos involuntários por parte do dono.

Cavalos

Muitos cavaleiros experimentam laços estreitos física, emocional e mentalmente com seu cavalo. Eles acreditam que o cavalo parece reagir aos seus pensamentos. Por exemplo:

> Posso estar montando minha égua num ritmo lento e penso assim: "Quando eu chegar àquela árvore, vou fazê-la trotar" e, como se ela tivesse lido meu pensamento, e naquele momento, sem que eu tenha dado o menor sinal físico (consciente!), ela começa a trotar. Meu marido e filha tiveram exatamente a mesma experiência com seus próprios cavalos. (Andrea Künzli, Starrkirch, Suíça)

É freqüente cavaleiros com grande experiência encararem tal sensibilidade como fato consumado. Eis aqui como uma amazona menos experiente descobriu isso por conta própria:

> Montar o Kazan tornou-se, de certa forma, exasperante, já que eu nunca sabia quando ele ia me assustar. Isso é, até eu tentar me comunicar com ele telepaticamente. Minha primeira tentativa aconteceu quando eu quis que ele atravessasse uma ponte branca de madeira. Das primeiras vezes que tentei, ele não quis colocar nem mesmo uma única pata sobre ela. Então, quando saí com ele outra vez, fixei em minha mente uma imagem nítida, clara, de ele atravessando a ponte calmamente comigo montada. Funcionou! Nos aproximamos da ponte, pisamos nela e a atravessamos sem um minuto de hesitação e sem um único passo em falso. Oba! Fiquei tão impressionada com o sucesso de minha experiência que comecei a usar a telepatia na minha rotina do dia-a-dia com o cavalo. Quando eu quero que Kazan entre no seu *trailer*, visualizo a cena e ele entra. (Lisa Chambers, Chico, Califórnia)

No caso de cavalos, assim como acontece com os cães guia, é difícil separar as influências mentais de sinais físicos inconscientes, como uma simples mudança na tensão muscular. "É tentador, quando se está montando um cavalo muito escolado, ou um cavalo que nos conhece realmente bem, pensar que ele está recebendo mensagens telepáticas. No entanto, é possível que ele esteja, apenas, captando movimentos sutis do cavaleiro e agindo de acordo."[8] A questão permanece em aberto: não há como explicar essas impressões por parte de cavaleiros experientes.

Uma das poucas pessoas a ter realizado experiências sobre a comunicação mental com cavalos foi Harry Blake, treinador de cavalos inglês, famoso pelo seu método de tornar os cavalos mais dóceis. Seu trabalho envolvia estabelecer empatia com o cavalo em vez de domá-lo, a forma mais convencional, conseguindo, com freqüência, treiná-lo com notável rapidez e eficiência. (Seu método tinha algo em comum com o "sussurrar junto ao cavalo" e os

procedimentos do treinador de cavalos americano Monty Roberts.)[9] Ele resumiu sua pesquisa num livro chamado *Talking with Horses: a Study of Communication Between Man and Horse*[10] [Conversando com cavalos: um estudo sobre a comunicação entre homem e cavalo].

Durante uma série de experiências realizadas com um cavalo chamado Cork Beg, o treinador o instruiu a ir na direção de um de dois baldes de comida, colocados a dez metros de distância um do outro, comandando-o, "usando apenas a telepatia", para se aproximar daquele que continha seu café da manhã e não do outro, que nada continha. "Em poucos dias, ele ia direto para o balde do qual eu o mandara se aproximar e eu insisti nisso durante duas semanas." Por ocasião dos testes, dois baldes foram oferecidos ao cavalo, cada qual contendo quantidades iguais de comida. Nas cinco primeiras manhãs, o treinador fez o cavalo alternar-se entre o da esquerda e o da direita e, a seguir, durante quatro manhãs, mandou-o para o recipiente da esquerda.

> A nona manhã trouxe a experiência mais difícil de todas. Durante quatro manhãs consecutivas, ele comera o café da manhã do recipiente da esquerda e na nona, eu queria trocá-lo para o da direita. Para meu grande alívio, ele foi direto para o da direita. Tendo feito isso com sucesso, ele deveria comer, outra vez, do da direita na décima manhã, do da esquerda na décima primeira, e na décima segunda manhã, do da direita. Ele se dirigiu ao recipiente correto todas as manhãs.[11]

Como o cavalo podia ver Harry Blake, é impossível desconsiderar pistas visuais sutis do tipo captado por Clever Hans (p. 21). Mas Harry Blake fez outras experiências telepáticas entre cavalos, quando estes eram mantidos em prédios diferentes, longe da vista um do

outro, o que parece descartar pistas dadas pelo próprio Blake ou pelo outro cavalo. Essas experiências são discutidas no Capítulo 9.

Comunicação de duas vias

Se existem laços invisíveis entre animais e pessoas, seria surpreendente se estes não permitissem que a comunicação ocorresse em ambas as direções em vez de em apenas uma.

Colhi mais de 1.500 relatos de influências aparentemente telepáticas ou psíquicas de donos sobre seus animais de estimação e 73 casos nos quais as influências parecem fluir na direção oposta. As pessoas parecem ser muito menos sensíveis a essas influências do que seus animais, ou então prestam pouca atenção a elas. Mas 73 ainda é um número bastante alto e é de se presumir que pessoas que não me escreveram também tenham vivido experiências parecidas.

Desses 73 casos, dez dizem respeito a mortes ou acidentes ocorridos em lugares distantes. Estes, discuti no Capítulo 6. A maioria dos outros 63 casos envolve pedidos silenciosos de ajuda. A maioria refere-se a gatos.

Gatos chamando pessoas

Os gatos parecem ter um talento especial para conseguir o que querem de seus donos por meios sutis. Algumas pessoas estão convencidas de que os gatos podem influenciá-las telepaticamente. A ocorrência mais comum é quando um gato está do lado de fora e quer que o deixem entrar.

> David, meu marido, logo descobriu que sabia dizer quando Suzie estava no jardim e queria entrar. Isso aconteceu pela

primeira vez numa manhã de domingo, quando estávamos na cama, lendo jornal. De repente David disse: "Suzie quer entrar", saiu da cama e abriu as cortinas do quarto dando com Suzie sentada no mourão, olhando fixamente para a janela do quarto. Depois disso, me acostumei a ver David se dirigir para a porta da frente ou dos fundos para deixar Suzie entrar, muito embora eu nunca a tenha ouvido chorar ou arranhar a porta. David dizia, apenas, que ela o havia influenciado. (Sonya Porter, Woking, Surrey)

Alguns donos de gatos não só sabem quando os gatos querem entrar como, também, de qual gato está vindo o chamado silencioso. Laura Meursing tinha seis gatos e vivia numa grande propriedade, na Bélgica: "Os gatos viviam do lado de fora, espalhados pelas nossas terras, mas eu sentia quando um deles queria entrar e de qual se tratava." Um gato francês chamado Minet chama sua dona mesmo enquanto ela dorme.

De repente, eu sei que ele está atrás da porta porque sua imagem, na posição em que eu o encontrarei, se impõe sobre mim, chega até mesmo a se aproximar de mim, se preciso. Não há chamado, miado ou qualquer outro sinal. Tudo acontece em silêncio. (Mme. G. Woutisseth, Vanves, França)

Alguns donos de cachorros já tiveram experiências parecidas, como Lydia Arndt, de Riverside, Califórnia:

Uma das minhas dinamarquesas pode estar do lado de fora, mas quando ela quer entrar, me "ordena" que eu vá à porta dos fundos. Eu posso estar do outro lado da casa mas ela faz uma força tão grande com o pensamento que eu preciso parar tudo para deixá-la entrar. Fazemos isso várias vezes por dia.

Chamados feitos por gatos perdidos

Gatos que vagam livremente tendem a se perder, com freqüência porque sem querer são presos em galpões ou em garagens pelos vizinhos. Alguns donos de gatos já descobriram que podem, de alguma forma, dizer onde o gato perdido se encontra. Por exemplo, Solomon, um siamês de Whittlesey, Cambridgeshire, era muito curioso e vivia ficando preso em algum lugar. Quando ele não voltava para casa à noite, sua dona, Celia Johns, tinha de ir à sua procura. "Eu nunca sabia onde ele estava, mas descobri que se ficasse do lado de fora da porta dos fundos e me concentrasse bem, eu invariavelmente virava na direção certa para encontrá-lo."

Algumas histórias sobre o resgate de gatos que se perderam são bastante dramáticas e parecem demonstrar que o gato, de alguma forma, atrai o dono na sua direção. Mas isso ocorre apenas após um período bastante frustrante de buscas usando o método de tentativa e erro. Por exemplo:

> Em junho, Solitaire, a mais nova de nossos gatos, desapareceu. Nós a procuramos sem sucesso. No terceiro dia, senti uma vontade súbita de sair, corri rua acima e virei em Fir Close. Fui até a segunda casa da direita e toquei a campainha. Um senhor abriu a porta, me desculpei por importuná-lo e contei-lhe da gata desaparecida. Ele me garantiu que não a vira. Perguntei a ele se importava-se de eu dar uma olhada no jardim nos fundos de sua casa, pois aquilo me faria sentir melhor. Ele me levou até lá e eu comecei a chamar "Solitaire, Solitaire" e imediatamente a gata começou a miar, muito alto. Eu segui o som até um enorme amontoado de refugo de jardinagem. Havia um buraco bem em cima e, ao olhar dentro dele, vi o rosto de minha gata olhando para mim de, mais ou menos, um metro de profundidade. Ela estava presa e seu

pescoço estava dobrado... Eu a carreguei para casa louca de alegria. (Martha Lees, Fleetwood, Lancashire)

Em alguns casos, os donos não estão a pé e sim de carro quando parecem saber aonde ir. No exemplo a seguir, como no anterior, esta certeza não se deu imediatamente, mas apenas após os donos descartarem todas as outras possibilidades. A gata, Whisky, escapara de um gatil num vilarejo de Yorkshire enquanto sua família viajava de férias. Quando voltaram, duas semanas depois, descobriram que ela estava desaparecida há quase tanto tempo quanto o que eles passaram longe. Sua dona a procurou por todo o vilarejo, visitando cada casa, indo até o bar. Muitas pessoas haviam visto uma gata perdida, mas ninguém sabia dizer onde ela estava.

Quando terminei, já havia escurecido, de maneira que me pareceu melhor ir para casa e voltar na manhã seguinte. Depois de percorrer mais de 1,5 quilômetro me senti forçada — sem a menor vacilação — a dar meia-volta e retornar para o vilarejo. Foi o que fiz e desci por uma rua sem saída que leva, apenas, até um reservatório. Uns 800 metros adiante parei o carro, saltei e chamei "Whisky". Imediatamente ouvi um miado e ela saltou por cima do muro, vinda de um campo que ficava por trás. (Catherine Forrester)

Como será que os gatos conseguem atrair seus donos até eles? Este fenômeno está relacionado à capacidade que os animais têm de encontrar seus donos e será discutido, com maiores detalhes, no Capítulo 13.

Cães que estão sofrendo

A maioria das histórias que recebi sobre cães influenciarem seus donos a distância ocorreu quando os animais estavam passando por um enorme sofrimento. Por exemplo:

Um dia, enquanto eu estava no trabalho, começou a trovejar e a chover. Enquanto eu trabalhava, ia ficando cada vez mais irritada. Então, fiquei extremamente agitada. Não agüentava mais esperar. Algo estava errado. Aqui eu devo acrescentar que jamais folguei no trabalho. Pedi a meu chefe para tirar a tarde de folga, pois não estava me sentindo bem. No caminho de casa, eu sabia que Eric, meu pastor alemão, estava com problemas, sabia que estava sangrando. Quando cheguei em casa, corri para o pátio, nos fundos da casa. A janela estava quebrada. Assustado, Eric havia batido no vidro com a pata e cortado o coxim palmar. Estava sangrando muito. Tive a sensação de que ele precisava de mim e que me chamou da única forma que podia — telepaticamente — sabendo que eu iria em seu auxílio. (Dolores Kats, Deming, Novo México)

Às vezes a sensação de sofrimento é captada sem que o cachorro seja identificado como fonte. Por exemplo, um dia, enquanto Jill Andrews trabalhava em seu escritório em Exeter, ela teve "uma estranha sensação física" para a qual não conseguiu encontrar motivo, embora soubesse que algo estava errado. Ela sentiu uma necessidade urgente de voltar para casa, a um pouco mais de dois quilômetros dali, temendo que a mãe idosa estivesse doente. Quando chegou em casa, a mãe a recebeu dizendo: "Como você soube?" O boxer de dez anos tinha tido um derrame e estava paralisado. "Tenho certeza de que, de alguma forma, ele estava fazendo contato comigo. Ele estava sofrendo muitíssimo e, para nossa tristeza, precisou ser sacrificado pouco tempo depois."

Em alguns casos, o sofrimento captado pelas pessoas vem de um animal de estimação que está morrendo, conforme já discuti no Capítulo 6.

Cavalos, vacas e outros animais que estão sofrendo

A captação do sofrimento de um animal não se restringe a cães e gatos. Por exemplo, uma suíça que criava ovelhas me contou que acordou, certa noite, sentindo que precisava ir até o celeiro. Quando chegou, descobriu que uma de suas ovelhas acabara de dar à luz. Ela ficou convencida de que a ovelha a "chamara" porque normalmente não acordava dessa forma e jamais fora ao estábulo no meio da noite.

Harry Blake, o treinador de cavalos, teve uma experiência parecida com uma vaca. Segundo contou, normalmente dormia como uma pedra, mas numa noite em especial acordou com uma forte sensação de que algo estava errado e saiu para ver seus animais. A vaca estava parindo, mas houve uma apresentação podálica durante o parto e ela estava tendo dificuldades. Pensando nisso mais tarde, ele se deu conta de que havia sido acordado pela sensação de que algo estava errado e que havia sido atraído até o local onde a vaca se encontrava subconscientemente. Ele teve experiências parecidas com cavalos. Numa ocasião, um cavalo ao qual era muito apegado acordou-o às três da manhã. "Eu simplesmente sabia que havia algo de errado e, quando fui dar uma olhada nele, vi que estava tendo uma violenta crise de cólica."[12]

Outras pessoas já tiveram experiências com cavalos em que não só captaram seu sofrimento como, de alguma maneira, tiveram a sensação de estar recebendo informações mais específicas. Charles Craig, por exemplo, acordou no meio da noite sentindo-se inquieto e apreensivo, vestiu-se e desceu. Apanhou um alicate e uma lanterna, calçou as botas e dirigiu-se, na escuridão da noite, para o local exato, a uns 800 metros de sua casa, onde sua égua favorita havia se enrolado no arame farpado,

dentro de um lodaçal. Segundo ele, ao descer as escadas sabia "exatamente onde a égua estava e exatamente o que acontecera" porque podia ver "dentro de minha mente".[13]

Algumas vezes as pessoas reagem ao sofrimento de animais que nem ao menos conhecem. Por exemplo, um vizinho pediu a Lucy Crisp que alimentasse seus gatos enquanto viajava de férias. No primeiro dia, ela se sentiu inquieta ao deixar a casa. No segundo dia, a inquietação tornou-se ainda mais intensa e ela foi até os fundos da casa, onde encontrou uma jaula contendo um par de coelhinhos desesperados, que não recebiam comida ou água há vários dias. "Não tenho a menor idéia de como aqueles animais conseguiram enviar os sinais de seu sofrimento", conta ela.

Comunicadores para animais

Além dessa comunicação entre animais domésticos e seus donos, há uma longa tradição de comunicação com animais pelos xamãs nas sociedades tribais. Dizem que um dos poderes alcançados pelos iogues, na Índia, era a compreensão das "súplicas de todas as criaturas".[14] Dizem que alguns dos mais adorados santos do cristianismo, como São Francisco de Assis e St. Cuthbert, comunicavam-se com animais e compreendiam sua linguagem. E sempre houve criadores e treinadores de animais em extrema sintonia com seus animais, parecendo saber o que sentiam. Na ficção, histórias como a do Dr. Doolittle dão asas à nossa imaginação.

Há também pessoas que ganham a vida como "comunicadores para animais", gente que afirma captar, telepaticamente, o que os animais de estimação das pessoas estão pensando e sentindo. Alguns cobram uma taxa por suas orientações e seus conselhos, quer sejam dados pessoalmente ou pelo telefone.

Considerando o histórico da comunicação xamanista com os animais, as experiências telepáticas dos donos com seus animais de estimação e a notável sensibilidade que algumas pessoas têm a animais, fico contente em admitir que alguns comunicadores para animais possam, de fato, possuir poderes extraordinários, mesmo quando não se dispõem a serem testados cientificamente. No entanto, é perfeitamente possível que muitas das chamadas comunicações com animais, especialmente quando elas se dão por dinheiro, sejam a projeção dos próprios pensamentos do comunicador, em vez de casos legítimos de telepatia.

Os próprios comunicadores para animais têm consciência do problema. Penelope Smith, de Point Reyes, na Califórnia, que já treinou centenas de pessoas para "comunicações telepáticas interespécie" em suas oficinas, já viu gente "misturando sua capacidade de comunicação com suas próprias expectativas ou deficiências emocionais". Ela propôs um código de ética para comunicadores interespécie que inclui a seguinte passagem: "Nós nos damos conta de que a comunicação telepática pode ser anuviada ou sobreposta pelas nossas próprias emoções não preenchidas, críticas ou falta de amor, por si mesmo ou pelo próximo."[15]

Comunicadores para animais profissionais costumam arriscar informações sobre os sentimentos dos animais e até mesmo sobre suas vidas passadas e podem, realmente, exercer um papel importante na orientação aos donos de animais. Mas, muitas vezes, eles relutam em proporcionar informações que podem ser verificadas de maneira mais direta. Em seu livro *Communicating with Animals* [Comunicando-se com os animais], o jornalista veterano Arthur Myers[16] descreve como entrevistou diversos comunicadores para descobrir se foram bem-sucedidos em encontrar, telepaticamente, animais perdidos. A maioria lhe revelou que evita fazer esse tipo de trabalho. Entretanto, Myers encon-

trou alguns casos em que os comunicadores foram capazes de localizar animais perdidos descrevendo onde estavam e dando pistas que permitiram que fossem encontrados.

Para mim, as mais interessantes dessas possíveis comunicações com animais são aquelas que podem ser testadas empiricamente. Concordo com Myers quanto ao achado de animais perdidos ser o melhor ponto de partida.

Ligações telefônicas telepáticas

Antes da invenção das telecomunicações modernas, a telepatia deve ter sido a única forma de as pessoas se comunicarem a distância. No Capítulo 4, citei a história de Laurens van der Post sobre a forma como os tribais do deserto de Kalahari sabem que os membros de seu grupo estão retornando. Eles acreditavam que o telégrafo do homem branco também envolvia algum tipo de telepatia.

Até mesmo na tradição de comunicação a longa distância com tambores, a mensagem em si talvez não seja transmitida apenas com sons. Richard St. Barbe Baker sugeriu em seu livro *African Drums* [Tambores africanos] que os tambores talvez tenham servido, primordialmente, para sintonizar a atenção do transmissor e do receptor, mutuamente:

> Será que os tambores criam um ambiente para a transmissão de mensagens através do pensamento e de visões, aniquilando tempo e espaço? Quanto mais eu me aprofundo na problemática da transmissão, mais eu me convenço da inseparável associação entre a transmissão de uma imagem por meios telepáticos e a linguagem do tambor.[17]

Habilidades telepáticas não são encorajadas nas sociedades modernas. São tratadas como superstições pelos racionalistas e ignoradas pela ciência institucional e pelo sistema educacional. De qualquer forma, tecnologias modernas normalmente proporcionam meios de comunicação a distância muito mais simples e eficientes. A televisão permite que todos vejam imagens a distância e o telefone proporciona comunicação instantânea em todo o mundo.

Mas, ironicamente, os telefones proporcionam uma excelente oportunidade para o estudo da telepatia, precisamente porque desempenham a mesma função da comunicação a distância. Para fazermos uma ligação telefônica para alguém, é necessário termos a *intenção* de telefonar para aquela pessoa. Em si, o ato de telefonarmos para alguém faz com que concentremos a nossa atenção naquela pessoa, a distância. Nós já vimos que os animais de estimação podem reagir aos chamados e às intenções de seus donos a distância. Será que alguns gatos são capazes de saber quando seus donos estão telefonando, até mesmo antes de o telefone ser atendido?

Gatos que atendem o telefone

Recebi 17 relatos sobre gatos que atendem o telefone quando uma pessoa em especial está telefonando, antes de o fone ser tirado do gancho. Em todos os casos, a pessoa que está ligando é alguém a quem o gato é muito apegado, normalmente o marido, a esposa, o filho ou a filha da pessoa que nota as reações do animal. No caso de Veronica Rowe, era sua filha Marian, cujo gato Carlo não admitia que nenhum outro membro da família fizesse carinho nela.

Sete anos após comprar Carlo, minha filha foi fazer faculdade para se tornar professora e raramente nos ligava. No entanto, quando o telefone tocava e era, de fato, Marian e não nosso filho, que está estudando na Kingston Polytechnic, Carlo corria escada acima (o telefone fica no patamar da escada, entre um lance e outro) antes de eu levantar o fone! Não havia forma de esse gato saber que nossa filha ia nos telefonar — virou até piada entre nós que quando Carlo corria escada acima era Marian do outro lado da linha. Ele nunca fazia isso em outras ocasiões e, de qualquer maneira, não deixávamos que ele entrasse no segundo andar da casa.

Godzilla morava com David White (Figura 8.1), um consultor na área de relações públicas que trabalhava em casa em Watlington, perto de Oxford, na Inglaterra. Como David viajava diversas vezes ao ano, seus pais iam tomar conta da casa e da gata e atender os muitos telefonemas. Ele costumava ligar para casa da África do Norte, do Oriente Médio e da Europa continental para verificar se estava tudo bem e para pegar recados. "Sempre que eu ligava, minha gata saía correndo e ia sentar-se ao lado do telefone assim que este começava a tocar, embora ignorasse os outros telefonemas que meus pais atendiam para mim. Minhas ligações eram feitas em horários aleatórios." Godzilla reagia dessa forma muito antes de o telefone ser atendido, portanto ela não poderia estar reagindo à voz de David.

A maioria dos gatos que, segundo relatos, atendem telefonemas de pessoas específicas reagiu quando o telefone começou a tocar, mas cinco o fizeram antes mesmo que tocasse. Por exemplo, Helena Zaugg descreve como a gata da família, de Bruegg, Suíça, reagia a seu pai, a quem ela era mais apegada:

Depois que meu pai se aposentou, às vezes trabalhava para um conhecido em Aargau. Eventualmente ele nos ligava de

Figura 8.1 David White e Godzilla, sua gata que atende o telefone, em Watlington, Oxfordshire (fotografia: Phil Starling).

lá à noite. Um minuto antes da chamada acontecer, a gata ficava agitada e sentava-se ao lado do telefone. Algumas vezes meu pai pegava o trem até Biel e de lá usava uma motoneta para chegar em casa. Então a gata ia esperar, sentada, do lado de fora da porta da frente, 30 minutos antes de ele chegar. Em outras ocasiões, ele chegava a Biel antes da hora de costume e nos ligava da estação e a gata sentava-se ao lado do telefone um pouco antes de recebermos a ligação. Depois disso, ela se dirigia à porta da frente. Tudo isso acontecia de maneira muito irregular, mas a gata

parecia saber exatamente onde ele estava e o que iria acontecer a seguir.

Da mesma forma, uma siamesa pertencente a Vicki Rodenberg "levantava as orelhas quando uma determinada pessoa telefonava — só que ela o fazia minutos antes de a pessoa ligar! Na verdade ela corria para o telefone e miava bem alto, e era sempre a mesma pessoa".

(Também recebi relatos de gatos que se aproximam do telefone imediatamente após ele ser atendido quando uma pessoa em especial está do outro lado da linha, mas nesses casos fica impossível saber se o gato reagia à voz da pessoa ou se às reações de quem atendeu a ligação. Portanto, excluí esses casos destas considerações.)

Cães e telefones

Muitos cachorros latem ou reagem de alguma outra forma ao telefone quando este está tocando, a despeito de quem possa estar do outro lado da linha. Mas temos oito casos em nosso banco de dados em que os cães reagem ao telefone quando uma pessoa em especial está ligando, antes de o telefone ser atendido. Assim como no caso dos gatos, as pessoas às quais os cães reagiram eram seus donos ou outros membros da família aos quais eram especialmente afeiçoados. Por exemplo, Poppet, a cachorra de Margaret Howard, era muito apegada à mãe de sua dona e sabia quando ela estava telefonando ou quando vinha visitá-los:

> A princípio, notei que Poppet ficava agitada, irrequieta, erguia as orelhas, balançava o rabo, andava da porta da frente para a dos fundos e até mesmo desenvolveu um latido especial que eu costumava chamar de "yippie" — e era tiro e queda, minha mãe chegava em minutos. Não havia horários especiais ou rotina nas visitas de minha mãe, mas

> as reações de Poppet eram sempre as mesmas — quer fosse de manhã, à tarde ou à noite. Pouco a pouco fui notando que podia dizer se minha mãe chegaria pela porta da frente ou pela dos fundos, pois Poppet se posicionava na porta correta. Também notei que, quando o telefone tocava, muito embora ela olhasse para ele, não lhe dava muita importância, mas eu sempre sabia quando era minha mãe ao telefone, pois Poppet ficava toda animada, de pé ao lado do telefone, usando seu latido "yippie" especial.

Como no caso dos gatos, essa reação por parte dos cachorros parece não diminuir com a distância. Marie McCurrach, de Ipswich, tinha um labrador que se juntou à família quando o filho de Marie tinha dez anos. Quatro anos depois, o filho foi para a escola naval no norte do País de Gales e depois foi servir na Marinha Mercante, indo e vindo da África do Norte, principalmente.

> Todas as vezes em que ele ligava para casa, o cachorro corria para o telefone antes que qualquer pessoa pudesse atendê-lo. Ele não dava a mínima quando eram outras ligações, apenas às de nosso filho e então precisávamos levar o receptor ao ouvido do cão para que nosso filho falasse com ele e para que o cão pudesse responder. Nosso filho nunca nos dizia a que horas telefonaria e não ligava no mesmo dia da semana ou qualquer coisa assim. Então, como é que o cachorro podia saber que era o nosso filho ao telefone antes mesmo que alguém o atendesse?

Segundo relatos, três cães reagiram antes mesmo de o telefone tocar. Um deles foi um cachorro chamado Jack, pertencente a uma família que vive perto de Gloucester, onde o pai trabalhava para o Ministério da Defesa. Algumas noites, ele não voltava para casa devido a algum serviço mais urgente ou ao fato de já estar muito tarde e em tais ocasiões telefonava para avisar.

> Mais ou menos dez minutos antes de recebermos essa ligação, o cachorro ia sentar-se ao lado do telefone até este tocar. Nas noites em que nenhum telefonema era dado por meu pai, o cachorro não fazia qualquer movimento e ficava em seu cesto. Ademais, o cachorro não prestava a menor atenção para qualquer outra ligação telefônica em qualquer outra ocasião. (Sr. S. Waller)

Cães e gatos não são as únicas espécies de animais de estimação que parecem saber de antemão quem está telefonando. Ao que parece, alguns papagaios também o fazem. Há também o caso de Sunday, um mico de estimação. Seu dono, Richard Savage, deixou o bicho com um amigo na Colúmbia Britânica, Canadá, enquanto viajava a trabalho, fazendo um filme.

> Alguns minutos antes de Richard telefonar para falar comigo, Sunday dava um pulo e começava a tagarelar. Depois da ligação, ela sossegava durante dias, ignorando o telefone — até um pouco antes de Richard telefonar outra vez.[18]

Gente que sabe quando alguém em especial está telefonando

Certa vez, eu estava discutindo esta pesquisa num seminário e alguém perguntou: "Se gatos e cães têm a capacidade de saber quando uma pessoa em especial está ao telefone, por que as pessoas não o fazem?" É uma boa pergunta. Então eu me lembrei de que eu próprio havia tido a experiência de pensar numa pessoa específica, sem nenhum motivo aparente, e depois, um pouco mais tarde, ela ligar. Perguntei aos participantes do seminário se alguém havia observado este fenômeno e, para minha surpresa, quase todos haviam.

Depois disso, muita gente me contou ou escreveu a esse respeito. Por exemplo, Lucinda Butler, que mora em Londres, muitas vezes sabe quando uma pessoa em particular está telefonando, especialmente seu namorado:

> Entre idas e vindas, estamos namorando há cinco anos e eu sempre sei, e ele faz o mesmo quando sou eu. Ele atende o telefone com tanta certeza de que sou eu que diz alguma coisa bem idiota sabendo que vou achar graça. Mas ele já se enganou também. Além disso, eu penso numa pessoa e digo, "Ah, agora que eu pensei nela, ela vai ligar", e ela liga.

Então realizei uma pesquisa informal com alguns milhares de pessoas em seminários, palestras e conferências na Europa e na América, pedindo àqueles que já tivessem vivido experiências telefônicas possivelmente telepáticas que levantassem a mão. Normalmente entre 80% e 90% dos presentes o fazem. Eu e meus colegas também realizamos pesquisas informais, usando métodos de amostragem aleatória, em duas partes bastante distintas da Inglaterra: em Bury, uma cidade industrial próxima a Manchester, e em Londres. Ambos os levantamentos confirmam que a maioria das pessoas já passou por esse tipo de experiência.[19]

A maioria dos poderes inexplicáveis discutidos neste livro é mais bem desenvolvida em animais não-humanos do que em pessoas. Normalmente os cachorros são os mais sensíveis, seguidos de gatos, cavalos e papagaios, com os seres humanos ficando muito atrás. No entanto, essa, para variar, é uma capacidade que parece ser mais bem desenvolvida em seres humanos do que nos animais. Mas mesmo que a maioria das pessoas pareça ter intuições aparentemente incomuns com relação a quem está ao telefone, seria este realmente um misterioso poder paranormal ou poderia ele ser explicado como ilusão?

Pesquisas sobre a telepatia telefônica

A visão cética comum é de que as pessoas são enganadas por sua memória seletiva: elas só se lembram das ocasiões em que adivinharam corretamente e esquecem das centenas e milhares de vezes em que erraram. Seus palpites acertados não passam de coincidência.

Os céticos não possuem dados experimentais que confirmem essa idéia; estão apenas propondo uma hipótese que ninguém testou até hoje, nem mesmo os parapsicólogos. Até o presente, ninguém sabe quantos palpites sobre quem está telefonando estavam corretos e quantos estavam errados. A questão continua completamente em aberto. Pode ser que os céticos estejam certos. Pode ser que estejam errados. A única forma de descobrirmos é através de uma pesquisa empírica.

Os mais bem qualificados para conduzir essa pesquisa pioneira são as próprias pessoas que têm freqüentes experiências telepáticas, ou aparentemente telepáticas, com ligações telefônicas. O primeiro passo é fazer um diário. No Apêndice A, sugiro uma forma simples e prática de fazê-lo. A seguir, se você acerta, com freqüência, quando certas pessoas estão telefonando, o próximo passo é realizar experiências simples nas quais elas deverão telefonar em horários inesperados, escolhidos aleatoriamente.

Esse é um campo de pesquisa virgem. Há oportunidades notáveis para pesquisas originais. Muito embora o telefone tenha suplantado a telepatia para grande parte dos propósitos práticos, ele pode nos ajudar a redescobri-la.

9

A telepatia entre animais

Se a telepatia ocorre entre animais e pessoas, e de pessoas para pessoas, o que dizer da telepatia de animais para animais?

Animais selvagens que vivem em grupos sociais possuem, com freqüência, forte ligação uns com os outros e são praticamente incapazes de levar uma existência isolada. Uma organização social complexa ocorre até mesmo entre os menos complexos dos animais, tais como corais e esponjas. O que reconhecemos como um coral ou uma esponja é, na verdade, uma colônia de milhares de minúsculos organismos que, juntos, formam uma espécie de superorganismo, com um formato característico.

Neste capítulo, discuto a maneira pela qual sociedades de insetos, cardumes, bandos de pássaros, rebanhos e outros grupos sociais se organizam. As atividades de cada um dos animais de um grupo são coordenadas através do campo do grupo. Já vimos como esse grupo social, chamado campo mórfico, liga seres humanos e animais e proporciona um canal de telepatia entre animais domésticos e seus donos. O mesmo tipo de ligação ocorre

entre os animais na natureza e nesse elo encontram-se as raízes da telepatia que ocorre de animal para animal.

Começarei examinando algumas das mais complexas formas de organização social existentes no reino animal, alcançadas por criaturas com cérebros menores do que a cabeça de um alfinete.

Insetos sociais como superorganismos

Sociedades de cupins, formigas, vespas e abelhas podem conter milhões de insetos. Eles constroem ninhos enormes e sofisticados, exibem uma complexa divisão de trabalho e se reproduzem. Já foram comparados a organismos ou a superorganismos.

A idéia holística das sociedades de insetos como organismos foi encarada como fato por praticamente todo mundo até o século XX, assim como a idéia de sociedades humanas como organismos. Essa forma orgânica de pensarmos em nossa própria sociedade inseriu-se em nossa linguagem, como quando chamamos um chefe de "o cabeça", quando nos referimos ao "braço da lei" e ao "corpo diplomático". No entanto, à medida que as atitudes mecanicistas foram triunfando sobre idéias tradicionais como essa, com a chegada dos anos 50, o conceito de superorganismo saía de moda junto à biologia institucional. Ele assumiu, então, um espírito reducionista. Em 1971, Edward O. Wilson, fundador da sociobiologia, descreveu o conceito de superorganismo como "uma miragem que se dissolveu".[1]

No entanto, essa idéia provou-se indispensável e agora voltou a ser apoiada. Eis aqui o mesmo Edward O. Wilson escrevendo ao seu colega Bert Hölldobler em 1994:

> Pense nas sociedades de insetos que mais parecem organismos, as grandes colônias de formigas-correição. Vista de longe e ligeiramente fora de foco, a colônia de ataque dessa

> espécie parece ser uma única entidade viva. Ela se espalha tal qual o pseudópode de uma ameba gigante por cima de centenas de metros de chão... As formigas não têm líder... O enxame frontal, avançando a um ritmo de 20 metros por hora, traga todo o chão e toda a vegetação que vai encontrando pelo caminho, apanhando e matando quase todos os insetos e até mesmo as cobras e outros animais de grande porte que não conseguem se afastar. Após algumas horas, a direção do fluxo é revertida e a coluna escoa outra vez pelos buracos do formigueiro. Falar de uma colônia de formigas-correição ou de outros insetos sociais como algo além de uma compacta agregação de indivíduos é falar de um superorganismo.[2]

Como Wilson mostra agora, esse conceito nos convida a olhar para o corpo da sociedade como um organismo. Ele compara a rainha ao coração da entidade, tanto no sentido hereditário como no fisiológico. Compara as operárias à boca, às tripas, aos olhos. A abordagem holística permite a Wilson enxergar uma analogia entre a forma pela qual os organismos desenvolvem-se a partir de ovos fertilizados e as sociedades são construídas pelos indivíduos que as integram.

Insetos sociais e todos os animais sociais são unidos, dentro de seu grupo social, por campos mórficos, que carregam padrões habituais e "programas" de organização social. No caso dos insetos sociais que constroem ninhos e outras estruturas, esses campos coordenam a atividade arquitetônica. Digamos que eles contêm a planta invisível do ninho. O campo mórfico da colônia não se encontra meramente dentro de cada inseto; na verdade encontra-se dentro do campo mórfico do grupo. O campo é uma padronagem estendida para dentro do tempo e do espaço, assim como o campo gravitacional do sistema solar não se encontra

meramente dentro do sol e dos planetas e, sim, contém a todos e coordena seus movimentos.

Muito já foi descoberto a respeito da comunicação entre animais sociais através da comida que compartilham, dos rastros odoríferos deixados, do toque e da visão — como no caso da dança das abelhas, pela qual elas comunicam a direção e a distância de onde se encontra a comida. Mas todas essas formas de comunicação sensorial funcionam em conjunto através das ligações do campo mórfico do grupo. É esse campo, sugiro eu, que permite aos insetos interpretar esses rastros odoríferos, danças e coisas do gênero, e reagir de maneira apropriada.

A comunicação sensorial em si seria completamente inadequada para explicar como os cupins, por exemplo, conseguem construir uma estrutura tão prodigiosa, com ninhos de mais de três metros de altura, cheios de galerias, câmaras, e equipados até mesmo com poços de ventilação. Essas cidades de insetos possuem um plano geral que excede, em muito, a experiência de cada inseto em separado.

Karl von Frisch, descobridor da dança das abelhas, escreveu um excelente livro sobre a arquitetura animal[3] no qual discute as complexas construções dos cupins. Estes insetos são cegos e não podem se ver, mas marcam seu rastro com um odor para que os outros cupins possam segui-los e produzem sinais sonoros batendo a cabeça contra superfícies duras. Mas, conforme mostra Von Frisch:

> O conteúdo informativo de ambas as formas de comunicação é pequeno. O rastro odorífero pode levar os animais até um determinado local mas não pode explicar o que deve ser feito ali. O tamborilar é um sinal de alarme através do qual os soldados ou os operários induzem outros operários

a fugir para dentro do ninho... Mas não passa de um sinal de alerta generalizado.

Ele conclui que "uma vez finalizadas, as estruturas parecem ser a prova da existência de um plano-mestre que controla as atividades dos construtores e baseia-se nas exigências da comunidade. Como isso pode ocorrer dentro de um enorme complexo que contém milhões de operários cegos é algo que desconhecemos".[4]

Felizmente, uma experiência crucial que ajuda a esclarecer essa questão foi realizada por Eugene Marais, pioneiro naturalista sul-africano. Ele começou por observar a maneira pela qual os operários da espécie *Eutermes* consertavam as imensas aberturas que ele fazia em suas casas. Os operários vinham chegando de todos os lados para consertar o estrago, cada qual trazendo um grão de areia coberto com sua saliva pegajosa e colocando-o no lugar. Os operários que se encontravam em lados diferentes do ninho não entravam em contato uns com os outros e não podiam ver uns aos outros, em virtude de serem cegos. Não obstante, as estruturas construídas a partir de extremidades diferentes juntavam-se corretamente. As atividades de conserto pareciam ser coordenadas por alguma estrutura organizacional geral que Marais atribuiu à "alma do grupo". Eu penso no fato como um campo mórfico.

Ele então realizou uma experiência para ver o que acontecia quando os cupins que estavam consertando o buraco eram separados uns dos outros por uma barreira. Pegou uma chapa de aço e dividiu o cupinzeiro em duas partes. Dessa forma, os construtores que se encontravam de um lado do buraco não tinham como saber coisa alguma sobre os do outro lado por vias sensoriais:

Apesar disso, os cupins constroem dois arcos, ou torres, parecidos, um de cada lado da chapa. Quando, por fim,

> você retira a chapa, as duas metades se ajustam perfeitamente bem, após o corte divisório ser consertado. Não podemos fugir da conclusão final de que existe, em algum lugar, um plano preconcebido que os cupins limitam-se a executar.[5]

Infelizmente, ninguém jamais repetiu essa experiência, ou outras experiências de Marais que também pareciam indicar que os integrantes da colônia eram ligados por uma "alma invisível". Eu acredito que essa seja uma área fértil para pesquisas.[6] Se o comportamento dos insetos sociais é coordenado por uma espécie de campo até aqui não reconhecido pela biologia e pela física, experiências com insetos sociais poderiam nos dizer alguma coisa sobre as propriedades e sobre a natureza de tais campos, que podem muito bem estar em funcionamento em todos os níveis de organização social, inclusive o nosso.

Cardumes

A distância, um cardume lembra um grande organismo.[7] Seus integrantes nadam em blocos compactos, mudando e invertendo a direção praticamente em conjunto. "Ou não existem sistemas de dominância ou estes são tão débeis que exercem pouca ou nenhuma influência na dinâmica dos cardumes como um todo. Quando o cardume vira para a direita ou para a esquerda, os indivíduos que se encontravam no flanco assumem a liderança."[8] Quando está sob ataque, o cardume pode reagir deixando um buraco em torno do predador. É mais freqüente ele se dividir em dois, cada metade afastando-se da outra, para a seguir nadarem em torno do predador e unirem-se outra vez. Isso é conhecido como efeito fonte e faz com que o predador fique à frente do cardume. Cada vez que o predador se vira, o mesmo acontece.

A mais espetacular das defesas de um cardume é a chamada dispersão relâmpago que, em filme, se parece com a explosão de uma bomba. Quando um grupo é atacado, cada peixe se arremessa para longe do centro do cardume e uma completa expansão pode ocorrer num período tão breve quanto um cinqüenta avos de segundo. Os peixes podem acelerar até uma velocidade de dez a vinte vezes a extensão de seus corpos. E, no entanto, eles não se chocam uns contra os outros. "Cada peixe não só sabe de antemão para onde deverá nadar em caso de ataque como também para onde cada um de seus vizinhos irá nadar."[9] Em termos de informações sensoriais fornecidas por peixes vizinhos, não existe explicação simples para tal comportamento, pois acontece rápido demais para que os impulsos nervosos percorram o caminho do olho para o cérebro e, então, do cérebro para os músculos.

Até mesmo no comportamento normal do cardume, a coordenação dos movimentos não é muito clara. Os peixes continuam a nadar em cardumes à noite, o que significa que os movimentos não dependem da visão. Já houve até mesmo experiências em laboratórios em que os peixes foram cegados temporariamente com lentes de contato opacas. Ainda assim, eles eram capazes de se unir e de manter a posição junto ao cardume, indefinidamente. Talvez eles consigam julgar sua posição com relação aos vizinhos através de órgãos sensíveis à pressão, conhecidos como linhas laterais, que percorrem a extensão de seus corpos. Mas em outras experiências de laboratório, realizadas por ictiólogos, a idéia foi testada cortando os nervos das linhas laterais na altura das guelras. Mesmo assim, esses peixes seguiram em cardumes normalmente.[10]

Ainda que compreendêssemos a forma pela qual um peixe tem consciência da posição de outro através dos sentidos normais, a rapidez de suas reações continuaria sem explicação. Não é

possível que um peixe consiga sentir, de antemão, para onde seu vizinho vai se deslocar.

Mas se o comportamento dos cardumes for coordenado por campos mórficos, essas ligações e conexões ficam mais fáceis de compreender, por princípio. O campo ajuda a dar forma ao comportamento e à atividade do cardume como um todo e os indivíduos que o compõem reagem ao ambiente de seu campo local.[11] Uma analogia física simples é proporcionada por limalhas de ferro num campo magnético. Quando o ímã é deslocado, as limalhas tomam novas posições e formam novas padronagens de "linhas de força". Isso acontece porque cada limalha separada está reagindo a um campo encontrado em seu interior e à sua volta e assim o campo como um todo molda o padrão geral.

Seria fascinante saber o que aconteceria se duas partes de um cardume fossem separadas por uma barreira que bloqueasse o contato sensorial normal. Será que suas atividades continuariam coordenadas de alguma maneira? Pelo que eu saiba, até hoje ninguém tentou fazer esse tipo de pesquisa.

Bandos de pássaros

Bandos de pássaros, assim como cardumes, exibem uma coordenação tão notável que é comum referir-se a eles, também, como organismos. O naturalista Edward Selous escreveu o seguinte sobre o movimento de um vasto bando de estorninhos:

> Cada bloco deles virava-se, mudava de posição, invertia a ordem de seu vôo, mudava de marrom para cinza com um bruxuleio, de escuro para claro, como se todos os indivíduos que o compunham fossem parte constituinte de apenas um organismo.[12]

Selous estudou o comportamento dos bandos de pássaros durante um período de 30 anos e ficou convencido de que não poderia ser explicado em termos de comunicação sensorial comum: "Eu pergunto como, sem algum tipo de processo de transferência de pensamento tão rápido que seja praticamente um pensamento coletivo simultâneo, essas coisas podem ser explicadas?"[13]

Há um número surpreendentemente baixo de pesquisas sobre o comportamento de bandos de pássaros. Entretanto, num estudo realizado por Wayne Potts nos anos 80, que serve de ponto de referência, os mergulhos dados no ar, com a asa inclinada, por um enorme bando de narcejas foram estudados através de filmes captados em exposição muito rápida e desacelerados mais tarde, de forma a se verificar como se davam os movimentos do bando.[14] Essas análises revelaram que os movimentos não eram, exatamente, simultâneos; na verdade eles começavam com um indivíduo ou com alguns pássaros juntos. Esse início podia acontecer em qualquer parte do bando e as manobras sempre se propagavam como uma onda que se irradiava a partir do ponto de iniciação. Essas ondas moviam-se com muita rapidez e levavam, em média, 15 milésimos de segundo para passar de vizinho para vizinho.

No laboratório, narcejas criadas em cativeiro foram testadas para que se descobrisse a rapidez com que podem reagir a um estímulo repentino. O tempo médio que levaram para se sobressaltarem após um súbito lampejo de luz foi de 38 milésimos de segundo. Isso significa que é impossível que elas mergulhem em resposta àquilo que fazem seus vizinhos, já que essa reação ocorre com muito mais rapidez do que seu tempo mínimo de reação.

Potts concluiu que os pássaros reagem a uma "onda de manobra" que passa através do bando, ajustando o padrão de vôo para antecipar a chegada da onda. Ele propôs aquilo que chama

de "hipótese da fileira de coristas" para explicar o fenômeno, com base em experiências realizadas nos anos 50 com fileiras de coristas humanas. As dançarinas ensaiavam manobras específicas e, em algumas experiências, essas manobras eram iniciadas por uma determinada pessoa, sem aviso prévio, e a velocidade com a qual se propagavam através da fileira foi calculada por meio de filmes. A velocidade foi, em média, de 107 milésimos de segundo de pessoa para pessoa, aproximadamente duas vezes mais rápida do que a reação visual humana média de 194 milésimos de segundo. Potts sugere que isso se deva ao fato de o indivíduo ver a aproximação da onda de manobra e estimar o momento de sua chegada com antecedência.

Em outras palavras, Potts vê os pássaros como as coristas reagindo a uma onda de manobra total. Eles reagem não aos outros indivíduos e sim à difusão do padrão em si. Isso se assemelha muito a um fenômeno de campo e sugiro que a onda de manobra seja um padrão do campo mórfico. Parece-me ser uma explicação mais plausível do que a alternativa de que a onda, em sua totalidade, é coordenada através de estímulos puramente visuais. Isso exigiria que os pássaros percebessem e reagissem a tais ondas quase que imediatamente, mesmo que elas estivessem chegando, diretamente, por detrás deles. Para isso, seria preciso que tivessem uma atenção visual de 360° praticamente contínua, sem piscadelas. A hipótese de campo facilitaria a compreensão de como os pássaros percebem e reagem à onda de manobra como uma *Gestalt*, palavra alemã que transmite uma combinação de forma e totalidade. Graças a isso, é possível compreender o movimento do bando e reagir a este de acordo com sua posição dentro do mesmo. O campo fundamenta a massa contínua do bando e o movimento de padrões através dele.[15]

Se o vôo dos bandos de pássaros é coordenado através de um campo mórfico, este campo pode perfeitamente ligar os

pássaros uns aos outros quando estão envolvidos em outras atividades. Por exemplo, quando um grupo de pássaros está à procura de alimento e alguns dos seus integrantes acham uma boa fonte de comida, essa descoberta poderia propagar-se através do campo do bando disperso e alertar os outros integrantes com relação a isso e talvez, também, montar atrativos para que os demais possam encontrar a direção correta.

Pelo menos um naturalista, William Long, observou que os pássaros realmente parecem reagir dessa forma quando encontram comida. Ele alimentou pássaros selvagens a intervalos irregulares e notou que quando alguns deles encontravam comida, outros, que se encontravam por perto, logo apareciam. Não há mistério algum nisso, já que eles poderiam ter visto ou ouvido os pássaros que estavam se alimentando. Mas ele também descobriu que pássaros relativamente raros, muito espalhados pelos campos, apareciam rapidamente quando havia comida disponível. Após muitas observações, ele chegou à conclusão de que a explicação razoável era que os pássaros, ao se alimentarem, transmitiam um "chamado silencioso de comida" ou que sua agitação se espalharia exteriormente. Ele sugeriu que ela era sentida "por outros pássaros famintos, alertas e sensíveis, a uma distância além de qualquer limite possível de visão e audição".

Para examinar tais observações experimentalmente, deveria ser possível trabalhar-se com bandos de pássaros domesticados, tais como galinhas, patos e gansos. Duas partes do bando poderiam ser separadas de forma que a influência não pudesse ser passada através dos sentidos normais. Se uma parte do bando mostra-se assustada ou agitada, será que tal influência seria comunicada à outra parte? E se uma parte do bando é alimentada, será que a outra parte ficaria alvoroçada no mesmo momento?

A telepatia dentro das manadas

Naturalistas e caçadores que estudaram o comportamento de manadas de animais selvagens, incluindo o caribu e o alce, já notaram que é freqüente uma manada inteira se assustar e fugir ao sentir a iminência do perigo através de um ou mais integrantes de seu grupo. Em alguns casos, isso pode ser explicado por sinais sensoriais, mas em outros os observadores costumam ficar perplexos, tentando explicar a súbita fuga de animais que, pouco tempo antes, sob as mesmas circunstâncias, comiam ou descansavam sem a menor suspeição. Uma sensação de perigo ou de alarme pode se espalhar silenciosa e rapidamente.

William Long estudou as reações do caribu em muitas ocasiões e de forma consideravelmente detalhada. Certa vez, em New Brunswick, após seguir uma manada durante horas, ele descobriu, pelas pegadas, que um integrante havia se machucado e que estava caminhando sobre três patas, a pata direita dianteira pendendo, inútil, enquanto ele ia mancando pelo caminho. Finalmente Long chegou a um declive arborizado de onde podia ver a manada, com a ajuda de binóculo, a 1,5 quilômetro dali. Foi se aproximando dela, mantendo-se fora de seu campo de visão, até encontrar os rastros solitários do animal aleijado e, um pouco depois, surpreender o animal num matagal. Este foi mancando mata adentro. Long encontrou uma clareira e virou o binóculo na direção dos outros caribus que já estavam em estado de alerta e começavam a fugir rapidamente. Ele estava convencido de que o resto da manada não podia ouvi-lo, vê-lo ou sentir seu cheiro. Ele ainda se encontrava longe mas, mesmo assim, os animais reagiram imediatamente quando o aleijado se assustou, "como se tivesse feito soar um sino para eles". Long seguiu o rastro da manada de volta para o local onde descansavam

anteriormente e constatou que não havia rastros de outros animais ou de seres humanos no bosque ao redor que explicasse a fuga. Ele concluiu que haviam recebido algum alerta silencioso.

Isso nem sempre acontece, já que, às vezes, um membro da manada pode ser surpreendido sem alertar os outros. Long refletiu que, no caso que presenciara, o caribu solitário ficou tremendamente assustado e pode ter dado um aviso especialmente contundente para o resto da manada. Observações parecidas sobre o comportamento do alce levaram-no a concluir que manadas inteiras podiam sentir e compreender, subitamente, o impulso silencioso da fuga e o obedeciam sem vacilação, de maneira essencialmente telepática.[16]

Experiências com cavalos

Harry Blake, o treinador de cavalos inglês, estava convencido de que estes animais se comunicavam telepaticamente entre si e que podiam reagir às pessoas da mesma forma. Ele acreditava que esse tipo de comunicação era vital para a sobrevivência deles já que, na natureza, uma manada de cavalos pode estar espalhada, com alguns integrantes longe do alcance da vista e dos ouvidos uns dos outros.

> Se uma parte da manada se assustasse com a presença de um homem, de um lobo ou de qualquer predador, o resto da manada, talvez encontrada por entre as árvores, pode ser alertada através de percepção extra-sensorial, muito embora não possam ver ou ouvir os seus semelhantes. Avisados, os cavalos ficam, primeiramente, agitados, para a seguir levantarem as orelhas e resfolegarem, e começam a deixar a área.[17]

Blake realizou uma série de experiências sobre a telepatia entre cavalos. Para fazer isso, escolheu um casal de cavalos irmãos

que tinham um relacionamento muito próximo e o hábito de pastar juntos, caminhar juntos e agir em conjunto.

O par foi separado e mantido longe da vista e dos limites da audição um do outro. Então, enquanto um deles era alimentado, o outro era observado. Para os objetivos dessa experiência, os cavalos não eram alimentados todos os dias à mesma hora e nem mesmo no horário de costume. Em 21 de 24 testes como esse, Blake observou que, quando um cavalo estava sendo alimentado, o segundo ficava agitado e pedia comida, embora não pudesse ver ou ouvir o primeiro.

Numa outra série de experiências, quando um dos cavalos era levado para se exercitar, na maioria das ocasiões o outro cavalo ficava alvoroçado. Num outro tipo de experiência, Blake era bastante efusivo com um dos cavalos do par, normalmente aquele do qual menos gostava, e na maioria dos casos o outro mostrava sinais de inquietação, sugerindo estar enciumado.

Ao todo, Blake realizou 119 experiências e os resultados foram positivos em 68% delas. Ele também realizou experiências com um par de cavalos mutuamente hostil. Em apenas uma das 15 experiências o resultado foi positivo.

Pelo que sei, essas experiências pioneiras jamais foram repetidas. Elas são significativas para demonstrar que a investigação da comunicação telepática entre cavalos e outros animais pode ser realizada com experiências simples e objetivas.

Experiências com cachorros e coelhos

A única experiência da qual tenho notícia para testar a telepatia entre cães foi realizada com boxers por Aristed Essner, psiquiatra do Hospital Estadual de Rockland, em Nova York. Sua pesquisa foi instigada pelos boatos de que cientistas soviéticos estavam testando animais à procura de poderes extra-sensoriais. Uma

dessas histórias contava que filhotes de coelho haviam sido levados a bordo de um submarino enquanto a mãe permanecia num laboratório, em terra. Segundo relatos, a mãe havia ficado agitada exatamente no momento em que eles eram mortos.[18]

Para suas experiências, Essner usou duas salas à prova de som, em partes diferentes do hospital. A boxer mãe foi mantida em uma das salas e o filhote em outra. Esses cachorros haviam sido treinados para agacharem-se ao verem um jornal enrolado ser levantado. Na experiência, o filhote era "ameaçado" por um cientista que erguia um jornal enrolado e, como esperado, o cão se agachava. A mãe, em sua sala isolada, agachava-se exatamente no mesmo momento.[19] Em outra experiência, um boxer foi mantido em uma das salas, ligado a um eletrocardiógrafo enquanto sua dona encontrava-se em outra sala. Sem aviso prévio, os cientistas mandaram um homem entrar na sala e começar a gritar com a mulher, ameaçadoramente. Como era de se esperar, ela sentiu medo. No mesmo momento, a pulsação de seu cachorro acelerou violentamente.[20]

Provavelmente, muito poucos donos de cachorros gostariam de participar de experiências como essas, mas elas seriam relativamente fáceis de repetir, usando salas isoladas e estímulos não tão assustadores. Por exemplo, em uma experiência realizada com dois cachorros, um poderia ser alimentado enquanto o outro seria observado para ver se mostrava sinais de agitação no mesmo momento, assim como ocorreu na experiência feita por Blake com cavalos.

Embora as experiências com coelhos envolvendo submarinos russos possam ser mera boataria, algumas experiências com controle adequado foram recentemente realizadas na França, com resultados bastante parecidos. Nesses testes, os coelhos foram monitorados para medirem seu nível de estresse através do fluxo sangüíneo para as orelhas. Isso foi feito de maneira indolor, com a colocação de um pequeno clipe sobre uma parte raspada

da orelha. Enquanto havia um pequeno foco de luz de um lado, do outro havia uma célula fotoelétrica. Dessa forma, a quantidade de luz que passava através da orelha podia ser medida continuamente. Quando os coelhos sentem estresse, os vasos sangüíneos das orelhas se contraem, o fluxo diminui e mais luz atravessa a orelha.

Essas experiências, conduzidas por René Peoc'h, envolviam pares de coelhos tirados de uma mesma ninhada e que haviam vivido numa mesma gaiola durante meses. Foram comparados com outros pares de coelhos, mantidos em isolamento em gaiolas individuais.

À época da experiência, cada coelho foi colocado numa gaiola à prova de som e também isolada de influências eletromagnéticas. Durante a experiência, o estresse experimentado por ambos os coelhos foi medido pelo monitoramento do fluxo sangüíneo para as orelhas. Peoc'h descobriu que, quando um dos coelhos sentia-se estressado, o outro sentia-se estressado três minutos depois. Em contraste, os pares de coelhos que serviam de controle, que não se conheciam, não mostraram o mesmo tipo de ligação telepática. Estatisticamente falando, as diferenças entre os pares de coelhos que se conheciam e os pares de controle foram muito significativas.[21]

Seria surpreendente se coelhos e cachorros pudessem influenciar uns aos outros em experiências mas não conseguissem fazê-lo em situações da vida real. Realmente, pessoas que criam dois ou mais cachorros me disseram que já observaram que os cachorros parecem influenciar-se mutuamente a distância. Por exemplo, Margaret Simpson, de Castle Douglas, na Escócia, tem um whippet e um labrador. Quando saem para passear, o whippet normalmente fica próximo a ela enquanto o labrador afasta-se bastante e parece conseguir "chamar" o whippet, especialmente quando encontra um veado. "Sem motivo sensorial algum que eu consiga perceber, o whippet parece receber uma espécie de mensagem e sai correndo. É exatamente como se um pensamento fosse transmitido."

Alguns cachorros também reagem quando outro cachorro, com o qual têm forte ligação, se acidentam ou morrem em algum local distante. Um cão pastor da França mostrou grandes sinais de sofrimento quando sua mãe morreu na ilha de La Réunion a mais de 9.600 quilômetros de distância (p. 158). Outro exemplo, relatado pelo major Patrick Pirie, de Somerset, envolve uma cadela labrador e sua filhote. Quando a filhote estava com nove meses, aproximadamente, e estava morando com o Major Pirie em Somerset, "sem o menor motivo e na única ocasião de sua vida, ela recusou toda a comida que lhe era oferecida e passou o dia inteiro em silêncio. Naquela mesma noite recebemos um telefonema dizendo que a mãe dela havia sido atropelada e morta por um carro. Estou convencido de que ela teve algum tipo de percepção e que sabia o que havia acontecido a 160 quilômetros de distância".

Um outro exemplo registrado em nosso banco de dados envolve Burmese mountain dogs. "Um de meus cachorros foi diagnosticado como portador de câncer e estava internado no centro veterinário de Cambridge. De repente, um pouco depois do meio-dia, o outro cachorro começou a uivar e passou um bom tempo angustiado." Algum tempo depois, na mesma tarde, o veterinário telefonou de Cambridge para dizer que o cachorro doente havia sido sacrificado ao meio-dia. (Josephine Woods)

Os exemplos de cães, cavalos, caribus e outras espécies discutidas neste capítulo sugerem que a telepatia pode ser bastante corrente em todo o reino animal.

As características comuns da telepatia animal

Há diversas características da telepatia animal recorrentes nas diversas espécies. Essas sinalizam na direção das seguintes conclusões a respeito dos princípios básicos da telepatia dentro das espécies:

1. A telepatia animal envolve a influência de animais sobre outros animais, independentemente dos sentidos conhecidos.
2 A telepatia normalmente ocorre entre animais próximos, que fazem parte do mesmo grupo social.
3. Em cardumes, bandos de pássaros, rebanhos, matilhas e outros grupos sociais, a comunicação telepática pode desempenhar um papel importante na coordenação das atividades da totalidade do grupo.
4. Pelo menos junto aos pássaros e aos mamíferos, a telepatia está ligada às emoções, às necessidades e às intenções. Sentimentos comunicados telepaticamente incluem medo, susto, agitação, pedidos de socorro, chamados para ir a um lugar em especial, pressentimento de chegadas ou de partidas, sofrimento e morte.

No caso de animais domésticos, esses mesmos princípios aplicam-se à comunicação telepática entre pessoas e animais aos quais são ligadas.

Essas características comuns da telepatia animal parecem se aplicar, também, à telepatia humana, em especial nos casos mais dramáticos de telepatia humana espontânea, relacionados a mortes ou a acidentes distantes.

Uma das mais importantes conclusões das investigações descritas neste livro é que a telepatia não é especificamente humana. Ela é uma faculdade natural, parte de nossa natureza animal.

A telepatia funciona apenas a distância?

O fato de a comunicação telepática poder ocorrer quando animais e pessoas *não* se encontram em contato sensorial não prova que ela ainda ocorra quando estão, *sim*, em contato sensorial. Talvez

a telepatia seja uma faculdade "ligada" apenas quando necessária, da mesma forma que as pessoas ligam um rádio de intercomunicação quando estão longe umas das outras e o desligam quando estão perto.

Por outro lado, laços psíquicos ou emocionais ligam animais e pessoas igualmente quando se encontram juntas ou separadas. É bem possível que a comunicação telepática ocorra quando a comunicação também está acontecendo através dos sentidos conhecidos.

Não achamos que os animais deixem de sentir o cheiro de uma pessoa quando podem vê-la ou ouvi-la. Ficamos perfeitamente satisfeitos em admitir que os sentidos não são incompatíveis uns com os outros e que, em geral, funcionam em conjunto. Eu acredito que o mesmo se aplique à comunicação invisível que ocorre através de laços psíquicos: ela normalmente funciona em conjunto com os sentidos. A conexão psíquica não é desligada quando estamos perto e ligada quando estamos longe; ela está lá o tempo todo, perto ou longe.

Conclusão da Parte IV

O estudo científico da telepatia animal ainda está engatinhando. À medida que a pesquisa nesse campo for se desenvolvendo, acredito que a telepatia irá parecer cada vez mais normal, em vez de "para" normal, "além" do normal. É um aspecto da biologia de grupos sociais e da comunicação social. Ela permite que os integrantes de um grupo influenciem uns aos outros até mesmo quando estão além dos limites da comunicação sensorial, podendo ser de considerável valor para a sobrevivência. Se esse for o caso, a capacidade para a comunicação telepática deve estar sujeita à seleção natural. A telepatia deve ter evoluído. Suas raízes podem estar bem no fundo da história evolucionária, entre os mais antigos animais sociais.

PARTE V

O senso de direção

10

Jornadas incríveis

Os animais não formam laços, apenas, com membros de seus grupos sociais. Apegam-se, também, a determinados lugares. Muitos tipos de animais, tanto os selvagens quanto os domesticados, conseguem encontrar o caminho de casa a partir de locais que não lhes são familiares. Esse apego a lugares depende dos campos mórficos, subordinados ao senso de direção que permite a um animal encontrar o caminho de casa através de território desconhecido.

O senso de direção também desempenha papel vital na migração. Algumas espécies, tais como as andorinhas, os salmões e as tartarugas marinhas, migram dos locais de procriação para os de alimentação, para retornarem, outra vez, atravessando milhares de quilômetros. Essa capacidade de encontrar o rumo certo permanece como um dos grandes mistérios da biologia, conforme discutirei no capítulo a seguir. Também nesse caso, acredito que os campos mórficos e a memória ancestral inerente a eles poderiam ajudar a proporcionar uma explicação.

Cachorros, gatos e cavalos que voltam para seus lares

Há muitas histórias de animais domésticos que voltaram para casa após serem abandonados ou perdidos, longe de seu lar. Alguns atingiram condição de quase lenda, como um collie chamado Bobby, perdido em Indiana e que apareceu em casa, no Oregon, no ano seguinte, após percorrer uma distância de quase 3.200 quilômetros. Tais casos formam a base da conhecida história de aventura animal chamada *The Incredible Journey* [A incrível jornada],[1] transformada em filme por Walt Disney, na qual um gato siamês, um velho bull terrier e um jovem labrador encontram o caminho de casa através de 400 quilômetros de território selvagem ao norte de Ontário.

Na vida real, jornadas incríveis ocorrem repetidamente e casos notáveis são freqüentemente noticiados nos jornais. Em 1995, o *Times* de Londres publicou a seguinte história:

> Abandonado por ladrões de carro, um cão pastor reuniu-se ao seu dono após caminhar 96 quilômetros até sua casa. Blake, um border collie de dez anos, foi roubado com Roy, seu companheiro de canil, de quatro anos, enquanto estavam na traseira do Land Rover de Tony Balderstone. Os ladrões, que levaram o veículo em Cley, Norfolk, livraram-se dos cães em Downham Market, a 96 quilômetros da casa do Sr. Balderstone, em Holt. Roy foi apanhado em Downham Market dois dias depois e devolvido a seu dono, mas Blake continuou a jornada sozinho. O Sr. Balderstone, um pastor, disse ontem: "Eu sabia que ele conseguiria voltar para casa, contanto que não se envolvesse em algum acidente de carro ou tomasse um tiro por perturbar algum rebanho. Telefonei para fazendeiros e criadores que moram no caminho para alertá-los." Blake levou cinco dias para

> fazer a viagem até Letheringsett, a 1,6 quilômetro da propriedade do Sr. Balderstone, onde os habitantes do vilarejo o reconheceram.[2]

Para cada caso como esse, que foi noticiado nos jornais, deve haver dúzias que ficam sem divulgação. Em nosso banco de dados, há algo em torno de 60 histórias não publicadas sobre cães que encontraram o caminho de casa e 29 sobre gatos. Algumas, como foi o caso de Blake, dizem respeito a animais que foram abandonados ou perdidos quando estavam longe de casa. Mas a maioria fala de animais que foram levados para morar numa nova casa e que voltaram para a antiga.

Em praticamente todos esses casos, os animais foram transportados para o local de onde encontraram o caminho de casa, em vez de terem caminhado até lá por conta própria. Assim, eles não teriam sido capazes de prestar atenção em cheiros, pontos de referência ou qualquer outro detalhe do percurso. Na maioria dos casos, a jornada para longe de casa foi feita de carro, mas em alguns casos ela se deu em ônibus ou trem e, em um caso, de barco, no Lago Zurique. Em algumas das vezes, os animais foram levados por caminhos indiretos. Mas nos casos em que foram vistos durante a jornada de volta, costumavam dirigir-se diretamente para casa, sem seguirem o percurso feito na ida. De qualquer maneira, um cão ou gato que tentasse seguir as rodovias ou estradas de ferro pelas quais foi levado na viagem de ida logo seria atropelado. De alguma forma, os animais sabiam em qual direção estava sua casa, até mesmo quando se encontravam num local onde jamais haviam ido e mesmo tendo sido levados até lá por um caminho indireto.

Os indícios mais claros de que o senso de direção do animal não depende da memorização de odores espalhados pelo caminho, ou de quaisquer outros detalhes da viagem de ida, vem de

casos onde o animal foi transportado pelo ar. Durante a Guerra do Vietnam, cães sentinela foram usados pelas tropas americanas e levados de helicóptero até as zonas de guerra. Um desses cães, Troubles, foi levado por ar junto com seu treinador, William Richardson, até a selva, a 16 quilômetros de distância, para auxiliar uma tropa. Richardson foi ferido pelo inimigo e transportado até o hospital; os outros integrantes da patrulha simplesmente abandonaram o cachorro. Três semanas depois, Troubles foi encontrado de volta em sua casa, no quartel-general da Primeira Divisão de Cavalaria, em An Khe. Cansado e abatido, ele não deixou que ninguém se aproximasse. Vasculhou todas as barracas até encontrar os pertences de Richardson, então encolheu-se e adormeceu.[3]

Embora quase todos os donos de animais de estimação impressionem-se com o insuspeitado poder que seu animal possui de encontrar o caminho de casa, pastores e outros donos de cães do grupo de trabalho têm plena consciência dessa habilidade. É significativo que o dono de Blake, um pastor, tivesse tanta certeza de seu retorno. Nos tempos em que tocavam os rebanhos bovinos da região montanhosa da Escócia até a Inglaterra, era comum os tropeiros mandarem os cães de volta para casa sozinhos após entregarem o gado no local designado — os homens ficavam para trabalhar na colheita. Os cães voltavam pelo mesmo caminho que haviam feito até o sul, parando nas fazendas ou estalagens nas quais haviam sido alimentados e onde haviam descansado anteriormente. Os donos das estalagens os alimentavam e eram pagos pelos donos dos animais quando estes passavam pelo local no ano seguinte.[4]

> Antes da Segunda Guerra Mundial, os fazendeiros de Lincolnshire costumavam levar seus animais, de carro, para mercados a mais de 160 quilômetros de distância, em

estágios de 32 quilômetros. Depois que os animais eram vendidos, os motoristas soltavam os cães para que encontrassem, sozinhos, o caminho de casa, para não terem de pagar a passagem de trem. (Roger Dale)

Alguns cavalos também encontram o caminho de casa através de quilômetros de terreno desconhecido e a sua capacidade de encontrar o caminho de casa provavelmente se expressaria com muito mais freqüência se não fossem encerrados em pastos e cercados quando são levados para lugares novos. O fato de os cavalos conseguirem achar o caminho de casa quando isso não é o desejo do dono pode ser inconveniente, embora, às vezes, possa ser extremamente útil.

Num dia sossegado, Jean Welsh montava sua égua pelos campos de Yorkshire quando decidiu explorar uma área que nem ela nem a égua conheciam. Após algum tempo, ela se deu conta de que estava perdida. "Eu tenho um péssimo senso de direção e estava um pouco apavorada. Soltei as rédeas em torno do pescoço da égua e disse: 'Estamos por sua conta — leve-nos para casa!'". A égua foi em frente, segura de si, parando diante de um portão que elas jamais haviam visto. Ela parecia estar tão confiante que Jean o abriu. "Sem receber a menor orientação de minha parte, ela seguiu em frente e parecia saber exatamente o que estava fazendo." As duas seguiram por caminhos desconhecidos até, por fim, chegarem a um local que Jean reconheceu, para seu imenso alívio, não muito longe de casa.

Outros animais que encontram o caminho de casa

A capacidade de encontrar o caminho de casa é bastante corrente. Além das histórias sobre cães, gatos e cavalos, há em nosso banco

de dados as histórias de um bando de ovelhas que escapou do pasto de um fazendeiro e viajou 13 quilômetros até chegar ao seu pasto nativo, de um porquinho de estimação que viajou 11 quilômetros para voltar para casa, além de diversas histórias sobre pássaros. Uma das mais tocantes é a história de Donald e Dora, patinhos criados pela família Erickson, de Minnesota.

> Construímos um cercado muito bom no quintal nos fundos de nossa casa, na parte central de Minneapolis. Nós os alimentávamos e os banhávamos em grandes piscinas de plástico. Eles se tornaram o foco de nosso verão. Meses se passaram e eles já eram adultos. O que faríamos quando chegasse o inverno? Finalmente, em meados de agosto, decidimos levá-los para um lago num parque pouco explorado a pouco mais de três quilômetros de distância. Mamãe disse que era melhor eles se juntarem aos seus e aprenderem a viver na natureza antes que a neve caísse. Concordamos, muito relutantemente, e os deixamos partir. Papai marcou suas asas com tinta para que pudéssemos observá-los misturarem-se com os patos selvagens. Voltamos para casa muito tristes. De repente, ouvimos os vizinhos na rua, gritando e rindo. Corremos para a frente da casa e para nossa imensa surpresa lá em cima do morro, bem no meio da rua, vinham Donald e Dora, fazendo quá, quá, quá. Haviam encontrado o caminho de volta para casa através de bosques e ruas movimentadas. (Leni Erickson)

Nesse caso, a distância era pequena, mas alguns pássaros de estimação encontraram o caminho de casa através de centenas de quilômetros de distância, como no caso de uma pega adotada pelas crianças da família Beauzetier, em Drancy, perto de Paris, ao cair do ninho quando era bebê. Durante as férias do verão de 1995, as crianças foram ficar com os avós perto de Bordeaux,

levando o pássaro. Enquanto estavam lá, a pega fugiu. As crianças ficaram desoladas e ao final das férias tiveram de voltar para casa sem ela. Pouco tempo depois, a viram numa árvore, perto de casa. Quando a chamaram, ela respondeu e, para sua felicidade, voltou a morar com eles. Ela voara mais de 480 quilômetros.

Mais espetacular ainda foi o retorno de um pombo, de propriedade de Ken Clark, de Bakersfield, Califórnia, que ele dera para primos que o visitavam, vindos de Connecticut. Ele lhes deu ração e uma gaiola para que o levassem e lá se foram. "Um mês depois, o pássaro tinha voltado. As penas da cauda estavam quase todas faltando. Ele estava imundo, em estado lastimável." Os primos haviam levado o pássaro até em casa, a quase cinco mil quilômetros de distância, mas ele fugiu quando iam transferi-lo para uma gaiola maior.

A capacidade que os pombos têm de encontrar o caminho de casa não é surpreendente, mas não é única, sendo compartilhada por muitas outras espécies.

Experiências com gatos e cães que encontram o caminho de casa

A maioria dos donos de animais domésticos é compreensivelmente relutante em abandonar seus animais em lugares desconhecidos para que o comportamento que os faz encontrar o caminho de volta para casa seja estudado. Além de minha pesquisa com o cachorro Pepsi, descrita adiante, eu só tenho notícia de duas séries de experiências desse tipo.

As primeiras foram realizadas em Cleveland, Ohio, há mais de 75 anos, pelo zoólogo F.H. Herrick, com seu próprio gato. Sua pesquisa teve início de forma não-intencional quando ele levou o gato, num saco, de casa para o escritório na Western

Reserve University, a oito quilômetros de casa, fazendo o percurso de bonde. Mas, quando deixou que o gato saísse do saco, ele fugiu e encontrou o caminho de casa na mesma noite. Intrigado com essa capacidade do gato de encontrar o caminho, Herrick resolveu investigá-la levando o gato num recipiente fechado e soltando-o a distâncias que variavam de 1,6 a 5 quilômetros de casa. Ele concluiu que o gato conseguia encontrar o caminho de casa sob diversas condições e de qualquer direção.[5]

A segunda série de experiências foi realizada na Alemanha de 1931 a 1932, pelo naturalista Bastian Schmidt, que estudou três cães pastores. Em cada uma das experiências, um cachorro era levado num furgão fechado, através de caminhos indiretos, para um lugar onde jamais havia estado. Ele era então solto. Seu comportamento era acompanhado e anotado por uma série de observadores treinados posicionados em seu provável percurso de volta para casa. Ele também era seguido por ciclistas silenciosos, instruídos para não se comunicarem com ele de forma alguma.[6]

As primeiras experiências foram realizadas no interior da Baviera com um cão de fazenda chamado Max. Quando Max foi solto pela primeira vez num lugar estranho, ele varreu a paisagem em várias direções, como se tentasse se orientar. Após diversas tentativas, começou a concentrar-se na direção de casa olhando, decidido, para aquele lado e, depois de meia hora, partiu. Ele evitou atravessar bosques, escondeu-se dos carros que passaram por ele e evitou fazendas e vilarejos. Após viajar durante apenas uma hora, despontou na conhecida estrada que levava ao seu vilarejo e galopou para casa. A distância percorrida por ele foi de quase dez quilômetros.

Na segunda tentativa, ele foi solto no mesmo local e após hesitar durante apenas cinco minutos, partiu pelo mesmo caminho de antes, mas dessa vez tomou um atalho e chegou em casa em 43 minutos. Na terceira tentativa, ele demorou mais, pois foi forçado a fazer um longo desvio em virtude do trânsito intenso.

Das observações do comportamento de Max, Schmidt concluiu que ele "*não* se utilizou do faro, muito embora seja um sentido de grande importância para o cachorro". Ele não cheirou as árvores, não farejou o chão e nem mesmo tentou seguir algum rastro. Não havia motivo para fazê-lo, segundo concluiu Schmidt: "Seguir um rastro, seja ele humano ou canino, não significaria coisa alguma para um cachorro que está tentando encontrar o caminho de sua casa."[7] E nem tampouco poderia ele ter usado os olhos para decidir-se pela direção de casa porque não estava vendo pontos de referência que lhe eram familiares.

Schmidt então fez algumas experiências com uma cachorra da cidade chamada Nora. Ela vivia em Munique e, para os propósitos da experiência, foi levada de manhã bem cedo para uma parte da cidade onde jamais estivera, a quase cinco quilômetros de sua casa. Quando ela saiu do cesto onde estava sendo carregada, viu-se numa grande praça (Johannisplatz, em Bogenhausen; ela vivia perto de Tierpark). Assim que foi solta, seu comportamento foi muito parecido com o de Max; passou 25 minutos tentando se orientar, olhando, principalmente, na direção de casa para, então, sair aos trotes no rumo correto. Tudo ia muito bem até ela encontrar um cachorrinho brincalhão na Tassiloplatz que a fez desviar-se do caminho. Após algum tempo, ela parou para se orientar e seguiu outra vez em linha direta para casa. A jornada levou 93 minutos, incluindo o tempo que ela levou para se orientar, para brincar e o tempo que passou perdida.

Para a segunda experiência, realizada quase seis semanas depois, Nora foi solta no mesmo local de antes. Dessa vez, mais uma vez como Max, ela levou apenas cinco minutos para se orientar e seguiu pelo caminho que seguira da outra vez, até chegar a Tassiloplatz. Dessa vez não houve distrações e ela correu direto para casa, chegando 37 minutos após ser solta.

Como Max, Nora não farejou coisa alguma e não pareceu prestar atenção em odores. Ela não podia ver pontos de referência familiares, já que havia muitas ruas residenciais entre o local onde foi solta e sua casa. Como faro e visão não podiam explicar seu comportamento, ou o de Max, Schmidt concluiu que: "Estamos sendo confrontados com um enigma, o mistério de um sentido desconhecido, que talvez possa ser descrito, apenas, como o senso de orientação."[8]

Schmidt então tentou três experiências similares com um outro cachorro do interior, mas todas fracassaram. O cachorro sempre partia na direção errada. Isso foi um lembrete salutar de que os cães, assim como as pessoas, possuem capacidades diferentes; alguns têm melhor senso de direção do que outros.

Elizabeth Marshall Thomas, cujo livro *The Hidden Life of Dogs* [A vida secreta dos cães] narra suas envolventes observações sobre cães deixados por conta própria, chegou a conclusões parecidas. Um de seus cachorros, um husky chamado Misha, tinha excelente senso de orientação e saía em jornadas que o levavam a mais de 30 quilômetros de casa. (A companheira de Misha, Maria, não se perdia quando o acompanhava, contanto que o seguisse. Mas ela quase sempre se perdia quando saía sozinha. Em tais ocasiões, ela usava sua própria maneira de voltar para casa: ela simplesmente sentava-se, com uma expressão das mais infelizes, na soleira da porta de alguém. Mais cedo o mais tarde a pessoa procurava o número do telefone de sua casa na coleira e ligava para Thomas, que ia resgatá-la de carro.)

A primeira pergunta feita por Thomas ao começar a estudar seus cachorros dizia respeito à natureza da capacidade de orientação de Misha. "Mas essa foi uma pergunta à qual eu jamais fui capaz de responder."[9] Misha não parecia orientar-se com o auxílio de pontos de referência, pois uma vez que chegava a seu destino,

ele podia, facilmente, voltar para casa por outro caminho. Será que ele usava as estrelas ou a posição do sol? O barulho do oceano Atlântico? Os odores que flutuavam no ar? "Eu não sabia e não consegui descobrir coisa alguma observando seu trotar decidido, seu ar de confiança."[10]

Destinos múltiplos: experiências com Pepsi

Conforme já vimos, muitos tipos de animais parecem ter um senso de direção que os permite encontrar o caminho de casa a partir de locais estranhos a eles. Mas alguns são capazes de encontrar mais de um destino e de atravessar um território desconhecido para chegar a lugares além de suas casas. Eles parecem possuir um senso de direção para *diversos* lugares.

Jamais conheci um cachorro que possuísse capacidade tão notável de encontrar a direção certa como Pepsi, um cruzamento de border collie com terrier que mora em Leicester. Quando seu dono, Clive Rudkin, me contatou em 1995, Pepsi já fizera 14 viagens por toda a cidade de Leicester após escapar da casa de Clive ou da de seus pais ou da de sua irmã, para chegar à casa de amigos e de familiares em algumas horas. Na maioria dessas jornadas, percorreu distâncias de até 4,8 quilômetros e seguiu em diversas direções. Ao todo, Pepsi achou o caminho de seis destinos, todos locais aonde já havia ido de carro mas para os quais nunca fora caminhando. Durante essas viagens, ela costumava estar deitada no chão do carro, sem poder olhar pela janela. Numa ocasião, por exemplo, Pepsi fugiu da casa dos pais de Clive, 6,4 quilômetros a nordeste da casa dele, e foi aparecer na casa de um amigo, oito quilômetros ao norte dali. Ela nunca havia sido levada até essa casa de carro a partir da casa dos pais de Clive e sim diretamente da casa do próprio dono.

Além dessas aventuras, espaçadas num período de quatro anos, não lhe era permitido vagar pelas ruas sozinha e ela sempre saía para passear acompanhada.

Pepsi nunca se perdeu ou se machucou e Clive sentia-se suficientemente confiante nas habilidades da cadela para concordar em participar de duas experiências nas quais ela deveria encontrar seu caminho, sozinha, através de locais estranhos. Essas experiências foram filmadas para o canal de TV da BBC.[11]

No primeiro teste, Pepsi foi solta num parque a pouco mais de três quilômetros a sudoeste de sua casa e foi seguida por um *cameraman* da BBC. Ela encontrou o caminho de casa através de um itinerário indireto mas muito bonito, seguindo as margens de um rio durante grande parte do percurso. O problema ocorrido com essa experiência foi que ela logo notou o *cameraman* a segui-la e, durante parte da viagem, passou a segui-lo. Como ela insistisse em interagir com ele, foi impossível para ele agir como um observador neutro e, assim, torna-se difícil saber quanto da jornada de Pepsi foi influenciada pela presença do homem.

Para a segunda experiência, Pepsi foi equipada com um monitor GPS (Sistema de Posicionamento Global) colocado numa bolsa presa às suas costas. Esse aparelho, do tamanho aproximado de um telefone celular, registrou sua posição com uma precisão de aproximadamente dez metros através de sinais de satélite. Nosso plano era deixar Pepsi sozinha num local estranho, de manhã bem cedo, de forma a minimizar os perigos do tráfego e para seguirmos seu rastro com a ajuda do satélite, as posições sendo registradas automaticamente com intervalos de um minuto.

No solstício de verão de 1996, enquanto os druidas dos dias de hoje celebravam o nascer do sol nos antiqüíssimos megalitos, Clive e eu estávamos na Ethel Road, em Leicester, deixando Pepsi numa esquina, 3,2 quilômetros a leste da casa de Clive. Ela jamais

Figura 10.1 Mapa de parte de Leicester mostrando o local onde Pepsi foi solta (A), a sucessão de locais visitados por ela, conforme revelados pelo monitor do GPS (Sistema de Posicionamento Global) carregado em suas costas, e a casa da irmã de seu dono (B) onde ela foi parar.

Allot
Gdns
10
15
Sch
11
14
17
12
HOSPITAL
Sch
13
Sch
16
EVING
PAR
B
Evi
H
Schs
0
0
0,5 milhas
0,8 km

havia sido levada àquele lugar. Fomos até lá de táxi; ela viajou no chão do carro e não pôde olhar pela janela. Ela olhou para nós confusa, sentada no meio-fio, vendo-nos desaparecer no mesmo táxi. Tomamos a precaução de colocar uma mensagem em suas costas explicando a qualquer um que a encontrasse que ela estava participando de uma experiência; também alertamos a polícia, caso ela se perdesse.

Voltamos para a casa de Clive e esperamos. Nós a deixamos às 4h55 e esperávamos que ela aparecesse na casa de Clive ou na de seus pais em, no máximo, duas horas. Às 9h ela ainda não havia chegado e nem aparecera na casa dos pais de Clive e já estávamos ficando muito preocupados. Finalmente, Clive pensou em verificar a casa de sua irmã, que havia viajado de férias. E foi lá que encontramos Pepsi, deitada tranqüilamente na grama do jardim dos fundos. Pepsi não era levada a essa casa há, pelo menos, seis meses e jamais encontrara seu caminho até lá sozinha. No entanto, ela escapara dessa mesma casa em duas ocasiões no ano anterior para ir à casa de um amigo, 6,4 quilômetros a sudoeste dali.

Pensando bem, aquela era a melhor opção para Pepsi por ser, dentre as casas que conhecia, a mais próxima, apenas 1,6 quilômetro a leste de onde a deixamos. Quando decifrамos os códigos do GPS, descobrimos que, primeiramente, Pepsi caminhara 500 metros na direção norte (a direção oposta à que tomamos com o táxi). Ela levara pelo menos oito minutos andando de um lado para outro pelas ruas das redondezas, como se tentasse se orientar. Ela então percorreu pouco mais de um quilômetro para leste, até as imediações do Hospital Geral de Leicester e passou sete minutos caminhando pelos prédios do hospital. De lá, ela foi direto para a casa da irmã de Clive, uns 500 metros ao sul dali (Figura 10.1).

Pepsi não poderia ter encontrado a casa usando o olfato porque um vento norte soprava continuamente naquela manhã e em momento algum da viagem viu-se a favor do vento com relação à casa ou ao seu bairro.

Depois dessa experiência, Pepsi já fugiu em quatro outras ocasiões e atravessou Leicester para ir a casas conhecidas, além de ir a uma outra para a qual jamais encontrara o caminho sozinha: a do irmão de Clive.

De alguma forma, o senso de direção de Pepsi permite que ela saiba onde está com relação a um número de casas variadas e também o local de cada uma com relação a outra, muito embora ela só tivesse sido levada de uma a outra de carro, sem olhar pela janela.

Uma forma de analisarmos isso seria supor que ela possui algum tipo de mapa mental. Mas essa seria uma metáfora abstrata e excessivamente antropomórfica. E mesmo que ela realmente possuísse tal mapa, isso não faria com que soubesse onde se encontra ao ser abandonada num local desconhecido. Mapas são úteis quando sabemos onde estamos e aonde queremos ir. Mas se você não sabe onde está, um mapa não será de grande valia. Pepsi parece ter senso de direção.

O senso de direção

Como será que o senso de direção funciona? Qualquer que seja a sua base física, suponho que o animal *sinta*, de alguma forma, que há um lugar conhecido numa dada direção, talvez por uma espécie de "atração". É possível, também, que ele sinta sua proximidade ou distância.

No mais simples dos casos em que o animal encontra o caminho de casa, ele se sente atraído pelo seu lar e, caso perca o rumo (como fez Nora em Munique, quando encontrou o cachor-

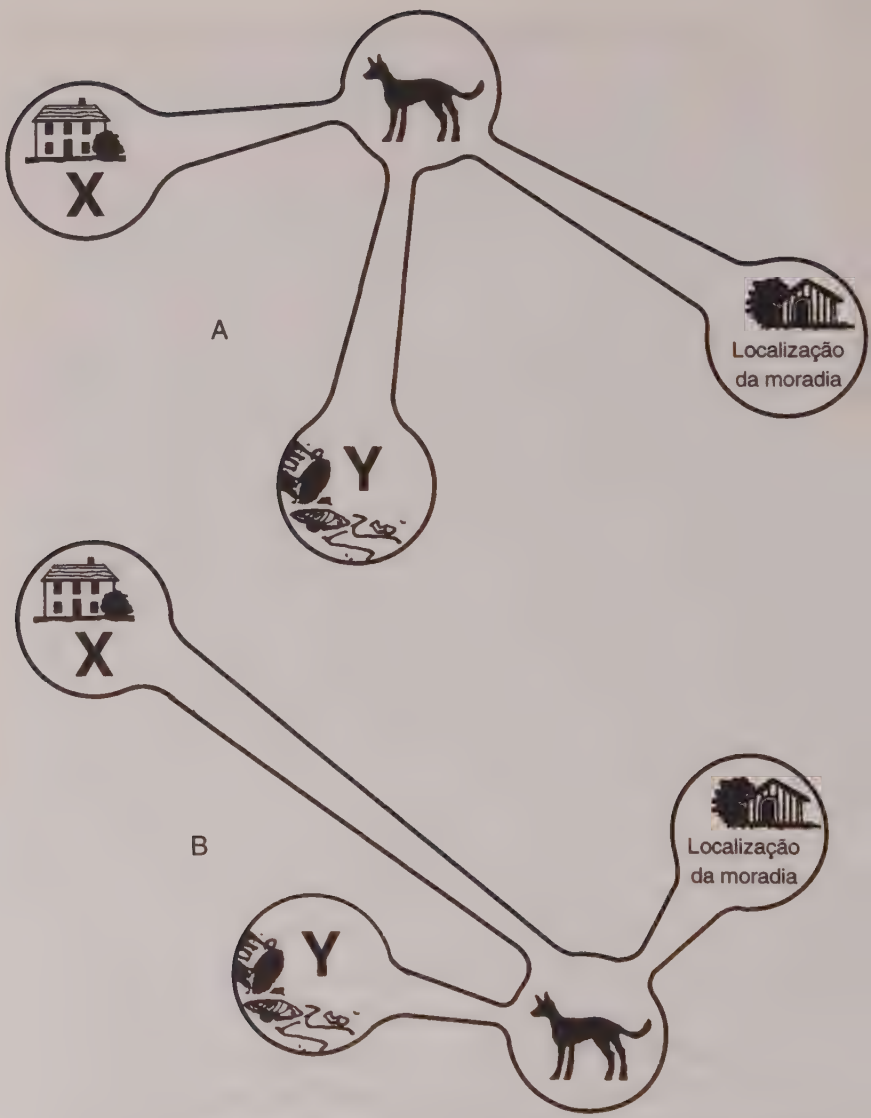


Figura 10.2 A: Conexões através de um campo mórfico entre um animal e sua casa e outros locais importantes. B: O animal está em uma localização diferente e, portanto, sua conexão com a casa e os outros locais dá a ele informações direcionais também diferentes.

ro brincalhão), consegue orientar-se outra vez e colocar-se a caminho (Figura 10.2A). Uma metáfora pode ser a da atração magnética. Outra, a da ligação à casa através de um elástico invisível. De qualquer forma, haveria uma espécie de atração pela casa e uma sensação de "estar esquentando" quando está se aproximando. Essa sensação de que "está esquentando" também se encaixaria bem com a capacidade que os animais transportados em carros e outros veículos têm de saberem quando estão se aproximando de casa, conforme discutirei no Capítulo 12.

Sugiro que essa atração pelo alvo, que é a casa, ocorra através de um campo que liga o animal ao seu ambiente. O animal constrói uma familiaridade com seu ambiente doméstico. Sua área de atividade dentro daquele ambiente familiar envolve a construção de lembranças.

Sugiro que essa área de atividade, que é a memória inerente, seja uma espécie de campo mórfico. E se o animal está ligado ao seu ambiente doméstico através de um campo mórfico, essa ligação poderá se esticar como um elástico. Ela continuará a ligar o animal à sua casa até mesmo quando ele estiver a quilômetros de distância. E poderá puxar o animal na direção de casa.

A ligação do animal com sua casa talvez permaneça latente quando o animal está ocupado à procura de comida ou dedicado à exploração da área à sua volta. Animais que se encontram longe de casa não estão sendo puxados na direção do lar todo o tempo que passam longe, mas normalmente podem encontrar o caminho de casa quando chega a hora de voltarem. A intenção de voltarem para casa dá a eles a motivação para o seu comportamento, mas achar o caminho de casa ou de outro lugar depende de ligações já estabelecidas com determinados locais. Por um lado, a capacidade de encontrar o caminho de casa, assim como a de se orientar de uma maneira geral, depende de uma combinação

de motivações ou de intenções e ligações e, por outro lado, de ligações com locais significativos. Essas ligações foram construídas no passado e eu sugiro que essas lembranças sejam inerentes aos campos mórficos que conectam os animais a esses lugares.

O campo mórfico que liga um animal à sua casa está intimamente ligado ao campo mórfico do grupo social com o qual o animal reparte o lar. O primeiro tipo de campo tem por trás um senso de direção; o segundo, a comunicação telepática. Mas, conforme veremos no Capítulo 13, o campo que liga animais a outros animais não só proporciona canais para a comunicação telepática como pode, também, proporcionar informações direcionais. Já discutimos alguns exemplos desse fenômeno quando gatos e outros animais que estão sofrendo chamam seus donos.

A analogia do elástico em si sugere um caráter direcional. Imagine que você foi vendado e que segura uma das extremidades de um elástico esticado. A outra extremidade, que se encontra a muitos metros de distância, está presa em algum lugar ou é segurada por uma pessoa. Nesse caso, você não só se sentirá atraído por aquele lugar, ou pessoa, como também se sentirá puxado numa direção específica. Essa atração ou influência na direção de um objetivo pode encontrar um modelo matemático em termos de atraentes dinâmicos dentro dos campos mórficos (Apêndice C).

Quando um animal tem diversos lugares conhecidos para os quais ele pode se dirigir, presume-se que sinta-se influenciado ou atraído por lugares diferentes (Figura 10.2A). Com relação a cada um desses lugares, ele também poderá ter uma sensação de proximidade ou de distância. Se o animal estiver numa posição diferente, as atrações serão, então, orientadas em direções variadas (Figura 10.2B).

Levando em conta essas idéias, imagino que, quando foi deixada num local desconhecido, Pepsi tenha sentido a direção

de diversas casas conhecidas ao orientar-se: a de sua própria casa, a dos pais de Clive e a da irmã deste. Ela pode, também, ter sentido que a casa da irmã era a mais próxima e, assim, partiu naquela direção.

O elástico proporciona uma metáfora para essas atrações. A atração magnética proporciona outra. Uma das vantagens da metáfora magnética é o fato de aventar a possibilidade de uma atração por lugares especiais assim como repulsas. É possível que os locais de que os animais tenham medo, por exemplo um local onde tenham tido uma experiência traumática no passado, possam repeli-los, em vez de atraí-los, até mesmo a distância. Eles também podem ter a sensação de que "está esquentando" (talvez "está esfriando" fosse uma expressão mais adequada neste caso) ao aproximarem-se de tais lugares, e essa sensação pode ser de medo em vez de alegria. Isso se ajustaria às reações de medo de alguns cães ao serem levados, de carro, até o veterinário (p. 170).

A capacidade de encontrar o caminho certo existente nos animais domésticos faz bastante sentido quando a consideramos num contexto biológico e evolucionário mais amplo.

Os domínios de animais selvagens e ferais

Qualquer animal que possua uma base, um lar, como as abelhas com suas colmeias, os tordos com seus ninhos e os lobos com suas tocas, possui uma área circunjacente de território familiar. A parte do território familiar que eles visitam repetidamente chama-se *domínio*, e sua extensão pode variar de um dia para outro e de uma estação para outra. Dentro do domínio de um animal pode haver um *território*, uma área que eles protegem. Um gato doméstico, por exemplo, pode possuir um território de 100 metros de diâmetro que ele conhece intimamente e protege,

mas ele também pode possuir um domínio maior que se estende por até dois quilômetros, ou mais, a partir de sua casa.

Nós também temos nossas áreas de maior familiaridade e dentro dela um domínio que cobre nosso bairro, os locais onde fazemos compras, onde trabalhamos, onde nos divertimos, onde visitamos familiares e amigos, áreas pelas quais passeamos com o cachorro e assim por diante. Dentro desses domínios, existem territórios que defendemos, normalmente nossas casas e jardins.

Falando de modo geral, encontrar o caminho através de nosso domínio depende de pontos de referência e de outras características familiares do nosso meio ambiente; o mesmo pode ser dito com relação aos animais. Paisagens conhecidas, sons e cheiros permitem ao animal saber onde está e encontrar o caminho até destinos conhecidos. Eles não precisam de um senso de direção especial quando estão se deslocando através de seu domínio e seguindo caminhos conhecidos.

Mas é claro que a área familiar a um animal não lhe foi sempre familiar. Todo jovem animal terá de conhecê-la, um dia, pela primeira vez, até mesmo se ela já for conhecida pelos membros mais velhos de seu grupo. Quando se estabelece num dado local, cada animal ou grupo de animais precisa explorar seus arredores. Quando está explorando um território novo, ele não poderá recorrer à memória para encontrar o caminho de casa, a não ser que volte sobre os próprios passos.

Animais que saíram para explorar podem, de fato, encontrar o caminho de volta seguindo pontos de referência ou algum rastro odorífero. Mas outros o fazem através da *orientação*. A orientação biológica é definida como "a capacidade de orientar-se na direção de um alvo, sem referências ou marcos específicos".[12] Dessa forma, o animal pode encontrar o caminho de volta pegando atalhos e sem a necessidade de decorar todas as

características da jornada de ida. A orientação também permite que ele encontre o caminho de casa partindo de um local desconhecido, quando ainda não teve oportunidade de aprender as particularidades da viagem de ida. Por exemplo, se um animal estiver sendo perseguido por um predador, ele poderá escapar correndo para um local desconhecido, sem memorizar todos os detalhes do trajeto. Da mesma forma, animais de caça muitas vezes se afastam das trilhas conhecidas de seu domínio enquanto perseguem sua presa. Ventos fortes podem tirar os pássaros de seu curso, assim como os animais aquáticos podem ser arrastados para águas desconhecidas por correntes. Em todas essas circunstâncias, os animais precisam se orientar para encontrar o caminho de volta para casa.

Como regra geral, quanto maior o domínio, mais importante será a capacidade de orientação para voltarem para casa e para encontrarem outros locais importantes dentro desses limites. Por exemplo, algumas alcatéias possuem e defendem enormes territórios. No norte de Minnesota, onde os veados existem em relativa abundância, tais territórios vão de 80 km² a 160 km². No Alasca, onde os lobos têm no alce americano sua principal presa, o território pode ser de 1.300 km². Nas ilhas do Ártico, onde são escassas as populações de presas, o território de uma alcatéia pode cobrir milhares de quilômetros quadrados. Uma alcatéia da ilha Ellsmere (ao norte da Groenlândia) foi observada percorrendo um território de mais de 8 mil km² num período de seis semanas.[13]

Considerando que os lobos, ancestrais selvagens dos cães, possuem uma capacidade de orientação que lhes permite encontrar seu caminho em áreas tão vastas, a aptidão dos cães para encontrarem o caminho de casa torna-se menos assombrosa.

Cães ferais possuem domínios menores do que os lobos, embora exibam impressionante capacidade de orientação. Na

Itália central e meridional, por exemplo, são comuns matilhas de cães vagarem livremente e diversas delas foram rastreadas com o auxílio de rádios e observadas visualmente. Em um desses estudos, numa parte montanhosa da região de Abruzzo, o domínio geral foi de 35 km² e, dentro desse domínio, áreas "essenciais" eram freqüentadas muito mais do que outras, especialmente perto da toca e dos lixões, onde os cachorros encontravam comida. O domínio mudava de estação para estação e de ano para ano e a matilha estabelecia novas áreas "essenciais" à medida que novas fontes de comida eram encontradas.[14]

Em diversas ocasiões, os cães partiram em grandes expedições fora de seu domínio, parecendo estar explorando. Como resultado de uma dessas expedições, uma cadela estabeleceu uma nova toca a 16 quilômetros de distância. Interessante que o domínio desses cães ferais encontrava-se entre os territórios de duas matilhas de lobos, com alguma superposição. Os domínios dos lobos eram consideravelmente maiores do que os dos cães. Um deles cobria 177 km².

Os gatos possuem domínios muito menores, embora alguns gatos de fazenda possam cobrir áreas de até 202.350 m² (um pouco mais de vinte avos de 1 km²).[15] Os machos normalmente possuem limites territoriais muito maiores do que as fêmeas e alguns gatos ferais machos das matas australianas podem vaguear por um território de mais de 3 km².[16]

Quando animais tais como gatos, cães e lobos encontram o caminho por conta própria, é difícil saber que porção de sua capacidade de orientação depende de não perderem de vista a rota que seguiram, usando a memória e os sentidos normais, e quanto disso pode ser atribuído a um senso de direção mais misterioso. Talvez esses fatores todos funcionem em conjunto a maior parte do tempo.

Embora cães e gatos domésticos tenham, normalmente, um território muito menor para se movimentarem por conta própria do que seus parentes selvagens e ferais, eles podem nos dizer muita coisa sobre esse senso de direção precisamente por serem menos livres. Para estudarmos o senso de direção de animais que vivem soltos, teríamos de capturá-los primeiro para, em seguida, levá-los para locais desconhecidos e soltá-los. Um número relativamente pequeno de estudos desse tipo foi realizado até hoje. Mas muitos cães e gatos são transportados em carros e em outros veículos. O fato de serem transportados passivamente e de freqüentemente adormecerem durante a viagem significa que não podem estudar e lembrar detalhes do percurso. No entanto, conforme veremos no Capítulo 12, é muito freqüente saberem quando estão se aproximando de seu destino.

Mas a mais impressionante capacidade de encontrar o caminho de casa é a dos pássaros, e os mais bem estudados dentre eles são os pombos.

Pombos-correio

No que diz respeito a encontrar o caminho de casa, os recordes de distância para pássaros pertencem a uma variedade de espécies selvagens. Pingüins de Adélie, petréis de Leach, cagarras de Manx, albatrozes, cegonhas, andorinhas-do-mar, andorinhas e estorninhos — todos são conhecidos por atravessarem milhares de quilômetros para chegarem em casa.[17] Quando dois albatrozes-de-sobrancelha foram levados das ilhas Midway, no Pacífico central, e soltos a 5.150 quilômetros de distância no estado de Washington, na costa oeste dos Estados Unidos, um deles voltou para casa em dez dias e ou outro, em doze. Um terceiro chegou das Filipinas, a mais de 6.400 quilômetros de distância, em pouco

mais de um mês.[18] Numa experiência feita com cagarras de Manx, os pássaros foram seqüestrados de seus ninhos na ilha de Skokholm, na costa do País de Gales. Um deles foi solto em Veneza, na Itália, e voltou para casa em 14 dias. O outro voltou em doze dias e meio de Boston, Massachusetts, em uma jornada de mais de 4.800 quilômetros através do oceano Atlântico.[19]

Muito embora seu domínio seja mais limitado do que o dos pássaros oceânicos, os pombos-correio são a escolha óbvia para pesquisas detalhadas. Eles foram reproduzidos e selecionados devido a sua capacidade de encontrar o caminho de casa através de muitas gerações. Pombos-correio podem voar para casa num único dia de um local onde jamais estiveram, a centenas de quilômetros de distância. As técnicas para criá-los e treiná-los são conhecidas. E são, relativamente, pouco dispendiosas.

Diversas experiências foram realizadas com os pombos sobre sua capacidade de encontrar o caminho de casa. Não obstante, após quase uma década de pesquisas dedicadas porém frustrantes, ninguém sabe como eles conseguem fazê-lo. Todas as tentativas de explicar sua capacidade de orientação em termos de sentidos conhecidos e de forças físicas mostraram-se sem sucesso. Os mais bem informados pesquisadores dessa área são rápidos em admitir o problema:

> Há anos que a incrível flexibilidade das aves que sabem encontrar o caminho de casa e das aves migratórias é um verdadeiro enigma para nós. Você pode remover pista após pista e, ainda assim, os animais guardam alguma estratégia de emergência para estabelecerem a direção do vôo.[20]

A questão da orientação permanece basicamente sem explicação.[21]

Para avaliarmos o motivo pelo qual o problema permanece sem solução, é necessário considerarmos as diversas teorias sobre a orientação dos pombos sugeridas através dos anos e verificarmos por que todas provaram ser pouco adequadas.

A teoria de que eles se lembrariam de cada desvio e de cada curva da jornada de ida, proposta primeiramente por Charles Darwin, foi refutada quando os pombos foram levados para serem soltos num local desconhecido deles, dentro de furgões escuros, em recipientes giratórios, através de caminhos tortuosos. Alguns chegaram a ser anestesiados durante o trajeto. Quando foram soltos, voaram diretamente para casa.[22]

A teoria de que dependem de pontos de referência também foi descartada. Os pombos podem encontrar o caminho de casa seguindo pontos de referência em território que lhes é familiar, mas também são capazes de voltar de lugares desconhecidos onde não encontram marcos reconhecíveis. Em experiências realizadas nos anos 70, os pombos foram até mesmo temporariamente cegados com lentes de contato opacas. Ainda assim encontraram o caminho de casa através de enormes distâncias, mesmo que tenham se chocado contra árvores ou fios ao se aproximarem do pombal. Eles precisavam enxergar para pousarem da maneira correta, mas encontraram o caminho através de muitos quilômetros ou de apenas alguns metros até o pombal sem poderem usar os olhos.[23]

A teoria de que eles se orientam pelo sol postulava que usam a posição do astro para descobrirem a latitude e a longitude de onde se encontram, comparando os ângulos e os movimentos do local onde foram soltos com os de casa. Essa teoria foi refutada de duas formas. Em primeiro lugar, os pombos conseguem ir para casa em dias nublados e podem, até mesmo, ser treinados para encontrar o caminho de casa à noite. Isso quer dizer que ver o sol não é essencial para encontrarem o caminho de casa. Em segundo

lugar, a orientação pelo sol é possível, apenas, com a ajuda de um relógio muito preciso.[24] Quando os pombos têm seu relógio interno mudado em seis ou doze horas (algo que se consegue expondo-os à luz artificial durante parte da noite e à escuridão durante parte do dia), e são soltos em dias de sol, no início ficam confusos e partem na direção errada, mas logo corrigem o curso e voam para casa. Em dias nublados, eles partem na direção certa logo na primeira tentativa. Esses resultados demonstram que os pombos talvez usem o sol como uma espécie de bússola, embora o astro não seja essencial para saberem a direção de casa.[25]

A teoria de que os pombos sentem o cheiro de suas casas a centenas de quilômetros de distância, até mesmo quando o vento está soprando na direção oposta, é extremamente implausível. Não obstante, foi testada de diversas formas. Na maioria dessas experiências, os pombos podiam encontrar o caminho de casa ainda que suas narinas estivessem tapadas com cera de abelha, os nervos olfatórios cortados ou a mucosa olfatória anestesiada. Eles podem usar o olfato em regiões que lhes são familiares, onde podem reconhecer os odores carregados pelo vento, mas sua capacidade de chegar em casa de lugares desconhecidos não pode ser explicada por esse sentido.[26]

Finalmente, há a teoria magnética. Será que os pombos possuem um senso magnético, uma bússola biológica? O problema é que mesmo que os pombos possuam um senso de bússola, este não lhes diria onde é a sua casa. Se levarem você até um lugar desconhecido e lhe entregarem uma bússola, você saberia para onde fica o norte, mas não saberia onde fica a sua casa. A bússola seria útil para a sua orientação, mas você precisaria descobrir onde fica a sua casa de outras maneiras.

Mas e se o senso de bússola fosse tão sensível que desse informações sobre a latitude? Ele poderia fazer isso de duas

maneiras: primeiramente, detectando as pequenas mudanças no campo magnético da Terra, em diferentes latitudes; e, em segundo lugar, detectando a inclinação do campo magnético. No pólo norte magnético, o ponteiro aponta para baixo; na linha do equador, fica na horizontal, e entre um e outro o ângulo varia de acordo com a latitude. No entanto, para que uma mudança de latitude seja detectada, o senso magnético do pombo teria de ser extremamente preciso. No nordeste dos Estados Unidos, por exemplo, através de uma distância de 160 quilômetros, indo de norte para sul, a intensidade de campo média muda em menos de 1% e o ângulo do campo em menos de 1°. Mesmo que os pombos tivessem um senso de bússola preciso como esse, isso não lhes daria informação alguma sobre a longitude, sobre a distância, para leste ou oeste, que se encontram de casa. Os pombos podem encontrar o caminho de casa de qualquer direção.

De qualquer forma, a hipótese magnética foi testada quando prenderam diversos ímãs aos pombos. Os ímãs deveriam confundir o senso magnético dos pássaros, se acaso possuíssem um, e no entanto pássaros com ímãs presos ao corpo chegaram em casa da mesma forma que os pássaros usados como controle, carregando acessórios não-magnéticos de tamanho e peso parecidos.[27]

O fracasso de todas essas teorias deixa o fato de os pombos encontrarem o caminho de casa sem explicação. Eu próprio acredito que os feitos dos pombos, em termos de orientação, só podem ser explicados por um senso de direção, conforme já discuti com relação a cães, gatos e outros animais. Não há dúvida de que a orientação dos pombos poderia ser auxiliada pela posição do sol e talvez, até mesmo, por um senso magnético, mantendo-os no caminho certo. Mas sem a atração direcional do campo mórfico que os liga à sua casa, eles se perderiam.

O senso de direção humano

Nossos ancestrais coletores e caçadores eram sujeitos às mesmas pressões seletivas que os demais animais. Grupos ou indivíduos que viajavam para longe do lar e que não conseguiam encontrar o caminho de volta provavelmente sucumbiam, a não ser que tivessem a felicidade de encontrar outro grupo humano que os acolhesse.

Até muito recentemente, povos tradicionais como os aborígines australianos, as tribos do deserto de Kalahari e os navegadores da Polinésia eram famosos por seu senso de direção. Eram seres humanos cujas habilidades excediam, em muito, as expressadas ou reconhecidas pelas sociedades industriais modernas. Por exemplo, Laurens van der Post, viajando no deserto de Kalahari com alguns tribais, após percorrer quilômetros por uma trilha sinuosa, não tinha a menor idéia da direção em que se encontrava seu acampamento. Mas seus companheiros não tinham a menor dúvida. "Estavam sempre centrados. Eles sabiam, sem esforço consciente, onde ficava sua casa."[28]

Uma das mais espetaculares demonstrações dessa capacidade foi dada por Tupaia, um chefe desalojado e navegador de Raiatea, perto do Taiti. O capitão James Cook conheceu-o em 1769 durante sua grande viagem de exploração e convidou-o para viajar a bordo de seu *Endeavour*. Durante a jornada de mais de 9.600 quilômetros, passando pelas ilhas Society, dando a volta pela Nova Zelândia, acompanhando a costa da Austrália para terminar em Java, Tupaia era capaz de apontar para o Taiti a qualquer momento, apesar da distância envolvida e do itinerário indireto entre as latitudes 48° S e 4° N.[29]

Em compensação, povos civilizados, especialmente os povos urbanos modernos, têm tantos aparelhos para ajudá-los a se

orientar, tais como sinalizações, mapas e bússolas — e hoje em dia, o Sistema de Posicionamento Global (GPS) via satélite — que o senso de direção já não é essencial à sobrevivência. Ele é negligenciado na nossa educação e muito pouca atenção foi dada ao assunto pela ciência institucional.

Não obstante, o senso de direção não foi completamente atrofiado nos povos modernos.[30] A maioria de nós tem vaga noção desse sentido, nem que seja apenas em comparação a outras pessoas que tendem a se perder com maior facilidade ou que são muito melhores em achar o caminho. Ainda assim, na ausência de aparelhos, a maioria dos povos modernos tem pouca capacidade de se orientar se comparados a muitos animais não-humanos. E é por isso, sem dúvida, que achamos a capacidade dos cães e dos gatos tão fascinantes, e por que os pombos-correio são especialmente intrigantes. Eles fazem algo que nós não podemos fazer. Possuem sensibilidades que perdemos.

11

Migrações e memória

Encontrar o caminho de casa e migrar estão intimamente relacionados. Podemos pensar nos ciclos de migração como encontrar o caminho de casa duas vezes. Por exemplo, as andorinhas inglesas migram mais de 9.600 quilômetros no outono até sua região de alimentação na África do Sul, atravessando o deserto do Saara no caminho. Voltam para o local de procriação na primavera, muitas vezes para o mesmo local onde fizeram o ninho no ano anterior. Elas encontram o caminho de casa, na África, e depois encontram o caminho de casa na Inglaterra.

Mais incrível ainda é a capacidade instintiva dos pássaros jovens de dirigir-se ao local onde passam o inverno sem precisarem ser guiados por pássaros que já o fizeram anteriormente. Cucos europeus, criados por pássaros de outras espécies, não conhecem seus pais. De qualquer forma, os cucos mais velhos partem para a África meridional em julho ou agosto, antes da nova geração estar pronta para partir. Aproximadamente quatro semanas depois, os jovens cucos encontram o caminho até sua

região de alimentação ancestral, na África, sem ajuda e sem companhia.

Até mesmo os insetos podem migrar através de enormes distâncias até lugares onde jamais estiveram anteriormente. O caso mais famoso é o da borboleta monarca. As monarcas nascem perto dos Grandes Lagos, no nordeste dos Estados Unidos, e viajam 3.200 quilômetros rumo ao sul, invernando aos milhões em "árvores de borboletas" específicas nas regiões montanhosas do México. Elas então migram para o norte na primavera. Essa primeira geração de migrantes morre após se reproduzir na parte meridional de seu domínio, do Texas até a Flórida. Seus filhotes continuam a migração rumo ao norte, até a região dos Grandes Lagos e o sul do Canadá, onde se reproduzem por várias gerações. No outono, a nova geração de migrantes dirige-se para o sul para passar o inverno nas árvores ancestrais; mas estas são de três a cinco gerações mais jovens do que suas ascendentes que passaram o inverno naquele mesmo local, no ano anterior. O ciclo migratório continua através de sucessivas gerações e nenhuma borboleta vive mais do que uma porção do ciclo.[1]

Como será que esses insetos conseguem encontrar o caminho até esses destinos ancestrais? Será que estão se orientando na direção de um alvo específico, como fazem os pombos-correio, usando seu senso de direção? Ou estariam, meramente, seguindo uma série de instruções geneticamente programadas que os mandam partir numa direção específica, orientando-os através do sol, das estrelas e de um senso magnético?

Neste capítulo, eu argumento que a teoria da programação genética é inadequada para explicar a maior parte do comportamento migratório. Em vez disso, sugiro que os animais migratórios, com freqüência, contam com um senso de direção que os permite encontrar seu objetivo, ao qual estão ligados através de

campos mórficos. Proponho que esses caminhos migratórios envolvem uma memória ancestral inerente aos campos. Mas da mesma forma que certas espécies de pássaros se orientam para encontrar um destino sentindo a sua direção, podendo lançar mão de um senso de bússola e da posição do sol para mantê-los no caminho certo, é possível que os animais migratórios também usem pistas magnéticas e celestes.

O sol, as estrelas e as bússolas

Os biólogos costumam imaginar as aves migratórias como seres possuidores de um programa inato que dirige o processo migratório com base em orientações de bússola derivadas do sol, das estrelas e de um senso magnético. Na literatura científica, isso se chama "programa de orientação vetorial espaço-temporal herdada".[2] Mas esse termo técnico de sonoridade tão impressionante limita-se a reafirmar o problema em vez de solucioná-lo.

O maior indício do papel das estrelas é que quando as aves migratórias são mantidas em gaiolas num planetário, no início da estação migratória, elas tendem a saltar na direção apropriada à migração, de acordo com os padrões da alternância das estrelas. No hemisfério norte, o ponto em torno do qual giram as aves é o pólo norte celestial e, assim, o movimento das estrelas pode servir como uma espécie de bússola.

No entanto, no mundo real, migrantes podem encontrar seu caminho à luz do dia ou quando o céu está muito nublado.[3] Por exemplo, numa experiência realizada com radares posicionados no condado de Albany, em Nova York, foi descoberto que mesmo quando o céu passou diversos dias nublado, aves migratórias noturnas de diversas espécies não ficaram desorientadas. Não houve nem mesmo "mudanças sutis em seu comportamento

de vôo".[4] Assim, uma bússola formada por estrelas não parece ser essencial para a orientação delas.

Então, o que dizer de um senso de bússola magnética? Algumas espécies realmente parecem ser sensíveis ao campo magnético da Terra e aves migratórias cativas, quando mantidas em gaiolas, passam a saltar em outra direção se o campo magnético à sua volta for alterado.[5]

Muito embora um senso de bússola e a rotação das estrelas possam ajudar as aves a se orientarem, saber a direção para a qual aponta a bússola não lhes dirá onde estão ou onde se encontra o seu destino.

A teoria da programação genética propõe que elas não sabem para onde estão indo e, sim, que voam numa direção pré-programada. Há uma grande diferença entre encontrar o caminho de um determinado destino e seguir uma série de instruções, mesmo porque orientar-se para chegar a um dado local oferece mais flexibilidade. Se você estiver tentando chegar a uma cidade por uma estrada e se perder, poderá encontrar o seu caminho através de um novo itinerário, se souber aonde está querendo chegar. Mas se você não souber onde fica o seu destino e estiver, apenas, seguindo uma série de instruções, tais como "dirija 120 quilômetros na direção nordeste e, depois, 32 quilômetros na direção norte", você não será capaz de se adaptar a situações emergenciais que farão com que perca o seu rumo.

Uma trilha migratória programada teria de ser muito bem adaptada para que os animais encontrassem o caminho de seu território invernal de diferentes pontos de partida para, depois, voltarem a esses mesmos locais na primavera seguinte. Por exemplo, as andorinhas da parte oeste da Irlanda, da parte leste da Inglaterra e do norte da Alemanha partem em direções diferentes e seguem itinerários diversos antes de convergirem no Estreito

de Gibraltar, onde atravessam rumo à África. Na viagem de retorno, teriam de ser programadas para se separarem em determinados pontos após atravessarem de volta para a Europa para então seguirem itinerários diferentes até os seus destinos. Um sistema tão rígido seria inflexível e pássaros tirados de seu curso pelo vento teriam pouca chance de encontrar o caminho até o local de procriação.

Em segundo lugar, esses programas hipotéticos teriam de ser construídos com base em mutações acidentais e seleção natural durante muitas gerações, o que dificultaria muito a evolução de novos padrões migratórios e impediria que os animais se adaptassem rapidamente a mudanças.

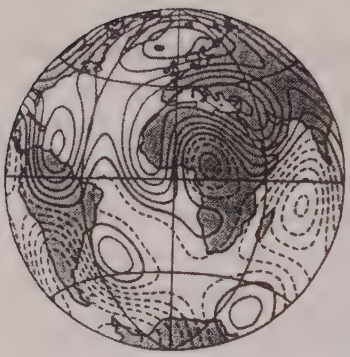
Em terceiro lugar, o único mecanismo remotamente plausível para o comportamento migratório programado teria de se basear num senso migratório combinado com informações derivadas do sol e das estrelas. O problema é que o campo magnético da Terra não só varia no decorrer do dia e de acordo com as estações do ano, como os pólos magnéticos em si também mudam. O pólo norte magnético não se encontra no pólo norte geográfico; atualmente encontra-se no norte do Canadá, nas ilhas Rainha Elizabeth, mais ou menos a 103° O e 77° N. Isso significa que os ponteiros das bússolas não apontam para o norte verdadeiro, na realidade desviam-se dele. O ângulo de desvio, chamado de declinação, varia de lugar para lugar, sendo maior nas latitudes setentrionais. Ao usarem compassos, navegadores humanos têm de corrigir as declinações magnéticas dependendo da latitude e da longitude em que se encontram, usando fatores de correção atualizados continuamente à medida que os pólos magnéticos vagueiam. Nenhum animal poderia ser geneticamente programado para fazer tais correções.

Assim como o vagar dos pólos, os padrões gerais do campo magnético da Terra mudam consideravelmente através dos anos,

apresentando mudanças bastante consideráveis através das escalas temporais de duas décadas (Figura 11.1). Qualquer sistema de navegação geneticamente programado que dependesse detalhadamente dos campos magnéticos da Terra seria interrompido por essas mudanças. Um sistema geneticamente programado teria de ser reprogramado continuamente, mas as escalas temporais das mudanças dos campos magnéticos da Terra são curtas demais para que a seleção natural conseguisse se ajustar às freqüências dos supostos "genes de migração".

É provável que a seleção natural funcionasse vigorosamente contra qualquer sistema rigidamente programado. Nós já sabemos que cães, gatos, pombos e outros animais podem encontrar o caminho de casa a partir de locais onde jamais estiveram. Eles demonstram uma orientação verdadeiramente direcionada para um destino específico (Capítulo 10). Esse comportamento parece depender de uma ligação com a casa que lhes dá um senso de direção, permitindo-lhes localizar sua casa de onde quer que estejam. O uso desse senso de direção mais flexível provavelmente seria preferível à seleção natural do que uma programação genética rígida, se tal programação fosse possível.

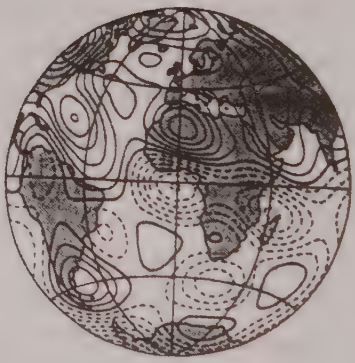
Finalmente, qualquer migração programada que dependesse de um senso magnético teria de ser extremamente adaptável a períodos de mudança revolucionária no campo magnético da Terra. Em intervalos variáveis, os pólos magnéticos se invertem de forma que o pólo norte magnético se aproxima do pólo sul e o pólo sul magnético se aproxima do pólo norte geográfico. Nos últimos 20 milhões de anos, o pólo norte magnético mudou-se para o pólo sul 41 vezes e mudou de volta outras 41 vezes.[6] (O histórico dessas inversões polares foi reconstruído a partir da direção de magnetização em rochas magnéticas, que proporcionam registros fósseis da polaridade magnética prevalecente



1715

1777

1842



1905

1969

1980

à época de sua formação. Uma inversão de polaridade é demonstrada através da magnetização invertida de sucessivos depósitos rochosos.)

Sob tais circunstâncias, a seleção natural eliminaria animais que seguissem um programa rígido de orientação magnética. Como hoje em dia todos os animais migratórios descendem de ancestrais que sobreviveram a cerca de 80 inversões magnéticas nos últimos 20 milhões de anos, todos devem ter ancestrais capazes de alcançar o seu destino, a despeito das inversões da polaridade magnética da Terra.

Como os animais conseguem calibrar seu compasso magnético com base em pistas proporcionadas pelo céu, tais como a direção do pôr-do-sol e a rotação das estrelas em torno do pólo norte celeste? Pesquisas realizadas com andorinhas-das-savanas na América mostraram que o senso de bússola pode, de fato, ser calibrado através da observação das estrelas e também pode ser recalibrado durante a vida de cada pássaro.[7] As espécies capazes de tal calibragem poderiam preservar um simples senso de bússola, apesar das variações no campo magnético da Terra.

Mas, embora algumas espécies migratórias possam realmente usar o campo magnético da Terra para ajudá-las a manter seu curso, isso é muito diferente de um sistema de orientação que pode dizer-lhes onde estão e onde se encontra o seu destino.

Mesmo que os animais pudessem, de alguma forma, herdar um mapa mental e saber onde se encontra o seu destino, é muito

---

Figura 11.1 As mudanças no campo magnético da Terra através dos últimos séculos. Os contornos representam a intensidade do campo nos limites entre o núcleo derretido e o manto. As linhas de força saem do hemisfério sul e fluem de volta ao norte. Os contornos sólidos representam a intensidade de fluxo magnético até o núcleo; as linhas pontilhadas fluem de dentro do núcleo (segundo Bloxham e Gubbins, 1985).

pouco provável que eles pudessem se orientar simplesmente com base num senso de bússola e na observação do sol e das estrelas. Afinal, até o século XVIII, nem mesmo os marinheiros mais sofisticados podiam navegar com precisão baseados em mapas, bússolas e observações celestes. Eles usavam a elevação do sol ao meio-dia para determinar sua latitude, sua posição com relação a norte e sul. As bússolas magnéticas auxiliavam a sua orientação. Mas eles eram incapazes de descobrir sua longitude, sua posição com relação a leste e oeste. Foi só com a invenção do cronômetro por John Harrison, há menos de 250 anos, que uma conclusão definitiva com relação à longitude tornou-se possível no mar, permitindo a navegação marítima precisa.[8]

Migrantes oceânicos

Peixes como o salmão e a enguia podem migrar através de milhares de quilômetros e os movimentos do sol e das estrelas não podem explicar como se orientam: seria muito difícil observarem o céu com qualquer precisão abaixo da superfície do oceano. Eles devem ter alguma outra forma de encontrar o seu caminho. É provável que o olfato desempenhe um papel importante quando estão próximos de seu destino e, no caso do salmão, há grande evidência de que "sentem o cheiro" de seu rio natal quando se aproximam do estuário.[9] Mas o olfato não pode explicar como chegam tão próximos ao trecho certo da costa, vindos de seu território de alimentação oceânico a centenas ou milhares de quilômetros de distância. Problemas parecidos surgem quando tentamos compreender as migrações das tartarugas marinhas.

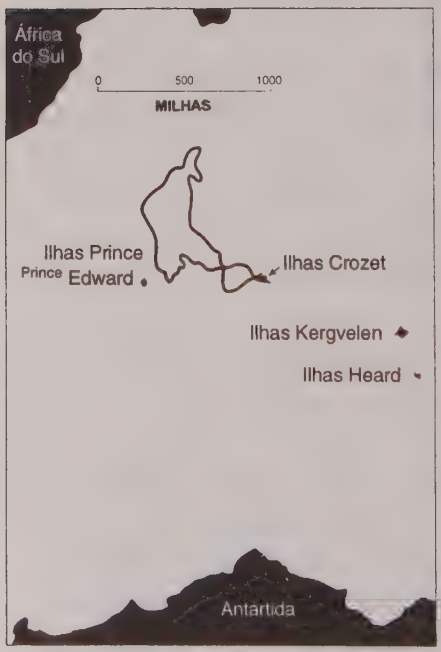
Tartarugas-verdes bebês, chocadas nas praias da ilha Ascensão, no meio do Atlântico, atravessam o oceano até a sua região de alimentação ancestral, perto da costa brasileira. Anos mais

tarde, quando chega a época de colocarem seus ovos, elas fazem o caminho de volta até a ilha Ascensão, de apenas 9,6 quilômetros de largura e a mais de 2.200 quilômetros de distância, sem terra firme no meio do caminho. O rastreamento de tartarugas marcadas, feito por satélite, mostra que elas conseguem manter cursos retos através de centenas de quilômetros e que possuem "uma surpreendente capacidade de indicar, com exatidão, destinos específicos durante uma jornada de longa distância por mar aberto, sem movimentos que indiquem uma busca aleatória ou sistemática". Elas continuam no mesmo rumo durante a noite, até mesmo quando a lua não está visível e quando compensam a mudança de curso devido à correnteza.[10]

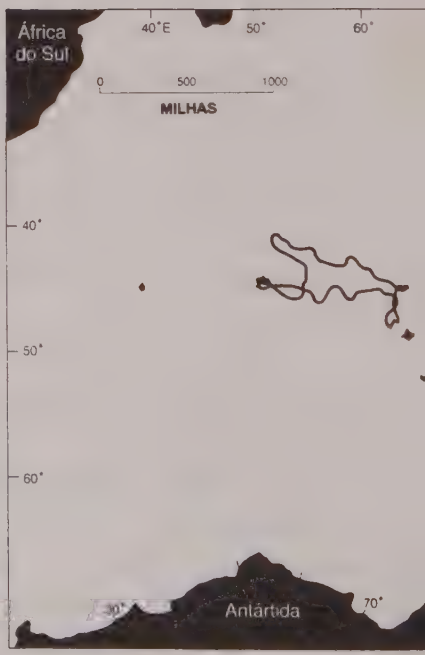
Mesmo quando capturadas e soltas longe de seu domínio, as tartarugas marinhas conseguem encontrar o caminho de volta por conta própria. Uma experiência primitiva e não-planejada, relatada em 1865, envolveu uma tartaruga-verde capturada na ilha Ascensão e levada de navio até o canal da Mancha. A essa altura ela aparentava estar doente e foi atirada do barco. Dois anos mais tarde foi capturada outra vez na ilha Ascensão e reconhecida porque havia sido marcada.[11] As tartarugas parecem possuir um senso magnético[12] mas até mesmo as bússolas mais sofisticadas não conseguiriam explicar feitos de orientação como esse.

A maioria dos migrantes sazonais desloca-se entre a região de alimentação e o local de procriação em ciclos repetitivos, mas alguns animais não possuem rota fixa alguma. Os albatrozes, por exemplo, vagueiam através dos oceanos por vastas distâncias em busca de comida, com itinerários imprevisíveis e, ainda assim, conseguem encontrar o caminho de volta para o local onde nidificam, em ilhas no meio do oceano. Os albatrozes errantes que fazem seu ninho nas ilhas Crozet (no oceano Índico meridional) foram marcados e rastreados por satélite e estes estudos

revelam que podem ir à procura de comida em qualquer direção e que a viagem de ida pode ser muito distanciada da viagem de volta[13] (Figura 11.2). Em suas viagens de volta, assim como a tartaruga-verde, eles podem chegar à sua ilha natal fazendo um caminho direto, como se soubessem exatamente onde ela se encontra, em vez de procurá-la. Eles não podem estar encontrando o lar com a ajuda de algum odor, pois, com freqüência, voltam quando há ventos cruzados, ou pegam algum caminho com o vento soprando na direção contrária às ilhas Crozet.[14] Da mesma forma que as tartarugas desalojadas, eles precisam se orientar na direção de seu destino de uma maneira que não pode ser explicada em termos de programas herdados e dos sentidos normais.



Rota do albatroz 1



Rota do albatroz 2

O senso de direção, os campos mórficos e a memória ancestral

Da mesma forma que o senso de direção dos animais domésticos e dos pombos origina-se nos laços estreitos estabelecidos com locais muito conhecidos, eu sugiro que uma ligação parecida une as tartarugas às suas praias natais e região de alimentação, os albatrozes às ilhas onde nidificam e as andorinhas aos locais onde procriam e onde passam o inverno. As ligações invisíveis ocorrem através de campos mórficos e permitem aos animais orientar-se na direção de seu destino. Tais campos desempenham um papel essencial na migração, da mesma forma que na capacidade de encontrar o caminho de casa.

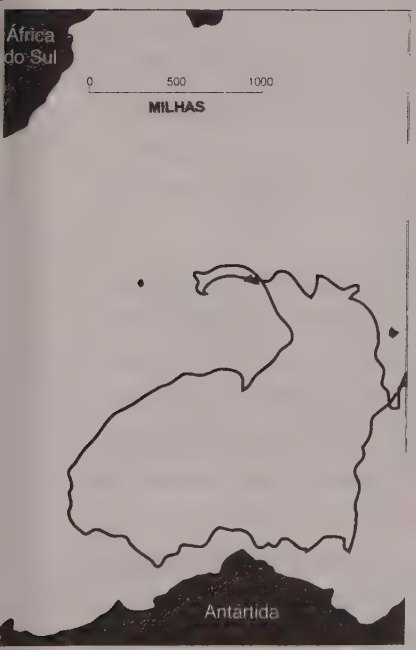


Figura 11.2 Rastros de três albatrozes errantes pelo sul do oceano Índico (segundo Jouventin e Weimerskirch, 1990).

Uma das características dos campos mórficos é o fato de possuírem uma memória inerente (Apêndice C). Esta memória é transmitida por um processo denominado ressonância mórfica, que faz com que um dado organismo, tal como uma ave migratória, ressoe aves migratórias da mesma espécie, anteriores a ela.[15] Assim, quando um jovem cuco parte da Inglaterra na direção da África, ele recorre a uma memória coletiva de seus ancestrais. Tal memória, inerente ao

campo mórfico de sua trajetória migratória, o guia através do caminho, dando a ele a lembrança da direção que deve tomar em seu vôo e um reconhecimento instintivo de pontos de referência, de regiões de alimentação e de locais de repouso. Essa memória coletiva também permite que ele saiba quando chegou ao seu destino, ao seu lar de inverno ancestral.

A seleção natural favoreceria, fortemente, os pássaros sensíveis a esse campo migratório ancestral e que migram de acordo com ele. Aqueles que não estiverem em sintonia com ele provavelmente não sobreviverão.

A migração costuma seguir itinerários habituais, repetidos através de diversas gerações. O senso de direção dos animais migratórios tem uma seqüência de estágios habituais. Por exemplo, muitas espécies migratórias da América do Norte são direcionadas, como se vertidas através de um funil, para "vias de vôo" na direção da América Central ou do Golfo do México para então separarem-se outra vez na América do Sul. Na migração de retorno, elas são outra vez "afuniladas" através da América Central e do Golfo para seguirem uma de diversas rotas principais rumo ao norte: pela costa oeste, por exemplo, ou subindo a bacia do Mississippi.

Da mesma forma, algumas espécies migratórias que se reproduzem na Europa Ocidental, tais como as andorinhas, são afuniladas em direção ao Estreito de Gibraltar, a travessia mais curta até a África, para de lá voarem até o deserto do Saara. Populações da mesma espécie, que se reproduzem na Europa Oriental, são afuniladas através do Bósforo, onde atravessam o estreito apertado que separa a Europa da Ásia.

Em todos esses casos, o senso de direção dos pássaros depende do estágio da jornada no qual se encontram. Eles não partem numa linha reta, diretamente para o seu território de inverno ou de verão. Em vez disso, eles seguem rotas de vôo que

os levam a travessias oceânicas tradicionais e muitas vezes seguem costas e rios.

Pássaros jovens, tais como os cucos, que estão fazendo a jornada pela primeira vez, sem terem a orientação de pássaros que já fizeram o percurso, dependem inteiramente dessa seqüência de instruções herdada e não possuem a experiência de um território invernal ou das etapas intermediárias do trajeto.

Após passarem algum tempo em territórios de inverno ou em locais de procriação, algumas aves migratórias são capazes de se orientar na direção daquele lugar não só através do itinerário usual como, também, de um ponto de partida desconhecido. O estabelecimento dessa ligação com o local chama-se *imprinting* de local na literatura científica, embora não se saiba quase nada a respeito de como ela funciona.[16] Sugiro que esse *imprinting* envolva o estabelecimento de ligações com o local através do campo mórfico, que continua a ligar o pássaro àquele lugar específico mesmo quando ele está longe.

Experiências com aves migratórias

Em algumas experiências clássicas dos anos 50, realizadas na maior escala até então, o biólogo holandês A.C. Perdeck investigou o que as aves migratórias faziam quando eram tiradas de seu itinerário tradicional. Ele desalojou milhares de estorninhos e tentilhões, capturando-os quando já haviam dado início à sua jornada. Esses pássaros recebiam anéis como forma de marcação, eram transportados por centenas de quilômetros de distância e soltos em locais onde jamais haviam estado. Uma rede internacional de ornitólogos ia enviando dados à medida que os pássaros iam sendo recuperados. O objetivo dessa experiência era descobrir se pássaros experientes podiam se

orientar com relação a um destino específico, tal como fazem os pássaros que encontram o caminho de casa, ou se eles apenas seguiam uma direção programada. Perdeck explicou o pensamento existente por trás de sua experiência da seguinte forma:

> A capacidade dos pássaros de orientarem-se não meramente em uma direção específica da bússola mas para uma posição geográfica certa já foi chamada de orientação rumo ao lar, orientação completa ou orientação verdadeira. Sua existência é comprovada, sem a menor sombra de dúvida, pelas experiências realizadas com diversas espécies durante o período de procriação, em que testava-se sua capacidade de encontrar o caminho de casa. Assim, parece pouco provável que esse mecanismo de orientação altamente desenvolvido não seja usado durante a migração, quando teria tantas vantagens sobre a orientação em uma única direção... As experiências sugerem que essa capacidade é especialmente desenvolvida em pássaros mais velhos, que já passaram uma ou mais temporadas na região de destino.[17]

Numa série de experiências repetidas através de vários anos, estorninhos que migravam da região do Báltico para seus territórios invernais na Inglaterra e no norte da França foram capturados em suas paradas de outono na Holanda. Onze mil pássaros capturados foram marcados com anéis e levados de avião para a Suíça, aproximadamente 600 quilômetros para sudeste, onde foram soltos. Pássaros jovens e maduros foram soltos separadamente. Normalmente, os estorninhos voam em bandos de idades misturadas, pássaros mais novos viajando com os mais experientes, mas para essa experiência foram forçados a encontrar o seu próprio caminho.

Os mais jovens continuaram a voar para sudoeste, a direção que teriam tomado do local onde foram capturados para seu

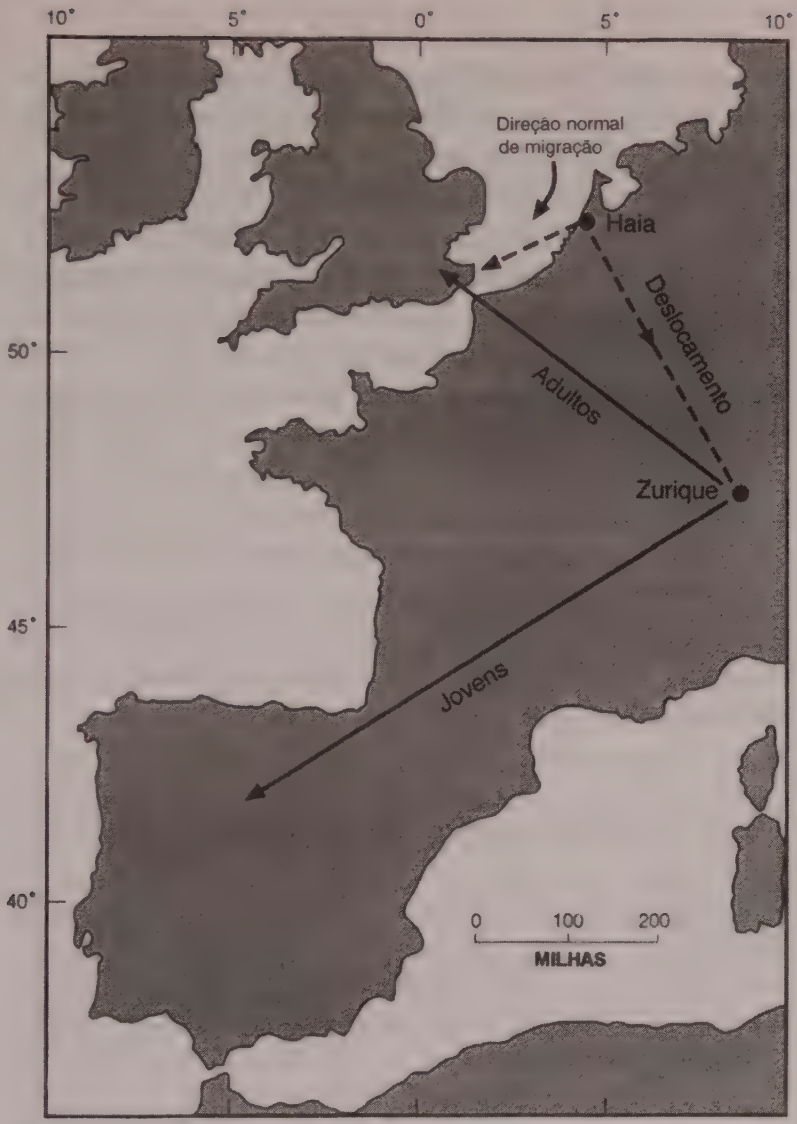


Figura 11.3 A direção de migração de estorninhos adultos e jovens após serem capturados na Holanda e levados para a Suíça. Os adultos voaram para seu território de inverno de costume, na Inglaterra, e os mais jovens tomaram a direção que os teria levado da Holanda para a Inglaterra se não tivessem sido deslocados. Conseqüentemente, foram acabar na França ou na Espanha (segundo Perdeck, 1958).

território de inverno na Inglaterra. Em outras palavras, seguiram uma rota paralela à normal. Alguns foram parar no sul da França e na Espanha. Mas os adultos se reorientaram (Figura 11.3) e acharam o caminho dos tradicionais territórios de inverno na Inglaterra e no norte da França. Ou seja, os adultos mostraram comportamento de orientação parecido com aquele dos pombos-correio, dependente do elo que formaram com seus lares de inverno, seu "*imprinting** de local".[18]

Perdeck obteve resultados parecidos com tentilhões migradores, também capturados na Holanda e soltos na Suíça. Os tentilhões jovens voaram para sudoeste, continuando na mesma direção que teriam tomado se não tivessem sido capturados e deslocados. Mas os adultos, assim como os estorninhos adultos, voaram para noroeste, para seu território de inverno costumeiro, na Grã-Bretanha,[19] mostrando serem capazes de chegar ao seu destino de um local onde jamais haviam estado antes, voando numa direção diferente da usual.

A evolução de novos padrões de migração

A experiência de Perdeck teve um final fascinante. Na primavera, alguns dos estorninhos jovens que haviam sido deslocados e que encontraram novos territórios invernais na França e na Espanha voltaram para seus países natais no Báltico. Isso demonstrou que eram capazes de achar o caminho de volta para um lugar já conhecido, embora tivessem chegado até ele por um caminho novo. O mais notável foi que, no inverno seguinte, alguns desses pássaros jovens voltaram para as novas regiões de alimentação na

* Manteve-se a forma original, por não haver em português um termo equivalente. Uma tradução aproximada da palavra *imprinting* seria "marca", "impressão" (N.E.).

França e na Espanha, adotadas no ano anterior.[20] Um novo ciclo migratório foi estabelecido numa única geração. Mutações genéticas nada tiveram a ver com o fato.

Segundo a hipótese dos campos mórficos, novas rotas de migração podem evoluir rapidamente. Animais que foram deslocados de seu curso pela ação do vento talvez encontrem novas regiões de alimentação durante o inverno, assim como os jovens estorninhos fizeram na Espanha. Ao encontrarem o caminho de sua terra natal na primavera, um novo circuito migratório foi estabelecido. E se esse caminho promover a sobrevivência e a procriação dos animais que o seguirem, uma nova raça migratória terá surgido.

Nos últimos 30 anos, esse tipo de processo evolutivo já foi observado na toutinegra européia, uma espécie de ave canora. Esses pássaros se reproduzem por toda a Europa. No outono, as toutinegras da Europa Oriental seguem para o Bósforo e então dão a volta pelo leste do Mediterrâneo até a África Oriental. As provenientes da Europa Ocidental migram tradicionalmente para a Espanha, onde algumas passam o inverno, enquanto outras atravessam até a África para invernar no Marrocos ou na África Ocidental. Entretanto, uma nova rota migratória foi desenvolvida desde os anos 60: da Europa Central para a Grã-Bretanha, onde milhares de toutinegras passam o inverno atualmente. Aproximadamente 10% da população reprodutiva encontrada em partes da Bélgica e da Alemanha agora passam o inverno na Grã-Bretanha e não na África.

Esse novo padrão de migração tornou-se possível em virtude do abrandamento do inverno inglês nas décadas recentes, além do fato de tantos ingleses alimentarem os pássaros no inverno, proporcionando uma nova fonte de alimentação indisponível em outros séculos. Essa migração é muito mais curta e menos perigosa do que a jornada de costume até a Espanha ou a

África Oriental. Além disso, os pássaros que passam o inverno na Grã-Bretanha tendem a voltar ao local de procriação mais cedo do que aqueles que precisam viajar até mais longe, permitindo que o acasalamento ocorra mais cedo, que ocupem territórios melhores e produzam um maior número de filhotes.[21] Assim, a seleção natural favorece esse novo hábito migratório e uma nova raça de toutinegras começa a surgir.

De acordo com a teoria da programação genética convencional, a evolução de novos caminhos migratórios dependeria de mutações fortuitas que afetam a programação genética. Esses genes mutantes, então, seriam favorecidos pela seleção natural através de diversas gerações para que uma nova raça pudesse surgir.

Por outro lado, se as rotas migratórias forem mais parecidas com hábitos que dependem de uma memória herdada, novas raças podem surgir rapidamente, como mostra o exemplo das toutinegras. Em primeiro lugar, esse processo não exige mutação genética alguma. As toutinegras podem ter sido tiradas de sua rota original para a Espanha e levadas para a Grã-Bretanha pelo vento em vez de devido a mutações em hipotéticos genes de programação migratória. Da mesma forma, o novo caminho migratório dos estorninhos do Báltico para a Espanha, em vez de para a Grã-Bretanha, deu-se porque um cientista holandês os seqüestrou e os levou para a Suíça de avião, e não devido a genes mutantes.

Sob condições naturais, novos padrões de migração poderão surgir se os animais forem tirados de sua rota habitual e se tiverem sorte o suficiente para se encontrarem numa nova região de alimentação. Caso sejam favorecidos pela seleção natural, esse padrão poderá se repetir através das gerações, como no caso das toutinegras. Nem os novos destinos nem os caminhos migratórios, em si, seriam codificados nos genes e sim lembrados através de seus campos mórficos.[22]

Essa conclusão é apoiada por recentes pesquisas genéticas realizadas com tartarugas-verdes. Embora existam algumas diferenças genéticas entre as raças que se reproduzem longe umas das outras e que seguem caminhos migratórios muito diferentes, essas diferenças são tão pequenas que os pesquisadores desses assuntos já concluíram que

> caminhos migratórios para destinos específicos tais como a ilha Ascensão podem não ser fixados genética ou "instintivamente"... A aprendizagem, quando ocorrida cedo, no lugar de um comportamento genético "em ligação direta", permitiria uma reação mais flexível às alterações nas condições da nidificação, de maneira que novos caminhos migratórios possam ser estabelecidos numa única geração.[23]

12

Animais que sabem que estão chegando em casa

Muitos donos de animais de estimação certamente já notaram um tipo de comportamento intrigante exibido por muitos cães, gatos, cavalos e outras espécies. É freqüente seus animais saberem quando estão chegando perto de seu destino, até mesmo quando não podem ver o lado de fora do veículo no qual estão viajando.

Conforme já vimos nos Capítulos 10 e 11, a capacidade de encontrar o caminho de casa e a migração dependem dos campos mórficos que atraem os animais para o seu destino e que se encontram por trás de seu senso de direção. Neste capítulo, sugiro que a hipótese dos campos mórficos também pode ajudar a elucidar a questão de como os animais sabem que estão chegando ao seu destino. Em alguns casos, esse comportamento depende dos campos mórficos que ligam os animais a certos lugares. Em outros casos, parece depender das pessoas com as quais o animal está viajando e pode estar relacionado à telepatia.

Animais viajando de carro

Nossa gata, Remedy, ao contrário da maioria dos gatos, gostava de passear de carro. Ela passava a maior parte da jornada dormin-

do num tapete dentro do seu cesto de viagem. Deixávamos a porta deste aberta para que ela pudesse sair quando quisesse.

Dois ou três quilômetros antes de chegarmos em casa, quer estivéssemos viajando de dia ou de noite, Remedy acordava, saía do cesto, andava pelo carro e dava claros sinais de agitação. Minha esposa foi a primeira a notar isso. Devo dizer que, de início, não levei o fenômeno muito a sério. Eu estava sofrendo de um ceticismo tacanho que me levava a ignorar ou negar comportamentos aparentemente inexplicáveis. Mas no final, as provas mostraram-se irrefutáveis. A gata realmente parecia saber que estávamos nos aproximando de casa. Mas como?

Será que ela sentia o cheiro de casa? É possível, mas pouco provável, já que isso parecia acontecer tanto no frio, com as janelas fechadas, quanto no calor, quando ficavam abertas. Seria ela capaz de reconhecer os calombos, desvios e curvas da estrada? É possível, mas como podia ela ter tanta familiaridade com os detalhes de itinerários diferentes através de Londres, com padrões de movimento variáveis, dependendo de sinais de trânsito e de congestionamentos? Haveria alguma outra qualidade do ambiente doméstico à qual ela estaria reagindo? Talvez, mas qual seria? Será que ela, de alguma forma, captava a nossa própria ansiedade, até mesmo quando não tínhamos consciência de qualquer mudança em nosso comportamento? Nesse caso, como?

Eu ainda não tenho as respostas para todas essas perguntas, embora tenha descoberto que muitas outras pessoas já observaram comportamento parecido em seus animais. Há mais de 60 relatos em nosso banco de dados e, juntos, eles permitem que as hipóteses sejam reduzidas, conforme discuto neste capítulo.

Não há dúvida de que quando os animais estão achando o caminho de casa por conta própria, reconhecem pontos de

referência que lhes são familiares, sentem odores conhecidos e ouvem sons que reconhecem. Essas informações, fornecidas pelo ambiente que os cerca, são necessárias para que encontrem sua casa e sem elas eles se perderiam. Mas um animal que está procurando, sozinho, o caminho de casa encontra-se numa posição muito diferente de um cão ou gato adormecido num carro ou de um cavalo num *trailer*. Estes animais estão sendo transportados, quer gostem ou não, e não têm escolha com relação ao caminho a ser tomado. Animais selvagens raramente são carregados, embora as vítimas às vezes sejam carregadas ainda vivas por seus predadores assim como os animais mais jovens são, algumas vezes, deslocados pelos mais velhos — como a gata faz com seus filhotes, carregando-os pelo cangote. Mas não consigo pensar em um paralelo na natureza para animais domésticos carregados em veículos, a não ser, talvez, no caso de peixes sendo arrastados pela correnteza ou de pássaros carregados pelo vento.

Chegando a destinos conhecidos

Os animais reagem mais comumente quando estão se aproximando de casa, da mesma forma que Remedy reagia. Muitos cães mostram os mesmos sinais de agitação e, na maioria dos casos, parece pouco provável que saibam onde estão ao verem pontos de referência. Durante viagens de carro, eles normalmente ficam deitados, abaixo da altura das janelas, e adormecem. Olhar pela janela é o resultado de acordarem alvoroçados, e não a causa. Além disso, muitos cães e gatos reagem até mesmo quando estão viajando durante a noite.

Da mesma forma, alguns cavalos, quando transportados em veículos, parecem saber quando estão próximos de casa e, com muitos quilômetros de antecedência, tornam-se "irrequietos",

"relincham e ficam alvoroçados", "dando com a pata no chão" ou mostrando outros sinais de inquietação.

É mais raro para os bonobos viajarem por terra, mas os do zoológico de Twycross, em Warwickshire, costumavam fazê-lo quando realizaram uma série de comerciais para o chá PG, nos quais vestiam-se como gente e faziam esquetes. Molly Badham, sua treinadora, descobriu que nas viagens de volta, após as filmagens, eles sempre pareciam saber quando estavam se aproximando do zoológico. "A pouco mais de 1,5 quilômetro de distância, eles acordavam e sabiam que estavam indo para casa. Como sabiam, eu não sei — estava escuro como breu e, de qualquer forma, eles não tinham como ver o lado de fora. Mas ainda assim acordavam e ficavam alvoroçados."

Muitos animais demonstram reações parecidas quando visitam destinos que lhe são familiares além de suas casas, como é o caso de Tasha, uma poodle de propriedade de Alice Palmer, de Chicago, Illinois. "Quando íamos visitar meu filho, a 190 quilômetros de distância, e estávamos entre oito a 13 quilômetros de sua casa, Tasha acordava e se levantava da posição em que tinha adormecido no banco de trás, cheirava a janela traseira e ficava olhando, irrequieta, até chegarmos." Talvez Tasha estivesse reagindo a odores familiares ao longo da estrada. Mas o que acontece quando os animais são levados por itinerários incomuns?

Viajando por itinerários incomuns

Muitas pessoas já tentaram, deliberadamente, pegar um itinerário diferente para testar a reação de um animal. Por exemplo, Jenny Mardell, de Bath, constatou que, quando iam se aproximando da casa dos seus pais, em Londres, sua cachorra, Mandy, sempre ficava inquieta. "Nós não conseguíamos entender como

e tentávamos pegar caminhos diferentes para chegarmos à casa — ela sempre sabia e ficava histérica dentro daquele carro." Da mesma maneira, Geneviève Vergnes descobriu que, quando ia visitar os pais em Paris, "a cachorra acordava a uns sete quilômetros da casa deles e começava a arranhar o painel enquanto 'cantava'. Deduzimos que ela conhecia o caminho e tentávamos itinerários diferentes — as variadas *quais*, o Champs Elysées, os arredores da cidade — com duração diferente. Ela dormia e quase sempre à mesma distância da casa arranhava o painel e cantava!".

Algumas pessoas têm fortes motivos para impedir que seu cachorro acorde e fique agitado. Esse era o caso de uns amigos de Londres, quando seus gêmeos eram bebês. Quando viajavam de volta para casa de carro, o labrador da família e os gêmeos adormeciam. À medida que iam se aproximando de casa, o cachorro acordava e começava a se mexer de um lado para outro, agitado, acordando os gêmeos, que começavam a chorar. Para tentar impedir que o cachorro acordasse os bebês, eles tentavam chegar em casa por uma série de caminhos tortuosos, mas não conseguiam enganar o cachorro. Ele ficava irrequieto e acordava os bebês da mesma forma.

Experiências como essa demonstram que pelo menos alguns animais sabem quando estão próximos do seu destino, independentemente do caminho tomado. Será que isso depende de alguma característica do lugar, que eles conseguem detectar até mesmo quando estão dormindo, quando ainda se encontram a quilômetros de distância de seu destino? Ou será que depende de alguma influência das pessoas que se encontram no carro?

Após estudar dúzias de casos, cheguei à conclusão que em alguns, o lugar em si desempenha o papel mais importante, mas que em outros, o animal de estimação está captando a expectativa das pessoas que se encontram no carro. É provável que as duas influências funcionem juntas.

Lugares conhecidos e desconhecidos

Na maioria dos casos, a reação dos animais se dá apenas antes de chegarem em casa ou a outro lugar conhecido. Eles não demonstram reações ao chegarem a locais desconhecidos. Isso sugere que detectam alguma coisa com relação aos próprios lugares e que suas reações dependem da memória. Isso fica especialmente claro nas observações de Joséa Raymer, de Aldermaston, Berkshire, proprietária e motorista de um caminhão. Ela sempre leva pelo menos um de seus pastores alemães para protegê-la:

> Posso dirigir durante quatro horas ou quatro horas e meia com qualquer condição de trânsito (parando nos sinais etc., me arrastando pelo trânsito lento ou em rodovias expressas), com o(s) cachorro(s) dormindo, mas à medida que me aproximo do local de entrega ou de onde passarei a noite, ele(s) reage(m) em relação direta ao fato de já ter(em) estado ou não ali anteriormente, quantas vezes e se o(s) soltei para dar uma corrida. Se eu nunca tiver feito entrega alguma naquele local, ou se o lugar não for adequado para soltá-los, eles não dão a menor importância até pararmos, darmos ré para encostar em algum depósito ou abrirmos a porta. Se for um lugar que visitamos com freqüência ou se for alguma parada noturna onde eles esperam encontrar algum divertimento, acordam e começam a ficar agitados quando ainda estamos na estrada principal, onde ninguém esperaria que o movimento do caminhão fosse muito diferente de qualquer outra parte da estrada.

Em casos como esse, a lembrança dos locais parece ser muito mais importante do que o comportamento ou do que os pensamentos da pessoa. Mas o que dizer a respeito do lugar ao qual estão reagindo? Já excluímos os pontos de referência, visto que

os animais que estão adormecidos ou, pelo menos, deitados não podem olhar pela janela e reagem mesmo que esteja escuro.

Poderia então ser algum cheiro? Essa é a possibilidade mais óbvia e, em alguns casos, pode mesmo ser a melhor explicação. Mas, com freqüência, isso não se encaixa bem nos fatos. A teoria do odor prevê que os animais reagiriam mais rapidamente com tempo quente do que com tempo frio, uma vez que a vaporização das substâncias é maior a temperaturas elevadas. Eles também deveriam reagir mais cedo e mais intensamente quando as janelas estão abertas do que quando estão fechadas. E suas reações teriam de depender da direção do vento, ocorrendo muito depois quando a direção é contra o vento do que quando é a favor. Não há a menor pista em nenhum dos relatos que li ou ouvi de que esse seja o caso, tampouco observei tal influência por parte da direção do vento, da temperatura ou de janelas abertas nas reações de nossa própria gata.

Essas reações podem estar relacionadas ao "senso de direção" que discuti nos últimos dois capítulos. Esse senso de direção é de importância primordial quando os animais procuram, eles próprios, o caminho. Ele evolui no contexto de encontrarem o caminho de casa ou de viajarem para outros locais conhecidos e também exerce papel essencial na migração. Sugiro que esse senso de direção depende de campos mórficos, através dos quais os animais são ligados a lugares conhecidos. Esses campos permitem que eles encontrem tais lugares, orientando-se através de um território desconhecido e talvez também permitam que eles reconheçam que estão se aproximando de um local familiar quando outra pessoa é responsável pela orientação.

Reagindo a pessoas em vez de lugares

Quando se aproximam de seu destino, as pessoas de dentro do carro podem sentir alívio ou expectativa e os animais talvez captem essas

mudanças e despertem. Se estiverem prestes a chegar a um lugar conhecido, é difícil separar os efeitos das pessoas dos do lugar em si. Mas quando as pessoas viajam para um lugar desconhecido, o animal não pode ter lembrança alguma do mesmo e as únicas pistas viriam das pessoas viajando dentro do carro.

Em alguns casos, os animais realmente parecem reagir antes de chegarem a um local onde jamais estiveram. Jenny Vieyra, de Leighton Buzzard, Berfordshire, tem um gato que sempre sabe quando ela está se aproximando de casa: "Ele fica em pé no cesto e começa a miar freneticamente, tentando encontrar uma forma de sair." Ele também sabe quando estão prestes a chegar a casas de amigos ou de familiares ou gatis onde já ficou hospedado. Tudo isso poderia ser atribuído à memória. Mas recentemente sua dona mudou-se para uma casa a 80 quilômetros do endereço antigo e, quando levou o gato até lá pela primeira vez ele reagiu com a costumeira agitação antes de chegarem. Ele devia estar captando a expectativa da dona.

Algumas pessoas que já viram esse tipo de reação repetidas vezes estão convencidas de que seus animais possuem poderes telepáticos, como Michaela Dickinson-Butler, de Burton-on-Humber. Ela acredita que seu border terrier consegue ler seus pensamentos.

> Ele sabe exatamente quando vamos parar o carro e começa a latir e a ganir antes de chegarmos ao nosso destino, mesmo sem jamais ter estado no local, sem olhar pela janela e até mesmo quando todos nós estamos em silêncio.

Peter Edwards, morador de Essex, cria setters irlandeses e costuma ir a exposições de cães. Quando está voltando para casa, com seus cachorros dentro do carro, eles normalmente acordam e ficam muito agitados aproximadamente 15 minutos, ou mais,

antes de chegarem em casa. Eles fazem o mesmo antes de chegarem ao local da exposição. Algumas vezes ele leva os cachorros para serem expostos em locais novos e, ainda assim, eles reagem com 15 ou 20 minutos de antecedência. A possibilidade de que sintam o odor de outros cães no local da exposição é uma explicação pouco provável, pois a reação se dá a muitos quilômetros de distância e não parece depender da direção do vento. Além do mais, Peter Edwards constatou que eles fazem isso até mesmo quando chegam cedo ao local da exposição, antes dos outros cães. "Acho que eles devem estar captando as minhas reações", diz ele. Ele já andou pesquisando a experiência de outros donos de cachorros quando levam seus animais para exposições e descobriu que essa reação é bastante comum. Ele conclui: "É quase como se eles conseguissem ler pensamentos."

Esse tipo de reação é ilustrado de forma especialmente clara por Morag, uma Yorkshire terrier que faz longas viagens de carro entre sua casa, na ilha de Skye, próximo à costa leste da Escócia, e o vilarejo de Norfolk, no extremo oriente da Inglaterra. Doris Ausden, mãe do dono do animal, é generosa o suficiente para anotar observações sobre o comportamento de Morag para mim. Numa ocasião, durante o verão, ela acompanhava o filho numa viagem de Norfolk para Skye. Ao aproximarem-se da casa do filho, o carro subia um morro ao norte de Uig:

> Quando chegamos a este ponto, eu sempre penso: "Agora falta pouco" (uns 11 quilômetros). Eu nunca disse isso em voz alta, mas você pode estar certo de que foi justamente naquele ponto que Morag começou a ficar agitado. Não pode ter sido a sensação de subir um morro (são muitos pelo caminho). No caminho de volta de Norfolk, viajamos a noite toda fazendo diversas paradas para descansar e comer alguma coisa. Fizemos um desvio para tomar café da

manhã e, de alguma forma, viramos no lugar errado. Passamos algum tempo viajando por uma região desconhecida mas, por fim, reconheci uma placa. Lembro de ter pensado: "Não estamos longe de casa." Imediatamente Morag, que estivera profundamente adormecida em seu cesto, na poltrona ao lado da minha, começou com sua costumeira agitação.

Esse fenômeno também foi estudado por Elizabeth Marshall Thomas, que descreve em seu livro *The Hidden Life of Dogs* [A vida secreta dos cães] como Viva, sua cadela dingo, sabia que estavam prestes a chegar ao seu destino mesmo sem jamais ter estado no local. Thomas tentou descobrir como ela conseguia. Os buracos do caminho, quando saíam da auto-estrada e pegavam vias secundárias, eram um indício, embora não o único, já que o destino muitas vezes era atingido após percorrerem muitas milhas de pistas esburacadas e, ainda assim, Viva sabia. Da mesma forma, as curvas constantes que levavam a estradas menores e a pistas de rolamento antes do final da viagem eram um indício, "mas muitas vezes Viva mostrava-se alegre com a iminência da chegada antes mesmo de o carro começar a virar". Quando Thomas se deu conta de que Viva estava prevendo com precisão a maioria das chegadas, tentou certificar-se de que não era ela própria quem estava fornecendo pistas, dizendo alguma coisa ou fazendo algo diferente. "Acredito que conseguia esconder meus sentimentos. Ainda assim, ela sabia e ao final de sua vida eu não chegara mais perto de descobrir como ela conseguia fazer aquilo do que no início. Percepção extra-sensorial canina? Talvez."[1] A capacidade de um animal de captar a expectativa de uma pessoa ao final de uma jornada não é muito diferente da captação de outros tipos de pensamentos e intenções, conforme discutido em capítulos anteriores deste livro. Se isso depende de pistas com-

portamentais ou de telepatia, já é outra questão. Para descobrirmos, seria necessário realizar experiências especiais.

Uma simples experiência para testar a telepatia

Em casos em que os animais parecem estar reagindo a pistas dadas pelas pessoas que estão dentro de um carro, uma das possibilidades é que estejam reagindo a mudanças comportamentais sutis, linguagem corporal, pistas verbais ou outros sinais detectáveis através dos sentidos normais. Uma forma de testar essa possibilidade é transportar o animal na traseira de uma caminhonete enquanto o dono viaja na frente. Alguém poderia viajar com ele na parte de trás para observá-lo, alguém que não conheça o destino da viagem. Ou então, o comportamento do animal poderia ser registrado automaticamente por uma câmera de vídeo montada na traseira da caminhonete.

Em algumas experiências preliminares, realizadas com a generosa cooperação da unidade canina da polícia de Manchester, concluímos que é possível filmar o comportamento de cães dentro de caminhonetes. Mas os cães pertencentes à polícia estão acostumados a viajar de caminhonete, ao passo que os animais que não estão habituados a essa forma de transporte podem levar algum tempo para se acostumar.

Com os animais na traseira do veículo e o sistema de filmagem acionado, o dono do animal então dirige para destinos desconhecidos do animal. Será que o animal mostra sinais de expectativa? Se mostrar, a reação não poderia ser explicada pela memória do lugar, pela visão da linguagem corporal do dono ou por qualquer outra pista sensorial. Por eliminação, a comunicação telepática seria a explicação mais provável.

13

Animais de estimação que encontram seus donos em locais distantes

Em 1582, Leonhard Zollikofer deixou sua St. Gallen natal, na Suíça, para ir a Paris como embaixador da corte do rei francês Henrique III. Deixou para trás seu fiel cão, apropriadamente chamado Fidelis. Duas semanas depois, o cachorro desapareceu de St. Gallen. Três semanas depois disso, juntou-se ao dono na corte, em Paris, exatamente no momento em que os embaixadores suíços eram conduzidos para uma audiência com o rei. O cachorro jamais fora a Paris.[1] Como pôde ele encontrar o dono tão longe de casa?

Seria muito fácil rotular essa história de conto fantasioso, a não ser pelo fato de haver muitos relatos do gênero e exemplos até mesmo mais heróicos da dedicação canina. Um deles remonta à Primeira Guerra Mundial: Prince, um terrier irlandês, era muito dedicado a seu dono, o soldado James Brown, do regimento de North Staffordshire, e ficou inconsolável quando o jovem foi enviado para a França, em setembro de 1914. Certo dia, ele desapareceu de casa, em Hammersmith, Londres, e, para verdadeiro assombro de todos, apareceu em Armantièrres algumas

semanas depois e encontrou o dono nas trincheiras, num verdadeiro frenesi de alegria. Como ninguém acreditasse na história, o comandante pediu para ver o homem e seu cão na manhã seguinte. Ao que parece, Prince juntara-se a umas tropas que estavam atravessando o canal da Mancha para então encontrar o caminho até seu dono. Tornou-se o herói do regimento e lutou lado a lado com o dono até o final da guerra.[2]

Em ambos os casos, os cachorros não estavam procurando o caminho de casa, nem se dirigiam a qualquer outro local conhecido. Tal comportamento, se é que existe realmente, não pode ser explicado por um senso de direção, ou pelo menos não por um senso de direção que dependa de qualquer característica do destino final. Em vez disso, os animais sabiam, de alguma forma, onde encontrar as pessoas às quais eram tão afeiçoados.

Nas Partes II, III e IV deste livro, vimos como os laços entre animais e pessoas podem permitir que intenções e chamados sejam captados a distância. Alguns animais parecem saber que seus donos morreram ou que se acidentaram, mesmo que estejam separados por uma enorme distância. Esses fenômenos variados podem ser descritos como telepáticos. Mas será que esses laços podem ligar a pessoa e o animal de maneira *direcional*, como se fossem conectados por um cordão invisível?

Na verdade, já encontramos evidências de informações direcionais das ligações entre animais e seres humanos. Alguns donos de gatos já sentiram-se atraídos na direção de seu animal perdido de uma forma para a qual não têm explicação. Eles algumas vezes sabem em qual direção procurar (Capítulo 8). E depois, há o fato de alguns animais não só saberem quando seus donos estão chegando em casa como, também, de qual direção estão vindo. Podem ir aguardar em um ou em outro lado da casa, dependendo da direção da qual a pessoa vem chegando.

Neste capítulo, examino casos de animais que encontram seus donos em locais desconhecidos. Se alguns animais fazem isso de uma forma que não pode ser explicada pelo acaso, pela visão, pela audição ou pelo olfato, então devem existir dois tipos de senso de direção: um senso de direção para lugares e um senso de direção para pessoas ou animais. Minha hipótese é de que os dois tipos de laço dependem de campos mórficos. Sugiro que os campos mórficos que ligam animais a lugares e também a pessoas sejam, de fato, direcionais. Mas enquanto um senso de direção para lugares é uma idéia familiar, um senso de direção para pessoas ou outros animais soa muito menos corriqueiro. Encontrar pessoas ou animais a distância é muito mais raro do que encontrar lugares. Ainda assim, há 42 casos do tipo em nosso banco de dados, 32 relacionados a cachorros e dez a gatos.

Começo examinando esses casos espontâneos para ver se há padrões em comum e para examinar quão convincentes os indícios parecem ser. Em geral, não há possibilidade de realizarmos experiências para comprovar o fenômeno, porque os donos de bichos de estimação relutariam, com toda a razão, em arriscarem-se a perder seus animais. Praticamente a única fonte de provas encontra-se em acontecimentos sem planejamento prévio, acontecimentos da vida real.

As explicações alternativas mais importantes para esses casos são, em primeiro lugar, o acaso: o animal simplesmente procurou aleatoriamente e as ocorrências das quais temos notícia são, apenas, aqueles que tiveram final feliz. Em segundo, o olfato: o animal encontrou a pessoa usando o olfato. Trata-se de argumentos importantes pois, se o acaso e o olfato puderem explicar os indícios, não teremos necessidade alguma de postular quanto à existência de um laço misterioso e invisível que pode, de alguma forma, atrair os animais para uma pessoa.

Será que os animais encontraram seus donos através do olfato?

Alguns dos casos existentes em nosso banco de dados envolvem cachorros ou gatos que encontraram pessoas em casas novas, a menos de dois ou três quilômetros de distância da casa antiga. Como as viagens de mudança foram feitas de carro ou de caminhonete, encontrar pessoas seguindo uma trilha odorífera não parece muito provável. Não obstante, o olfato e o acaso permanecem como explicações possíveis, em especial porque as pessoas podem deixar trilhas de odor nos arredores do novo lar, que um animal que esteja explorando ao acaso poderia captar.

Algumas vezes, cães encontram seus donos no local de trabalho, a muitos quilômetros de distância de casa, sem jamais terem sido levados até o lugar. Nos casos em que os donos vão para o trabalho de carro, é pouco provável que seu rastreamento pudesse ser feito através de qualquer tipo de odor. Mesmo se o cão ou gato pudesse seguir o rastro dos pneus de um carro, diferenciando o odor daqueles pneus dos de tantos outros, colocar essa capacidade em prática envolveria um arriscado procedimento, o de sair farejando pelas ruas. Mesmo se o fluxo de carros fosse fraco, os motoristas teriam de desviar dos animais e se lembrariam de tê-los visto. Não sei de nenhum motorista que tenha visto animais farejadores de rodovias.

Patricia Burke vivia numa fazenda na ilha de Skye, na Escócia, e trabalhava a dez quilômetros de distância, em Portree, deixando seu terrier na fazenda. Ela não ia diretamente para o trabalho, percorria os primeiros cinco quilômetros na direção oposta para buscar uma colega. Certa manhã, para sua surpresa, encontrou o cachorro sentado na porta de seu trabalho, em

Portree. "Como é que ele sabia que eu trabalhava ali? Ele nunca havia estado em Portree."

Um cético poderia argumentar que o cachorro detectou o cheiro do local de trabalho, tendo aprendido a reconhecê-lo pelas roupas da dona. Mas isso não explicaria como o cachorro encontrou o caminho até Portree, a não ser que se imagine que o olfato ultrapassa, em muito, limites jamais testados.

De qualquer forma, a teoria do olfato não pode ser aplicada a cachorros que encontram seus donos em locais onde estes jamais estiveram. Os cães não poderiam sentir o cheiro do lugar nas roupas ou nos cabelos do dono. Não obstante, há diversos casos de cachorros que encontraram seus donos em uma casa visitada pela primeira vez, num hospital para o qual foram levados às pressas ou num bar desconhecido.

Por exemplo, quando Victor Shackleton era adolescente, tinha um galgo, Jonny, ao qual se apegou enormemente. Infelizmente, o cachorro não era bem-vindo dentro de casa devido à falta de espaço e, para sua profunda consternação, seu pai providenciou a venda do animal para um sobrinho que vivia numa comunidade de mineração em Yorkshire. Eles foram até lá de trem, de sua casa em Cheshire, e entregaram o cachorro para seu novo dono. Após prender o cachorro no quintal, nos fundos da casa, o sobrinho insistiu para que tomassem um drinque de despedida antes de retornarem para casa. Espremeram-se numa caminhonete velha e dirigiram-se até um bar freqüentado por amantes de galgos.

> Fiquei ali sentado, pesaroso, enquanto eles conversavam. Pensei em Jonny, amarrado num quintal estranho, sozinho e abandonado. O bar foi enchendo e então, de repente, a porta se escancarou e eu quase fui asfixiado por um corpo

e um monte de patas. Era Jonny, trazendo um pedaço de corda partida pendurada na coleira. Ninguém que viu Jonny chegar no bar conseguia acreditar. Quando meu pai e o sobrinho começaram a narrar a seqüência dos fatos ocorridos naquela noite, todos nos demos conta de uma coisa: como foi que aquele cachorro conseguiu nos encontrar naquele bar, a cinco quilômetros de distância da casa do sobrinho de meu pai, num lugar onde ele jamais estivera? No mesmo instante, os criadores especializados que se encontravam no bar afirmaram que os galgos não usam o faro para caçar, que dependem inteiramente da visão.

Parece não haver explicação possível para o comportamento de Jonny em termos de visão ou de audição e a teoria do olfato é muito improvável, conforme disseram os especialistas.

Algumas vezes, a capacidade que os cachorros têm de encontrar o dono pode salvar a vida deste, como no caso de Uri Geller, o famoso entortador de colheres. Por volta dos 14 anos, Geller vivia em Chipre e adorava sair explorando as cavernas das colinas que circundavam sua escola, perto de Nicósia. Normalmente, ele ia com amigos e eles seguiam trilhas já testadas. Certa vez, ele não fez nenhuma das duas coisas.

Me perdi. Lá no fundo das cavernas, com frio, molhado e apavorado, passei duas horas procurando uma saída com a ajuda de uma lanterna que não ficava acesa. Finalmente, encolhi-me e rezei a Deus pedindo que alguém me encontrasse antes que eu morresse de fome, conforme acontecera com dois de meus colegas. Jamais saberei como meu cachorro, Joker, me achou. Eu o deixara a quilômetros de distância, no hotel de meu padrasto. Mesmo assim, encolhido na escuridão, ouvi seu latido e, de repente, suas patas estavam sobre meu peito e ele lambia meu rosto. Joker sabia

> onde estava a saída, é claro. Foi como se minhas preces o tivessem chamado.[3]

Mesmo que o cachorro tenha conseguido encontrar Geller dentro da caverna seguindo um rastro odorífero, isso não explicaria por que ele estava na caverna, para princípio de conversa, exatamente no momento necessário.

Na maioria dos casos, não temos informações sobre como o cachorro se comportou durante o percurso. Que caminho terá seguido? Ele farejava, como se seguisse um rastro odorífero? Felizmente recebi um relatório no qual dois cachorros foram acompanhados durante todo o seu percurso. O Dr. Alfred Koref e sua esposa tinham dois dachshunds em casa, em Viena, na Áustria. Ao saírem, certa noite, eles os deixaram na casa da empregada. Pela manhã, o Dr. Koref foi apanhá-los e caminhou com eles até em casa enquanto sua esposa foi de carro visitar amigos que moravam a três quilômetros.

> Em vez de irem direto para casa, no entanto, eles foram me puxando através de ruelas que não conheciam, até chegarmos à rua movimentada que minha esposa tomara. Eles então correram por essa rua e chegaram ao edifício onde moravam nossos amigos. Os cachorros jamais os haviam visitado. Ainda assim, foram direto para a entrada do prédio, subiram as escadas direto para a porta do apartamento onde minha esposa poderia ser encontrada. Ela ficou um bocado surpresa com nossa chegada.

Muito embora o fato de encontrarem a entrada e o apartamento corretos pudesse ser explicado pelo olfato, a jornada através de ruelas desconhecidas e a corrida pela calçada até o prédio exato não podem ser atribuídos a isso. A teoria do olfato

torna-se ainda menos plausível quando os animais encontram seus donos a dezenas ou centenas de quilômetros.

Encontrando pessoas através de longas distâncias

Quanto maior a distância através da qual os animais encontram seus donos, menos plausíveis a busca aleatória e a teoria do olfato se tornam. Nenhum dos casos registrados em meu banco de dados envolve animais que encontram gente a distâncias acima de 80 quilômetros. Por sorte, esse tema já foi pesquisado por um dos pioneiros da parapsicologia, J.B. Rhine, da Duke University, na Carolina do Norte. Na década de 1950, ele identificou esse fenômeno e chamou-o de "psi-rastreamento", em que o radical "psi" remete à natureza psíquica dessa capacidade.[4] Rhine e seus colegas reuniram uma coletânea de casos através de pedidos publicados em jornais e revistas e de comunicados em jornais locais, e a partir daí alguns casos muito impressionantes foram expostos pela primeira vez. Quando era possível, eles davam prosseguimento a esses relatos com entrevistas e visitas para obterem mais detalhes.

Em 1962, Rhine e Sara Feather publicaram um resumo de suas pesquisas. A partir dos dados iniciais, eles começaram por eliminar os casos com poucos detalhes ou em que as pessoas envolvidas não podiam ser identificadas ou localizadas. Assim, sobravam 54 casos do que parecia ser "psi-rastreamento" por parte de animais, 28 cachorros, 22 gatos e quatro pássaros.[5]

A seguir, eles excluíram todos os casos em que os animais que encontraram seus donos não podiam ser identificados de maneira conclusiva como sendo pertencentes a essas pessoas, podendo tratar-se de animais parecidos que as encontraram por pu-

ro acaso. Alguns foram excluídos porque não seria possível dar continuidade às pesquisas, ou porque o fato ocorrera há muito tempo ou porque as pessoas não estavam dispostas a cooperar. E todos os casos que envolviam distâncias abaixo de 48 quilômetros foram excluídos para que pudessem reduzir a um índice muito baixo a probabilidade de o animal estar fazendo apenas uma busca aleatória. Após a exclusão de todos esses casos, sobrou um número de casos ainda muito impressionante, descritos por eles em detalhe.

Em um desses, um vira-lata chamado Tony, pertencente à família Doolen, de Aurora, Illinois, foi deixado para trás quando a família se mudou para East Lansing, Michigan, a 320 quilômetros dali, próximo à extremidade sul do lago Michigan. Seis semanas depois, Tony apareceu em East Lansing e, afoito, abordou o Sr. Doolen na rua. O resto da família reconheceu Tony, e ele os reconheceu. Sua identidade foi confirmada pela coleira, na qual o Sr. Doolen havia feito um furo a mais quando ainda estavam em Aurora.[6]

A história mais notável envolvendo um gato é a de Sugar, uma persa de cor creme que pertencia a uma família da Califórnia. Quando deixavam a Califórnia para irem morar em Oklahoma, Sugar saltou de dentro do carro, ficou alguns dias com os vizinhos e depois sumiu. Um ano mais tarde, a gata apareceu na nova casa da família, em Oklahoma, após percorrer mais de 1.600 quilômetros através de território desconhecido. Sugar era reconhecível não apenas devido à sua aparência como, também, por causa de uma deformação do quadril, examinada pelo próprio Rhine.[7]

No caso do Pombo 167, a identificação foi confirmada pelo anel que ele trazia preso ao pé. O dono do pombo era um garoto de 12 anos que fazia a oitava série numa escola de Summersville, West Virginia, onde seu pai era xerife. Esse pombo-correio parara

em seu quintal; o garoto o alimentou e ele ali permaneceu, tornando-se seu. Algum tempo depois, o menino foi levado para o Hospital Memorial de Myers em Phillippi, a 170 quilômetros de distância por terra (112 quilômetros por via aérea) e o pombo foi deixado em Summersville.

> Mais ou menos uma semana depois, numa noite escura em que a neve caía, o menino ouviu um bater de asas à janela de seu quarto no hospital. Chamando a enfermeira, ele pediu-lhe que abrisse a janela, pois havia um pombo do lado de fora e, só para agradar ao menino, ela abriu. O pombo entrou. O garoto reconheceu seu pássaro de estimação e pediu a ela que procurasse o número 167 em sua perna e, quando ela o fez, encontrou o número que ele indicara.[8]

Além dessa coletânea de casos colhidos por Rhine e Feather, histórias parecidas foram relatadas de muitos países diferentes. Na França, por exemplo, um cão pastor de dois anos foi deixado pelo dono com seu primo em Bethune, nordeste do país, enquanto ele viajava para trabalhar como operário de obras itinerante. Certo dia, quando estava trabalhando em Avignon, a 800 quilômetros de distância, contaram-lhe que havia nas redondezas um cachorro sem dono de comportamento muito estranho. O homem foi investigar e quase foi derrubado pelo seu próprio cachorro, cheio de alegria por estar outra vez na companhia do dono.[9]

Há até mesmo a história de uma pega de estimação, relatada pela Sra. Johnson, professora em Lund, na Suécia. Certo dia, em sua escola, uma pega voou sala adentro pela janela aberta de um corredor e empoleirou-se sobre o ombro de um menino num grupo de, aproximadamente, 40 crianças. Ele exclamou: "É o nosso pássaro do verão!", e explicou que sua família havia passado o verão num chalé a 80 quilômetros dali, onde haviam comprado

uma pega que criaram como animal de estimação. Ao voltarem para a cidade, deixaram o pássaro para trás. Ficou tão claro que o pássaro conhecia o menino que a professora o dispensou da aula para que pudesse levá-lo para casa.[10]

Há tantas histórias desse tipo que estou convencido de que os animais podem, às vezes, encontrar seus donos da mesma forma que as pessoas podem, ocasionalmente, encontrar seus animais (Capítulo 8), de uma forma que não pode ser atribuída, de maneira plausível, ao olfato ou ao acaso.

Cães que encontram o túmulo de seus donos

Histórias sobre cães que encontram os donos não se restringem a donos vivos. Repetidamente, ouvimos contos sobre cães que encontraram o túmulo de seu dono. Considero tais histórias desconcertantes. No início achei que o elo que une um animal de estimação ao dono se desfizesse quando a pessoa morre. Supus que ele não ligaria o animal ao cadáver da pessoa. Mas essa pressuposição parece ser infundada. Simplesmente não explica a maioria das histórias sobre cães que encontram túmulos. Reflitamos sobre este, da Áustria:

> Meu sogro tinha uma pequena fazenda, onde tinha um cão de guarda chamado Sultan. Certo dia, meu sogro adoeceu e foi levado de ambulância para o hospital. Alguns dias depois ele morreu e foi enterrado no cemitério local, a cinco quilômetros da fazenda. Muitas semanas após o enterro, o cachorro desapareceu durante dias. Isso nos causou estranheza, pois Sultan nunca se perdia. Não demos muita importância ao fato até que num domingo uma antiga empregada da fazenda, que morava perto do cemitério, apareceu em nossa casa. Ela disse: "Imagine só que quando

atravessei o cemitério, outro dia, encontrei Sultan deitado sobre o túmulo de sua família." Não consigo imaginar como ele pode ter encontrado o caminho, percorrendo cinco quilômetros. Não havia pegadas de seu antigo dono que ele pudesse ter seguido. E ele jamais fora levado ao cemitério, nem mesmo aos seus arredores, uma vez que tinha de manter a guarda da casa. Como é possível que ele pudesse encontrar o túmulo do dono? (Joseph Duller, Graz, Áustria)

É de se supor que membros da família possam ter visitado a sepultura e deixado rastros odoríferos que o levassem até lá. Mas também é de se supor que teriam deixado rastros que levariam a diversos outros lugares, portanto, se Sultan os seguisse, por que haveria de ir parar, justamente, no cemitério, e como podia ele saber que cadáveres são enterrados em sepulturas?

Por que cães de luto haveriam de ser atraídos para as sepulturas de seus donos? A única razão possível parece ser que o afeto àquela pessoa perdura após sua morte e que o animal continua fixado no cadáver do dono. No Capítulo 5 vimos diversos exemplos impressionantes de cachorros que ficaram ao lado dos corpos de seus donos ou que os velaram ao lado de suas sepulturas. Os elos que ligam os animais a seus donos não são, necessariamente, dissolvidos pela morte destes. Eu esperaria que essa ligação enfraquecesse ou se desfizesse com a cremação, quando nada resta do corpo além de cinzas. Na realidade, todos os casos que conheço envolvem enterros; jamais ouvi falar de animais serem atraídos até um crematório ou aos locais onde as cinzas foram espalhadas.

Essa ligação dos cachorros com os cadáveres de seus entes queridos pode parecer estranha. Mas, enfim, muitas pessoas cultivam uma forte ligação com o cadáver daqueles que amavam. Essas conexões persistentes deram origem a túmulos, lápides e

simples atos de dedicação tais como colocar flores em sepulturas. Afinal de contas, os cemitérios não são visitados apenas por um ou outro cachorro de luto mas, também, por seres humanos. E os locais onde jazem pessoas famosas, tais como santos ou heróis nacionais, tornam-se locais de romaria para milhares, até mesmo para milhões. Se compreendêssemos melhor por que nós próprios visitamos túmulos, talvez descobríssemos que laços são esses que unem alguns cachorros aos cadáveres de seus donos.

Animais que encontram outros animais

De vez em quando surgem relatos, em jornais, de animais de fazenda que foram separados de seus filhotes e que conseguem encontrá-los outra vez. Eis aqui um exemplo:

> Blackie, uma novilha de dois anos, fugiu da fazenda para a qual fora vendida e, após caminhar 11 quilômetros por campos desconhecidos, encontrou o caminho da fazenda para onde sua bezerra fora levada. A história teve início quando a novilha e a bezerra foram vendidas, separadamente, no mercado de Hatherleigh, em Devon. A mãe foi mandada para a fazenda de Bob Woolacott, perto de Okehampton, onde deram-lhe um local para dormir, feno e água. Mas seu instinto maternal a fez fugir do terreiro da fazenda, cruzar uma cerca viva e tomar uma estrada campestre. Na manhã seguinte foi encontrada a 11 quilômetros de distância, amamentando sua bezerra na fazenda de Arthur Sleeman, em Sampford Courtenay. O Sr. Sleeman identificou Blackie como a mãe da bezerra através das etiquetas do leilão, ainda coladas em seus traseiros.[11]

Verificamos os detalhes dessa história entrevistando as pessoas envolvidas. A Sra. Mavis Sleeman nos contou que seu

marido colocou a bezerra recém-comprada, e que ainda não fora desmamada, junto com os outros bezerros.

> Na manhã seguinte, minha cunhada viu uma vaca caminhando pela alameda. Ela veio direto para a construção onde a bezerra se encontrava, isso eram umas oito da manhã. Ela obviamente queria entrar, então minha cunhada abriu a porta e deixou-a entrar e a vaca caminhou diretamente para a bezerra, para amamentá-la.

A seguir um relato parecido, proveniente da Rússia:

> Magomed Ramazhanov, um fazendeiro do Cáucaso, ficou um pouco surpreso quando uma de suas vacas partiu à procura de seu bezerro, vendido para um fazendeiro de uma região vizinha. Receando, de início, que a criatura tivesse sido morta por predadores selvagens, Magomed por fim encontrou sua tranqüila vaca leiteira na companhia de seu filhote — a 48 quilômetros de casa.[12]

Ao que eu saiba, não há praticamente nenhuma pesquisa realizada sobre a forma pela qual os animais encontram uns aos outros a distância. Um dos poucos pesquisadores a se interessar pela questão foi o naturalista americano William Long. Em seu estudo pioneiro sobre o comportamento de lobos, no Canadá, ele prestou especial atenção à ligação existente entre os membros da alcatéia, até mesmo quando se encontravam longe uns dos outros. Ele descobriu que os lobos que estavam separados de seu grupo pareciam saber onde os outros se encontravam.

> No inverno, quando os lobos cinzentos americanos andam em pequenas alcatéias, um lobo solitário ou separado do resto do grupo sempre parece saber onde seus companheiros se encontram, quer estejam caçando ou perambulando, pregui-

> çosamente, ou descansando durante o dia. A alcatéia é formada por parentes seus, mais novos e mais velhos, todos filhos da mesma loba; e, devido a alguma ligação ou atração ou comunicação silenciosa, ele consegue ir direto para eles, a qualquer hora do dia ou da noite, mesmo sem vê-los há uma semana e tendo eles vagado por incontáveis quilômetros de território selvagem nesse meio tempo.[13]

Após longos períodos de observação e de rastreamento, Long concluiu que esse comportamento não podia ser explicado perseguindo as teorias de costume, seguindo rastros odoríferos ou mesmo prestando atenção em uivos ou outros sons. Por exemplo, certa vez ele encontrou um lobo machucado que havia se separado da alcatéia e que permanecera deitado numa toca protegida durante vários dias enquanto os outros vagueavam por imensas distâncias. Long seguiu as pegadas da alcatéia na neve, seguiu-a enquanto caçava e estava próximo quando pegaram um veado. Comeram em silêncio, como costumam fazer os lobos, sem que se ouvisse um único uivo. O lobo ferido estava, então, muito longe dali, separado da alcatéia por quilômetros de morros cobertos de bosques.

> Quando voltei para onde estava o veado, para ver como os lobos haviam surpreendido e matado sua caça, notei as pegadas recém-deixadas por um lobo solitário juntarem-se às da alcatéia de caçadores, aproximando-se de ângulos retos... Segui essas pegadas e elas corriam de volta para a toca de onde ele viera em linha reta, como se soubesse para onde estava seguindo. A trilha vinha do leste; o vento débil que soprava vinha do sul; dessa forma, era impossível que seu nariz pudesse guiá-lo até a carne, mesmo que ele estivesse a uma distância da qual fosse possível farejar alguma coisa, e ele certamente não estava. O registro na

> neve era claro como qualquer marca impressa e a partir dele seria razoável concluir que os lobos podem transmitir chamados silenciosos sobre fontes de alimentação, ou então que um lobo solitário está de tal forma em contato com sua alcatéia que sabe não só onde ela está como, também, de maneira geral, o que está fazendo.[14]

Essas ligações podem ser uma característica normal das sociedades animais, muito embora mal tenhamos começado a compreender como elas funcionam. Os laços existentes entre os membros de um grupo social, tal como uma alcatéia, talvez permitam que eles saibam das atividades e das intenções uns dos outros a distância, além de proporcionarem informações direcionais. E se os lobos e outras espécies selvagens possuem tais habilidades, então a capacidade dos animais de estimação de encontrarem seus donos e dos donos encontrarem seus animais de estimação pode ser vista num contexto biológico muito mais amplo.

Laços com membros do grupo social e laços com lugares

Se alguns animais têm a capacidade de encontrar outros animais ou seus companheiros humanos, parece pouco provável que apenas os animais não-humanos possuam tal poder. Deveríamos esperar encontrar o mesmo tipo de fenômeno em seres humanos, embora em um grau menor.

Eu esperaria, portanto, que existissem histórias de pessoas que encontraram outras pessoas de maneira impressionante, sem saberem como o fizeram. Eu esperaria que essas histórias dissessem respeito, principalmente, a pessoas muito apegadas umas às outras, tais como pais e filhos ou maridos e mulheres. Eu também

esperaria que em culturas tradicionais de coletores e de caçadores, nas quais encontrar lugares e pessoas é necessário para a sobrevivência, tais habilidades fossem cultivadas e encorajadas e que fossem muito mais bem desenvolvidas do que nas sociedades industriais modernas.

Assim, como o senso de direção tem de depender de uma ligação entre o animal e um *lugar*, encontrar uma pessoa que se mudou deve depender da ligação entre um animal e uma *pessoa*. E da mesma forma que a ligação entre um animal e um lugar pode ser comparada a uma atração magnética ou a um elástico esticado, o mesmo pode ser dito sobre a ligação entre uma pessoa e um animal. Os campos animal-pessoa e animal-lugar, da mesma forma que os campos magnéticos, contêm informações direcionais.

O campo magnético da Terra contém informações direcionais, e este é o motivo pelo qual você pode usar uma bússola para descobrir onde fica o norte. Na linguagem técnica da ciência, atrações e repulsas magnéticas são fenômenos de *vetores*, os quais possuem direção, além de uma magnitude. (Em comparação, uma quantidade *escalar* possui magnitude e não direção, como a temperatura, por exemplo.)

Essas ligações entre animal e pessoa e animal e lugar são vetores, possuindo tanto direção quanto magnitude. Um animal só partirá numa jornada se a atração for forte o bastante; e ele continuará em frente apesar de todas as distrações e adversidades. E o animal só saberá em qual direção seguir se a atração tiver direção.

A idéia de que os campos mórficos ligam animais a outros membros de seu grupo social proporciona uma base para a compreensão tanto da comunicação telepática quanto da atração direcional para animais e pessoas. A idéia de que os campos mórficos ligam animais a determinados lugares proporciona uma base para a compreensão do senso de direção, conforme fica

expresso no fato de o animal encontrar o caminho de casa e na migração. Assim, a hipótese do campo mórfico pode esclarecer uma enorme gama de poderes inexplicados dos animais, tanto telepáticos quanto direcionais.

Mas há uma importante categoria de percepções inexplicadas para a qual essa hipótese talvez não se mostre tão útil: a premonição. Ela será o assunto dos próximos dois capítulos.

PARTE VI

Premonições de animais

14

Premonições sobre ataques, comas e mortes súbitas

Premonição quer dizer, literalmente, uma advertência antecipada, um aviso. Algumas premonições parecem depender da telepatia, como quando os animais sabem, de antemão, quando seus donos estão chegando em casa (Capítulos 2 a 4). Algumas podem ser explicadas em termos de detecção de odores, de sons, de mudanças elétricas ou de outros estímulos físicos. Mas outras podem envolver a precognição, que significa, literalmente, "saber de antemão", ou o pressentimento, "sentir de antemão".

Precognições e pressentimentos são mais misteriosos do que outros tipos de premonição porque sugerem que as influências podem voltar no tempo, do futuro para o presente, e do presente para o passado. Uma idéia desse tipo confunde todas as nossas noções de presente, sugerindo a ausência de divisões pronunciadas entre futuro, presente e passado.

Será que podemos evitar esses problemas e paradoxos? Será que as premonições podem ser explicadas sem precognições ou pressentimentos? Algumas podem; talvez outras não possam.

No capítulo a seguir, examino a capacidade que os animais de estimação têm de nos avisarem, com antecedência, de perigos externos como os terremotos. Neste capítulo, também discuto seus avisos de perigos interiores, tais como ataques epiléticos iminentes. Mas, em primeiro lugar, é importante considerarmos o contexto biológico de avisos e de alertas.

Perigos, medos e alertas

O medo é relacionado ao perigo. Em inglês, as palavras *fear* e *danger* — respectivamente medo e perigo — vêm de uma raiz comum que significa perigo, como no alemão, *Gefahr.*

Todos nós conhecemos o medo em primeira mão. Sentimos que alguma coisa de ruim é iminente. Entramos em estado de alerta. Nossos corações batem mais rapidamente. Uma onda de adrenalina nos prepara para reagirmos. Nossos rostos tornam-se pálidos; os cabelos se arrepiam; em casos extremos, podemos tremer de pavor e nossos esfíncteres podem relaxar. O medo é uma emoção que compartilhamos com animais não-humanos e que podemos reconhecer neles facilmente. Além disso, ele é de óbvio valor para a sobrevivência, especialmente com relação a predadores em potencial.

O medo dá partida a um comportamento defensivo em qualquer animal que tenha a capacidade de se defender. Ele pode levar um animal a correr, a mergulhar, a se esconder, a ficar paralisado, a gritar por ajuda, a fechar sua concha, a mostrar os dentes ou a eriçar espinhos.[1] Mas em muitos animais, incluindo nós mesmos, o medo não é um sentimento meramente individual e sim coletivo. Em animais sociais, o ato de dar o alarme e a comunicação do medo têm claro valor para a sobrevivência. Muitos animais reagem a sinais de perigo alertando aos demais.

Eles acionam alarmes. Num caso extremo, a dispersão do medo pelo grupo resulta em pânico.

Alguns alarmes são visuais. O pombo que levanta vôo subitamente faz com que o resto do grupo se assuste e levante vôo também. Os rabos brancos dos coelhos e dos veados de rabo branco são particularmente visíveis quando eles estão correndo e servem de alarme para outros membros do grupo.

Alguns alarmes são cheiros de medo, tal como a substância indutora de medo encontrada sob a pele de certos peixes de água doce, liberada quando se ferem, fazendo com que outros membros do cardume, e até mesmo peixes de outras espécies, evitem se aproximar. As formigas alertam outros membros do grupo para o perigo liberando substâncias de alerta.[2] Algumas vão até mais longe: espécies agressivas, que escravizam outras formigas, tais como a *Formica subintegra*, empregam esses cheiros não só em defesa de suas próprias colônias como também para apavorar suas vítimas. Uma descarga maciça de substâncias de alerta faz com que as formigas sob ataque entrem em pânico, permitindo que os agressores se apossem de seus ninhos com pouca necessidade de luta.[3]

Muitas espécies, como por exemplo os melros, possuem um chamado especial que alerta os outros membros do grupo para perigos iminentes. Muitas vezes, alertam membros de outras espécies também.

O latido é o alarme dos cães. Há dezenas de milhares de anos os cachorros são úteis dando alertas sobre pessoas que se aproximam e avisando seus companheiros humanos de perigos em potencial. Essa pode ter sido sua principal função nos estágios iniciais da domesticação.

Esse papel de advertência dos cães é desenvolvido de muitas formas e não apenas para alertar as pessoas da aproximação de

estranhos. Algumas dessas advertências dependem de farejarem, ouvirem ou verem fontes de perigo em potencial. Algumas dependem da captação de intenções, como no caso dos cachorros que avisam seus donos das intenções ameaçadoras de uma pessoa hostil. E algumas dependem da captação de intenções a distância, como no caso dos cães que sabem quando seus donos estão chegando em casa. É claro que, nesse caso, o fato de darem o sinal da chegada de uma pessoa não é um alerta de perigo e sim uma espécie de anúncio.

Cães e outros animais domésticos podem nos ajudar alertando-nos com relação a perigos de diversas maneiras. Algumas vezes, eles usam chamados de alerta; outras vezes, dão claros sinais de medo ou de aflição; algumas vezes, dão passos práticos para nos ajudarem ou para nos defenderem.

O que é a epilepsia?

Em Leesburg, na Virgínia, de duas a três vezes por semana, a cadela de Christine Murray, um cruzamento de pit bull com beagle chamada Annie, pula em seu colo e começa a lamber seu rosto furiosamente. Christine pára o que está fazendo, vai se deitar e alguns minutos mais tarde sofre um ataque epilético. "É impressionante", diz ela. "Não tenho como explicar, não sei por quê. Mas Annie sabe quando vou ter um ataque."[4]

Annie não é a única. Muitos outros cães dão avisos quanto a ataques epiléticos. Como é que conseguem fazê-lo? Ninguém sabe dizer. Mas eles fazem enorme diferença nas vidas daqueles que têm epilepsia.

Crises epiléticas, ataques, abalos, acessos ou desmaios ocorrem quando a atividade normal do cérebro é interrompida. No tipo mais dramático, denominado *grande mal*, primeiro o corpo

da vítima enrijece e ela pode cair se estiver em pé. Ela então sofre convulsões, a respiração torna-se difícil e ela poderá, também, sofrer incontinência. No início do ataque, poderá gritar e parar de respirar e, assim, seu rosto poderá ficar azul.

Essas crises podem ser bastante assustadoras para quem vê, mas a pessoa que está tendo o ataque não sente dor e, geralmente, lembra-se de muito pouco do que aconteceu. Após alguns minutos, o ataque chega ao fim de forma espontânea e a pessoa volta a si. Ele ou ela poderá sentir-se confuso no início e, se o ataque tiver ocorrido em público, poderá sentir vergonha, em especial se tiver sofrido incontinência. Algumas pessoas passam, então, para estados parecidos com transes e se comportam de forma extremamente imprevisível.

Nem todos os tipos de epilepsia envolvem convulsões e alguns ataques envolvem, apenas, certas partes do corpo. As formas mais brandas de epilepsia, tradicionalmente chamadas de "pequeno mal", envolvem uma breve interrupção da consciência sem outros sinais, a não ser, talvez, um estremecer das pálpebras. Esse tipo de ataque ocorre, tipicamente, com crianças, e é comumente conhecido como "ausência".

A epilepsia é a mais comum das doenças neurológicas sérias e afeta pessoas de todas as idades. Aproximadamente uma pessoa em 200 sofre dela e, em muitos casos, os ataques têm início na infância. Embora possam, muitas vezes, ser controlados com medicamentos e evitando-se as situações que os provocam, algumas pessoas continuam a ter ataques, mesmo tomando as precauções adequadas.

Nos tempos clássicos, a epilepsia era conhecida como "a doença sagrada". Nenhuma outra doença deu origem a tantas crendices populares como a epilepsia, provavelmente porque nenhuma outra lembre tanto uma possessão. Um dos problemas

que os epiléticos têm de enfrentar é o estigma social associado à doença, ou pelo menos o desconforto que as pessoas sentem em sua presença.

A maioria dos epiléticos é capaz de levar uma vida razoavelmente normal, embora não lhes seja permitido dirigir, por motivos óbvios. Para aqueles cujos ataques não podem ser completamente controlados por medicamentos, uma das maiores dificuldades é a sua imprevisibilidade. Em alguns casos, os sintomas preliminares, conhecidos como "aura", que podem incluir contrações incontroláveis de certas partes do corpo, sensações ou comportamento estranhos, podem ocorrer antes da crise. Mas em muitos casos o ataque se espalha com tal rapidez que o paciente fica inconsciente antes de ter tempo de notar qualquer coisa.

Ninguém quer estar andando na rua, fazendo compras ou subindo as escadas no início de um ataque. Mesmo na segurança do lar, há o perigo de ferimentos se a pessoa desfalecer enquanto estiver de pé. Ela poderá cair. É por isso que os cães que sabem quando uma crise está prestes a acontecer podem mudar a vida dos epiléticos.

O comportamento vidente dos cães

Há muitos anos existem relatos de cães que antecipam crises epiléticas, embora quase nenhuma pesquisa tenha sido realizada sobre o assunto até muito recentemente. A maioria dos cachorros que dão avisos a seus donos o faz espontaneamente e não como resultado de qualquer treinamento especial. Eis aqui um relato típico de quem observou esse comportamento em primeira mão:

> Quando estou em casa, Penny, minha dobermann, parece prever minhas crises epiléticas e, ao fazê-lo, empurra-me na direção da poltrona. Contei isso para meu médico mas ele apenas sorriu. Eu própria tenho avisos, mas Penny é sempre

> mais rápida do que eu. Ela jamais me desapontou em casa. Quando estamos fora, ela fica ao meu lado até chegar socorro. (Hilary Spate, Little Sutton, South Wirral)

Ruth Beale, cujo golden retriever, Chad, ganhou o prêmio PAT de cachorro do ano em 1997 (ver p. 144), tem um filho com crises de pequeno mal e de grande mal. Chad costuma avisar a Ruth que seu filho vai ter um grande mal minutos antes deste ocorrer, embora costume ignorar os ataques mais brandos. "Ele chega perto de mim e começa a bater com a pata no meu colo para chamar a minha atenção e, algumas vezes, começa a latir." Isso costuma acontecer quando Ruth encontra-se num cômodo diferente do filho. Ela pode então ir até ele e evitar algum possível acidente causado por uma queda.

Em alguns casos, os cachorros dão avisos com apenas alguns minutos de antecedência; em outros, eles podem alertar seus donos quanto a um ataque com meia hora, ou mais, de antecedência. Antonia Brown-Griffith, de Kent, sofre até 12 ataques por semana e ficava restrita à sua casa até adotar um cão de resgate chamado Rupert, que se tornou o seu elo de ligação com o mundo exterior.

> Ele consegue sentir, com até 50 minutos de antecedência, quando vou ter um ataque e dá dois tapinhas em mim com a pata, dando-me tempo para ir a algum lugar seguro. Quando preciso de socorro, ele também sabe apertar um botão do meu telefone e latir ao atenderem e, se achar que vou ter uma crise no banho, puxa o tampo da banheira. Não consigo imaginar a vida sem ele.[5]

Ninguém sabe o número de epiléticos que têm a sorte de ter cães que lhes dão avisos, mas há provavelmente milhares em todo o mundo.

A pesquisa pioneira de Andrew Edney

No início dos anos 90, o veterinário inglês Andrew Edney realizou o primeiro levantamento sistemático do comportamento de alerta dos cães antecedendo crises epiléticas. Ele contactou epiléticos donos de cachorros através de apelos publicados no *Epilepsy Today,* boletim informativo da Associação Inglesa de Epilepsia, e através de revistas e jornais. Estudou, detalhadamente, 21 cachorros que pareciam prever ataques. Nenhuma raça em especial predominou nessa amostragem; os cães que dão alertas de ataques iminentes incluíam animais dos grupos de trabalho e de tiro, terriers, toys e vira-latas. Machos e fêmeas, velhos e novos, eles davam alertas.

Com base em questionários, Edney foi capaz de compilar um perfil do comportamento dos cães antes do início dos ataques. Tipicamente, ficavam ansiosos, apreensivos ou inquietos. Alertavam às pessoas que estivessem por perto ou saíam em busca de ajuda. Latidos e ganidos eram freqüentes, além de pularem e afocinharem a pessoa e lamber-lhe as mãos e o rosto. Os cães sentavam-se ao lado da pessoa ou a conduziam até um local seguro e encorajavam-na a deitar-se. Enquanto ocorria o ataque, eles ficavam ao lado da pessoa, alguns lambendo seu rosto ou mãos, ou saíam em busca de auxílio. Foram notavelmente confiáveis. Conforme comentário de Edney: "Os cachorros não se enganavam. Um deles chegou, até mesmo, a detectar um ataque 'falso'."

Nenhum dos animais que participaram da amostragem de Edney havia sido treinado — todos passaram a dar alertas de maneira espontânea. E a maioria dos epiléticos teve de descobrir a capacidade de seus cães por conta própria. Alguns comentaram que demoraram algum tempo para se darem conta do significado dos sinais de seus animais.

Edney concluiu:

> Os comportamentos observados antes dos ataques são, em sua grande maioria, uma forma de chamar a atenção e parecem ter a intenção de deter a vítima para que alguma providência possa ser tomada. A ação durante um ataque é bastante consistente. Parece ser direcionada à proteção e à ressuscitação, assim como a algum grau de alerta para quem estiver próximo.[6]

Gatos e coelhos

Com duas exceções, todos os relatos de comportamento de alerta antecedendo um ataque epilético, dos quais tenho conhecimento, envolvem cães. A primeira exceção é um coelho de propriedade de Karen Cottenham, de East Grinstead, Sussex.

Karen costumava se ferir seriamente ao cair durante ataques epiléticos: quebrou costelas, fraturou os tornozelos e sofreu cortes no rosto. Ela e o marido compraram um coelho, Blackie, e como ela não quisesse deixá-lo preso num galpão do lado de fora da casa devido ao frio, treinou-o e manteve-o dentro de casa. Logo a seguir, ela notou que ele ficava passando por entre as suas pernas antes de ela ter uma crise, permitindo que ela procurasse um lugar seguro. Quando Blackie morreu, ela comprou outro coelho, Smokie, que logo assumiu o papel de Blackie.

> Eu não sei como ou por que, mas vários minutos antes de eu ter um ataque Smokie começa a correr por entre as minhas pernas, frenético. Sei, então, que preciso chegar à cama ou deitar-me no chão para não cair. Quando volto a mim, Smokie costuma estar aconchegado próximo ao meu rosto, como se tentasse me fazer recobrar a consciência.[7]

A segunda exceção é uma gata. Kate Fallaize, que vive em Staffordshire, tem uma gata escama de tartaruga, de cinco anos, que lhe avisa de ataques iminentes com até uma hora de antecedência.

> Antes de eu ter um ataque, ela começa a agir de maneira estranha — chega bem perto de meu rosto e me encara para a seguir sentar-se ao meu lado e me tocar com a pata uma vez a cada poucos segundos. Ela não sai do meu lado e nem permite que eu me afaste do alcance de seus olhos. Hoje em dia eu me deito quando ela começa a fazer isso.

A gata fica com ela durante o ataque e ainda está lá quando Kate volta a si. Essa gata não foi treinada para dar alertas e a gata que Kate teve anteriormente não fazia a mesma coisa, embora ficasse tomando conta dela uma vez que o ataque tinha início.

O treinamento de um cachorro para o alerta de ataques iminentes

O treinamento de cães para alertarem quanto a um ataque é um trabalho pioneiro de uma pequena obra de caridade de Sheffield, chamada Support Dogs [Cães de apoio].[8] A gerente de treinamento, Val Strong, não acredita que os cães possam ser treinados para reconhecerem os sinais de um ataque. "Eles parecem fazê-lo naturalmente quando têm uma forte ligação com o dono", conta ela. Mas eles podem ser treinados para dar sinais mais claros, para que seus donos reconheçam o aviso.

O primeiro treinamento bem-sucedido dessa espécie foi com Molly, um cruzamento de collie com pastor alemão. De início, Molly não estava sendo treinada como cão de alerta para ataques epiléticos mas, simplesmente, para ajudar Lise Margaret,

sua dona, que sofre de epilepsia. No começo, ela foi treinada para ter um bom nível geral de obediência. Ela então aprendeu tarefas especializadas, tais como buscar um cobertor para Lise após o ataque para impedir que ela sentisse muito frio e trazer-lhe o telefone. "Às vezes fica difícil falar, então eu apenas aperto uma tecla programada e Molly late no fone. Assim, os amigos sabem que preciso de ajuda."

Molly já teria proporcionado um enorme auxílio para Lise se seus talentos parassem por aí, mas Val Strong teve um palpite de que a cachorra podia ir além. Começou a filmar Lise e Molly e, após examinar muitas horas de videoteipe, notou uma mudança sutil mas definitiva no comportamento de Molly aproximadamente 30 minutos antes de Lise ter um ataque. Molly começava a encarar Lise. "Simplesmente precisávamos encorajá-la a ser mais clara com relação ao aviso. Hoje em dia ela é bastante efusiva: late e lambe, onde quer que esteja." A partir dessa experiência, a Support Dogs já treinou uma série de outros cães para ajudarem a alertar seus donos com relação a ataques iminentes.

Nos Estados Unidos, o treinamento de cães para esse tipo de alerta está sendo coordenado pelo National Service Dog Center of the Delta Society [Centro Nacional de Cães de Serviço da Delta Society].[9] A Delta Society também está ajudando a aumentar a consciência do público com relação a cães de serviço em geral. Embora cães guia para cegos sejam amplamente reconhecidos e tenham sua entrada permitida em locais tais como lojas e restaurantes, onde animais de estimação não podem entrar, os cães de auxílio para surdos, para deficientes físicos e para epiléticos são menos aceitos. Christine Murray, por exemplo, já teve a entrada de Annie, sua cachorra, proibida em alguns

restaurantes e lojas da Virgínia. "Tento dizer-lhes que ela me ajuda a prever crises epiléticas mas as pessoas não acreditam."[10] À medida que cães de alerta contra ataques epiléticos começam a ser mais conhecidos, o problema deve diminuir.

Como é que eles sabem?

Até aqui quase não existem pesquisas sobre a capacidade dos cães de preverem ataques epiléticos,[11] e ninguém sabe como conseguem fazê-lo. As três especulações mais comuns são:

1. O animal nota mudanças sutis de comportamento ou tremores musculares dos quais a pessoa não tem consciência.
2. Ele sente mudanças elétricas do sistema nervoso associadas a um ataque iminente.
3. Ele fareja odores característicos que podem ser exalados pela pessoa antes de um ataque.

Todas as três possibilidades exigiriam que o cachorro estivesse muito próximo à pessoa. Na realidade, a detecção de uma mudança elétrica do sistema nervoso, se é que isso é possível, exigiria que estivessem, realmente, muito próximos. Seria de se esperar que os cães não reagissem se estivessem longe do alcance da vista ou do faro.

No entanto, alguns cães parecem reagir ao pensamento ou à intenção de seus donos a distância (Partes II e IV) e alguns parecem saber, até mesmo, que seus donos se acidentaram ou que estão morrendo, até mesmo a centenas de quilômetros de distância (Capítulo 6). Assim, talvez valesse a pena considerarmos a possibilidade adicional de que os cães não estejam reagindo apenas a pistas sensoriais sutis e sim captando sinais de uma

natureza ainda desconhecida pela ciência. Será que os cães podem dar avisos de ataques quando não podem ver seus donos, quando estão a uma certa distância deles?

Normalmente, os epiléticos gostam de ter seu cachorro por perto de maneira que estes possam avisar-lhes quanto a ataques iminentes. Mas eu sei de três casos em que o cachorro parece saber mesmo estando em outro cômodo. Steven Beasant de Grimsby, Lincolnshire, costuma ser avisado de que está prestes a ter um ataque epilético por seu cão, Jip, um vira-lata. Normalmente, Jip começa a segui-lo de um lado para outro e fica bem próximo antes de um ataque e quando Steve está sentado, o cachorro pula em cima dele. Mas Steve conta que Jip às vezes "vem correndo da cozinha e me prende à poltrona". Assim, qualquer que sejam os sinais aos quais Jip esteja reagindo, podem ser sentidos de outro cômodo. O mesmo parece ocorrer com Sadie, uma dobermann que pertenceu a Barbara Powell, de Wolverhampton. Até morrer, com 13 anos, Sadie gania para avisar à dona que esta estava para ter uma crise. Ela normalmente o fazia quando estavam juntas, embora às vezes o fizesse estando em outro cômodo.

O Dr. Peter Halama, neurologista de Hamburgo, na Alemanha, tem uma paciente epilética cujos cachorros também reagem quando encontram-se em outro cômodo:

> Antes de um ataque, seus cães (dois vira-latas, um macho e uma fêmea) ficam bem próximos dela e, assim que o ataque vai começar, eles tentam ajudá-la. Um deles tenta, até mesmo, colocar-se entre ela e o chão quando ela cai. Quando ela se deita no chão, eles lambem seu rosto e suas mãos até ela recobrar totalmente a consciência. Eles não deixam que ninguém mais se aproxime dela quando está nesse estado. Quando ela está num cômodo diferente dos cachorros, eles vão correndo ao seu encontro um pouco

antes do ataque e ficam ao seu lado, prontos para ajudá-la dessa mesma forma. O marido dela já observou isso diversas vezes e pode dar testemunho desse comportamento.

É interessante observar que esses cachorros também reagem quando essa mulher está prestes a chegar em casa. Seu marido observou que eles "ficam inquietos e vão para a porta da frente antes de ela voltar das compras (em horários variados). Eles se comportam dessa maneira de 20 a 30 minutos antes de ela chegar". Se esses cães podem reagir telepaticamente à intenção da mulher de voltar para casa, então é possível que suas reações a ataques epiléticos iminentes quando se encontram em cômodos diferentes também envolvam a telepatia. Mas há uma enorme diferença entre essas duas situações: voltar para casa envolve uma intenção consciente; mas a iminência de um ataque epilético não é nem consciente nem intencional.

Animais de estimação e os diabéticos

Alguns cães cujos donos são diabéticos dão avisos quando a taxa de açúcar destes está baixa demais. Essas crises de hipoglicemia podem levar a comas, a ataques epiléticos e, até mesmo, à morte.

Por exemplo, Alan Harberd, de Chatham, Kent, tem um collie chamado Sam que lhe avisa quando está hipoglicêmico. Se isso acontece quando Alan está dormindo, Sam o acorda antes que ele entre em coma. "Minha taxa de glicose é baixa, mas não tão baixa que não dê para eu me levantar e fazer alguma coisa a respeito. Às vezes a situação é delicada, mas é impressionante como ele sabe."

Um estudo pioneiro foi publicado na revista *Diabetic Medicine*, em 1992, por um grupo de clínicos do Bristol and Berkley Health Centre, em Gloucestershire, que entrevistou 43 pa-

cientes, donos de animais, que sofriam de hipoglicemia. Quinze deles disseram ter notado reações por parte dos animais. Quatorze desses animais eram cães. Eles ajudavam seus donos latindo, chamado vizinhos ou exibindo outras reações apropriadas.[12]

Alguns gatos também dão avisos e acordam os donos no meio da noite quando a taxa de açúcar está perigosamente baixa.

A explicação mais plausível para esse tipo de comportamento encontra-se no olfato, já que os diabéticos exalam odores característicos quando estão hipoglicêmicos. Mas isso não passa de um palpite.

Diagnosticando o câncer

Diversos donos de animais de estimação dizem que seus bichos ajudaram a diagnosticar câncer e outras doenças e alguns casos já foram relatados na literatura médica. Em 1989, por exemplo, um artigo publicado na *Lancet*, escrito por Hywel Williams e Andrew Pembroke, do departamento de dermatologia do King's College Hospital de Londres, descrevia a forma pela qual uma mulher foi encaminhada à sua clínica com uma lesão na coxa direita que acabou por ser um melanoma maligno.

> A paciente notou a lesão porque sua cachorra (um cruzamento de border collie com dobermann) vivia cheirando o local. A cachorra não demonstrava o menor interesse por outros sinais no corpo da paciente, embora fosse freqüente passar diversos minutos por dia cheirando a lesão propositadamente, até mesmo por cima das calças compridas de sua dona. Como conseqüência, a paciente foi ficando cada vez mais desconfiada. Esse ritual continuou por diversos meses e culminou com a cachorra tentando morder a lesão quando a paciente vestia *short*. Isso a levou a procurar

opiniões médicas. Essa cachorra pode ter salvado a vida de sua dona levando-a a procurar tratamento quando a lesão ainda estava num estágio curável.[13]

Há muitos casos parecidos em nosso banco de dados. Por exemplo, Joan Hart, de Preston, Lancashire, descobriu que quando sentava-se de chinelos, sua cadela Sheltie tirava um dos chinelos e lambia-lhe o peito do pé. Joan tinha um cisto no local e, por fim, foi ao médico consultar-se a respeito. O médico achou que fosse uma verruga mas mandou-a para o hospital a fim de fazer alguns exames, por via das dúvidas. Acabou que Joan tinha um tipo raro de câncer maligno. Segundo ela: "Gostaria de ter prestado mais atenção a Lady, que estava tentando me avisar a respeito."

Pelo que sei, o uso de cães farejadores em clínicas especializadas no tratamento do câncer ainda não é uma possibilidade levada a sério. Não é o tipo de pesquisa médica em voga atualmente; a ênfase encontra-se na tecnologia de ponta.

Animais que avisam sobre outras doenças

Os epiléticos têm ataques repetidamente e, portanto, têm tempo de reconhecer os sinais que seus animais podem estar lhes dando e prestar atenção a eles. Mas alguns animais parecem prever outros tipos de doenças antes dos sintomas serem percebidos pelas próprias pessoas ou por membros de suas famílias. Essas reações podem ser mal interpretadas, logo de início. Por exemplo, a pastor alemão da família Albrecht, de Limbach, na Alemanha, começou a seguir a dona da casa, Hilde, sem motivo aparente, olhando para ela de maneira estranha e ganindo. "Eu disse a meu marido que a levasse ao veterinário porque algo devia estar errado. Algumas semanas mais tarde, eu é que estava doente, não a

cachorra, e precisei ser operada." Muitos anos depois, a cadela se comportou da mesma forma com relação à filha de Hilde que, conforme constatou-se mais tarde, teve uma apendicite; depois o mesmo aconteceu com a irmã mais nova da menina.

Da mesma forma, Christine Espeluque, de Nissan-les-Enserune, na França, tem uma cocker spaniel anã que parece saber de antemão quando os filhos dela vão adoecer. Como, por exemplo, no caso de seu filho de cinco anos:

> Antes de a doença dar qualquer sinal, ela começa a segui-lo por todos os lados. Ela sobe na cadeira em que ele estiver sentado, dorme a noite inteira na cama com ele e chora o dia todo quando ele vai para a escola, até ele voltar para casa. Agora que eu já me acostumei, sempre sei de antemão quando meus filhos vão ficar doentes.

Mas a cachorra parece se comportar dessa forma apenas com relação às crianças, e não parece prever as doenças da mãe.

Algumas vezes, os avisos do cachorro são tão inconfundíveis que são eficazes até mesmo na primeira vez que acontecem, como no caso de Esther Allen, de Bushbury, em West Midlands:

> Eu estava decorando o teto da sala e para alcançá-lo precisava ficar em pé numa cadeira colocada em cima da mesa. Eu tinha só mais uns 30cm^2 para terminar quando Fara, minha miniatura dachshund de pêlo longo, subiu numa cadeira, depois na mesa e começou a puxar a minha saia. Eu disse: "Só um minuto, estou quase acabando", mas ela não quis saber, então desci. Ao colocar os pés no chão, apaguei por alguns segundos. Quando voltei a mim, ela estava lambendo meu rosto. Se Fara não me tivesse feito descer da mesa e da cadeira, eu certamente teria me ferido seriamente.

Nesse caso, o comportamento da cachorra assemelhou-se ao dos cães de alerta dos epiléticos. Mas como foi que ela previu que sua dona cairia? De forma igualmente enigmática, alguns cães prevêem ataques cardíacos e tomam atitudes para minimizar os efeitos de uma queda. Por exemplo:

> Minha companheira teve diversos ataques cardíacos de forma que ela, simplesmente, desfalecia. Rolf, nosso pastor alemão, normalmente um indivíduo bastante rude, sempre previa esses ataques e se colocava na frente de sua dona de forma que ela jamais caiu de frente, sempre de costas. (Hans Schauenburg, Roelbach, Alemanha)

É óbvio que a primeira possibilidade a ser considerada é a de que o animal capte alguma mudança sutil no comportamento da pessoa, ou movimentos ou até mesmo odores pouco usuais. Mas, às vezes, os animais reagem quando a pessoa se encontra em outro cômodo, ou até mesmo mais longe. No caso a seguir, um gato reagiu quando a pessoa saíra para caminhar:

> Numa tarde de julho, meu marido foi fazer sua caminhada de costume antes do jantar. Dez minutos depois, nosso gato começou a comportar-se de maneira estranha. Corria pelo apartamento, inquieto, rosnava para si e estava com os pêlos todos arrepiados. Depois de uma hora, meu marido voltou para casa e disse: "Não estou me sentindo bem. Vou me deitar um pouquinho antes do jantar." Ele entrou no quarto e eu continuei o que estava fazendo na cozinha. De repente, Aimo ficou ainda mais inquieto e empurrou o focinho de encontro às minhas pernas. Então, ele correu da cozinha olhando para trás para ver se eu o estava seguindo. Como um cachorro, ele me conduziu ao quarto, onde encontrei meu marido se contorcendo de dores nos rins. Chamamos o médico e ele aliviou as dores de meu marido.

Logo depois, Aimo voltou a ser o bom e velho gato silencioso de sempre. (Erni Weber, Grosskut, Áustria)

Se esse fosse um caso isolado, seria tentador supor que foi "mera coincidência" ou então que o gato notou algum sinal, antes de Herr Weber sair para caminhar, e que Frau Weber demorou um pouco para notar as reações incomuns do gato. Mas conforme vimos no Capítulo 6, há muitos casos em que os animais reagiram diante da morte inesperada de seus donos em lugares distantes ou quando estes estavam sofrendo. Nesse contexto, não é tão surpreendente que um gato tenha conseguido captar o fato de seu dono não estar se sentindo bem enquanto caminhava.

Pressentimentos de mortes súbitas

As reações de animais domésticos ao início de uma doença são facilmente mal interpretadas e seu significado só parece óbvio em retrospectiva. O mesmo pode ser dito a respeito de comportamentos estranhos antecedendo mortes súbitas.

Em 1995, Christine Vickery e seu marido estavam vivendo em Sacramento, na Califórnia. Ela descreve seu marido como sendo "um fanático por saúde, com 52 anos e em plena forma". Ele começava o dia tomando comprimidos de vitaminas, seguia uma dieta de baixo teor de gordura e, além de se exercitar em seu aparelho de ginástica *cardioglide*, costumava caminhar metade do percurso até o trabalho.

Na noite de 1º de dezembro, ele chegou em casa às 18h30, como de costume. Em vez de correr ao seu encontro, meus cachorros Smokie e Popsie permaneceram em seus cestos, em outro cômodo. Ele os chamou. Eles se recusaram a se mexer. Às 21h, os cães foram para a sala e sentaram-se aos pés de meu marido, encarando-o. Meu marido ficou per-

> turbado com aquilo e se perguntou o que (conforme ele próprio disse) eles sabiam que ele não sabia. Mantiveram esse estranho ritual por mais cinco dias. Na noite de 6 de dezembro, Smokie, o cachorro mais velho, acariciou a perna de meu marido com o nariz. Popsie ofereceu-lhe a pata. À 1h30 de 7 de dezembro, meu marido morreu enquanto dormia. Senti inveja de meus cachorros. De alguma forma, eles sabiam e se despediram dele.

Gatos têm pressentimentos parecidos. Por exemplo, Dorothy Doherty, que vive em Hertfordshire, conta que um dia antes de seu marido ter um colapso e morrer, sua gata ficava se esfregando contra as suas pernas. "Lembro de ele ter dito: 'O que é que ela tem hoje?' Como ela nunca fora insistente daquele jeito, muitas vezes me perguntei se ela sabia o que estava para acontecer."

Há muitos outros exemplos de pressentimentos por parte de cachorros e de gatos no que diz respeito a emergências médicas e mortes súbitas. Mas como é o caso de todas as premonições, seu significado só fica evidente em retrospectiva. Os céticos dirão que deve haver milhares de casos de comportamentos fora do comum que não são seguidos de morte ou de desastres e que são logo esquecidos, portanto não há nada de mais misterioso em ação além da coincidência e da memória seletiva. Mas embora esse argumento padrão possa soar muito científico, não passa de uma hipótese não-testada. Os céticos não recolheram estatísticas que sustentem tal fato. Na realidade, praticamente nenhuma pesquisa foi realizada nessa área.

Os argumentos dos céticos possuem valor científico se forem possibilidades razoáveis, passíveis de experimentação; mas são anticientíficos se usados de maneira a inibir a investigação. Infelizmente, com muita freqüência, esse tem sido o caso. É por isso que pouco sabemos sobre esse fascinante fenômeno.

15

Pressentimentos relacionados a terremotos e outros desastres

As reações dos animais antes de terremotos

No dia 26 de setembro de 1997, um terremoto de grandes proporções devastou a basílica de São Francisco de Assis, na Itália, e causou enormes estragos nas cidades e vilarejos vizinhos. Um pouco antes do terremoto, muitas pessoas notaram que os animais estavam se comportando de maneira esquisita. Na noite anterior, alguns cães latiram mais do que o normal; outros ficaram estranhamente agitados e inquietos. Os gatos pareciam nervosos e perturbados e alguns se esconderam. Os pombos voavam "estranhamente". Pássaros silvestres fizeram silêncio alguns minutos antes de o terremoto começar e os faisões "gritavam de maneira fora do comum".[1] Algumas mudanças no comportamento normal dos animais foram notadas com diversos dias de antecedência:

> Um amigo me disse: "Não vá comer nas tavernas perto do rio, em Foligno, porque há ratazanas ao longo do rio, ratazanas enormes." Pelo menos uma semana antes do

terremoto, as pessoas começaram a dizer que Foligno estava sendo invadida por ratazanas. Eu moro aqui há muito tempo e isso nunca havia acontecido. As ratazanas estavam por todos os lados, mas ninguém ligou o fato ao terremoto. (Silvana Cacciaruchii)

Foligno fica a 19 quilômetros de Assis e sofreu muitos danos com o tremor. Por que as ratazanas deixaram os esgotos? Como foi que tantos outros animais parecem ter pressentido a catástrofe iminente?

Os céticos explicam essas histórias, insistentemente, como uma questão de coincidência e de memória seletiva: as pessoas lembram-se desse tipo de comportamento apenas se for seguido por um terremoto ou qualquer outra catástrofe; de outra forma, se esqueceriam dele. Mas seria precipitado descartar tantos indícios dessa forma. Muitos experientes observadores de animais estão convencidos de que os animais realmente se comportam de maneira extraordinária antes de um terremoto. Três semanas após o terremoto de Assis, enquanto ainda ocorriam os sismos secundários, Anna Rigano, minha assistente de pesquisas italiana, seguiu para o foco em Assis, Foligno e outras áreas afetadas da Umbria, onde entrevistou dúzias de pessoas, incluindo donos de animais de estimação, donos de lojas de artigos para animais e veterinários, enquanto as lembranças ainda estavam frescas em suas mentes. A maioria notara o comportamento estranho dos animais antes do terremoto e a maioria estava convencida de que esse comportamento era, de fato, excepcional.

Padrões similares no comportamento de animais antecedendo terremotos vêm sendo relatados de maneira independente por pessoas de todo o mundo. Não acredito que todas teriam inventado histórias tão parecidas, a não ser que todas estejam sendo enganadas por suas memórias.

A primeira descrição detalhada proveniente da Europa diz respeito a um terremoto de proporções cataclísmicas ocorrido em 373 a.C., em Helice, na Grécia, cidade que fazia fronteira com o golfo de Corinto. Durante esse terremoto a cidade portuária foi engolida pelo mar. Cinco dias antes, segundo o historiador Diodorus Siculus, animais tais como ratos, cobras e doninhas deixaram a cidade em hordas, para a extrema confusão dos habitantes humanos.

Outros relatos da era Clássica incluem a declaração do escritor romano Plínio o velho, de que um dos sinais de um terremoto iminente é "a agitação e o terror dos animais, sem que haja motivo aparente". Houve relatos similares na Idade Média, por exemplo, feitos por Württemberg, em 1095: "Os pássaros deixaram a moradia dos humanos para voltarem à natureza, em bosques e montanhas."[2] Em séculos mais recentes, o terremoto mais forte a atingir a Europa ocorreu em 1755 em Lisboa, Portugal, causando enorme devastação e foi tão intenso que o movimento da terra fez com que os sinos das igrejas dobrassem em locais tão distantes quanto a Suécia. Esse terremoto foi discutido por muitos escritores da época, incluindo o filósofo Immanuel Kant, que resumiu um sinal de terremoto iminente da seguinte maneira: "Um pouco antes, os animais são tomados pelo medo. Os pássaros voam para dentro das casas, os ratos e os camundongos deixam seus esconderijos..." Há muitos relatos sobre "uma multidão de minhocas" terem saído de dentro da terra oito dias antes do terremoto de Lisboa e do gado ter ficado "altamente alvoroçado" um dia antes.[3]

Há literalmente centenas de outros exemplos preservados por historiadores e por cronistas da época, assim como também muitos outros casos recentes, por exemplo:

> Antes do terremoto de Agadir, no Marrocos, em 1960, animais perdidos, incluindo cães, eram vistos deixando o

porto em grande número antes do tremor que matou 15 mil pessoas. Um fenômeno parecido foi observado três anos depois, antes de um terremoto que reduziu a cidade de Skopje, na Iugoslávia, a pó. A maioria dos animais parece ter partido antes do terremoto.[4]

Antes do terremoto que destruiu a cidade de Kobe, no Japão, no dia 17 de janeiro de 1995, foi observado comportamento pouco usual em mamíferos, pássaros, répteis, peixes, insetos e minhocas.[5]

No entanto, apesar dessa riqueza de indícios, a maior parte dos pesquisadores profissionais ignoram as histórias de avisos de animais ou as rejeitam por serem sinal de superstição ou memória seletiva. Pelo que sei, nem mesmo um único dólar, das centenas de milhões gastos todo ano em pesquisas sismológicas no Ocidente, vai para a investigação das reações dos animais. Essa é outra área na qual o tabu e o preconceito fecharam as mentes dos profissionais e onde o ceticismo serve para inibir investigações científicas em vez de promovê-las. Mas nesse caso, não é apenas a nossa compreensão científica que é empobrecida por nossa atitude. Os animais podem nos proporcionar avisos valiosos e ajudar a salvar vidas.

Previsões de terremotos

Muitos políticos e contribuintes acreditam que a enorme quantidade de dinheiro público gasta em pesquisas sismológicas ajudará a desenvolver métodos para a previsão dos terremotos. Mas aqueles que financiam essas pesquisas ignoram que a maioria dos profissionais crê que previsões detalhadas são impossíveis e já deixaram de tentar fazê-las. Um artigo escrito por quatro eminentes especialistas, e publicado em 1997 na revista americana

Science, afirma sua tese de maneira sucinta no título "Não há como prever terremotos". Citava com aprovação as declarações feitas em 1977 por Richter, que desenvolveu a escala de magnitude que leva o seu nome, em que ele repudiava a previsão de terremotos como "um divertido território de caça para amadores, loucos e impostores em busca de publicidade". Em vez de prever terremotos específicos, eles vêem o papel da sismologia como uma contribuição à "mitigação dos riscos dos terremotos".

> Estimativas estatísticas da sismicidade esperada numa região geral, numa escala temporal de 30 a 100 anos, e estimativas estatísticas do forte deslocamento esperado são dados importantes para a projeção de estruturas resistentes a terremotos. A rápida determinação de parâmetros de fontes (tais como localização e magnitude) pode facilitar o socorro após grandes terremotos.[6]

Esses são, de fato, papéis importantes a serem desempenhados pela sismologia. Mas ao mesmo tempo em que essa atitude prudente dos sismólogos evita que cometam erros diante do público divulgando alarmes falsos, ela serve de justificativa para a persistente negligência da pesquisa sobre os alertas que os animais podem dar.

Por outro lado, na China, nos anos 70, os sismólogos até mesmo encorajavam as pessoas leigas a observarem e notificarem possíveis presságios que, de acordo com as antiqüíssimas tradições chinesas, deveriam anunciar a chegada de terremotos catastróficos.

Em junho de 1974, a Agência Chinesa de Sismologia divulgou um boletim avisando que um grande terremoto deveria ser esperado na província de Liaoning nos próximos anos, com base em análises históricas e medições geológicas. Como conse-

qüência, a rede de observação científica foi expandida e grupos de observadores amadores se organizaram em fábricas, escolas e comunas agrícolas. Mais de 100 mil pessoas foram treinadas para observar comportamentos fora do comum por parte de animais e mudanças no nível e na turbidez das águas em poços, além de barulhos estranhos e relâmpagos pouco usuais.

Em meados de dezembro de 1974, as cobras começaram a sair da hibernação, arrastaram-se para fora de suas tocas e congelaram até a morte em superfícies cobertas de neve. Os ratos apareciam a céu aberto, em imensos grupos, e muitas vezes pareciam tão confusos que podiam ser pegos com as mãos; o gado e as aves estavam estranhamente agitados; e as águas das fontes ficaram turvas. Houve um pequeno terremoto no dia 22 de dezembro mas durante todo o mês de janeiro de 1975 continuaram os relatos de comportamento pouco comum entre os animais, com mais de 20 espécies demonstrando grande sinal de medo. Foram traçados planos para a evacuação de Haicheng, cidade de meio milhão de habitantes. No início de fevereiro, o número de relatos aumentou de forma exorbitante, com gado, cavalos e porcos mostrando sinais de pânico.

> Os gansos chocavam-se contra árvores, os cães latiam como loucos, os porcos mordiam-se uns aos outros ou cavavam a terra debaixo das cercas dos chiqueiros, as galinhas recusavam-se a entrar nos galinheiros, o gado arrancava o cabresto e fugia e os ratos apareciam e agiam como bêbados... Anomalias começaram a se espalhar pelo lençol freático.[7]

Na manhã de 4 de fevereiro, decidiram evacuar Haicheng. No mesmo dia, às 19h36, o terremoto previsto finalmente aconteceu com uma intensidade de 7,3 na escala Richter. Mais de metade das construções da cidade foram destruídas. Dezenas

de milhares de pessoas poderiam ter perdido suas vidas se não fosse esse aviso tão oportuno. Mas ainda assim houve vítimas. "A maioria foi de pessoas que não acreditaram o suficiente nas previsões oficiais sobre o terremoto para suportar as temperaturas de fevereiro ao ar livre."[8]

Sismólogos ocidentais ficaram impressionados por algum tempo. A possibilidade da utilização de comportamentos animais anômalos para dar alertas sobre terremotos chegou a ser discutida dentro do Serviço Geológico dos EUA.[9] Mas depois de alguns anos, o ceticismo convencional voltou a predominar e a idéia foi descartada. Não obstante, os chineses continuaram com seu programa de previsão de terremotos. Tiveram alguns fracassos espetaculares, e o mais notável deles foi o terremoto de Tangshan, em 1976, no qual pelo menos 240 mil pessoas morreram. Mas eles continuaram a fazer previsões bem-sucedidas. Por exemplo, em 1995 avisaram as autoridades locais da província de Yunnan um dia antes de um terremoto de grandes proporções ocorrer.[10] No dia 5 de abril de 1997, os sismólogos de Xinjiang previram que um terremoto entre as magnitudes de 5 e 6 aconteceria dentro de uma semana. De acordo com um relatório da *Science*:

> Durante a noite, autoridades evacuaram 150 mil pessoas e as alojaram em barracos e abrigos feitos de tela. Na manhã seguinte, bem cedo, um terremoto de magnitude 6,4 ocorreu e outro de magnitude 6,3 atacou ao meio-dia. Juntos, eles destruíram duas mil casas e danificaram outras 1.500, embora ninguém tenha morrido. Previsões baseadas em informações do mesmo tipo precederam um terremoto de magnitude 6,6 no dia 11 de abril e um de magnitude 6,3 no dia 16 de abril.[11]

Os cientistas de Xinjiang também deram um alarme falso durante este período. Mesmo assim, os chineses têm sido admi-

ravelmente bem-sucedidos, um grande contraste em relação a seus colegas ocidentais que nem sequer tentam. Os chineses continuam a perseguir uma abordagem pragmática, combinando medidas sismológicas e geológicas com observações de poços e nascentes e outros "métodos alternativos" (um eufemismo usado em publicações científicas ocidentais para um comportamento animal incomum). Contudo, os sismólogos chineses são modestos quanto aos seus resultados, e eles mesmos apontam que sua abordagem tem maior êxito quando aplicada a terremotos com movimentos sísmicos prévios, como em Haicheng; eles não foram tão bem-sucedidos com outros tipos de terremotos.[12]

Pesquisas com animais na Califórnia

Que eu saiba, atualmente, nenhuma pesquisa oficial está sendo realizada no Ocidente a respeito da previsão de terremotos por parte dos animais. Estudiosos do comportamento animal ignoram o assunto, assim como os sismólogos, que concentram suas atenções nas medições físicas com instrumentos. Dado o sucesso dos chineses, isso parece ser uma omissão digna de nota.

Meu colega David Jay Brown e eu começamos um programa de pesquisas na Califórnia para aprendermos mais sobre o comportamento extraordinário dos animais tendo dois objetivos em mente.

Em primeiro lugar, queremos poder caracterizar os tipos de comportamento demonstrados por diversos animais para que possamos elaborar uma pauta que permita aos donos de animais de estimação e outros a reconhecerem tal comportamento. Em segundo lugar, gostaríamos de saber a que os animais estão reagindo. Como sabem quando um terremoto está a caminho?

Começamos perguntando às pessoas se notaram qualquer comportamento estranho por parte de animais antes de dois dos terremotos mais destrutivos dos últimos tempos, o Loma Prieta, de 17 de outubro de 1989, que causou grandes danos em Santa Cruz, no vale do Silício e em outras partes do norte da Califórnia, e o terremoto Northridge, de 17 de janeiro de 1994, cujo epicentro foi no vale de San Fernando, nos arredores de Los Angeles.

Em ambas as áreas, muitas pessoas realmente notaram comportamentos estranhos e aparentemente inexplicáveis tanto nos animais domésticos quanto nos selvagens. Eis aqui um exemplo:

> Minha cocker spaniel andava muito assustada. Os olhos viviam arregalados e ela corria em círculos como louca, de um lado para outro, de um lado para outro. Ela se aproximava de mim e se afastava, se aproximava de mim e se afastava outra vez como se quisesse dizer: "Você tem de sair daqui também." Eu pensei: "Essa cachorra enlouqueceu" e fiquei muito zangada. Mais ou menos uma hora depois, aconteceu o terremoto. (Renata McKinstry, San José, Califórnia)

A maioria dos relatos que recebemos fala de cães e gatos, o que talvez reflita, simplesmente, o fato de serem os animais domésticos mais comuns. Segundo contam, os cachorros latiam sem motivo aparente, rosnavam, uivavam, ganiam, corriam em círculos, se escondiam ou mostravam sinais de nervosismo, inquietação e agitação. Os gatos pareciam nervosos ou perturbados e muitos correram para fora ou se esconderam. Mas outros animais reagiram, também. Os pássaros engaiolados ficaram inquietos. Os cavalos corriam de maneira incomum, os bodes ficaram agitados e algumas galinhas pararam de botar ovos. E algumas pessoas notaram que, um pouco antes de os terremotos

ocorrerem, fez-se um estranho silêncio, quando os pássaros silvestres e os grilos pararam de cantar.

Até mesmo as casuares reagiram. Esse pássaro gigante, parente do avestruz, tem o hábito de seguir cercas. Na sua Austrália natal, muitas vezes elas eram chamadas de "pássaros que procuram cercas" porque até mesmo soltas em imensas extensões de terra procuram cercas para seguir. Na fazenda de criação de casuar de Sandy Scott, em Auburn, Washington, os pássaros normalmente caminham ao lado da cerca e vão dormir em seus abrigos uma meia hora antes de escurecer. Mas em duas noites em especial, seu comportamento foi diferente: "Elas ficavam correndo ao longo da cerca, para cima e para baixo. E quando começou a escurecer e elas foram se deitar, deitaram-se do lado de fora dos abrigos, em vez de dentro." Em ambas as ocasiões, houve um terremoto durante a noite, muitas horas depois de as casuares começaram a se comportar de maneira incomum.

Embora muitos animais tenham ficado agitados antes de terremotos, também houve vários que não ficaram. Susan Gray, por exemplo, moradora de Reseda, perto de Northridge, comentou: "Os gatos ficaram tão surpresos quanto nós. Era de manhãzinha, muito cedo, e os dois estavam no quarto conosco. Percorreram o corredor e saíram pela portinhola segundos depois do início do terremoto." Esses gatos, como muitos outros gatos, ficaram apavorados e passaram dias sem querer voltar para casa. Quando voltaram, ambos escolheram um ponto para o qual correr e onde esperaram o final de cada terremoto subseqüente.

> Lessa, minha gata malhada, é a que me segue pelos cantos, então é nela que eu presto mais atenção. Ela escolheu uma poltrona no meu quarto, que tem uma barra de fazenda que desce até o chão, e ela corria para se esconder ali embaixo a cada sismo secundário. Mas algumas vezes eu me levan-

tava pela manhã e Lessa — sem o menor motivo aparente — corria para debaixo daquela cadeira e no máximo três horas depois ocorria um sismo secundário.

Susan Gray, como muitos outros donos de gatos do vale de San Fernando, notou que após o grande terremoto seus gatos ficaram sobressaltados e se assustavam com facilidade. "Se você se movesse rápido demais, eles se viravam, assustados, ou corriam na direção de seu esconderijo." O medo provocado pelo terremoto parece tê-los deixado mais sensíveis. Talvez uma sensibilidade parecida tenha ocorrido com os animais na China quando os terremotos maiores eram precedidos de abalos sísmicos menores e era em situações assim que os alertas dados pelos animais eram mais eficazes. Ainda assim, não era sempre que os gatos de Susan Gray estavam certos: "Algumas vezes, eles ficavam sobressaltados por algumas horas e nada acontecia. Mas era muito mais freqüente haver um terremoto quando eles agiam daquele jeito do que o contrário."

Em alguns casos, as reações de medo e de agitação demonstradas por animais antes dos terremotos Loma Prieta e Northridge começavam com vários dias de antecedência. Em outros, era uma questão de horas; em outros ainda, de segundos. David Brown e eu estamos criando um banco de dados com tais relatos e esperamos construir um perfil dos tipos de reações demonstradas pelos animais, a duração dessas reações e as condições que os afetaram. Também estamos interessados em descobrir se eles reagem a alguns tipos de terremotos mais do que a outros.

Não são apenas os animais não-humanos que reagem antes dos tremores — algumas pessoas também o fazem, descrevendo sintomas como agitação, dores de cabeça e nervosismo sem o menor motivo aparente. Alguns afirmam acordar poucos instantes antes do terremoto, outros sofrem de uma inexplicável

insônia. Alguns descobriram ser especialmente sensíveis a sismos secundários, como Barry Cane: "Era freqüente eu sentir a chegada de um sismo secundário. Era como se fosse uma mudança no ar. Não sei quais seriam as melhores palavras para descrever isso, mas eu dizia: 'Xi! Lá vamos nós.' E de um a cinco minutos depois — bum — lá vinha ele."

Um sistema de alerta baseado nos animais

Imagine o que aconteceria se, em vez de serem ignorados, os alertas dados pelos animais — e pelas pessoas — fossem levados a sério na Califórnia e em outras partes do mundo ocidental.

Milhões de donos de animais domésticos poderiam ser informados sobre os tipos de comportamentos que seus animais domésticos e outros animais podem exibir na iminência de um terremoto. Se notassem algum sinal, telefonariam para um serviço de ligação gratuita que teria um número bem fácil de decorar. Ou poderiam enviar uma mensagem pela Internet. Um sistema de computadores analisaria, então, o local de origem da chamada. Não há dúvida de que haveria uma torrente de alarmes falsos por parte de pessoas que compreenderam mal os sintomas de seus animais — talvez o animal estivesse apenas doente, por exemplo — e também poderia haver alguns trotes. Mas se, de repente, houvesse uma onda de telefonemas da mesma região, isso poderia indicar a iminência de um terremoto naquele local. Seria importante verificar se a onda de ligações não encontrava causa em outros fatores que, notadamente, afetam o comportamento dos animais, tais como mudanças bruscas do tempo, fogos de artifício, incêndios ou um fluxo muito grande de predadores.

De início, o sistema teria de ser usado, apenas, para fins de pesquisa, para sabermos se é razoavelmente confiável. Não seria

apropriado divulgar qualquer alerta até isso ser confirmado. Alarmes falsos poderiam causar pânico e transtornos e fariam a pesquisa retroceder anos. De maneira ideal, os relatórios de comportamento animal incomum seriam combinados com o monitoramento de outros precursores de terremotos, incluindo medições sismológicas, como na China.

Também já há alguma indicação, pelas pesquisas realizadas na Califórnia, de que um sistema do gênero poderia funcionar. No final dos anos 70, após o sucesso das previsões chinesas para o terremoto de Haicheng, o Serviço Geológico dos EUA fundou um projeto piloto cuja base era o Instituto de Pesquisa de Stanford. Os coordenadores, Leon Otis e William Kautz, recrutaram 1.200 observadores voluntários localizados em partes da Califórnia propensas a terremotos e que recorriam a um telefone de ligação gratuita quando observavam "comportamento pouco usual por parte dos animais e cuja causa não é observável e óbvia de maneira instantânea".

Esse projeto durou de 1979 a 1981. Durante o período, não houve terremotos de magnitude superior a 5 nas áreas sob observação. Ao todo, 13 terremotos de magnitudes entre 4 e 5 seriam candidatos apropriados para análise, embora nenhum deles tenha ocorrido em áreas onde os observadores estavam concentrados. Do ponto de vista estatístico, sete desses terremotos foram precedidos por um número significativo de ligações com relatos de comportamento pouco usual por parte dos animais.[13] Em alguns casos, as estatísticas eram, de fato, muito impressionantes.[14] Então o financiamento foi interrompido e não foram realizadas mais pesquisas.

Em vez de meros 1.200 observadores, milhões poderiam ser recrutados, e uma avaliação muito mais detalhada do potencial do alerta dado por animais poderia ser feita. Os proprietários de

animais de estimação poderiam ter um papel vital nesse processo, em especial a população da terceira idade, que tem mais tempo e oportunidade de observar seus bichos do que as pessoas que passam o dia todo fora de casa.

Como é que eles sabem?

Com exceção de algumas experiências recentes realizadas no Japão, não sei de lugar algum do mundo que esteja realizando pesquisas sobre a forma como os animais intuem um terremoto iminente. Mas existem diversas teorias possíveis, a saber:

1. Eles captam sutilezas sonoras, vibrações ou os movimentos da terra.

   Essa teoria apresenta diversos problemas. Em primeiro lugar, alguns dos tipos de animais que parecem reagir de antemão a terremotos não têm a audição mais apurada do que a nossa.[15] Em segundo lugar, pequenos tremores de terra e terremotos de proporções menores são comuns em regiões de grande atividade sísmica. Por exemplo, em 1980, houve 350 terremotos (excluindo os sismos secundários) de magnitude igual ou inferior a 3 na Califórnia.[16] Se os animais fossem tão sensíveis assim a vibrações fracas, dariam alarmes falsos com freqüência. Eles também deveriam reagir com medo e pânico às vibrações causadas pela passagem de caminhões ou outros tipos de maquinários pesados. E, em terceiro lugar, se tantas espécies de animais podem captar vibrações características antes de inúmeros terremotos grandes, então os sismólogos também deveriam captá-las com seus sensibilíssimos instrumentos. Mas, apesar dos anos de intensa pesquisa, ainda não conseguiram fazê-lo.

2. Os animais reagem aos gases liberados pela terra antes de um terremoto.

Muito embora algumas espécies como os cachorros sejam muito mais sensíveis a odores do que nós, outras, como as aves canoras, são menos sensíveis. Parece não haver a menor correlação entre o olfato dos animais e sua sensibilidade a terremotos. Também não há o menor indício de que os terremotos sejam, normalmente, precedidos pelo escapamento de gases característicos da terra. E se tais gases são liberados através das minúsculas rachaduras na superfície da terra antes dos terremotos, então por que os animais não reagem com medo e pânico quando as pessoas cavam buracos ou minas, ou até mesmo quando os próprios animais fazem suas tocas?

3. Os animais reagem às mudanças elétricas que precedem um terremoto.

Essa teoria é bem mais plausível do que as duas anteriores. Há indícios de que alguns terremotos são, de fato, precedidos por mudanças nos campos eletrostáticos que, provavelmente, têm origem nas mudanças da tensão sísmica das pedras. Sabe-se que em alguns cristais e pedras, mudanças de pressão geram cargas elétricas (o efeito piezelétrico) e que tais efeitos elétricos antes de terremotos poderiam não só ajudar a explicar as reações dos animais como, também, outras anomalias elétricas, tais como interferências nas transmissões de rádio e de TV e estranhas auras e luzes emitidas pela terra (tecnicamente conhecidas como luminescência sismo-atmosférica).[17]

Sismólogos convencionais são céticos com relação a esses precursores elétricos dos terremotos, mas um grupo independente da Grécia, o chamado grupo VAN,

liderado por P. Varotsos, afirma poder prever terremotos com base em sinais geológicos.[18] E na Califórnia, o Time Research Institute, comandado por Marsha Adams, divulga uma série de boletins contendo previsões sobre terremotos com base numa rede de sensores eletromagnéticos, cujos dados são analisados por um programa de computador especializado.[19] Este programa é financiado não só com dinheiro público como, também, com assinaturas particulares (o lema é "Apóie a pesquisa para a previsão de terremotos — seja generoso com uma falha").

Enquanto isso, Motoji Ikeya e seus colegas da Universidade de Osaka, no Japão, recentemente realizaram experiências em laboratório nas quais expuseram uma variedade de animais, incluindo peixes de água doce, bagres, enguias e minhocas, a correntes elétricas de baixa voltagem. Os peixes tiveram reações de pânico e as minhocas saíram da terra em grande número quando as correntes eram descarregadas.[20] Essas descobertas preliminares poderiam ajudar a explicar o comportamento anômalo dos animais que habitam a água e locais úmidos antes de terremotos. Mas o que dizer de cães e de gatos, que ficam dentro de edifícios? Estariam eles reagindo a íons do ar? Muitas perguntas permanecem sem resposta, mas essa é, claramente, uma promissora área de pesquisa.

4. Finalmente, os animais podem de alguma forma "intuir" o que está prestes a acontecer de uma maneira que está além da compreensão científica atual. Em outras palavras, talvez sejam "prescientes", talvez sintam de antemão o que vai acontecer ou, quem sabe, "precognitivos", sabendo de antemão o que vai acontecer.

Essa hipótese seria desnecessária se todos os fatos pudessem ser explicados de maneira satisfatória através de teorias mais convencionais. Muitos cientistas, inclusive eu próprio, prefeririam não ter de considerar a idéia de que as influências funcionam "de trás para a frente", do futuro para o presente. Eu confesso que preferiria deixar essa idéia de lado, a não ser que fosse forçado a levá-la a sério. Atualmente, a teoria da eletricidade me parece promissora o suficiente para justificar a rejeição dessa hipótese mais radical.

O problema é que há outros tipos de premonições animais que não poderiam ser explicadas pela eletricidade, conforme veremos a seguir. Querendo ou não, pressentimentos precognitivos realmente parecem ocorrer. E se ocorrem em outras situações, talvez também desempenhem algum papel nas premonições sobre os terremotos. Mas antes disso, desejo discutir um tipo de apreensão que parece apoiar a teoria elétrica.

Pressentimentos sobre tempestades

Era um lindo dia de verão, com um céu azul límpido. Saí para passear com Rolly, meu pastor alemão. Depois de caminharmos durante uma hora, ele não queria ir adiante. Tentei fazê-lo ir em frente mas nada ajudava. Perguntei-me se haveria algo de errado. Finalmente ele se deitou numa vala. O que mais me restava fazer senão dar as costas e voltar para casa? Meia hora depois, o céu ficou escuro e o primeiro trovão fez-se ouvir a distância. Começamos a caminhar um pouco mais rápido e, quando entramos em casa, começou a cair uma torrencial chuva de granizo. Foi então que me

dei conta de que Rolly devia ter sentido aquilo muito antes. (Louise Forstinger, Graz, Áustria)

Alguns animais ficam apavorados com tempestades e dão sinais de aflição muito antes de seus donos darem-se conta de que há uma tempestade se aproximando. É comum cães e gatos se esconderem. Muitos outros animais tornam-se apreensivos antes de tempestades, incluindo cavalos, periquitos e tartarugas.

Muitos dos relatos que recebi dizem respeito a reações ocorridas de meia a uma hora antes do início de uma tempestade, mas em alguns casos os animais a anteciparam com três horas ou mais de antecedência. As reações de alguns animais antes de tempestades e antes de terremotos são parecidas e um sistema de alerta para este fenômeno, baseado nas reações de animais, precisaria levar esse fato em consideração, senão tempestades iminentes seriam confundidas com terremotos, resultando em alarmes falsos.

É claro que os relâmpagos constituem um fenômeno elétrico e bem poderia ser verdade que algumas, senão todas, das reações antecipatórias dos animais dependem de sua sensibilidade a mudanças elétricas que precedem uma tempestade. Isso apoiaria a teoria elétrica da previsão de terremotos. E talvez alguns animais de audição mais aguçada do que a nossa consigam ouvir trovões quando ainda estão bem distantes. Mas outros tipos de previsões por parte dos animais não podem ser explicadas dessa forma.

Avisos de ataques aéreos

Durante a guerra, quando ocorriam os bombardeios alemães, nós tínhamos uma vira-lata preta que costumava ir para a porta dos fundos e latir, pedindo para sair, e era tiro e queda, dez minutos depois as sirenes soavam

anunciando um ataque aéreo. Nos acostumamos àquele hábito da cadela, de forma que eu saía batendo nas portas, dos dois lados da rua, para avisar do ataque iminente. Ela não errou uma única vez. (Teddy Pugh, Birmingham)

Reuni 22 outros relatos sobre cães que deram alertas a respeito de ataques aéreos antes de as sirenes fazerem soar o alarme oficial. Alguns avisavam os donos com ganidos; alguns latiam; alguns se escondiam e outros conduziam as famílias para abrigos antiaéreos ou porões onde seus membros se refugiavam. Cães ingleses davam alertas sobre ataques aéreos alemães durante a Segunda Guerra Mundial e os cães alemães davam alertas sobre os ataques ingleses.

Segundo contam, alguns cães alertavam seus donos alguns minutos antes de os alarmes soarem; a maioria reagia de 10 a 30 minutos antes; e em três casos os alertas foram dados com mais de uma hora de antecedência.

Uma cachorrinha chamada Dee às vezes ficava encolhida em seu cesto quando o alarme soava e, invariavelmente, nenhum avião passava. Da mesma forma, ela às vezes ficava muito agitada, mesmo quando não havia sirene, e insistia para que todos se refugiassem; e, dito e feito, um ataque inesperado ocorria.[21] Em compensação, algumas famílias podiam voltar para a cama antes de soar o sinal de que tudo voltara ao normal. "A cachorra se levantava de repente, deixava o abrigo e se acomodava em seu cesto com um suspiro aliviado. Cinco minutos depois o toque de fim de ataque aéreo soava."[22]

O relato mais recente que recebi sobre alertas de ataques aéreos dados por cães veio de um *kibutz* de Israel. Durante a Guerra do Golfo, em 1991, quando o alarme de ataque aéreo soava, membros da comunidade refugiavam-se numa sala lacrada que deveria servir de abrigo antiaéreo à prova de gás. "O cachorro era o primeiro a sentir que o alarme ia soar e corria para a sala

lacrada com um minuto ou dois de antecedência. Ele nunca fazia isso quando não havia alarme." (Savyon Liebrecht)

Durante a Segunda Guerra Mundial, os gatos também antecipavam bombardeios, normalmente mostrando sinais de agitação ou escondendo-se. Segundo relatos, alguns davam alertas com mais de uma hora de antecedência. Os pássaros também pareciam saber que as bombas estavam a caminho: as gaivotas levantavam vôo; os faisões machos gritavam; patos e gansos davam o alarme. A seguir, a história de como um papagaio alemão dava o seu aviso:

> No ano de 1943, durante a guerra, fiquei hospedada com conhecidos em Leipzig. Eles tinham um papagaio velho. De repente, por volta das 21h, ele ficou extremamente perturbado dentro da gaiola, levantou a asa esquerda e gritou: "Da oben! Da oben!" ("Lá em cima!") Ele até mesmo olhava para cima e ninguém conseguia fazê-lo se calar. Tal fato me surpreendeu e eu perguntei aos meus anfitriões o que aquilo queria dizer. "Ele sempre faz isso antes de a sirene soar", disse a dona da casa, "normalmente com duas horas de antecedência". Naquela noite, os soldados rasos ingleses realmente chegaram. Destruíram o Palácio de Cristal. (Dagmar Kessel)

Alertas dados por pombos alemães criaram problemas para um infeliz escultor austríaco, Heinz Peteri, preso durante a guerra por pronunciar palavras "nada diplomáticas" e deportado para Bochum, no Ruhr, com a incumbência de retirar o fusível do mecanismo das bombas que não explodiam. Ele vivia num pequeno quarto na torre do prédio de administração da polícia. De sua janela, ele costumava observar os pombos que viviam nos outros telhados da cidade e notou que "os pássaros costumavam voar de repente, todos ao mesmo tempo, e meia hora depois (no

máximo) os bombardeiros chegavam. Depois disso, os pássaros voltavam. Isso se repetia inúmeras vezes". Ele usou esse conhecimento para avisar seus camaradas e superiores de ataques iminentes e suas previsões provaram, repetidamente, serem exatas. Quando a Gestapo soube disso, ele foi preso mais uma vez sob suspeita de ser um espião "em contato com o inimigo".[23]

Como será que todos esses animais sabiam da iminência de um ataque aéreo? A possibilidade mais óbvia é de que eles ouvissem o barulho dos aviões inimigos quando estes ainda se encontravam longe demais para serem captados pelo ouvido humano. Mas alguns instantes de reflexão demonstram que essa não é uma sugestão muito plausível, devido a, pelo menos, quatro motivos. Em primeiro lugar, conforme já vimos (p. 53-54), a audição dos cães e de outros animais domésticos não é muito mais sensível do que a nossa, embora os animais consigam ouvir sons mais agudos do que nós. Os bombardeiros usados na Segunda Guerra Mundial voavam a 400 quilômetros por hora quando carregados; assim, para um animal reagir com uma hora de antecedência, teria de tê-los ouvido a 200 quilômetros de distância. Segundo contam, alguns animais reagiam antes ainda, quando os bombardeiros estariam a mais de 320 quilômetros de distância. Até mesmo os animais que reagiam apenas poucos instantes antes de as sirenes tocarem teriam de ouvir os aviões a mais de 48 quilômetros de distância, partindo do pressuposto que a sirene dava o alerta com mais ou menos cinco minutos de antecedência. É bastante improvável que eles pudessem ouvir o avião inimigo de tão longe.

Em segundo lugar, ouvir sons distantes depende da direção do vento e não há indícios de que os alertas regulares dados por animais ocorriam apenas quando o avião inimigo encontrava-se contra o vento. Em vez disso, os indícios sugerem que os alertas

dados por animais eram extremamente confiáveis e que não dependiam da direção do vento. Além do mais, como os ventos que predominam na Grã-Bretanha são os ventos sudoeste, e os bombardeiros alemães aproximavam-se pelo leste, na grande maioria dos ataques eles não chegariam com o vento soprando contra eles, e, portanto, o som teria sido levado pelo vento e não trazido na direção dos animais que sentiam sua aproximação.

Em terceiro lugar, havia diversas outras aeronaves no céu, incluindo os bombardeiros dos próprios países dirigindo-se ao território do inimigo. Ao que parece, os animais não emitiam sinais de alerta com a aproximação de bombardeiros "amigos". A teoria da audição exigiria que os animais distinguissem os sons dos diversos tipos de bombardeiros a uma enorme distância, independentemente da direção do vento. Não há indícios de que isso seja possível.

Finalmente, durante o último ano da Segunda Guerra Mundial, os alemães estavam disparando mísseis V2 supersônicos na direção de Londres. Estes mísseis eram lançados da Holanda e se deslocavam rumo ao norte a 45°. Seus motores paravam de funcionar após um minuto, mais ou menos, quando eles passavam a seguir um trajeto balístico, atingindo velocidades de até 3.218 quilômetros por hora ao mergulharem do céu, chegando sem serem vistos ou ouvidos. Eles levavam apenas cinco minutos para atingirem seu alvo, na Inglaterra, a 320 quilômetros de distância, carregando uma tonelada de material altamente explosivo.[24] Eram especialmente assustadores porque sua explosão não era precedida de aviso algum e podiam atingir qualquer parte do sudeste da Inglaterra a qualquer hora do dia ou da noite.

O Dr. Roy Willis, que tinha 17 anos à época, morava em Essex, um pouco a leste de Londres.

> Notei que nosso cachorro, um cruzamento de pastor alemão com elkhound, parecia conseguir intuir a chegada de

um míssil V2. O cachorro, chamado Smoke, ia até a janela e olhava fixamente para fora, os pêlos da nuca eriçados, como se estivesse com raiva ou com medo. Após aproximadamente dois minutos, tendo ele permanecido nessa posição de ataque próximo à janela, eu ouvia o míssil explodir.

Pelo menos um outro dono de cachorro teve uma experiência muito parecida, com seu animal reagindo um pouco antes das explosões. Partindo do pressuposto de que esses relatos são confiáveis (do que eu não tenho o menor motivo para duvidar), os cachorros não poderiam ter ouvido a aproximação desses mísseis, por mais aguçada que fosse sua audição, precisamente por serem eles silenciosos e supersônicos.

Se os animais não estavam prevendo um ataque aéreo ouvindo a aproximação de bombardeiros ou de mísseis, como será que sabiam da iminência do ataque?

Nenhuma explicação é possível com base em descargas elétricas da terra e do ar, tais como as que precedem tempestades e as que podem servir de sinal de alerta antes de um terremoto.

A meu ver, apenas duas possibilidades permanecem:

1. A telepatia. Os animais captaram, telepaticamente, as influências de pessoas ou animais que se encontravam na rota dos bombardeiros. Uma onda de alerta e de medo ia se espalhando entre as populações animal e humana com a passagem dos bombardeiros e este alarme se espalhava telepaticamente. O problema é que esse alerta telepático talvez ocorresse em todas as direções, dando, assim, alarmes falsos em locais para onde os aviões não estavam se dirigindo.

   Por outro lado, os animais podem ter captado as intenções hostis da tripulação do bombardeiro alemão

enquanto este se aproximava de seu alvo, com todas as atenções voltadas para o local que planejavam atacar.

É óbvio que essas possibilidades são altamente especulativas e que não há maneira de testá-las, já que, felizmente, não há mais ataques aéreos acontecendo. Embora a telepatia possa explicar alguns dos fatos disponíveis, não pode explicar todos eles. Em especial, não há teoria telepática que explique como um cachorro poderia prever a chegada de um míssil supersônico V2: ninguém conhecia sua trajetória de vôo, pois eles não contavam com pilotos. Nem mesmo os alemães que os disparavam sabiam com exatidão onde eles cairiam.

2. Previsões precognitivas. Talvez os animais tenham, de alguma forma, intuído o que iria acontecer no futuro próximo, ou pelo menos sentiram que *algo* iria acontecer sem saberem o que seria. Essa teoria explicaria os cães que previram os ataques do V2, assim como muitos outros tipos de premonições. Um dos problemas é que se trata de uma teoria muito vaga. Outro é que levanta terríveis questões lógicas e paradoxos mirabolantes, já que sugere que algo no futuro pode ter um efeito temporal de trás para a frente. Há ainda um outro problema de lógica com a precognição. Não é possível saber se a precognição é verdadeira até o acontecimento previsto ter acontecido. A precognição só pode ser identificada como tal em retrospectiva.

Se possível, eu preferiria evitar essa teoria. Acho a telepatia mais fácil de aceitar do que a precognição. E, até hoje, os dois casos V2 são os únicos indícios que necessitam de uma teoria desse tipo. Mas existem outros exemplos de pressentimento, para os quais passarei a

seguir, que fazem com que a idéia de precognição e de pressentimento sejam quase inevitáveis.

Outros tipos de premonições

Assim como todos esses exemplos de alertas dados por animais antes de ataques aéreos e terremotos, recebi outros 98 relatos de comportamento apreensivo demonstrado antes de acidentes, catástrofes ou perigos.

Não é nada incomum cavalos recusarem-se a ir em frente quando há perigo mais adiante, conforme descobriu Franziska Kabusch num inverno nevoso na Áustria, quando se dirigia a um vilarejo vizinho com um cavalo e um trenó.

> Partimos, eu e a égua, mas dez metros depois ela não queria mais ir em frente. Não havia meio de fazê-la ir adiante. Quando eu insisti, ela simplesmente começou a caminhar para trás até que caímos no riacho do vilarejo. Eu fiquei desesperada: como é que aquela égua, normalmente tão afável, podia ser tão teimosa? De repente ouvi um barulho ensurdecedor. Uma imensa avalanche despencou de cima do telhado do celeiro e caiu justo no trecho da estrada que estávamos prestes a pegar.

É possível que a égua tenha se assustado, apenas, com os barulhos característicos que precedem uma avalanche. Podemos evitar a idéia de precognição agarrando-nos a esse último fio de possibilidade.

Recebi dúzias de relatos sobre outros animais que impediram que seus donos fossem adiante quando havia algum perigo iminente. Alguns cães se recusaram a seguir por caminhos sobre os quais galhos ou árvores caíram, bem no local onde a pessoa e o cachorro estariam caminhando. Outros cachorros, cavalos e

gatos atrasaram ou impediram a partida de seus donos a pé ou de carro na direção de acidentes rodoviários que aconteceram logo a seguir e nos quais estes teriam sido feridos ou mortos. Um cachorro recusou-se terminantemente a entrar numa passagem subterrânea, de forma que a pessoa que o acompanhava não teve escolha senão dar meia-volta. "Nós mal tínhamos virado as costas quando ouvi um estrondo e o teto de concreto despencou!" Outro cachorro impediu que seu dono entrasse num barco que explodiu logo a seguir. Outro cachorro, ainda, puxou o dono da beira da estrada instantes antes de um furgão fazer a curva em desabalada carreira e bater exatamente no local onde a pessoa estaria. E assim por diante.

Em alguns desses casos, é apenas possível, embora improvável, que os animais tenham ouvido alguma coisa de diferente que tenha causado seu pânico. Em outros, seria impossível, já que a apreensão do animal teve início muito antes de ele ter podido ouvir qualquer coisa que lhe daria uma pista. Por exemplo, uma mulher que estava dirigindo com o gato na parte de trás do carro, onde ele dormia normalmente, viu o animal ficar cada vez mais agoniado. Ela tentou acalmá-lo mas, por fim, ele tocou o braço da dona e mordeu, de leve, a mão que segurava o volante. "Então, eu finalmente parei. Naquele mesmo instante uma árvore imensa caiu no meio da estrada, alguns metros à nossa frente. Se eu tivesse ido em frente, ela teria caído em cima do carro." (Adele Holzer)

De qualquer forma, alguns dos perigos para os quais os animais alertam as pessoas são silenciosos e a audição não poderia ter desempenhado papel algum na sua apreensão. Um casal austríaco dirigia-se para o local onde passaria as férias numa estrada montanhosa com pedras de um lado e um abismo do outro quando Susi, sua poodle, começou a rosnar.

Ela chegou a colocar as patas nos ombros de meu marido para detê-lo. Eu não conseguia mantê-la calada. Ela começou a se comportar como uma louca. Assustado, meu marido diminuiu a velocidade e, ao fazermos a curva, ficamos chocados: a estrada desaparecera. Havia um precipício apenas alguns metros à nossa frente. Um desmoronamento carregara a estrada. Susi salvou nossas vidas. (Friedel Ehlenbeck)

Na maioria dos casos dos quais tenho conhecimento, o comportamento dos animais ajudou a proteger seus donos do perigo. Mas nem todo mundo prestou atenção aos avisos que eles tentaram dar:

Certa manhã, Toby, meu cachorro, tentou me impedir de sair de casa. Ele correu na minha direção, encostou-se na porta, pulou em cima de mim e me empurrou. Normalmente, é um cachorro silencioso e amável e conhece bem o meu dia-a-dia; eu teria voltado dentro de algumas horas. Precisei trancá-lo na cozinha, onde o deixei aos uivos, algo que eu jamais havia feito e que nunca mais fiz. Saí às 7h30 e às 9h40 tive um tenebroso acidente de trânsito no qual quebrei o pescoço e o braço direito além de sofrer diversos outros ferimentos. No hospital, eu ficava vendo a imagem de Toby, apesar das drogas, e podia sentir a sua angústia. Mentalmente, eu disse a ele: "Está tudo bem, eu logo, logo vou estar em casa", e a imagem desapareceu. Quando comentei o fato com meu marido, ele contou que Toby passara 24 horas extremamente agitado, mas que se aquietara de repente. Estou me recuperando lentamente. No futuro, darei ouvidos a Toby. (Elizabeth Powell, Powys, País de Gales)

Algumas vezes as reações do animal não são alertas específicos sobre os quais a pessoa poderia agir, embora pareçam

ser pressentimentos de que algo de assustador está prestes a acontecer. Em 1992, Natalie Polinario estava vivendo no norte de Londres, perto de Staples Corner, onde os terroristas do IRA detonaram uma poderosa bomba no dia 11 de abril. Sua pastora alemã branca, Foxy, estava do lado de fora, no jardim.

> Eu estava deitada assistindo à TV. Um ou dois minutos antes de a bomba explodir ela entrou correndo, literalmente chorando, num estado de espírito dos mais estranhos. Subiu na cama e deitou-se ao meu lado, rija, como se algo a tivesse assustado, mas não havia nada de mais lá fora. Então eu ouvi uma explosão assustadora, que foi a bomba de Staples Corner. Logo depois da explosão, ela voltou ao normal. Ela nunca mais fez nada de parecido, e nunca havia feito antes.

É difícil evitar a conclusão de que alguns desses pressentimentos tenham sido, de fato, precognitivos. Que outra explicação poderia haver? E se os pressentimentos de desastres, de acidentes e de ataques aéreos podem ser precognitivos, então algumas premonições relacionadas a tempestades e terremotos também podem, embora outros possam encontrar explicação na sensibilidade a mudanças elétricas ou outras causas físicas. Talvez algumas das advertências de crises epiléticas, comas e mortes súbitas discutidas no capítulo anterior também incluam algum elemento de precognição.

A precognição humana

Em todo o mundo, existe a crença na capacidade de algumas pessoas poderem prever o futuro. Xamãs, videntes, profetas, oráculos ou adivinhos são encontrados, senão em todas, na maioria das sociedades tradicionais e até mesmo nas sociedades industriais modernas cartomantes e médiuns ainda se multipli-

cam. Não há dúvida de que alguns são fraudes. Mas há um número grande demais de exemplos convincentes de premonição para que rejeitemos toda essa área da experiência humana.

Muitas pessoas que não são videntes profissionais tiveram premonições que acabaram provando-se verdadeiras e há muitas histórias de pessoas cujas vidas foram salvas por sonhos, pressentimentos ou presságios que as levaram a não embarcar em aviões que colidiram ou a não ir a um local onde teriam sido expostos a perigos graves, embora inesperados. Algumas vezes elas não agem ou não podem agir de acordo com essas premonições, ou por estas não serem específicas o suficiente ou porque as pessoas não as levam a sério. Mas algumas as levam.

Essas reações variadas foram ilustradas de forma dramática antes do assassinato do presidente Abraham Lincoln, em 1865. Uma semana antes de ser assassinado com um tiro no Ford Theater, em Washington, ele disse à esposa e ao amigo Ward H. Lamon que tivera um sonho no qual ouvia choro na Casa Branca. Ansioso por descobrir a causa, ele foi de cômodo em cômodo até que, ao chegar ao Salão Leste, com "chocante surpresa" viu um catafalco sobre o qual se encontrava um cadáver trajando vestimentas de enterro, vigiado por soldados e cercado por uma multidão em luto. Como o rosto do cadáver estivesse coberto, ele perguntou de quem se tratava. "O presidente", lhe disseram, que foi assassinado.[25]

Menos conhecido é o fato de que o general Ulysses S. Grant e sua esposa, Julia, deveriam ter acompanhado o presidente ao Ford Theater e sentado em seu camarote. Naquela manhã a Sra. Grant intuiu, com grande senso de urgência, que ela, o marido e o filho deveriam deixar Washington e retornar à sua casa em Nova Jérsei. O general não podia partir porque tinha compromissos durante todo o dia, mas a urgência da Sra. Grant foi

aumentando e ela mandou diversos recados para ele, implorando-lhe para que fossem embora. A insistência dela foi tanta que ele acabou concordando, embora devessem acompanhar o presidente ao teatro. Ao chegarem à Filadélfia, receberam a notícia do assassinato e, mais tarde, ficaram sabendo que constavam da lista de vítimas do assassino.[26]

É claro que nem todas as precognições são tão dramáticas como essas e não envolvem, necessariamente, perigos. Muitas passam despercebidas, especialmente quando ocorrem em sonhos. Sonhos precognitivos são surpreendentemente comuns. Um clássico sobre o assunto, o livro *An Experiment With Time* [Uma experiência com o tempo], escrito pelo engenheiro inglês J.W. Dunne, contém instruções simples que permitem que os leitores investiguem seus próprios sonhos.[27]

Há, também, indícios impressionantes de pressentimentos testados em laboratório por parapsicólogos, incluindo alguns estudos fascinantes realizados na Universidade de Nevada por Dean Radin. Nessas experiências, uma série de imagens era mostrada às pessoas em telas de computador, a maioria das quais tinha efeito calmante, tais como paisagens, cenas de natureza e pessoas alegres. Mas algumas eram emocionalmente provocantes, incluindo fotografias pornográficas e fotos de cadáveres. A cada experiência, a tela do computador começava vazia. Então uma dessas imagens, calmante ou provocante, aparecia na tela por três segundos. A tela, então, ficava vazia outra vez. A seqüência na qual as fotos eram mostradas eram escolhidas aleatoriamente pelo próprio computador. Enquanto os testes eram realizados, a pressão arterial do participante, a resistência da pele e o volume do sangue nas pontas dos dedos eram monitorados. Tudo isso mudava quando as pessoas eram emocionalmente provocadas, proporcionando uma medição objetiva de suas reações.

Não é surpresa alguma haver mudanças dramáticas em todas essas medições de excitação após as imagens "emotivas" serem mostradas e que essas mudanças todas não tenham ocorrido com as imagens calmas. Notável mesmo é o fato de a excitação ter começado *antes* das imagens "emotivas" aparecerem na tela, muito embora ninguém pudesse saber, por vias normais, que seriam elas as próximas a aparecer. Essa previsão começava aproximadamente quatro segundos antes de as imagens emotivas aparecerem. Estatisticamente falando, esses resultados são altamente significativos e foram repetidos, em uma experiência independente, num laboratório da Holanda.[28]

Essas experiências notáveis parecem demonstrar que, até mesmo sob as condições de um laboratório, pode haver pressentimentos de que algo de emocionalmente provocante está prestes a ocorrer, embora isso não pudesse ser sabido por vias "normais".

Acredito que nos encontremos no limiar de uma nova fase para a ciência, fase esta da qual esse tipo de pesquisa é apenas um exemplo. Investigações amplas que lidem com experiências humanas espontâneas, complementadas por pesquisas realizadas em laboratório, podem aprofundar nossa compreensão da natureza humana. Pesquisas adicionais sobre os poderes inexplicáveis dos animais não-humanos podem nos ajudar a posicionar essa compreensão num contexto biológico e evolucionário mais amplo. E as precognições podem nos dizer algo de grande importância não apenas sobre a natureza da vida e da mente como, também, sobre a natureza do tempo.

PARTE VII

Conclusões

16

Poderes animais e a mente humana

As perceptibilidades animal e humana

Muitos cães, gatos e outros animais de estimação podem captar as intenções de seres humanos a quilômetros de distância. Eles podem encontrar o caminho de casa através de território desconhecido sem o auxílio de mapas ou dispositivos artificiais. Podem ter pressentimentos de terremotos e proporcionar alertas, muito embora a maioria dos seres humanos nada sinta e não tenha a menor idéia de que um terremoto está prestes a ocorrer.

É claro que nem todos os animais são igualmente perceptivos e algumas espécies o são mais do que outras. Da mesma forma que as espécies variam com relação ao olfato e a outras capacidades sensoriais, elas diferem em termos de percepção telepática, de senso de direção e na sua capacidade de sentir a iminência do perigo.

A maior parte dos tipos de perceptibilidade encontradas nos animais também ocorre nos seres humanos modernos, embora em grau menor. Por que será que somos tão insensíveis? Porque somos humanos? Talvez nossa sensibilidade tenha diminuído ao

longo de dezenas de milhares de anos, à medida que nossos cérebros evoluíam. Ou talvez a evolução da linguagem tenha levado a um declínio em nossa capacidade de nos comunicarmos telepaticamente ou de termos pressentimentos ou de nos orientarmos em lugares desconhecidos. Se for o caso, já que todas as culturas humanas possuem uma língua, seria de se esperar que os seres humanos de todas as partes do mundo fossem menos perceptivos com relação a esses aspectos do que animais como cães e lobos.

Mas talvez essa diminuição de sensibilidade não seja tanto uma característica do fato de sermos humanos ou de usarmos linguagem e sim um fenômeno mais recente, um resultado da civilização, da capacidade de lermos e de escrevermos, das atitudes mecanicistas ou de dependermos da tecnologia. Parece haver pouca dúvida de que os povos de comunidades tradicionais, não-industriais, eram com freqüência mais perceptivos do que pessoas instruídas de sociedades industriais modernas.

Muitos exploradores e viajantes relataram que a comunicação telepática e o senso de direção eram bem desenvolvidos em sociedades como a dos aborígines da Austrália, ou as tribos do Kalahari.[1] Nas sociedades rurais da Europa, formas de perceptibilidade inexplicadas eram, de um modo geral, reconhecidas, tal como a "segunda visão" dos habitantes das montanhas escocesas[2] e a capacidade dos habitantes da Noruega rural de preverem chegadas ouvindo o *vardøger* de uma pessoa a caminho de casa (p. 126-127). Ainda hoje, em civilizações não-ocidentais como a Índia, esses tipos de perceptibilidades não são questionadas.

Mesmo nas sociedades modernas, pode haver diferenças de perceptibilidade entre tipos diferentes de pessoas: em média, as crianças podem ser mais sensíveis a influências telepáticas do que os adultos, e as mulheres mais do que os homens.[3] Por outro lado,

os homens são mais sensíveis do que as mulheres com relação ao senso de direção.[4]

Quer os povos de sociedades tradicionais sejam ou não menos perceptivos do que os animais, as perceptibilidades humana e não-humana não existem de forma isolada uma da outra. Pessoas e animais domésticos vivem lado a lado há milhares de anos. As pessoas dependiam dos alertas dados pelos cães antes mesmo da invenção da agricultura. E mesmo antes da domesticação do cachorro, inúmeras gerações de nossos ancestrais coletores e caçadores sobreviviam porque prestavam enorme atenção ao comportamento de animais selvagens.

Uma simbiose desenvolveu-se entre as perceptibilidades de seres humanos e de animais, e os nossos ancestrais talvez tenham compensado qualquer deficiência em sua própria sensibilidade confiando na dos animais à sua volta. Ainda hoje podemos fazê-lo.

A perceptibilidade animal e a pesquisa de fenômenos psíquicos

Curiosamente, a inexplicável perceptibilidade dos animais foi ignorada não só por cientistas influentes como, também, por pesquisadores da área de fenômenos psíquicos e por parapsicólogos.[5] Por quê?

O principal motivo parece ser histórico. A investigação científica da telepatia e de outros fenômenos psíquicos começou ao final do século XIX, com o desejo dos pioneiros da pesquisa psíquica de investigarem, cientificamente, a questão da sobrevivência consciente à morte corporal. A telepatia era de grande interesse por ajudar a esclarecer a natureza da alma humana. Nesse contexto, os fenômenos psíquicos eram vistos como sendo peculiarmente humanos, em vez de parte de nossa herança biológica.

A Sociedade para Pesquisas Psíquicas foi fundada na Inglaterra em 1882 "para examinar, sem preconceitos ou simpatias, dentro de um espírito científico, as faculdades do homem, reais ou supostas, que parecem ser inexplicáveis sob a ótica de qualquer hipótese já reconhecida". Não há nada aqui que negue a existência de tais faculdades em animais não-humanos. Mas o enfoque é, explicitamente, sobre "as faculdades do homem". O mesmo antropocentrismo caracteriza a parapsicologia.

A pesquisa psíquica e a parapsicologia são comumente tratadas como algo de pouca importância ou, no máximo, de importância marginal pelos círculos mais influentes da ciência. A coisa muda de figura radicalmente se a telepatia e outras faculdades inexplicáveis são vistas como não sendo especificamente humanas, e sim parte de nossa natureza biológica. Então podemos reconhecer que a telepatia humana encontra raízes nos laços que coordenam membros de sociedades animais. O senso de direção humano é derivado da capacidade dos animais de encontrar o caminho de casa após saírem à procura de comida e de explorarem seus arredores. A premonição humana está intimamente relacionada aos pressentimentos de muitas outras espécies. As pesquisas psíquicas e a parapsicologia podem, enfim, estar ligadas à biologia e os fenômenos que estudam podem ser vistos de uma perspectiva evolucionária.

O poder da intenção

As intenções humanas podem ter efeito a distância de várias formas: um cachorro pode captar a intenção do dono de voltar para casa estando a muitos quilômetros deste; um gato pode responder ao chamado silencioso de seu dono; e uma pessoa pode sentir a intenção de outra de lhe telefonar. Da mesma forma, as

intenções dos animais podem afetar as pessoas às quais são mais ligados, como no caso de gatos aflitos que chamam o dono para vir em seu socorro. As intenções dos animais também podem afetar outros animais. Todos esses tipos de intenções podem funcionar telepaticamente através dos campos mórficos.

Mas o que dizer se as intenções de um animal estiverem direcionadas para um objeto inanimado em vez de um integrante de seu grupo social? Se as suas intenções puderem influenciar esse objeto a distância, sem qualquer forma de contato físico conhecido, isso seria um exemplo de *psicocinesia*, o nome dado pelos parapsicólogos à ação da mente sobre a matéria.

Em algumas experiências surpreendentes realizadas com pintinhos, o pesquisador francês René Peoc'h demonstrou tal efeito. Suas experiências envolviam pintinhos que formaram laços afetivos com uma máquina em vez da mãe.

Pintinhos recém-saídos do ovo, assim como patos e gansos recém-nascidos, seguem o primeiro objeto em movimento que encontram e o seguem por todos os lados, o que é o chamado processo de *imprinting*. Em circunstâncias normais, esse instinto os leva a forjar um elo com a mãe, mas se os ovos forem chocados por uma incubadeira e as jovens aves logo encontrarem uma pessoa pela frente, é a ela que eles seguirão. Em experiências de laboratório eles podem ser induzidos, até mesmo, a fazer o *imprint* com balões em movimento ou outros objetos inanimados.

Em suas experiências, Peoc'h usou um pequeno robô que se deslocava sobre rodas numa série de direções aleatórias. Ao final de cada movimento ele parava, girava num ângulo selecionado a esmo e seguia em linha reta por um período também aleatório antes de parar e girar outra vez, e assim por diante. Esses movimentos aleatórios eram determinados por um gerador aleatório de números encontrado em seu interior. O trajeto feito por

ele era registrado. Em experiências de controle, ficou constatado que seus movimentos eram, de fato, aleatórios.

Peoc'h expôs os pintinhos recém-nascidos a esse robô e seu *imprint* deu-se com a máquina, como se esta fosse sua mãe. Conseqüentemente, eles queriam segui-lo por todos os lados, mas Peoc'h impediu-os de fazê-lo colocando-os numa gaiola de onde podiam observar o robô. Uma vez que não podiam ir em sua direção, os pintinhos fizeram com que o robô viesse na sua (Figura 16.1). O desejo de estarem perto do robô influenciou o gerador aleatório de números de alguma forma, de maneira que o robô ficou perto da gaiola.[6]

Pintinhos cujo *imprint* não foi feito com o robô não tiveram tal efeito sobre seus movimentos.

Em outras experiências, Peoc'h manteve pintinhos que não passaram pelo *imprint* no escuro. Ele colocou uma vela acesa em cima do robô e pôs os pintinhos numa gaiola de onde poderiam vê-lo. Os pintinhos preferem ter luz durante o dia e, assim, "puxaram" o robô para si para que pudessem ter mais luz.[7]

Peoc'h também realizou experiências nas quais coelhos eram colocados numa gaiola de onde podiam ver o robô. De início, tiveram medo dele e o robô deslocou-se para longe; eles o repeliram. Mas os coelhos, expostos ao robô diariamente durante várias semanas, deixaram de sentir medo e passaram a atraí-lo para si.[8]

Assim, o desejo ou o medo desses animais influenciou eventos aleatórios a distância de forma a atrair ou repelir o robô. Isso obviamente não seria possível se os desejos e medos dos animais ficassem confinados ao interior de seus cérebros. Em vez disso, suas intenções estenderam-se de forma a afetar o comportamento da máquina.

Interpreto essa influência com base em um campo mórfico que se projeta na direção do foco de sua atenção, ligando os

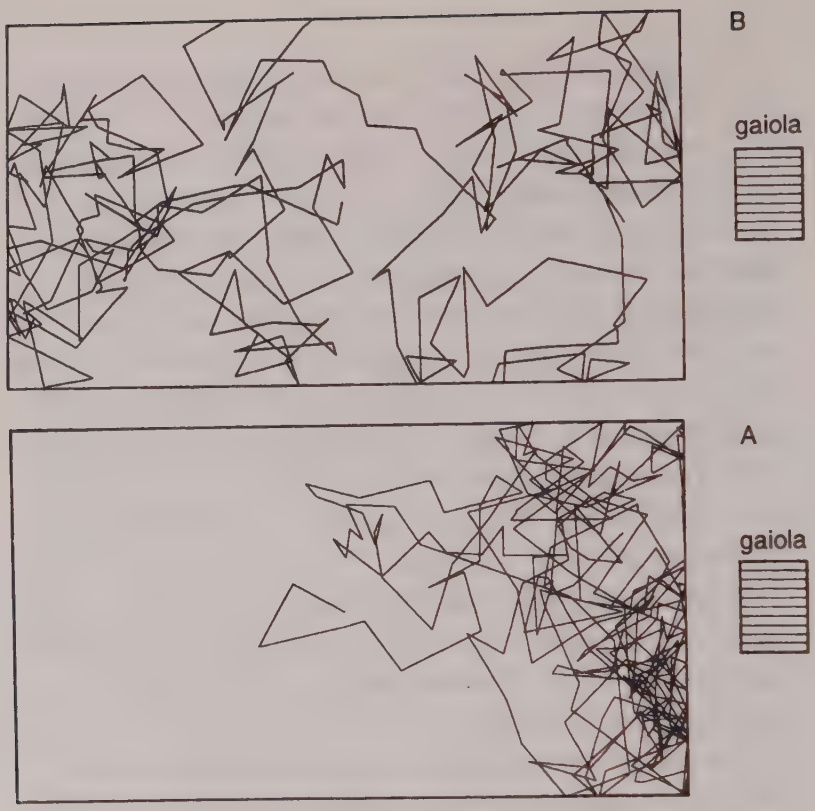


Figura 16.1 O trajeto do robô durante as experiências de René Peoc'h. A: Uma experiência de controle na qual a gaiola estava vazia. B: Uma experiência na qual os pintinhos de um dia de idade, cujo *imprint* foi feito com o robô, foram mantidos na mesma gaiola (reprodução por cortesia de René Peoc'h).

animais a este. Da mesma forma que um campo de intenção pode afetar pessoas ou animais a distância, ele também pode afetar um sistema físico. Em um caso, a intenção tem efeito a distância, mediada por campos, sobre cérebros. No outro caso, a intenção tem efeito, mediada por campos, sobre eventos aleatórios que ocorrem dentro de máquinas.

Ao que sei, ninguém repetiu as experiências de Peoc'h. É possível que elas contenham alguma falha técnica ainda não

detectada. Mas se elas forem confiáveis e passíveis de serem repetidas, então são, de fato, muito importantes. Se eu fosse empresário, eu proporia a Peoc'h produzir esse robô em massa e o distribuiria para lojas de brinquedos e empresas de equipamentos científicos. Seria fascinante poder realizar essas experiências em casa ou em escolas, além de laboratórios de pesquisa, testando a capacidade de animais e de pessoas de influenciarem a atividade do robô, usando a vontade própria para movê-lo de uma forma ou de outra. Seria até mesmo possível realizar concursos de psicocinesia nos quais um concorrente ou um time usa a vontade para mover o robô numa dada direção enquanto o outro usa a sua vontade para movê-lo na direção oposta: uma batalha de vontades em forma de jogo.

Já existem bons indícios, através de experiências realizadas em Princeton e em outras universidades, de que as pessoas podem de fato fazer a mente se sobrepor à matéria a distância, sobre geradores aleatórios de eventos ligados a computadores. Esses dispositivos produzem o equivalente a um "cara ou coroa" eletrônico, em seqüência aleatória, como se usasse uma moeda. Pede-se aos participantes que tentem influenciar o sistema de forma que, durante um período específico, haja mais "caras" do que "coroas" ou mais "coroas" do que "caras". Essas experiências produziram resultados positivos altamente significativos e passíveis de repetição. As pessoas realmente conseguem influenciar eventos a distância de acordo com sua intenção, e algumas pessoas são melhores nisso do que outras.[9]

As experiências pioneiras de Peoc'h sugerem que os animais, tanto domésticos quanto selvagens, podem, de fato, influenciar o que acontece à sua volta através de seus medos e desejos. Mas ninguém sabe a dimensão do poder da intenção de um animal. Nem tampouco sabemos a dimensão do poder de nossa própria intenção.[10]

A sensação de que estão nos olhando

As intenções que se estendem além de nosso cérebro também podem nos dar a sensação de que estão nos olhando.

Muitos donos de animais de estimação me contaram que podem atrair a atenção de seu animal só de olhar para ele. Se ele estiver dormindo, podem até mesmo acordá-lo com o olhar. Alguns também contam que sentem quando o animal os está encarando. Uma pesquisa recente, realizada nos Estados Unidos, demonstrou que essa experiência é bastante comum tanto entre adultos quanto entre crianças, com mais de um terço afirmando sentir o olhar de um animal e mais da metade dizendo que seus animais sentiam que olhavam para eles.[11]

Mas esse fenômeno não está restrito a olhares entre seres humanos e animais. Em certas ocasiões, a maioria das pessoas já sentiu o olhar de alguém pelas costas e a maioria já constatou que olhou para alguém por trás e que esta pessoa se virou. Pesquisas demonstram que entre 75% e 97% dos americanos e europeus afirmam já ter sentido que alguém atrás deles os olhava.[12]

Em todo o mundo, há muito folclore em torno do poder do olhar. Do lado positivo, na Índia, as pessoas viajam centenas de quilômetros para receber a bênção dada pelo olhar, o *darshan*, de um homem ou mulher santos. Do lado negativo, há a crença de que um olhar de raiva ou de inveja possa trazer má sorte. É o chamado "mau-olhado" ou "olho gordo", que encontra equivalência em diversas línguas. Em todo o mundo, as pessoas tomam medidas de proteção contra o olho grande com preces, encantos, talismãs e amuletos.[13] A idéia de que um olhar maligno possa causar graves danos a uma pessoa ou a uma propriedade é muito antiga e é mencionada na Bíblia assim como em textos sumérios e outros textos orientais.[14]

Justamente por serem tão comuns, a maioria dos cientistas trata essas crenças como superstições, indignas de séria consideração. Elas são negadas ou descartadas.

Não obstante, é possível investigar a sensação de que estão nos olhando através de experiências simples e baratas, conforme demonstrei em meu livro *Seven Experiments That Could Change the World*.[15]

Nessas experiências as pessoas trabalham em pares, uma pessoa usa uma venda e senta-se de costas para a outra. A outra pessoa olha para a nuca da primeira ou então desvia o olhar. Em cada ensaio, a seqüência de períodos de "olhando" e "não olhando" são aleatórias. A cada tentativa, a pessoa vendada tem de adivinhar se está sendo olhada ou não. O palpite estará certo ou errado e os pontos serão marcados de acordo. (Quem estiver interessado em realizar essa experiência por conta própria encontrará instruções detalhadas no meu *site* da Internet: www.sheldrake.org)

Até hoje, mais de 20 mil experiências foram realizadas para testar a realidade da sensação de que alguém está nos olhando. Os resultados são esmagadoramente positivos e altamente significativos do ponto de vista estatístico[16] (Figura 16.2). Longe de ser uma superstição, parece existir um efeito verdadeiro. Essas experiências confirmam que a maioria das pessoas é sensível a ser olhada pelas costas.

Experiências com olhares intensos também foram realizadas com a ajuda de circuitos internos de televisão. Nesses testes, a resistência da pele dos participantes era monitorada, como num teste de polígrafo, de maneira que as mudanças emocionais pudessem ser medidas eletricamente. A resistência da pele das pessoas mudava de maneira significativa quando estavam sendo olhadas através de um monitor de tevê por uma pessoa que se

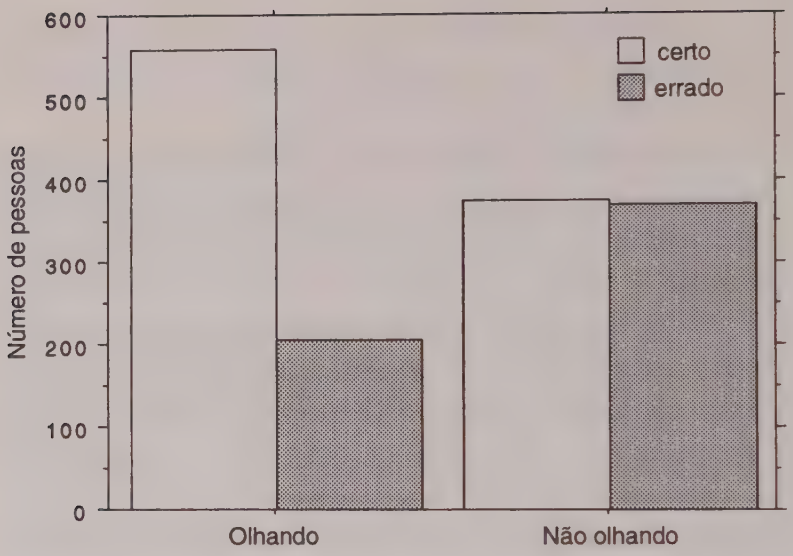


Figura 16.2 Resultados das experiências sobre a sensação de estar sendo olhado realizadas com um total de 900 indivíduos. Os números acima representam o número de pessoas cujos palpites estavam certos com mais freqüência do que errados ("certo") e aqueles que estavam errados com mais freqüência do que certos ("errado"). (As pessoas que tiveram um número de acertos igual ao número de erros não foram incluídas nesta análise.) Os resultados apresentados são para os ensaios nos quais alguém estava "olhando", com alguém sendo olhado por trás, e para os ensaios de controle, denominados "não olhando", ninguém estava sendo olhado. Nos ensaios em que alguém estava "olhando", muito mais pessoas acertaram do que erraram e este efeito foi altamente significativo do ponto de vista estatístico ($p < 10^{-37}$). Nos ensaios em que as pessoas não estavam olhando, não houve diferença significativa. Esses resultados demonstram que a sensação de estar sendo olhado funciona quando as pessoas estão, de fato, sendo olhadas. Nos ensaios de controle, quando as pessoas não estão sendo olhadas, está sendo exigido delas que detectem a *ausência* de um efeito e nessa situação extremamente artificial elas apenas lançaram mão da adivinhação, com resultados que nada refletem além da probabilidade (Sheldrake, 1999).

encontrava em outro cômodo, embora não soubessem disso de maneira consciente.[17]

Essas experiências demonstram que um simples olhar lançado sobre outra pessoa pode ter um efeito. A mente parece capaz de se estender para influenciar o que está sob o foco de sua atenção. A visão parece envolver um processo de duas vias: o movimento da luz de fora para dentro do olho e a projeção externa de uma influência que liga quem olha àquilo que está sendo olhado.

Se algo se externa durante a visão, o que será? Sugiro que a pessoa que percebe esteja ligada ao objeto de percepção através de um *campo de percepção*. O campo de percepção está ligado à atividade do cérebro mas não está restrito ao cérebro. Ele se estende muito além do corpo para abraçar o que quer que esteja sendo observado. Esse campo é uma espécie de campo mórfico (ver Apêndice C).

Através dos campos de percepção, pessoas e animais estão ligados aos objetos de sua atenção. De fato, a própria palavra *atenção* sugere tal processo. Suas raízes latinas carregam o significado de estender a mente na direção de alguma coisa: *ad* = na direção de e *tendere* = estender. Ela está intimamente relacionada à palavra *intenção*, que significa estender a mente *para dentro* de alguma coisa.

É pouco provável que a sensação de estar sendo olhado esteja restrita aos seres humanos e a animais de estimação. É bem possível que os animais selvagens sintam o olhar de outros animais, tanto dos animais da mesma espécie quanto os olhares mais perigosos de estranhos e de predadores em potencial.

Se as presas puderem sentir quando um predador oculto as está olhando, isso será de imenso valor para a sua sobrevivência. Conseqüentemente, a seleção natural favoreceria o desenvolvimento da sensação de estar sendo olhado. Mas nada sabemos

ainda sobre a evolução da sensibilidade a olhares e nem sobre a história natural de tal fenômeno na natureza.

Explicando os poderes inexplicáveis dos animais

Através deste livro, discuti diversos poderes animais inexplicáveis e sugeri que a idéia de campos mórficos poderia ajudar a explicar muitos deles, embora não possa explicar todos.[18]

Para mim, as perceptibilidades mais misteriosas são aquelas premonições que não podem ser explicadas em termos de telepatia ou de pistas físicas sutis. Nesses casos, por um processo de eliminação, a precognição ou o pressentimento parecem ser a única explicação que resta (Capítulo 15). Nas precognições e nos pressentimentos, eventos que estão prestes a acontecer parecem, de alguma forma, influenciar os animais no presente e alertá-los para perigos em potencial.

Não vou fazer de conta que sei como funciona a sabedoria dos animais com relação ao futuro. Mas, no mínimo, a existência da precognição ou do pressentimento sugere que o que acontece agora e o que está prestes a acontecer tornam-se indistintos.

Há uma continuidade entre passado, presente e futuro, como sabemos pela nossa própria experiência, e a ciência tem nisso a base da compreensão do curso da natureza. Mas a pressuposição científica convencional é de que as influências funcionam apenas a partir do passado. As causas precedem os efeitos. Energia e causa fluem do passado para o presente e do presente para o futuro. Não se espera que haja um fluxo de influência na direção oposta.

A existência da precognição sugeriria que a pressuposição convencional está errada, com enormes conseqüências para a nossa compreensão da mente, do tempo e da causa.[19]

Uma forma de pensarmos a precognição é supor que existe um fluxo de informação de tempo invertido. Uma das alternativas é reexaminarmos nosso conceito de presente. Talvez ele seja limitado demais. Aquilo que chamamos de "agora" é um momento que possui uma certa "densidade" em sua continuidade no tempo e no espaço, em alguma fração de segundo. Mas aquilo que vivemos de forma consciente como o "agora" pode ser muito mais curto do que aquilo que nossas porções inconscientes vivem como o "agora".[20] Nas experiências de Dean Radin, as pessoas ficavam fisiologicamente excitadas alguns segundos antes de olharem uma imagem emocionalmente estimulante (p. 367), sugerindo que o presente pode, de fato, ser mais denso do que nossa percepção consciente.

Existem sérias questões em jogo e há muito mais que desconhecemos. De forma a compreendermos mais sobre a maneira pela qual os pressentimentos e as precognições talvez funcionem, acredito que tenhamos de começar a partir de uma história natural das premonições animal e humana que seja melhor documentada. Até aqui, a pesquisa é apenas preliminar. No Apêndice A, sugiro formas pelas quais os leitores poderão contribuir para esta investigação contínua.

Interligações invisíveis

O desenvolvimento da ciência envolveu o reconhecimento progressivo de ligações entre coisas que estão separadas pelo espaço ou pelo tempo-espaço. O conceito de campos mórficos leva esse processo um passo além.

A ciência moderna começou no século XVII com uma vasta visão da inter-relação universal. Segundo a teoria de Isaac Newton sobre a gravitação, a Terra atrai a Lua através de um espaço

vazio e a Lua atrai a Terra, conforme revela sua influência sobre as marés. Da mesma forma, o Sol atrai a Terra e a Terra atrai o Sol. Na realidade, cada corpo material do universo atrai todos os outros: tudo está interligado.

Então há os campos magnéticos da Terra, o Sol e todos os outros corpos magnéticos, estendendo-se além dos próprios corpos materiais. Olhe uma bússola quando estiver voando a 30 mil pés e ela continuará a apontar para o norte. O campo magnético da Terra permeia todo o espaço que a cerca.

A radiação viaja para a Terra vinda de galáxias distantes através de campos eletromagnéticos que se estendem por bilhões de anos-luz. Na Terra, campos eletromagnéticos podem nos ligar de maneira invisível a acontecimentos ocorridos em lugares distantes, conforme nossa experiência com rádios, televisões e telefones celulares nos lembra constantemente. O cômodo no qual você se encontra está cheio de radiações de milhares de transmissores de rádio e de televisão. Você está cercado de vastas quantidades de informações invisíveis, quer você tenha um receptor para captá-las ou não.

Hoje, todos esses tipos de interligações são inquestionáveis. São a base das tecnologias modernas das quais todos dependemos. Sobre as quais nem pensamos duas vezes. É fácil esquecer que elas seriam inconcebíveis há apenas algumas gerações. Quem, no século XVIII, poderia ter imaginado a televisão ou a Internet? Mas a física já foi além.

Segundo a teoria quântica, há uma ligação inevitável entre o observador e o objeto de observação, dissolvendo a separação clara entre sujeito e objeto. Os cientistas não são mais observadores destacados que assistem à realidade como se o fizessem através de uma janela de vidro laminado. Eles participam da realidade que estão estudando. "Não podemos mais manter a

velha visão cartesiana de que podemos observar a natureza como observadores de pássaros de um esconderijo perfeito. Há uma ligação indissolúvel entre o observador e o que está sendo observado." (John Barrow)[21]

Ainda mais surpreendente, segundo a física quântica, é o fato de partículas com uma única origem, como dois fótons de luz emitidos por um único átomo, reterem uma interligação misteriosa de forma que o que acontece com uma é refletido instantaneamente na outra. Isso é conhecido como "não-localidade" ou "inseparabilidade" ou "emaranhamento" e é também conhecido como paradoxo Einstein-Podolsky-Rosen, ou como a descontinuidade de Bell. Ninguém sabe como esse processo se estende ou quão abrangente é essa interligação instantânea. Alguns físicos especulam que, dentro do universo, tudo esteja interligado através da não-localidade quântica:

> Uma vez que duas partículas interagiram, elas permanecem ligadas de alguma maneira, fazendo parte, efetivamente, do mesmo sistema indivisível. Essa propriedade da "não-localidade" tem vastas conseqüências. Podemos pensar no Universo como uma vasta rede de partículas interagentes onde cada elo liga as partículas participantes em um único sistema quântico. (Paul Davies e John Gribbin)[22]

Campos mórficos

Os campos mórficos também ligam partes de um sistema que parecem ser separados, embora ninguém saiba ainda como estão relacionados à não-localidade quântica. Esses campos são a base das interligações não apenas no espaço como também no tempo.

Uma ampla gama de poderes de animais pode ser explicada através dos campos mórficos:

- Os campos mórficos ligam membros de um grupo social e podem continuar a ligá-los até mesmo quando estão separados (Figura 1.5). Esses laços invisíveis agem como canais para a comunicação telepática entre animais e animais, entre pessoas e animais e pessoas e pessoas (Capítulos 2 a 4 e 7 a 9)
- Esses laços, agindo como elásticos invisíveis, também encontram-se por trás do senso de direção que permite que os animais e as pessoas se encontrem (Capítulo 13).
- Animais que tiveram um *imprinting* com um ambiente natal ou outro local significativo estão ligados a eles através de campos mórficos. Através dessas ligações, os animais podem ser puxados ou atraídos de volta a lugares familiares, permitindo que se orientem por um território desconhecido. O senso de direção proporcionado por esses campos mórficos encontra-se por trás da capacidade dos animais de encontrarem o caminho de casa e da migração (Capítulos 10 a 12).
- Campos mórficos ligam os animais ao objeto de sua intenção e poderiam ajudar a explicar fenômenos psicocinéticos.
- Campos mórficos ligam animais aos objetos de sua atenção e, através desses campos de percepção, os animais podem influenciar aquilo para que estão olhando. Esses campos encontram-se por trás da sensação de estar sendo olhado.

Assim, a idéia dos campos mórficos pode dar uma explicação unificada para uma ampla gama de fenômenos aparentemente discrepantes.

Outras pessoas podem preferir chamar esses campos de outros nomes, ou usar palavras como "sistema" ou "inter-relacionamento" em vez da palavra campo. Mas como quer que essas interligações sejam chamadas, eu acredito que terão a maioria das propriedades que atribuo aos campos mórficos, discutidos mais detalhadamente no Apêndice C.

Aprendendo com nossos animais

Independentemente de qual explicação acaba sendo a melhor, não há dúvida de que temos muito a aprender com nossos cães, gatos, cavalos, papagaios, pombos e outros animais domésticos. Eles têm muito a nos ensinar sobre as ligações sociais e a perceptibilidade animal e muito a nos ensinar sobre nós mesmos.

Os indícios que venho discutindo neste livro sugerem que nossas próprias intenções, desejos e medos não estão restritos, apenas, à nossa cabeça, nem são comunicados apenas através de palavras e de comportamentos. Podemos influenciar animais e afetar outras pessoas a distância. Permanecemos interligados a animais e pessoas aos quais somos "próximos", até mesmo quando estamos distantes. Podemos afetar pessoas e animais pela maneira de olharmos para eles, mesmo que não saibam de nossa presença. Podemos manter uma ligação com nossas casas, por mais distantes que estejamos em termos geográficos. E podemos ser influenciados por coisas que estão prestes a acontecer de uma maneira que desafia nossas noções normais de causalidade.

Estamos no limiar de uma nova compreensão da natureza das mentes.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Como participar da pesquisa

Hoje, há alguns campos da ciência nos quais não-profissionais podem realizar pesquisas emocionantes e práticas, quer sejam estudantes ou adultos. Mas a maioria dos assuntos discutidos neste livro foi negligenciada por cientistas profissionais. Com algumas notáveis exceções,[1] também foram ignorados por pesquisadores de fenômenos psíquicos, parapsicólogos e veterinários. O resultado disso é um campo de estudo extraordinariamente subdesenvolvido. Encontra-se no mesmo estágio em que se encontravam muitos campos da ciência há muito tempo, por exemplo o estudo do magnetismo no início do século XVII; dos fósseis no século XVIII; da genética à época de Mendel; ou da biologia molecular na década de 1950.

Justamente porque esse campo de pesquisa ainda está engatinhando, há oportunidades extraordinárias para investigações originais e pioneiras. Para realizar estudos pioneiros com animais de estimação, não é necessário muito mais do que caderno e lápis. Para pesquisas mais sofisticadas, câmeras de vídeo e computa-

dores são bastante úteis, mas hoje em dia essas tecnologias sofisticadas estão amplamente disponíveis, a bons preços.

Como os estágios iniciais desta pesquisa podem ser realizados com pequenos orçamentos, não há necessidade de financiamentos maciços por parte do governo ou mesmo de qualquer financiamento governamental. Até o presente, não há ramos burocráticos responsáveis por esta pesquisa. O campo está aberto. É raro haver tanta liberdade na área científica e essas ocasiões não duram muito.

A pesquisa descrita neste livro é uma tentativa preliminar de mapear a história natural de um campo quase inexplorado. Há diversas maneiras pelas quais os leitores que possuem experiência com animais podem participar desta investigação. Aqueles que não têm animais também podem fazer valiosas contribuições, conforme a descrição abaixo.

Peço-lhes que enviem material relacionado a qualquer uma destas áreas de pesquisa para um dos endereços fornecidos ao final deste apêndice.

Escreva sobre as suas próprias experiências com animais

Se você notou em seus animais qualquer comportamento que acha que contribuirá para este programa de pesquisa contínuo, por favor escreva a respeito. Não há necessidade de escrever o relato em qualquer formato especial. Uma carta comum ou um e-mail serão o suficiente. Certifique-se de que incluiu seu endereço e número de telefone para que eu e meus colegas possamos entrar em contato se tivermos quaisquer dúvidas ou caso seja preciso pedir mais detalhes.

Em particular, gostaríamos de saber mais a respeito de:

- Reações aparentemente telepáticas por parte de camelos, elefantes, falcões e outros animais que não discutimos neste livro
- Quaisquer sinais de comportamento incomum por parte de répteis, anfíbios, peixes ou insetos e outros invertebrados
- O senso de direção dos animais
- Animais que encontram seus donos quando estes estão longe de casa
- A sensação de estar sendo olhado por um animal
- Animais que têm a sensação de estarem sendo olhados
- Avisos de ataques epiléticos iminentes
- Avisos de desastres ou de mortes iminentes
- A intuição do perigo
- Comportamento fora do comum antecedendo terremotos

Escreva sobre a sua própria experiência

A maioria dos poderes de animais que discutimos neste livro também ocorre com seres humanos, embora quase nada pareça ser conhecido sobre sua história natural no âmbito humano. Eu gostaria de saber, especificamente, sobre as experiências pessoais de:

- Mães que estão amamentando e cujo leite começa a fluir quando seus bebês precisam ser alimentados, até mesmo quando encontram-se a quilômetros de distância
- A sensação de estar sendo olhado
- A capacidade de fazer outra pessoa se virar apenas com o olhar
- Uma capacidade fora do comum de encontrar outras pessoas
- Um senso de direção bem desenvolvido
- Premonições de terremotos e outros desastres

Mantenha um diário do comportamento de seu animal

Se o seu animal parece reagir telepaticamente às suas intenções ou às de outra pessoa, se ele mostra outros sinais de perceptibilidade extraordinária, você pode dar uma contribuição valiosa para esta pesquisa mantendo um diário. A maneira mais simples de fazê-lo é ter um caderno especial para esse objetivo.

Anote a data e a hora em que o seu animal demonstra alguma reação e registre todas as informações relevantes sobre a pessoa ou circunstância à qual ele estiver reagindo. Por exemplo, se ele estiver reagindo a uma pessoa em seu retorno para casa, o horário de chegada terá de ser registrado, assim como o de partida, o meio de transporte, se a pessoa está chegando no horário de costume e se as pessoas de casa sabiam ou não a que horas esperá-la. Se o animal não tiver reação alguma, isso também deverá ser registrado.

Quanto mais tempo o diário for mantido e quanto maiores os detalhes nele contidos, mais útil ele será.

Construa seu próprio banco de dados

Meus pedidos de informação junto a donos de animais foram feitos, em sua maioria, na Inglaterra, na Irlanda, na França, nos países de língua alemã e nos Estados Unidos. Há um enorme campo para a coleta de informações em outras partes do mundo, por exemplo no Leste Europeu, África, Ásia e América do Sul, onde é bem possível que as pessoas tenham uma série de experiências diferentes para relatar. As solicitações podem ser feitas através de jornais, revistas, estações de rádio e de televisão. Alguns leitores podem também pesquisar tipos específicos de animais,

por exemplo papagaios ou furões, através de revistas especializadas, boletins informativos e clubes.

É importante organizar qualquer coleção de relatos de maneira sistemática para que possam ser recuperados, revisados e comparados e, para tal, um banco de dados é de valor inestimável. Você pode querer organizar o seu banco de dados da sua própria forma, mas, se quiser seguir o formato que eu uso, poderá obter detalhes através de meu *site* na Internet: www.sheldrake.org. Se você usar o mesmo formato que eu, isso facilitará a possível união de bancos de dados de diferentes partes do mundo, proporcionando um maior recurso para pesquisas futuras.

Realize o seu próprio levantamento junto a animais de estimação perceptivos

Os únicos levantamentos aleatórios realizados com animais de estimação dos quais tenho notícia são os quatro descritos neste livro e realizados na Inglaterra e na Califórnia por mim e por meus colegas. Ninguém sabe que tipos de resultados serão encontrados em outros lugares e existe um imenso potencial para mais levantamentos deste tipo. Se você seguir o mesmo procedimento usado por nós, será possível fazer comparações diretas das reações. Os detalhes dos nossos levantamentos foram publicados em revistas científicas[2] e também encontram-se disponíveis em meu *site* na Internet.

Realize experiências com seus animais

No decorrer deste livro, e especialmente no Capítulo 2 e no Apêndice B, dei exemplos de experiências com animais elaboradas para descobrir se seu comportamento perceptivo pode ser explicado com base em hábitos, em rotinas e informações sensoriais normais ou se houve alguma outra forma de comunicação.

Seria desejável que mais experiências fossem realizadas com cães, gatos, papagaios, cavalos e outros animais.

Essas experiências não precisam ser filmadas, mas é preferível que sejam. O vídeo proporciona um registro objetivo, marcado com o horário do comportamento do animal que poderá ser avaliado de maneira independente por uma terceira pessoa. Além disso, proporciona muito mais detalhes do que pode ser registrado por um observador humano munido de um caderno.

Você poderá basear as suas experiências e a análise dos dados nos métodos usados por mim e por meus colegas. Os detalhes vêm sendo publicados em revistas científicas[3] e também estão disponíveis em meu *site*. Você também tem a opção de desenvolver seus próprios métodos e procedimentos.

Realize pesquisas sobre a sensação de estar sendo olhado

Em meu livro *Seven Experiments That Could Change the World*[4] fiz um esboço de uma experiência simples que as pessoas poderiam fazer em pares, com uma pessoa sentada atrás da outra. Numa série de ensaios, o "observador" olhará para as costas do sujeito ou desviará o olhar enquanto pensa em outra coisa. Eu desenvolvi novas versões dessa experiência básica e adaptei o procedimento para uso em escolas. Muitas experiências já foram realizadas em escolas da Inglaterra, dos Estados Unidos e da Alemanha.[5] As instruções completas, incluindo um placar, podem ser encontradas para *download* em meu *site*, www.sheldrake.org.

Estude telefonemas telepáticos

Se você descobrir que sabe, com freqüência, quando determinadas pessoas estão prestes a telefonar, você poderá realizar pesqui-

sas sobre este fenômeno fazendo um registro de suas intuições. A forma mais simples de fazê-lo é deixando um diário ao lado do telefone. (É claro que qualquer dispositivo de identificação de quem está telefonando deverá ser desligado ou coberto.) Toda vez que você sentir que sabe quem está ligando, escreva o nome da pessoa no diário antes de atender o telefone. Após o telefonema, certifique-se de que a data e o horário foram preenchidos e anote se o seu palpite estava certo ou errado. Também anote se a ligação estava sendo esperada ou não. Desta forma, você poderá descobrir se suas intuições estavam certas ou erradas.

Se você costuma estar certo com relação às ligações inesperadas de determinadas pessoas, o próximo passo será realizar experiências simples nas quais elas deverão telefonar em horários escolhidos aleatoriamente com o auxílio de dados ou de um aparelho eletrônico que escolha números aleatoriamente. Qual é a sua freqüência de acertos sob condições mais rigorosas como estas?

Endereços

Você pode me escrever para um dos endereços a seguir:

BM Experiments
London WC1N 3XX
England

The Institute of Noetic Sciences
475 Gate Five Road, Suite 300
Sausalito
CA 94965
USA

Você também pode se comunicar comigo por *e-mail* através do meu *site* na Internet, www.sheldrake.org.

APÊNDICE B

Experiências com Jaytee

No Capítulo 2, resumi os aspectos principais das diversas experiências realizadas com o cachorro Jaytee, filmadas para que seu comportamento pudesse ser estudado quando sua dona, Pam Smart, saía e quando voltava para casa. Nessas experiências, a câmera de vídeo, montada sobre um tripé, era ligada pela própria Pam antes de sua saída e filmava a área onde Jaytee costumava aguardá-la, continuamente. Usando um filme de 120 minutos e a opção *long play* (LP) da filmadora, foi possível conseguir até 240 minutos de filmagem contínua. Em todas as experiências, a hora foi registrada em vídeo, permitindo que o comportamento de Jaytee fosse cronometrado até o segundo mais próximo.

A maioria das experiências foi realizada no apartamento dos pais de Pam, ao lado do apartamento dela, em Ramsbottom, Grande Manchester. É onde ela costuma deixar Jaytee quando sai. Experiências adicionais filmadas, descritas abaixo, foram realizadas com Jaytee deixado sozinho no apartamento de Pam

ou na casa de sua irmã. Nessas experiências, quando Pam saía, percorria de 7,2 a 22,5 quilômetros.

Os videoteipes foram analisados anotando-se o horário em que Jaytee encontrava-se na área-alvo, perto da janela, e anotações foram feitas sobre as suas atividades no local: por exemplo, se ele estava latindo para um gato de passagem, se dormia ao sol ou se estava sentado, olhando pela janela. Essas análises foram realizadas pela própria Pam além de realizadas "às cegas" por mim, por Jane Turney ou pela Dra. Amanda Jacks, sem que soubéssemos quaisquer detalhes sobre quando Pam partiu para voltar para casa ou quanto tempo levou sua viagem. Esses detalhes foram registrados, separadamente, por Pam. Uma comparação entre as análises feitas por Pam e aquelas realizadas às cegas pelos outros demonstrou uma notável concordância, com ocasionais diferenças de apenas um ou dois segundos. Essas pequenas diferenças não tiveram efeito significativo sobre os resultados gerais.

Para a análise quantitativa dos dados, todos os períodos em que Jaytee estava à janela foram incluídos, até mesmo se apenas dormia ao sol ou latia para um gato que passava, assim como quando demonstrava seu costumeiro comportamento de espera. Dessa forma, evitou-se qualquer uso seletivo de dados, embora os dados tenham ficado mais "ruidosos" por incluírem visitas à janela que nada tinham a ver com os retornos de Pam.

A análise dos dados

Eu uso dois métodos básicos para a análise estatística de dados. O primeiro proporciona uma maneira simples de comparar experiências diferentes. Para cada experiência, a porcentagem do tempo passado por Jaytee à janela foi calculada por três períodos:

1. Os primeiros dez minutos da viagem de Pam de volta para casa (o "período de retorno"). Foram incluídas experiências com viagens de volta para casa de, pelo menos, 13 minutos de duração e apenas os primeiros dez minutos do trajeto foram contados. Assim, as reações exibidas por Jaytee quando Pam estava perto de casa foram ignoradas, caso ele pudesse estar reagindo aos sons de aproximação do carro de sua dona. Na realidade, a maior parte das viagens durou mais do que 15 minutos, de modo que cinco minutos do comportamento de Jaytee foram excluídos. Para essa análise estatística, apenas os primeiros dez minutos da jornada foram contados.

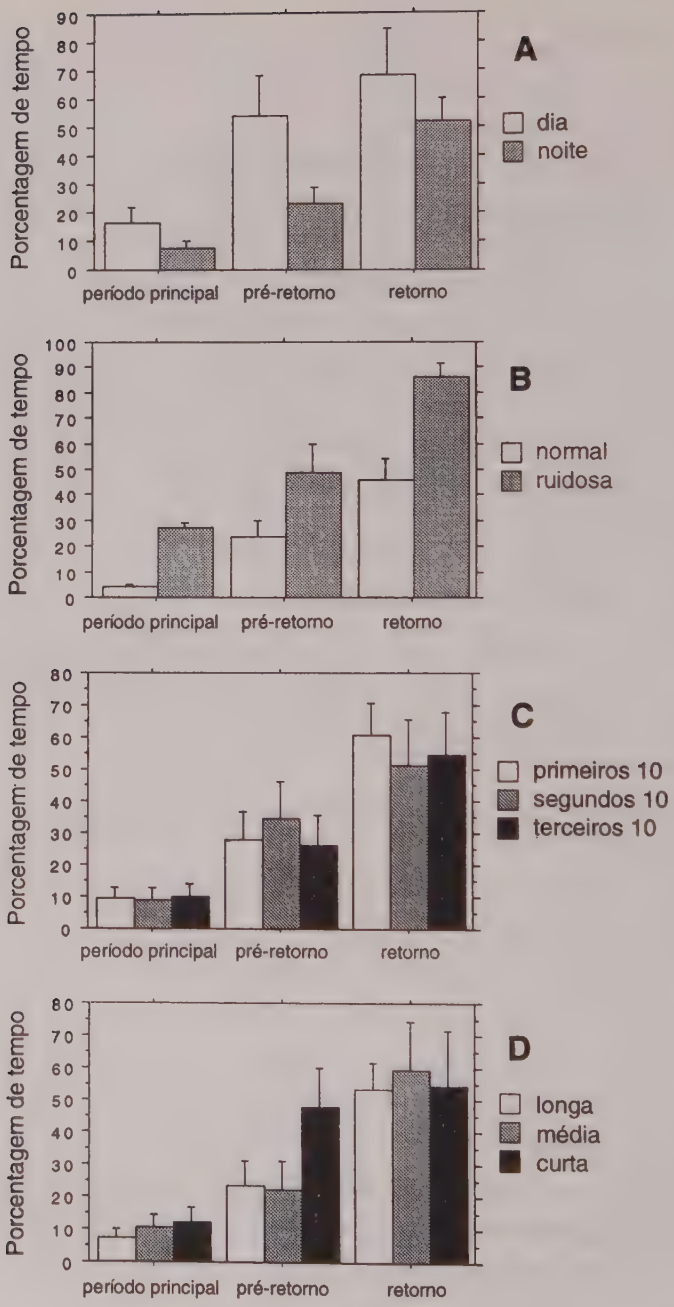
2. O período de dez minutos anteriores ao retorno de Pam (período de "pré-retorno").

3. O tempo de ausência de Pam antes do período de pré-retorno (o "período principal"). Esse período variou de 60 a 200 minutos.

Exemplos de dados analisados dessa forma podem ser vistos na Figura B.1.

O segundo método de análise dos dados também envolve períodos de retorno de dez minutos e períodos de pré-retorno, mas neste caso o período principal também foi dividido em intervalos de dez minutos. O tempo passado por Jaytee à janela, por qualquer que tenha sido o motivo, em cada um desses períodos de dez minutos poderá então ser marcado num gráfico, tal como na Figura 2.4.

Nenhum desses métodos depende de uma avaliação subjetiva do comportamento de Jaytee. Eles simplesmente quantificam o tempo que ele passou à janela.


A
Porcentagem de tempo
90
80
70
60
50
40
30
20
10
0
dia
noite
período principal
pré-retorno
retorno
B
Porcentagem de tempo
100
90
80
70
60
50
40
30
20
10
0
normal
ruidosa
período principal
pré-retorno
retorno
C
Porcentagem de tempo
80
70
60
50
40
30
20
10
0
primeiros 10
segundos 10
terceiros 10
período principal
pré-retorno
retorno
D
Porcentagem de tempo
80
70
60
50
40
30
20
10
0
longa
média
curta
período principal
pré-retorno
retorno

Trinta voltas comuns ao lar

A média de resultados de 30 voltas comuns ao lar são mostradas na Figura 2.4. Durante o período principal da ausência de Pam, Jaytee passou 9% do tempo à janela; durante os dez minutos que antecederam sua partida para casa, 29%; e durante os primeiros dez minutos de sua jornada de retorno, 55%.

Vários detalhes interessantes são ocultados pelo processo de cálculo das médias. Em primeiro lugar, embora Jaytee tenha passado mais tempo à janela quando Pam estava a caminho de casa em 24 ocasiões, ele não o fez em seis. Em cinco destas ocasiões (todas elas durante a noite) ele não foi à janela uma só vez durante os primeiros dez minutos da viagem de retorno de sua dona. Na sexta ocasião (de manhã) ele o fez por apenas dez segundos. Em algumas destas ocasiões ele se encontrava excepcionalmente inativo e talvez estivesse cansado após uma caminhada longa, ou doente. Mas, independentemente dos motivos de sua falta de reação, o fato é que ele não demonstrou os sinais normais de expectativa em seis de 30 ocasiões. Mas em 24 de 30 ocasiões, 80% do tempo, ele de fato mostrou sinais de expectativa.

Figura B.1 As reações de Jaytee aos retornos de Pam em horários escolhidos por esta. Os retângulos mostram a porcentagem de tempo passada por Jaytee à janela durante o período principal da ausência de Pam ("período principal"), durante os dez minutos anteriores à partida desta de volta para casa ("pré-retorno") e durante os primeiros dez minutos de sua viagem para casa ("retorno"). (A margem de erro padrão de cada média é indicada pela linha acima de cada retângulo.) Os dados provêm das mesmas 30 experiências resumidas na Figura 2.3A, mas permitem que comparações sejam feitas da seguinte forma:

A: Experiências realizadas durante o dia (7) e durante a noite (23).

B: Experiências "normais" (23) e experiências "ruidosas" (7), nas quais Jaytee passou mais de 15% do tempo à janela durante o período principal da ausência de Pam.

C: O primeiro, o segundo e o terceiro grupo de dez experiências.

D: Experiências longas (13), médias (9) e curtas (8).

Em segundo lugar, Jaytee era, em geral, mais ativo e mais atento na parte da manhã do que à noite e, em geral, passava mais tempo à janela (Figura B.1A). Havia mais movimento do lado de fora para ele observar e, nos dias ensolarados, ele tirava sonecas perto da janela, ao sol.

Em terceiro lugar, o efeito do "ruído" no padrão de reações de Jaytee pode ser examinado de forma direta, comparando-se experiências "ruidosas" com as demais (Figura B.1B). Por definição, Jaytee passou mais tempo à janela durante o período principal da ausência de Pam nas experiências ruidosas. Mas, ainda assim, ele passou mais tempo à janela quando ela estava se preparando para voltar para casa e, acima de tudo, quando ela estava, de fato, a caminho.

Em quarto lugar, a questão de o padrão de reações de Jaytee ter ou não mudado com o decorrer do tempo pode ser examinada comparando-se a média das primeiras dez experiências (de maio a setembro de 1995) com a segunda e terceira séries de dez experiências (de setembro de 1995 a janeiro de 1996 e de janeiro a julho de 1996, respectivamente). O padrão foi parecido em todos os três grupos (Figura B.1C).

Finalmente, a quantidade de tempo que Pam passava fora de casa variou consideravelmente. Será que Jaytee se comportava de forma parecida quando ela voltava após ausências curtas e após ausências mais longas? Para explorar essa pergunta, dividi os dados em três grupos: ausências longas, médias e curtas[1] (Figura B.1D). O padrão geral foi parecido, embora as experiências tenham sido mais ruidosas nos períodos curtos e Jaytee tenha mostrado mais sinais de expectativa nos períodos de dez minutos que precediam a partida de Pam.

Uma das possibilidades é que Jaytee simplesmente tenha passado mais tempo à janela quando Pam se ausentava por mais tempo. Nesse caso, ele teria estado à janela, automaticamente,

durante grande parte do período em que ela retornava, embora não devido a algum poder psíquico. Os dados contidos na Figura 2.4 nos permitem explorar tal possibilidade se olharmos a duração do comportamento de Jaytee durante as ausências curtas, médias e longas de Pam. Eles não a confirmam. Nas ausências curtas, Jaytee estava à janela por grande parte do período 8, quando Pam estava a caminho de casa, mas não houve aumento comparável em termos de tempo passado à janela durante o mesmo período 8 das ausências médias e longas. Da mesma forma, o aumento do tempo passado à janela quando Pam estava a caminho de casa no período 11 das ausências médias não aparece no período 11 das ausências longas. Do ponto de vista estatístico, esses resultados foram muito significativos. [No período 8, quando Pam estava voltando para casa durante as experiências curtas, Jaytee foi para a janela por uma proporção significativamente maior do tempo do que no período 8 das experiências de média e longa durações ($p = 0{,}004$).[2] Para o período 11, Jaytee foi para a janela por um tempo significativa-

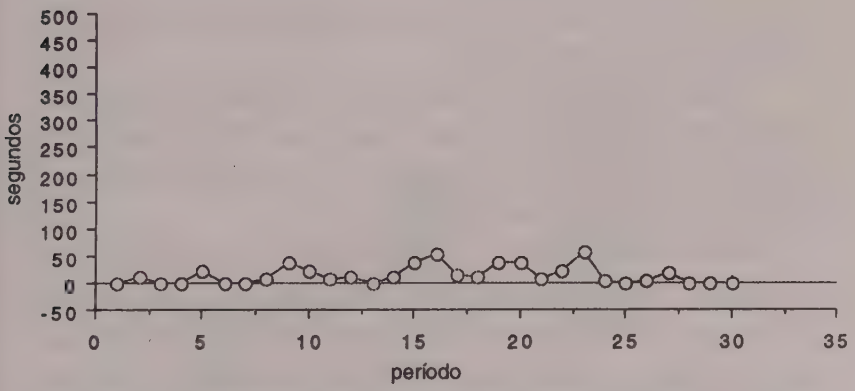


Figura B.2 Tempo passado por Jaytee à janela nas noites em que Pam não voltaria para casa. O primeiro dos períodos de 30 minutos vai das 17h50 às 18h, o último das 22h40 às 22h50. Os números apresentados são médias de dez noites.

mente mais longo nas experiências de média duração, quando Pam estava de fato voltando, do que nas longas, nas quais ela só voltaria dentro de uma hora, no mínimo ($p = 0,003$)].[3]

Também gravamos uma série de videoteipes nas noites em que Pam voltaria para casa muito tarde ou passaria a noite fora. Tais filmagens servem de controle ou de verificação e demonstram que Jaytee ia à janela cada vez menos com o decorrer da noite. (Figura B.2).

Experiências filmadas com horários de retorno escolhidos aleatoriamente

Os resultados dessas experiências são mostrados na Figura 2.3. Quando Pam voltou para casa em horários escolhidos de forma aleatória, em resposta a uma mensagem minha, Jaytee passava uma porção muito maior do tempo de percurso à janela do que antes de ela partir. Isso demonstra que sua reação ao retorno de sua dona não poderia ser explicada pela rotina ou devido aos pais dela saberem quando ela voltaria, transmitindo essa expectativa, de alguma forma, para Jaytee.

Mas há um aspecto curioso nesses resultados. Em algumas ocasiões, Jaytee estava esperando à janela *antes* de Pam receber a mensagem pelo bipe. Como será que ele conseguiu prever que eu ia mandar um bipe para ela?

É concebível que Jaytee estivesse captando, telepaticamente, a minha intenção de mandar um bipe para Pam a mais de 320 quilômetros de distância. Mas eu não levo esta possibilidade muito a sério. Em uma ocasião[4] a mensagem não foi enviada por mim e sim por alguém que nem Pam nem Jaytee haviam conhecido e Jaytee ainda assim reagiu antecipadamente. É também possível que Jaytee tenha tido uma precognição de quando

Pam receberia uma mensagem pelo bipe. Mas há uma explicação ainda mais simples em termos de telepatia entre Pam e Jaytee.

Em todas essas experiências, Pam sabia que receberia um bipe dizendo que ela deveria voltar para casa num espaço de tempo específico. O ideal seria que ela ficasse completamente envolvida com outros assuntos até receber o bipe. Mas, de vez em quando, era inevitável ela pensar no sinal para voltar para casa antes de ele ser dado, em especial se ele vinha ao final do período estabelecido. Ela diz que pensamentos tais como "Agora não vai demorar muito" ou "Logo, logo vou estar de saída" eram, às vezes, inevitáveis. É bem possível que Jaytee estivesse captando a expectativa dela, da mesma forma que ele parecia reagir a uma intenção completamente formada de voltar para casa.

Uma expectativa parecida das partidas de Pam ocorreu nas experiências realizadas por Richard Wiseman e por Matthew Smith (Figura 2.5). Mais uma vez, a expectativa de Jaytee pode

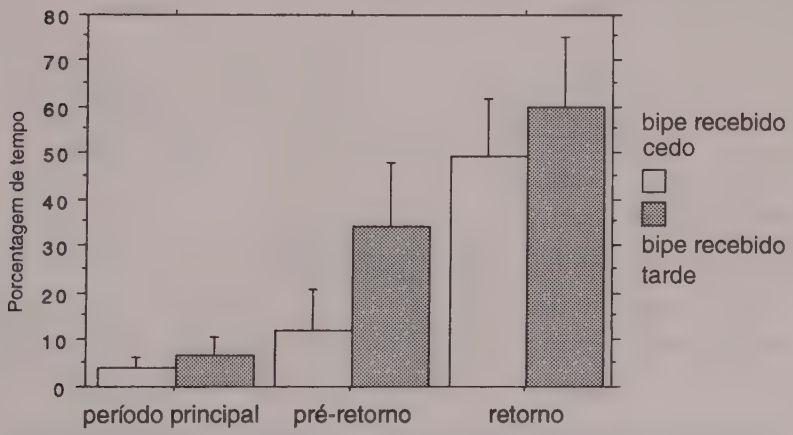


Figura B.3 Comparações das médias de seis experiências nas quais Pam recebeu o bipe para voltar para casa em horários escolhidos aleatoriamente na primeira metade do período experimental ("bipes recebidos cedo") e nas seis experiências da segunda metade ("bipes recebidos tarde").

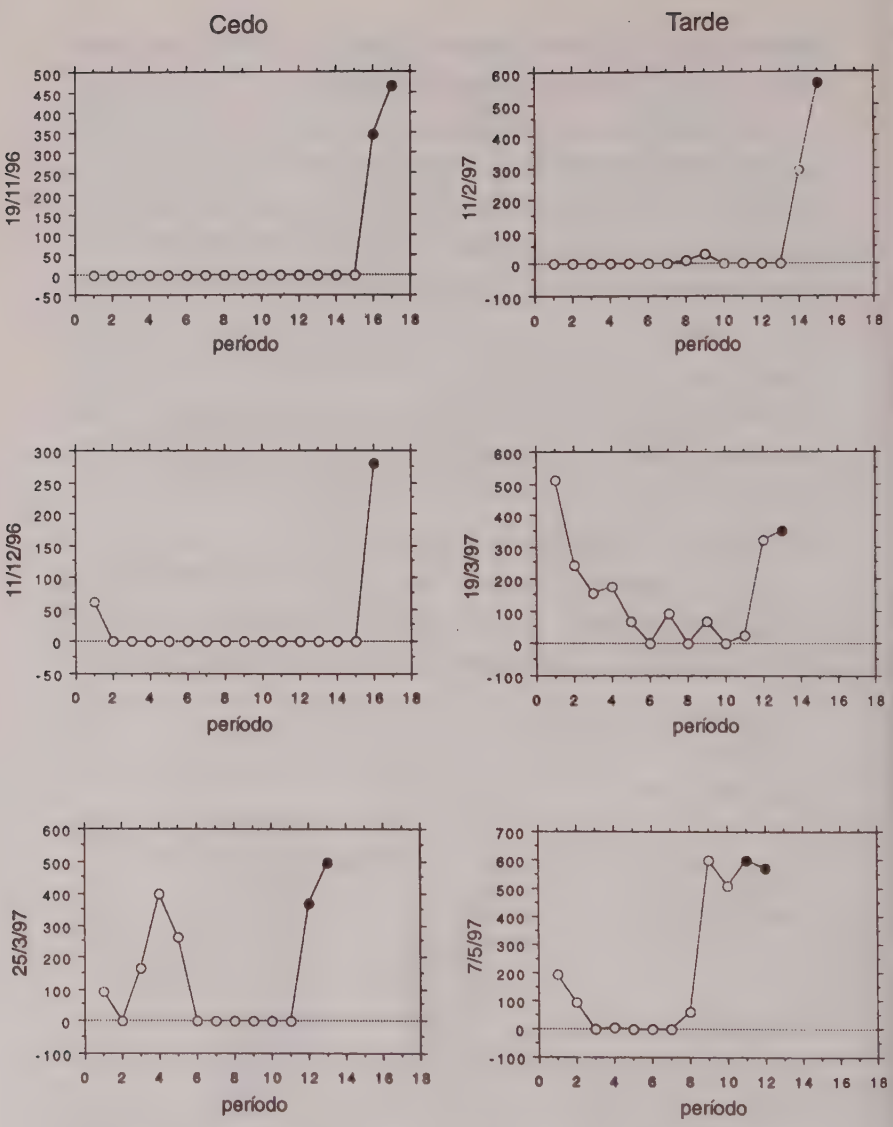
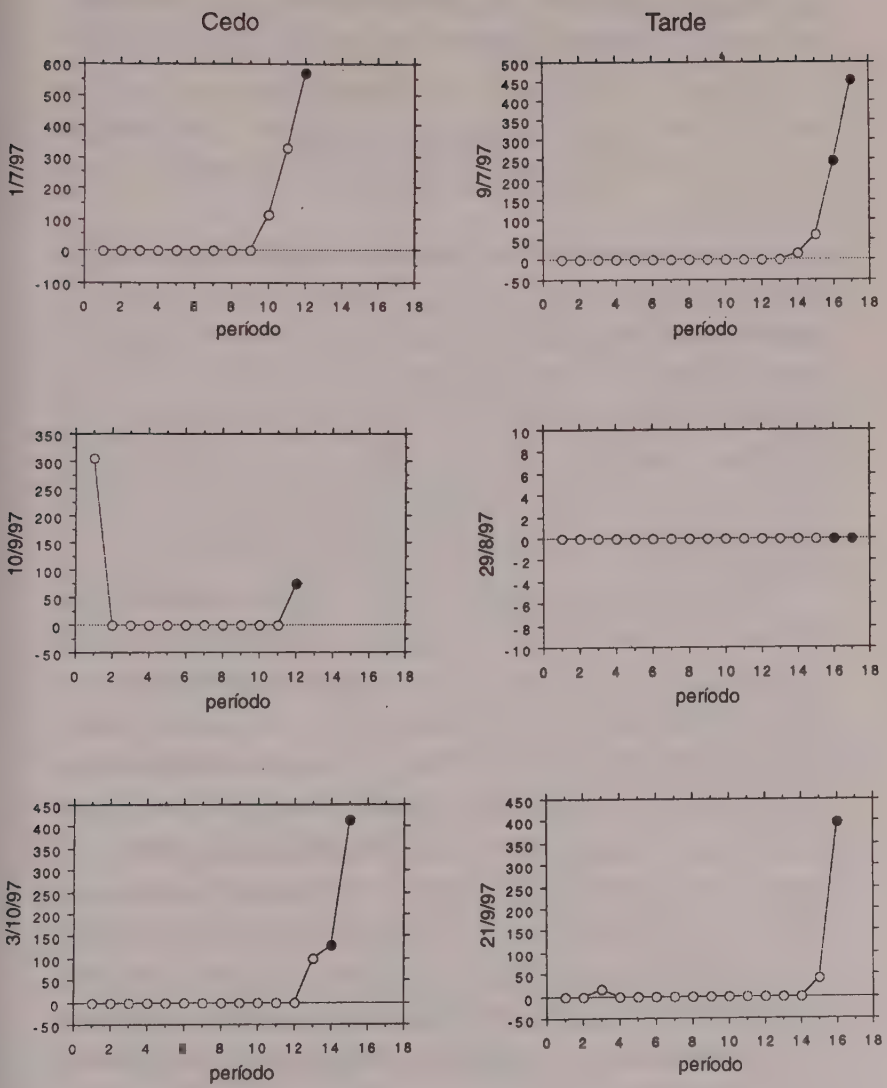


Figura B.4 Os períodos detalhados de todas as 12 experiências nas quais Pam voltou para casa em horários escolhidos aleatoriamente em resposta a uma mensagem por bipe. As experiências com bipes recebidos cedo encontram-se à direita. Os pontos para os períodos nos quais ela estava voltando são indicados por um círculo preenchido (•).


Cedo
Tarde
1/7/97
9/7/97
10/9/97
29/8/97
3/10/97
21/9/97
período

ter ocorrido como reação à de Pam. Ela me conta que quando estava com Matthew Smith, esperando que ele lhe dissesse quando o momento — escolhido aleatoriamente — de eles voltarem havia chegado, era impossível não pensar em voltar para casa. Além disso, Matthew Smith sabia quando iriam partir e ele pode, perfeitamente, ter comunicado sua própria expectativa para Pam de maneira inconsciente, por exemplo com uma tensão crescente à medida que o momento crucial se aproximava.

Se Jaytee estava de fato reagindo à expectativa de Pam de que logo receberia o sinal para voltar para casa, então seria de se esperar que o efeito dessa expectativa ocorresse com mais freqüência próximo ao término do período da "janela" do que no início. Para testar essa idéia, comparei as experiências em que Pam recebeu um bipe logo cedo ao invés de mais tarde (Figura B.3). Há de fato uma diferença, com menor expectativa por parte de Jaytee antes dos bipes recebidos mais cedo.

Os números constantes da Figura B.3 são médias, o que obviamente mascara as diferenças entre experiências individuais. Os resultados de cada um desses 12 ensaios realizados com o auxílio do bipe aparecem na Figura B.4 de forma que o padrão pode ser observado detalhadamente. É claro que há muita variação de ensaio para ensaio. Mas os padrões dos ensaios com "bipes recebidos cedo" e com "bipes recebidos tarde" são diferentes. Em quatro dos seis ensaios com "bipes recebidos cedo", Jaytee não demonstrou a menor expectativa antes de Pam partir para casa. Por outro lado, houve sinais de expectativa em todos, com uma única exceção nos ensaios com "bipes recebidos tarde". A exceção foi um ensaio durante o qual Jaytee não chegou à janela durante toda a experiência.[5]

Assim, a expectativa de Jaytee com relação ao bipe que daria o sinal para Pam voltar para casa parece estar relacionada à expectativa desta do recebimento do bipe, que costumava aumentar quanto mais tarde o sinal era dado. Isso se encaixa com a idéia de que as reações de Jaytee são telepáticas.

Experiências com Jaytee em outros ambientes

Pam às vezes deixa Jaytee na casa da irmã e, também lá, Jaytee costuma ir à janela quando sua dona está se preparando para voltar para casa. Cathie, a irmã, normalmente sabe que Pam está a caminho por causa do comportamento de Jaytee. Para poder olhar pela janela da casa de Cathie, Jaytee tem de se equilibrar no encosto do sofá. Ele não consegue esperar ali de maneira confortável e raramente fica nessa posição por muito tempo. Não obstante, numa série de experiências filmadas em vídeo, o padrão geral das reações do cachorro foi parecido com o obtido na casa dos pais de Pam (Figura B.5A), embora a porcentagem de tempo passado à janela tenha sido menor.

Nós também realizamos uma série de 50 experiências filmadas em vídeo em que Jaytee foi deixado sozinho no apartamento de Pam enquanto ela estava fora. A filmadora foi montada de maneira a registrar suas visitas à janela.

O padrão médio foi parecido com aquele que já vimos tantas vezes (Figura B.5B). No entanto, a porcentagem de tempo passado à janela foi mais baixa do que na casa dos pais de Pam.

Uma análise mais detalhada dos dados revela que Jaytee mostrou dois padrões de reações. Na maioria dos testes (35 de 50) Jaytee não foi para a janela quando Pam estava a caminho de casa. Na realidade, ele fez poucas visitas, quando não fez nenhuma, à janela

durante todo o período em que ela se ausentou. Uma das razões pode ser o fato de a vista da janela ser quase toda coberta por um arbusto, não havendo muito ângulo para ele observar o movimento do lado de fora, embora dê para ver a rua por onde Pam chegará de carro.

Por outro lado, em 15 de 50 experiências (30%) o comportamento de Jaytee foi muito parecido com o da casa dos pais de Pam (Figura B.5C), demonstrando sua costumeira expectativa.

Assim, Jaytee pareceu ser capaz de prever a chegada de Pam quando estava sozinho, embora não o tenha feito. Por quê? Acredito que tenha sido uma questão de motivação. A espera à janela enquanto Pam encontra-se a caminho de casa pode se dar mais por consideração aos membros da família de Pam do que para seu próprio proveito. Ele está comunicando sua expectativa e dizendo a eles que ela está a caminho. Se não houver ninguém para quem contar, então ele se sente menos motivado a fazê-lo. Ainda assim, ele às vezes o fazia.

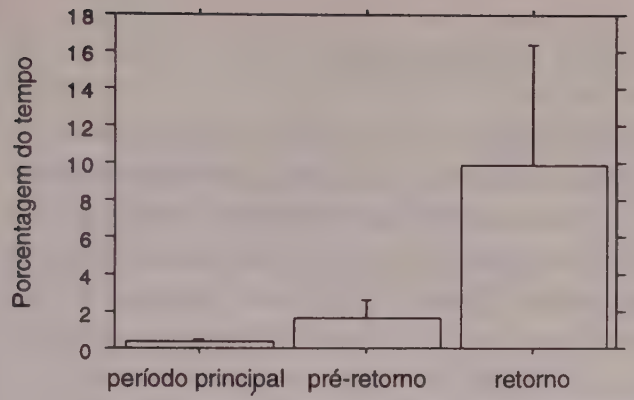
A diferença entre o comportamento de Jaytee no apartamento da própria Pam e na casa dos pais dela foi uma questão de grau. Nos dois lugares, ele às vezes esperava à janela quando Pam estava voltando e às vezes não. Mas no apartamento dos pais de Pam, a proporção de esperas para "não esperas" foi de 80 para 20, enquanto quando ele se encontrava sozinho no apartamento de Pam foi de 30 para 70.

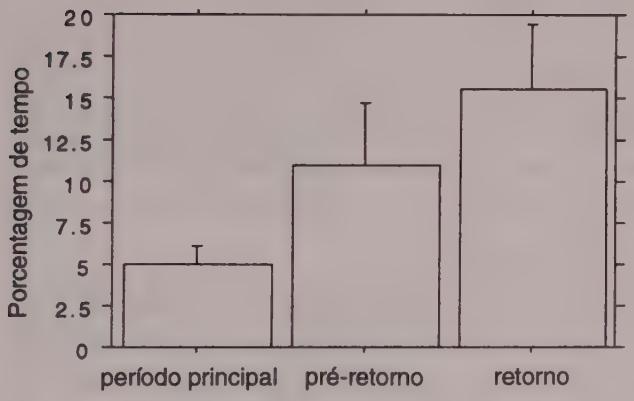
Figura B.5 Resultados médios de experiências nas quais Jaytee foi deixado na casa da irmã de Pam e sozinho no apartamento de Pam.

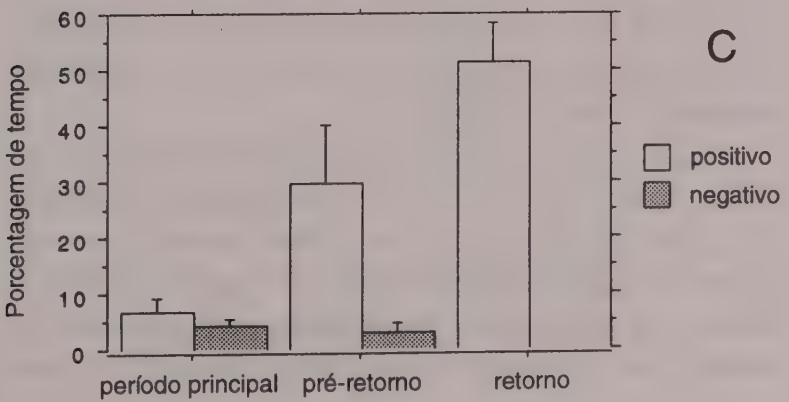
A: Na casa da irmã de Pam. Média de cinco experiências.

B: Sozinho no apartamento de Pam. Média de 50 experiências.

C: Sozinho no apartamento de Pam. Comparações entre as médias de 15 experiências "positivas" e 35 experiências "negativas".


A
Porcentagem do tempo
18
16
14
12
10
8
6
4
2
0
período principal
pré-retorno
retorno


B
Porcentagem de tempo
20
17.5
15
12.5
10
7.5
5
2.5
0
período principal
pré-retorno
retorno


C
Porcentagem de tempo
60
50
40
30
20
10
0
período principal
pré-retorno
retorno
positivo
negativo

Conclusões

Essa extensa série de experiências com Jaytee, filmadas em vídeo, confirma o que os pais de Pam haviam observado informalmente no decorrer de vários anos e o que os registros sistemáticos do comportamento de Jaytee, em 100 ausências de sua dona,[6] já haviam demonstrado. Quando ele estava no apartamento dos pais dela, Jaytee costumava saber quando Pam estava chegando em casa, mesmo quando ela voltava em horários diferentes, quando ela partia rumo à sua casa em horários escolhidos aleatoriamente e quando viajava em veículos desconhecidos. Ele também mostrou o mesmo padrão de comportamento quando testado repetidamente por céticos (Figura 2.5).

Suas reações normalmente tinham início no período de dez minutos antes da partida de Pam, sugerindo que ele detectava, telepaticamente, quando ela estava pretendendo voltar para casa antes de começar o percurso.

Seu comportamento antecipatório era menos pronunciado quando ele se encontrava no apartamento da irmã de Pam, provavelmente por não conseguir olhar pela janela muito facilmente, tendo de se equilibrar no encosto do sofá. Não obstante, ele ia à janela com mais freqüência quando Pam estava a caminho de casa e mostrou o mesmo tipo de comportamento antecipatório quando testado por céticos.

Sozinho na casa de Pam, Jaytee ia até a janela muito poucas vezes e, na maioria das ocasiões, não reagia ao deslocamento de Pam a caminho de casa. Ainda assim, ele às vezes exibia o mesmo padrão de comportamento antecipatório demonstrado no apartamento dos pais de Pam. Por esse padrão ser tão pronunciado, mesmo quando o efeito era diluído ao ser adicionado a ocasiões

em que ele não reagia, tirando-se a média de ambos, o resultado final ainda foi significativo do ponto de vista estatístico.

Os resultados sustentam a idéia de que Jaytee sabia, telepaticamente, quando Pam voltaria para casa, embora ele nem sempre reagisse às suas chegadas. Ele reagiu com menos freqüência quando deixado sozinho no apartamento de Pam e com mais freqüência quando levado para a casa dos pais dela, que prestavam atenção a suas reações.

Eu acredito que em experiências com outros cães que aparentam ser telepaticamente sensíveis ao retorno de seus donos, a reação do animal será igualmente influenciada pelas circunstâncias em que o cachorro se encontrar. Se ele for igual a Jaytee, reagirá com mais freqüência na presença de pessoas conhecidas, que prestam atenção ao seu comportamento antecipatório, ao do que quando estiver sozinho.

APÊNDICE C

Campos mórficos

No decorrer deste livro, venho resumindo os principais aspectos dos campos mórficos. Neste apêndice, explico esse conceito em maiores detalhes e discuto algumas de suas implicações.

Comecei a me interessar por essas idéias enquanto pesquisava o desenvolvimento das plantas na Universidade de Cambridge. Como é que as plantas crescem de simples embriões para tomar a forma característica de sua espécie? Como é que as folhas dos salgueiros, as rosas e as palmas tomam forma? Como é que suas flores se desenvolvem com formatos tão diferentes? Todas essas perguntas estão relacionadas àquilo que os biólogos chamam de *morfogênese*, o processo de tomar forma (do grego: *morphe* = forma; *genesis* = tomar forma), que é um dos problemas não-solucionados da biologia.

Numa abordagem ingênua desse problema simplesmente se diria que toda a morfogênese é geneticamente programada. Espécies diferentes simplesmente seguem as instruções dadas por seus genes. Mas alguns momentos de reflexão mostram que tal resposta é inadequada. Todas as células do corpo contêm os mesmos genes. Em seu corpo, o mesmo programa genético apresenta-se nas células dos seus olhos, do seu fígado e nas de seus

braços e pernas. Mas se todos foram programados de maneira idêntica, por que se desenvolvem de maneira tão diferente?

Alguns genes dão os códigos da seqüência de aminoácidos das proteínas; outros estão envolvidos no controle da síntese da proteína. Permitem que organismos fabriquem determinadas substâncias químicas. Mas estas, por si só, não podem ser responsáveis pela forma. Seus braços e pernas são quimicamente idênticos — se fossem moídos e analisados bioquimicamente, seriam indistinguíveis — mas eles possuem formatos diferentes. Algo que fica além e acima dos genes e das proteínas que proporcionam seu código é necessário para explicar sua forma.

Isso é mais fácil de explicar com o auxílio de uma analogia arquitetônica. Numa rua há edifícios de aparência diferente, mas o que os torna diferentes não são os materiais usados em sua construção. Todos podem ser feitos com tijolos, concreto e madeira quimicamente idênticos. Se fossem demolidos e analisados quimicamente, talvez não fosse possível diferenciá-los. O que os torna diferentes são os projetos dos arquitetos pelos quais são construídos. Esses projetos não aparecem na análise química.

Há muito que os biólogos que estudam a forma de plantas e de animais estão a par do problema e, desde a década de 1920, muitos adotaram a idéia de que organismos em desenvolvimento recebem sua forma por campos denominados *campos morfogenéticos*. Estes são como esquemas invisíveis que se encontram por trás da forma do organismo em crescimento. Mas é claro que não foram desenhados por um arquiteto, nem tampouco o "programa genético" foi projetado por um programador de computadores. Trata-se de campos: regiões de influência que se organizam, análogas a campos magnéticos e outros campos reconhecidos da natureza.

Embora o conceito de campos morfogenéticos seja amplamente aceito dentro da biologia, ninguém sabe o que esses

campos são ou como funcionam. A maioria dos biólogos pressupõe que terão explicação física e química em algum momento do futuro. Mas isso não passa de um ato de fé. Após muitos anos lutando com os problemas da morfogênese e pensando sobre campos morfogenéticos, cheguei à conclusão de que esses campos não eram apenas uma forma de nos referirmos a processos mecânicos padrão e, sim, algo de verdadeiramente novo.

Esse foi o ponto de partida para o meu próprio desenvolvimento da idéia de campos morfogenéticos, proposta pela primeira vez em meu livro *A New Science of Life*[1] [Uma nova ciência da vida] e desenvolvida, mais tarde, em *The Presence of the Past*[2] [A presença do passado], também escrito por mim. Este conceito possui três características-chave:

Primeiro, os campos morfogenéticos são um novo tipo de campo, até aqui não reconhecido pela física.

Segundo, tal como organismos, eles dão forma, evoluem. Têm histórias e contêm uma memória inerente proporcionada pelo processo que chamo de ressonância mórfica.

Terceiro, fazem parte de uma família maior de campos chamados campos mórficos.

Esses princípios são a base daquilo que chamo de hipótese de causa formativa.

A hipótese de causa formativa

Nesta hipótese, sugiro que em sistemas de auto-organização, em todos os níveis de complexidade, há uma integridade que depende de um campo organizador característico daquele sistema, o seu campo mórfico. Cada sistema de auto-organização é um todo constituído de partes, que por sua vez constituem todos num nível inferior (Figura C.1). Em cada nível, o campo mórfico dá

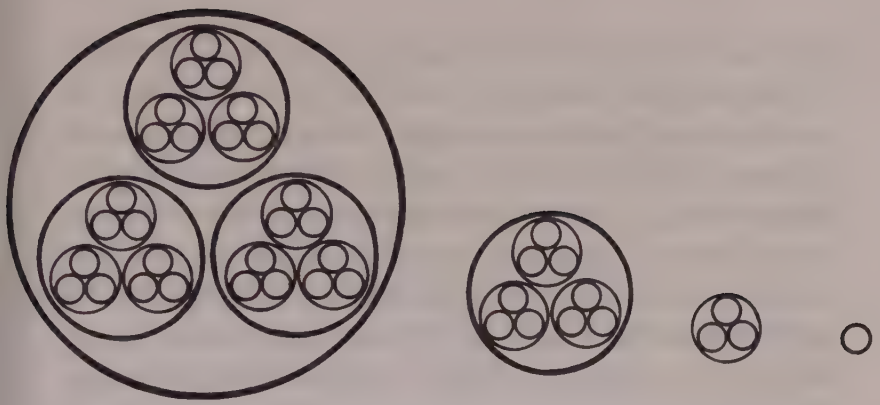


Figura C.1 Níveis sucessivos numa hierarquia aninhada de sistemas de auto-organização. Em cada nível, os sistemas são todos que contêm partes, eles próprios constituindo todos que contêm partes de níveis inferiores. Este diagrama poderia representar partículas subatômicas em átomos, em moléculas, em cristais; ou células em tecidos, em órgãos, em organismos; ou indivíduos em grupos familiares, em sociedades, em ecossistemas. Em cada nível, o todo é organizado por um campo mórfico.

a cada todo propriedades características, tornando-o mais do que a soma de suas partes.

Nas plantas e nos animais, os campos responsáveis pelo desenvolvimento e manutenção da forma corporal são chamados de campos morfogenéticos. Na organização da percepção, do comportamento e da atividade mental, denominam-se campo perceptivo, campo comportamental e campo mental. Em cristais e moléculas são chamados de campo cristal e campo molecular. Na organização de sociedades e de culturas, são chamados de campo social e campo cultural.[3] Todos esses tipos de campos de organização são campos mórficos.[4]

Campos mórficos, como os campos já reconhecidos pela física, são regiões de influência no tempo-espaço localizadas dentro e em volta dos sistemas que organizam. Eles funcionam

de forma probabilística. Restringem, ou impõem, ordem sobre o indeterminismo inerente dos sistemas que se encontram sob sua influência. Eles envolvem e ligam as diversas partes do sistema que estão organizando. Assim, um campo de cristal organiza a maneira pela qual as moléculas e os átomos estão dispostos dentro de um cristal. O campo do ouriço-do-mar dá forma a células e tecidos encontrados dentro do embrião em crescimento e conduz seu desenvolvimento na direção da forma adulta característica da espécie. Um campo social organiza e coordena o comportamento de indivíduos pertencentes a um grupo social como, por exemplo, a maneira pela qual cada pássaro voa dentro de um bando.[5]

Campos mórficos conduzem os sistemas sob sua influência na direção de metas características ou pontos finais. C.H. Waddington, biólogo inglês, deu o nome de *chreode* aos caminhos de mudança organizados pelos campos morfogenéticos e visualizou os *chreodes* em termos de canais pelos quais as bolas deslizam em direção à meta.[6] A bola representa o desenvolvimento de uma parte específica do embrião rumo à sua forma madura característica, como por exemplo o coração ou o fígado. Distúrbios no desenvolvimento normal podem empurrar a bola para longe do fundo do canal, fazendo-a subir pelas paredes deste; mas, a não ser que ela seja lançada por cima destas paredes e passe para outro canal, ela voltará ao fundo, não no ponto onde começou mas para uma posição posterior no caminho da mudança. Isso representa a regulagem embriônica, o processo pelo qual o organismo em desenvolvimento pode chegar à forma adulta normal apesar dos distúrbios ocorridos no processo de desenvolvimento.

O matemático René Thom desenvolveu modelos matemáticos de campos morfogenéticos em que os pontos finais na direção dos quais os sistemas se desenvolvem são chamados *atraentes*.[7] No ramo da matemática conhecido como dinâmica, os atraentes

representam os limites na direção dos quais os sistemas dinâmicos são puxados. Eles proporcionam uma forma científica de pensarmos em objetivos, propósitos, metas ou intenções.

O aspecto mais controvertido dessa hipótese é a proposta de que os próprios campos mórficos evoluem. Eles não são fixos para toda a eternidade através de equações matemáticas eternas, em uma espécie de âmbito platônico transcendente, ou em um programa restrito à leitura de um *compact disc* cósmico. Sua estrutura depende do que já aconteceu. Eles possuem uma espécie de memória. Através da repetição, os padrões por eles organizados tornam-se cada vez mais prováveis, cada vez mais habituais.

O primeiro campo de qualquer tipo, tal como o campo dos primeiros cristais de insulina ou o campo de uma nova idéia, como a teoria evolucionista de Darwin, toma forma através de um salto criativo. A fonte dessa criatividade evolucionária é desconhecida. Talvez seja uma questão de acaso. Talvez seja a expressão de alguma criatividade inerente à mente e à natureza.[8]

Qualquer que seja a explicação para a sua origem, uma vez que um novo campo, um novo modelo de organização, toma forma, esse campo mórfico se fortalece. É mais provável que o mesmo modelo se repita. Quanto mais freqüentemente forem repetidos os modelos, mais prováveis eles se tornam; os campos contêm uma espécie de memória cumulativa e tornam-se cada vez mais habituais. Com o tempo, os campos evoluem e formam a base dos hábitos. Vista desse ponto de vista, a natureza é essencialmente habitual. Até mesmo as chamadas "leis da natureza" talvez estejam mais próximas do hábito.[9]

Os meios pelos quais a informação ou um modelo de atividade são transferidos de um sistema anterior para um subseqüente do mesmo tipo chama-se ressonância mórfica. A ressonância mórfica envolve a influência do igual sobre o igual, a

influência de modelos de atividade sobre modelos de atividade subseqüentes e similares, uma influência passada pelo meio ou através do tempo e do espaço. Supõe-se que essas influências não diminuam no espaço ou no tempo mas que venham apenas do passado, não do futuro. Quanto maior o grau de similaridade, maior a influência da ressonância mórfica.

A ressonância mórfica é a base da memória inerente aos campos em todos os níveis de complexidade. Qualquer sistema mórfico, o embrião de uma girafa, por exemplo, pode "entrar em sintonia" com sistemas anteriores similares, neste caso girafas anteriores em desenvolvimento. Através desse processo, cada girafa extrai e, por sua vez, contribui para uma memória coletiva ou combinada de sua espécie. No âmbito humano, esse tipo de memória coletiva está intimamente relacionada àquilo que o psicólogo C.G. Jung chamava de "inconsciente coletivo".

Essa hipótese prevê que a ressonância mórfica deveria ser detectável nos âmbitos da física, da química, da biologia, da psicologia e das ciências sociais. No entanto, sistemas já estabelecidos tais como átomos de hidrogênio, cristais de sais e moléculas de hemoglobina são governados por campos mórficos fortes, como se fossem hábitos tão enraizados que poucas mudanças podem ser observadas neles. Eles se comportam *como se* fossem organizados por leis fixas. Por outro lado, novos sistemas — novos cristais, novas formas de organismos, novos modelos de comportamento, novas idéias — deveriam mostrar maior tendência a tomar forma à medida que fossem repetidos. Deveriam tornar-se cada vez mais prováveis, até mesmo mais habituais. A ressonância mórfica envolve efeitos não-locais tanto no tempo quanto no espaço.

A seguir, um resumo das propriedades hipotéticas dos campos mórficos conforme descrito em *The Presence of the Past*:[10]

1. Trata-se de todos que se organizam.
2. Eles possuem aspectos espaciais e temporais e organizam modelos espaço-temporais de atividade vibratória ou rítmica.
3. Eles atraem os sistemas que se encontram sob sua influência através de formas características e modelos de atividade cujo "tomar forma" organizam e cuja integridade mantêm. Os fins ou objetivos para os quais os campos mórficos atraem os sistemas que se encontram sob sua influência são denominados atraentes.
4. Eles inter-relacionam e coordenam as unidades mórficas ou *holons* que se encontram dentro deles e que por sua vez são organizados por campos mórficos. Campos mórficos contêm outros campos mórficos dentro deles, numa hierarquia aninhada ou *holarquia.*
5. São estruturas de probabilidade e sua atividade de organização é probabilística.
6. Eles contêm uma memória embutida proporcionada pela auto-ressonância com o próprio passado da unidade mórfica e pela ressonância mórfica com todos os sistemas similares anteriores. Essa memória é cumulativa. Quanto mais certos padrões de atividade são repetidos, mais habituais eles se tornam.

Em *A New Science of Life* e em *The Presence of the Past,* discuto uma variedade de experiências para testar a ressonância mórfica. Todos esses testes dependem da detecção de mudanças na facilidade ou na probabilidade com que o modelo repetido torna a ocorrer. Em outras palavras, eu me concentrei no aspecto da hipótese de causa formativa resumida acima, no ponto 6. De início, não propus experiências para testar o aspecto mais geral da hipótese de causa formativa, em especial a existência dos

próprios campos espacialmente estendidos, conforme resumido nos pontos 1 a 5. Essa é a questão à qual me refiro em meu livro *Seven Experiments That Could Change the World*[11] e que discuto adiante, nas p. 424-425.

Ligações com a física quântica

Experiências que testem os aspectos espaciais dos campos mórficos implicam uma espécie de não-localidade ainda não reconhecida pela ciência institucional. Não obstante, talvez ela acabe sendo relacionada à não-localidade ou à não-separabilidade que é parte integral da teoria quântica, sugerindo ligações ou correlações a uma distância até então não sonhada pela física clássica. Albert Einstein achava a "mal-assombrada ação a distância" da teoria quântica profundamente desagradável; mas os seus maiores temores tornaram-se realidade.[12] Indícios experimentais recentes demonstram que essas ligações estão no coração da física. Suas implicações mais amplas ainda não estão claras — podem estar relacionadas àquilo que chamo de campos mórficos — mas ninguém sabe ainda ao certo.

A não-localidade é um dos aspectos mais surpreendentes e paradoxais da teoria quântica devido ao fato de as partes de um sistema quântico que foram conectadas no passado guardarem uma ligação instantânea até mesmo quando se encontram a enorme distância. Por exemplo, dois fótons, que por definição viajam à velocidade da luz deslocando-se em direções opostas à de um átomo que os emitiu, retêm uma ligação não-local imediata de forma que se a polarização de um for medida, o outro terá instantaneamente uma polarização oposta, embora a polarização de cada partícula não tenha sido determinada até o momento em que a medição é feita. Isso também é chamado de "descontinuidade quântica".

As duas partes de um mesmo sistema, separadas no espaço, são ligadas por um campo quântico. Este não é um campo no espaço normal, embora seja representado matematicamente como um espaço de possibilidades multidimensionais.

Assim como no caso de átomos e moléculas, os membros de grupos sociais são partes do mesmo sistema. Compartilham alimentos, são interligados através de suas mentes e sentidos e interagem continuamente. Quando estão separadas, as partes do sistema social podem reter uma ligação não-local ou não-separável comparável ao que pode ser observado na física quântica.

Se esse for o caso, então os campos mórficos podem ser reinterpretados com base na teoria quântica. Isso envolveria uma enorme extensão da teoria quântica para cobrir uma organização biológica e social. Talvez seja um passo que a física precisa dar.

Discuti com o físico quântico David Bohm a ligação entre a idéia de campos mórficos e sua teoria da ordem comprometida, da ordem "envolta" que se encontra por trás da ordem exposta, do mundo "desdobrado" que experimentamos. Sua teoria, baseada na não-separabilidade dos sistemas quânticos, revelou-se extraordinariamente compatível com minhas propostas.[13] Essas ligações também foram exploradas pelo físico quântico americano Amit Goswami[14] e pelo físico quântico alemão Hans-Peter Dürr.[15]

No entanto, é também possível que os campos mórficos, por si só, representem uma nova espécie de campo, ainda não descrito, de forma alguma, pela física. Ainda assim, eles ainda teriam mais em comum com os campos da física quântica do que com os campos gravitacionais ou eletromagnéticos.

Agora passarei para a consideração de evidências relacionadas ao aspecto espacial dos campos mórficos e, então, para evidências relacionadas à ressonância mórfica.

Experiências com campos mórficos

Ainda não fui capaz de pensar em experiências potencialmente decisivas que testem diretamente a existência de campos mórficos *dentro* de moléculas, cristais, microrganismos, plantas e animais. Os campos mórficos agem lado a lado com campos e gradientes e, em geral, torna-se difícil separar efeitos de campos mórficos de possíveis efeitos de gradientes químicos, de genes, de campos eletromagnéticos e de outros tipos de causas. No entanto, a ocorrência de efeitos de ressonância mórfica (discutidos abaixo) sugeririam a existência de tais campos proporcionando, assim, um indício indireto de sua existência.

A maneira mais fácil de testar a existência de campos mórficos *diretamente* é através do trabalho de sociedades de organismos. Indivíduos podem ser separados de tal maneira que não consigam se comunicar através de meios sensoriais normais. Se a informação ainda assim puder ser transferida entre um e outro, isso sugeriria a existência de elos ou interligações do tipo proporcionado por campos mórficos.

Quando comecei a procurar indícios de ligações que parecessem ser campos entre membros de um grupo social, descobri que estava penetrando domínios pouco compreendidos pela ciência. Por exemplo, ninguém sabe como as sociedades de cupins são coordenadas de tal forma que estes pequenos insetos cegos possam construir ninhos com uma complexa arquitetura interna.[16] Ninguém compreende como bandos de pássaros ou cardumes podem mudar de direção tão rapidamente, sem que seus integrantes choquem-se uns com os outros.[17] Da mesma forma, ninguém conhece a natureza das ligações sociais humanas.

Uma área particularmente promissora para esse tipo de pesquisa envolve os laços entre pessoas e animais domésticos, conforme discutido neste livro.

Segundo a hipótese de causa formativa, os campos mórficos estendem-se além do cérebro e para dentro do meio ambiente, ligando-nos aos objetos de nossa percepção e tornando-nos capazes de afetá-los através de nossa intenção e de nossa atenção.[18] Este é outro aspecto dos campos mórficos que se presta à experimentação. Tais campos significariam que podemos afetar as coisas apenas de olhá-las, de maneiras que não podem ser explicadas pela física moderna. Por exemplo, é possível afetarmos uma pessoa olhando-a pelas costas quando ela não tem nenhuma forma de saber que a estamos olhando.

A sensação de estar sendo olhado por trás é, de fato, uma experiência comum. Experiências realizadas já indicam tratar-se de um fenômeno real (Capítulo 16).[19] É algo que não parece ser explicável em termos de coincidência, dos sentidos conhecidos ou de campos atualmente reconhecidos pelos físicos.[20]

É possível que os problemas não-resolvidos da orientação animal, da migração e da capacidade de encontrar o caminho de casa também dependam de campos invisíveis que ligam os animais aos seus destinos. Na verdade, estes campos poderiam agir como elásticos invisíveis ligando-os às suas casas. Na linguagem da dinâmica, sua casa pode ser encarada como um atraente.[21]

A ressonância mórfica na biologia

Se a idéia da ressonância mórfica estiver correta, tanto a forma quanto o comportamento dos organismos envolvem uma memória inerente. Como acontece com os efeitos de ressonância mórfica em geral, padrões há muito estabelecidos da morfogênese e dos comportamentos instintivos se tornarão tão profundamente habituais que poucas mudanças serão observadas. Hábitos

acumulados podem ser observados experimentalmente apenas no caso de novos padrões de desenvolvimento e de comportamento.

Já existem indícios de experiências feitas com moscas-das-frutas que demonstram que tais efeitos podem estar ocorrendo no âmbito da morfogênese.[22]

Há também muitos indícios circunstanciais de que o comportamento animal pode evoluir rapidamente, como se uma memória coletiva se acumulasse através da ressonância mórfica. Em particular, adaptações em grande escala vêm sendo observadas no comportamento de animais domesticados em todo o mundo.

Por exemplo, Roy Bedichek, em seu tempo um naturalista texano de renome, escreveu, em 1947, a respeito de mudanças no comportamento de cavalos observadas por ele ao longo da vida:

> Há 50 anos, previa-se que o arame farpado jamais poderia ser usado para cercar os pastos de cavalos. Os cavalos mais assustados ou travessos corriam diretamente para ele, cortavam suas próprias gargantas e arrancavam imensas fatias de carne do peito, ao passo que ferimentos não-fatais ou pequenos arranhões ficavam infestados de vermes. Lembro-me da época em que raramente via-se um cavalo nas regiões das fazendas e dos ranchos do Texas sem as cicatrizes deixadas por seus encontrões com o arame farpado... Mas após meio século, os cavalos aprenderam a evitar o arame farpado. Os potros raramente correm em sua direção. A espécie, como um todo, aprendeu um novo medo.
>
> Quando os automóveis surgiram, o trânsito de veículos puxados por cavalos era desorganizado... Muitos veículos bateram e muitos pescoços foram quebrados na transição do cavalo para o automóvel e no estabelecimento da tolerância ao novo meio de transporte. Eram ruidosos os pedidos para que os automóveis fossem mantidos em seu lugar... (Mas) os animais domésticos, em sua maio-

ria, perderam o medo original, tanto da locomotiva quanto do automóvel.[23]

Essa mudança não é simplesmente uma questão de os potros aprenderem com suas mães. Mesmo que eles não tenham sido expostos, anteriormente, ao arame farpado ou aos carros e tenham ficado isolados de cavalos mais velhos e mais experientes, os mais jovens não costumam, hoje em dia, reagir da mesma forma que seus predecessores há 100 anos.

Outro exemplo diz respeito aos mata-burros. Muitos rancheiros do oeste americano descobriram que podem economizar o dinheiro gasto com os mata-burros usando mata-burros falsos, ou seja, listras pintadas nas estradas. Mata-burros de verdade são feitos com tubos de aço ou trilhos colocados paralelamente, com espaços entre um e outro, o que faz com que seja difícil, e até mesmo doloroso, para o gado atravessá-lo. Os mata-burros ilusórios funcionam exatamente como os de verdade. Quando o gado chega perto deles, "aciona os freios das quatro patas", conforme expressou um rancheiro.

Será que isso se dá porque os bezerros aprendem com os mais velhos que não devem tentar atravessar? Parece que não. Diversos rancheiros me contaram que rebanhos jamais expostos a mata-burros de verdade evitam os falsos. Ted Friend, da Texas A & M University, testou a reação de centenas de cabeças de gado aos mata-burros pintados e descobriu que os animais mais ingênuos os evitam tanto quanto os que já foram expostos aos mata-burros de verdade.[24] Carneiros e cavalos demonstram igual aversão aos mata-burros pintados. Esta aversão talvez dependa da ressonância mórfica de membros anteriores da mesma espécie que aprenderam a evitar os mata-burros da maneira mais dolorosa.

Há muitos exemplos como esse. Há também dados de experiências feitas em laboratório com ratos e outros animais que

demonstram tais efeitos. A mais conhecida é uma série de experiências em que gerações consecutivas de ratos descobriram como escapar de um labirinto aquático. À medida que o tempo foi passando, os ratos de laboratórios do mundo inteiro foram capazes de fazer isso cada vez mais rapidamente.[25]

Até hoje, apenas uma experiência foi especificamente planejada para testar a ressonância mórfica no ramo da aprendizagem animal. Esta experiência envolveu pintinhos de um dia de idade e foi realizada no laboratório de um cético, Steven Rose, da Open University da Inglaterra.

Dia após dia, uma pequena luz amarela (um díodo emissor de luz, ou LED) era mostrada a grupos de pintinhos recém-saídos do ovo, que tendem a bicar qualquer pequeno objeto saliente que se encontre em seu meio ambiente. Depois que eles a bicavam, injetavam-lhes uma substância que os deixava enjoados. Eles associaram o enjôo com a bicada na luz amarela e, mais tarde, evitaram bicá-la quando esta lhes era mostrada. (Esta rápida forma de aprendizagem chama-se aversão condicionada.) Como controle, foi mostrada uma pequena conta de cromo para um número igual de pintinhos. Após bicarem-na, davam-lhes uma injeção sem qualquer princípio ativo que teve pouco ou nenhum efeito sobre eles, não produzindo aversão alguma à bicada na conta de cromo quando esta lhes era mostrada.

A idéia era que, através da ressonância morfológica de seus predecessores, novos grupos de pintinhos recém-saídos do ovo demonstrassem uma aversão cada vez maior à luz amarela assim que esta lhes fosse mostrada. Eles recorreriam a uma memória coletiva de aversão e quanto mais pintinhos tornavam-se avessos à luz amarela, mais forte o efeito deveria se tornar. Tal aversão não seria esperada dos pintinhos da experiência de controle, com relação à conta de cromo.

De fato, grupos subseqüentes de pintinhos expostos à luz amarela demonstraram aversão a ela, conforme previsto com base na ressonância mórfica.[26] Este efeito foi estatisticamente significativo.

A ressonância mórfica na aprendizagem humana

A ressonância mórfica apresenta diversas implicações para a compreensão da aprendizagem humana, incluindo o aprendizado de línguas. Através da memória coletiva, à qual os indivíduos recorrem e para a qual contribuem, deveria ser, em geral, mais fácil aprender o que outros aprenderam anteriormente. Esta idéia encaixa-se bem com as observações de lingüistas como Noam Chomsky, que propõe que o aprendizado por parte de crianças pequenas ocorre com tal rapidez e criatividade que não pode ser explicado em termos de imitação, apenas. A estrutura da linguagem parece ser, de alguma forma, herdada. Em seu livro *The Language Instinct* [O instinto da linguagem], Steven Pinker dá muitos exemplos que sustentam essa idéia.

Esse processo é especialmente surpreendente no que diz respeito à evolução da língua, o que pode ocorrer muito rapidamente. Quando falantes de línguas diferentes precisam se comunicar mas não aprendem a língua do outro, desenvolvem um artifício, uma língua franca com frases entrecortadas tomadas da língua dos colonizadores, com pouca atenção à gramática. Mas em muitos casos, de uma só tacada, essas línguas francas transformaram-se em linguagens complexas e completas, como o dialeto crioulo da Louisiana. Basta um grupo de crianças ser exposto à língua franca na idade em que adquire sua língua mãe. Historicamente, isso provavelmente aconteceu com grupos de filhos de escravos que eram cuidados, de maneira coletiva, por

um trabalhador que usava a língua franca para conversar com eles. "Não contentes em reproduzir as frases fragmentadas, as crianças injetaram uma complexidade gramatical onde ela não existia anteriormente, resultando numa língua nova em folha e ricamente expressiva."[27]

Mais notável ainda é a evolução de uma nova linguagem de sinais. Por exemplo, na Nicarágua não havia linguagem de sinais alguma até recentemente, porque os surdos eram isolados uns dos outros. Quando os sandinistas chegaram ao poder em 1979, foram criadas as primeiras escolas para os surdos.

> As escolas concentravam-se em treinar as crianças para lerem lábios e para usarem a fala e, como em todos os casos nos quais isso foi tentado, os resultados foram desoladores. Mas isso de nada importou. Nos *playgrounds* e nos ônibus escolares as crianças inventavam sua própria linguagem de sinais, combinando os gestos improvisados usados com as famílias, em casa. Logo, o sistema aglutinou-se naquilo que é chamado, hoje, de Lenguaje de Signos Nicaragüense (LSN).[28]

Essa língua franca de sinais hoje é usada por jovens adultos surdos que começaram a freqüentar a escola quando tinham dez anos, ou mais. Mas os mais jovens, que começaram a ir à escola aos quatro, quando a LSN já havia sido criada, são muito diferentes. Falam uma língua muito mais complexa e expressiva, conhecida por outro nome, Idioma de Signos Nicaragüense (ISN). Essa língua, com sua gramática consistente, foi criada de uma vez. Conforme observa Pinker: "Uma língua nasceu diante de nossos olhos."[29]

Os planos herdados que facilitam tanto a aprendizagem de linguagens existentes quanto a evolução de linguagens novas não são, meramente, princípios gerais que, por motivos lógi-

cos, precisam estar presentes em todas as línguas. Estão mais próximos de convenções arbitrárias, que poderiam ter sido diferentes. Nas palavras de Pinker: "É como se inventores, isolados uns dos outros, bolassem miraculosamente padrões idênticos para teclados de máquinas de escrever ou códigos Morse ou sinais de trânsito."[30]

Tanto Chomsky quanto Pinker pressupõem que a capacidade de aprender uma língua provavelmente depende de uma codificação do DNA dos genes que formam estruturas universais comuns a todas as línguas. Têm por certo que toda a informação hereditária esteja inscrita nos genes e são forçados a admitir a existência de uma gramática universal, já que crianças de todos os grupos étnicos parecem ser capazes de aprender qualquer língua; por exemplo, um bebê vietnamita adotado por uma família finlandesa aprende finlandês facilmente.

A ressonância mórfica proporciona uma explicação mais simples. A criança ressoa junto aos interlocutores que a cercam e com milhões de falantes daquela língua no passado. A ressonância mórfica facilita a aprendizagem da língua por ela, da mesma forma que facilita outras formas de aprendizagem. Da mesma maneira, a ressonância mórfica facilita a aprendizagem de linguagens de sinais pelos surdos, que entram em sintonia com os usuários que utilizaram essas linguagens no passado. Não há necessidade de supor que existam genes para línguas comuns e para linguagens de sinais latentes no DNA de todo mundo.

É claro que essa interpretação da aquisição da linguagem com base na causa formativa é especulativa. Mas a teoria da existência de genes relacionados a uma gramática universal também o é. Conforme observa o próprio Pinker: "Até o momento, ninguém localizou o gene da gramática."[31]

Mudanças no desempenho humano através do tempo

Uma forma de estudar os possíveis efeitos da ressonância mórfica em ampla escala é proporcionada por grupos de dados quantitativos relativos ao desempenho humano através dos anos. Será que o desempenho humano tende a melhorar com o passar do tempo? É óbvio que isso acontece com habilidades como praticar *snowboarding* e programar computadores. Mas esses progressos raramente são documentados quantitativamente e a situação está sempre mudando com as inovações tecnológicas, com a crescente disponibilidade de equipamentos, melhores professores, forças econômicas e sociais e assim por diante. Quaisquer efeitos da ressonância mórfica teriam de ser desembaraçados de todos esses fatores, até mesmo se existissem dados quantitativos.

Uma das poucas áreas em que dados quantitativos detalhados estão disponíveis através de décadas são os resultados de testes de QI (Quociente de Inteligência). Por volta de 1980, me dei conta de que se a ressonância mórfica ocorre de fato, as médias dos desempenhos em testes de QI deveriam estar subindo, não porque as pessoas estejam ficando mais inteligentes e sim porque os testes estariam se tornando mais fáceis devido à ressonância mórfica dos milhões que já os fizeram. Procurei dados que permitissem que essa previsão fosse testada, mas não consegui encontrar números publicados que fossem apropriados e nem tampouco consegui encontrar qualquer discussão sobre a questão. Assim, fiquei intrigado quando, em 1982, constatou-se que a média dos testes de QI do Japão estavam aumentando 3% por década desde a Segunda Guerra Mundial.[32] Logo depois, descobriu-se (para alívio de muitos americanos) que os QIs americanos estavam aumentando numa proporção parecida.

Quem primeiro detectou esse efeito nos Estados Unidos foi James Flynn, em seu estudo sobre os testes de inteligência administrados pelas autoridades militares americanas. Ele descobriu que os recrutas que estavam apenas na média quando comparados com seus contemporâneos, encontravam-se acima da média quando comparados a recrutas de gerações anteriores, submetidos ao mesmo teste (Figura C.2). Ninguém havia notado essa tendência porque os administradores dos testes costumavam comparar os resultados de um indivíduo com outros da mesma idade testados à mesma época; em qualquer época, a média do teste de QI foi estabelecida, por definição, em 100.[33]

Flynn agora estabeleceu que aumentos comparáveis ocorreram em 20 outros países, incluindo Austrália, Grã-Bretanha, França, Alemanha e Holanda.[34] Foram feitas muitas tentativas de explicar esse "efeito Flynn", mas nenhuma foi bem-sucedida.[35] Por exemplo, muito pouco desse efeito pode ser atribuído à prática de submeter-se a esses testes. Na verdade, esses testes tornaram-se bem menos comuns nos últimos anos. Os progressos na educação também não podem explicar isso. Nem tampouco, como alguns sugeriram, uma exposição cada vez maior à televisão. Os QIs começaram a subir antes do advento da televisão, na década de 1950, e conforme comentário um tanto irônico de Flynn, a televisão costumava ser encarada como "uma influência emburrecedora até o surgimento deste efeito".[36] Quanto mais pesquisas foram realizadas, mais misterioso ele se tornou. O próprio Flynn o descreveu como "desconcertante".[37] Mas a ressonância mórfica poderia proporcionar uma explicação natural para esse fenômeno.

Se o efeito Flynn for, de fato, explicável em termos de ressonância mórfica, isso demonstra que tais efeitos de ressonância são, na verdade, relativamente restritos. Se o fato de milhões

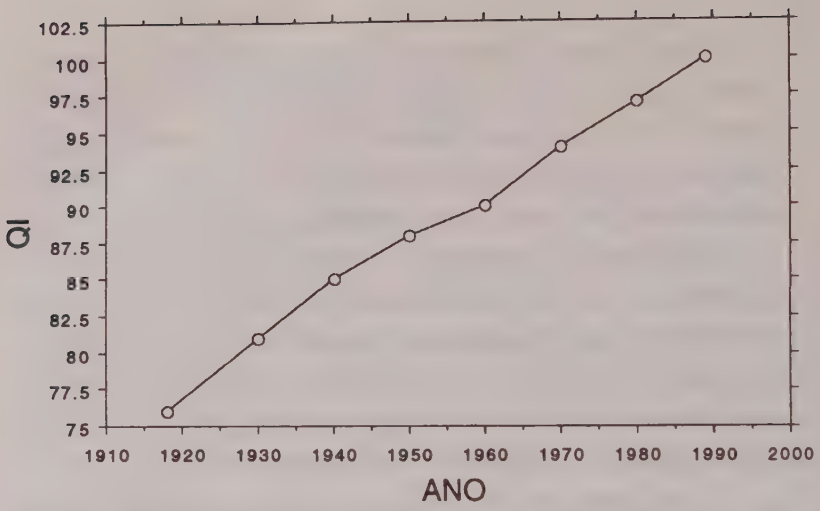


Figura C.2 O aumento de QI nos EUA entre 1918 e 1989, um exemplo do "efeito Flynn". Os números foram calibrados de acordo com os níveis de 1989 (a partir de Horgan, 1995).

de pessoas terem sido submetidas a testes de QI leva a um aumento de apenas alguns pontos percentuais nos resultados, então nas experiências que envolvem algumas centenas de pessoas, ou no máximo alguns milhares, os efeitos da ressonância mórfica podem ser pequenos demais para serem detectados quando expostos ao "ruído aleatório" devido às amplas variações de desempenho de indivíduo para indivíduo.

As implicações

A hipótese de causa formativa possui implicações de longo alcance em todos os ramos da ciência.

Na química, na cristalografia e na biologia molecular, pode-se perceber a forma molecular e a cristalina como algo em evolução, possuindo uma espécie de memória em seu interior,

em vez de serem determinadas por leis eternas e imutáveis. A exploração da memória nos âmbitos molecular e cristalino poderia, em última instância, levar a importantes aplicações tecnológicas, incluindo novos tipos de computadores interligados pela ressonância mórfica, possuindo memórias coletivas e globais.

Na biologia, o desenvolvimento dos animais e das plantas pode ser visto como sendo moldado por campos organizadores invisíveis, como portadores de hábitos ancestrais. Em termos biológicos, a evolução de formas biológicas envolve não só a evolução de *pools* gênicos mas também a evolução dos campos mórficos das espécies. Através desses campos, hábitos adquiridos podem ser herdados, exatamente como supunha Charles Darwin.[38] Considerando que novos hábitos podem se espalhar mais rápido e mais longe como resultado da ressonância mórfica do que se dependessem apenas da transferência de genes mutantes dos pais para os filhos, as mudanças evolucionárias podem ocorrer mais rapidamente.

Os instintos dependem dos campos de comportamentos habituais da espécie, moldando a atividade do sistema nervoso. Eles são influenciados pelos genes e também herdados pela ressonância mórfica. Através da ressonância mórfica, padrões de comportamento recém-aprendidos podem espalhar-se rapidamente por toda uma espécie. A aprendizagem dessas novas habilidades pode tornar-se cada mais fácil com o passar do tempo e à medida que vão se tornando mais habituais.

Na psicologia humana, as atividades da mente podem ser interpretadas em termos de campos mórficos em interação com os padrões de atividade psicoquímica do cérebro. Esses campos não estão restritos ao cérebro, estendendo-se para fora, para além do corpo e penetrando o meio ambiente. Esses campos mentais estendidos encontram-se por trás da percepção e do comporta-

mento. Eles também permitem que os fenômenos "paranormais", como a telepatia e a sensação de estar sendo olhado, sejam interpretados de tal forma que pareçam normais.

A memória pessoal pode ser compreendida em termos de auto-ressonância do passado da própria pessoa; não é mais necessário supor que todas as memórias precisem ser armazenadas como material nebuloso, como "traços" no cérebro.[39] Uma ressonância menos específica com inúmeras outras pessoas do passado liga cada um de nós à memória coletiva de nossa sociedade e de nossa cultura e, por fim, à memória coletiva de toda a humanidade.

Hábitos pessoais e coletivos não diferem em tipo e, sim, em grau; ambos dependem da ressonância mórfica. Essa abordagem nova para a memória poderia dar um novo ímpeto à compreensão da aprendizagem geral, e poderia trazer importantes implicações para a educação. Métodos de ensino que maximizam a ressonância mórfica daqueles que aprenderam a mesma coisa no passado poderiam levar a uma aprendizagem mais eficiente e mais rápida.

Os campos mórficos de grupos sociais ajudariam a explicar muitos aspectos da organização social tidos como misteriosos, incluindo o comportamento de insetos sociais, bandos de pássaros e sociedades humanas.

As ciências sociais poderiam receber uma nova base teórica e novos caminhos de pesquisa seriam abertos. Da mesma forma, a compreensão das formas culturais poderia revolucionar nossa idéia de herança cultural e da influência de nossos ancestrais. Richard Dawkins deu o nome de "meme" para "unidades de transmissão cultural",[40] e essas memes podem ser interpretadas como campos mórficos. A ressonância mórfica também esclarece muitas práticas religiosas, incluindo rituais.[41] Até mesmo os paradigmas científicos podem ser vistos como campos mórficos estabilizados pela res-

sonância mórfica, tornando-se cada vez mais habituais e inconscientes, quanto mais freqüente a sua repetição.[42]

Hoje, todo o cosmo parece ser evolucionário. Os campos de átomos, moléculas, cristais, planetas, estrelas e galáxias estão evoluindo; e assim como os campos mórficos de organismos biológicos, sua evolução fica sujeita à seleção natural. A hipótese de causa formativa proporciona uma forma de explorar o processo evolucionário na natureza como um todo, não apenas no âmbito biológico.

No entanto, por mais amplas que sejam as implicações, essa hipótese tem uma grande limitação inerente. Ela ajuda a explicar como os modelos de organização são repetidos; mas não explica como tiveram origem: deixa em aberto a questão da criatividade evolucionária. A causa formativa é compatível com diversas teorias da criatividade, desde a idéia de que toda novidade é, em última instância, uma questão de coincidência, até as explicações que se baseiam na criação divina.[43]

Notas

Prefácio

1. Sheldrake (1994).

Introdução

1. Serpell (1986).
2. Para uma discussão da teoria mecanicista da vida e suas alternativas, ver Sheldrake (1988a, 1990).
3. Pfungst (1911), p. 10.

Capítulo 1: A domesticação dos animais

1. Karsh e Turner (1988).
2. Godwin (1975); Marx et al. (1988).
3. Leakey e Lewin (1992); Mithen (1996).
4. Ehrenreich (1997).
5. Ibidem.
6. Eliade (1964); Burkert (1996).
7. Eliade (1964), p. 94.
8. Masson (1997).
9. Morell (1997).
10. Paxton (1994).

11. Fiennes e Fiennes (1968).
12. Serpell (1983).
13. Ibidem.
14. Galton (1865).
15. Kerby e Macdonald (1988).
16. Clutton-Brock (1981), p. 110.
17. Kiley-Worthington (1987).
18. Para uma interessante discussão sobre a evolução das história de Lassie, ver Garber (1996).
19. Galton (1865).
20. Fiennes e Fiennes (1968).
21. Nos Estados Unidos, em 1996, havia uma média de 2,2 gatos por casa de criadores de gatos, comparado a 1,7 cachorro por casa de criadores de cães. (Fonte: Sociedade Humanitária da América, Washington, D.C.)
22. Darwin (1875).
23. Kiley-Worthington (1987).
24. Kerby e Macdonald (1988).
25. Sheldrake (1988a).
26. Francis Huxley observou que o livro mais famoso de Darwin deveria ter o título mais apropriado de "A origem dos hábitos" (Huxley, 1959).
27. Sheldrake (1981, 1988a).
28. Para um modelo matemático de comunicação através de um campo mórfico, ver Abraham (1996).

Capítulo 2: Cães que sabem que seus donos estão chegando em casa

1. Serpell (1986).
2. Fogle (1995), p. 41.
3. Shiu, Munro e Cox (1997); Munro, Paul e Cox (1997).
4. Boone (1954), Capítulo 7.

5. Serpell (1986), p. 103-4.
6. Sheldrake e Smart (1997); Brown e Sheldrake (1998); Sheldrake, Lawlor e Turney (1998).
7. www.sheldrake.org
8. Sheldrake e Smart (1997); Brown e Sheldrake (1998); Sheldrake, Lawlor e Turney (1998).
9. Matthews (1994).
10. Para ver a correlação linear entre o tempo de percurso e o tempo de reação de Jaytee, $p < 0{,}0001$ (Sheldrake e Smart, 1998).
11. Em 20 de 55 ocasiões, Jaytee reagiu no momento em que Pam partiu para casa, ou depois de dois minutos. Mas algumas vezes Jaytee reagiu antes da partida de Pam e algumas vezes, depois: em nove casos ele reagiu mais de três minutos antes e em 26 casos, reagiu três minutos depois. Seria essa variação apenas uma questão de coincidência? Ou será que parte dessa variação é devida a alguma predisposição na maneira de registrar os dados? Pode ter havido pelo menos duas fontes de predisposições, funcionando em direções opostas. Primeiro, alguns dos dados sobre o comportamento de Jaytee podem pender para o atraso. Se o Sr. e a Sra. Smart não estivessem em sua sala de estar, se estivessem distraídos com visitas, por exemplo, ligações telefônicas ou programas de televisão, não teriam notado as reações de Jaytee imediatamente. Assim, em algumas das ocasiões em que as reações registradas de Jaytee tiveram início após a partida de Pam para casa, ele poderia de fato ter reagido mais cedo, mais próximo ao horário em que ela partiu. Segundo, em algumas das ocasiões em que Jaytee reagiu cedo demais, sua antecipação pode ter sido um artefato causado pela maneira como o horário de partida de Pam foi definido. Os horários de partida registrados por Pam foram aqueles em que ela, de fato, deu início à viagem de carro. Mas algumas vezes ela começou a se preparar para partir com dez minutos, ou mais, de antecedência, delongando-se com despedidas ou batendo papo enquanto ia saindo do local. Algumas vezes ela já estava pensando

em partir antes de começar a fazê-lo. Se Jaytee estava reagindo às suas intenções, ele tenderia a reagir *antes* de ela partir de carro.

12. Sheldrake e Smart (1998).
13. Ibidem.
14. Ibidem.
15. Há um vídeo que mostra seqüências dessa experiência disponível para venda: Sheldrake, R. (1997) *Seven Experiments That Could Change the World: The Video.* Wellspring Media, 65 Bleecker Street, Nova York, NY 10012, EUA.
16. Sheldrake (1994).
17. p,000001.
18. Durante o período em que Pam poderia receber o bipe, era importante que estivesse livre para voltar para casa imediatamente. Assim, não podíamos realizar uma experiência desse tipo quando ela ia ao dentista, por exemplo, ou quando estava no meio de uma reunião importante. A maioria delas foi feita quando ela visitava amigos ou parentes, quando ia à biblioteca, a um café ou bar. É claro que tanto Pam quanto eu precisávamos saber de antemão durante qual período o bipe seria enviado.
19. $p < 0{,}000001$.
20. Por exemplo, Matthews (1995).
21. Wiseman, Smith e Milton (1998).
22. Não há dúvidas com relação aos fatos. Mas há uma discussão em torno da interpretação dos fatos. Richard Wiseman e Matthew Smith inventaram um critério próprio através do qual julgaram o sucesso de Jaytee. Eles decidiram que o "sinal" de Jaytee para o retorno de Pam seria a primeira vez que ele foi à janela por um período maior do que dois minutos, sem motivo externo aparente. Eles descartaram todos os dados subseqüentes relacionados a esses sinais. Na realidade, durante as experiências realizadas no apartamento dos pais de Pam, embora Jaytee fosse à janela diversas vezes durante as ausências de Pam, ele passava uma proporção muito maior do tempo à janela quando Pam estava, de fato, a caminho

de casa. Em média, Jaytee passava apenas 4% do tempo à janela durante a maior parte da ausência de Pam; nos dez minutos anteriores à sua chegada, 48%; e enquanto estava a caminho, 78%. Este padrão de resultados, discutido em maior detalhe no Apêndice B, é parecido com o meu (Figura 2.3) e é significativo do ponto de vista estatístico. No entanto, Wiseman e Smith escolheram ignorar grande parte dos dados colhidos por eles próprios e desqualificar Jaytee por ele não se adequar ao critério arbitrário de dois minutos criado por eles; assim, puderam afirmar que Jaytee não passou no teste. Divulgaram essa conclusão através de *releases*, na televisão e nos jornais. Para um relato mais detalhado, ver Sheldrake (1999) *British Journal of Psychology*.

Capítulo 3: Gatos

1. Deag, Manning e Lawrence (1988).
2. Kerby e Macdonald (1988).
3. Turner (1995).
4. Os machos constituem 54% e as fêmeas 46% do número total de histórias em que o sexo do gato foi mencionado.

Capítulo 4: Papagaios, cavalos e seres humanos

1. Uma análise estatística usando um teste com amostragem em pares apresentou uma significância de p=0,03.
2. Barber (1993).
3. von Frisch (1975).
4. Associação dos Fabricantes de Comidas para Animais Domésticos (Reino Unido), 1997.
5. van der Post (1958).
6. Inglis (1977), p. 18.
7. Lang (1911).
8. Hygen (1987).

9. Por exemplo, Haynes (1976), p. 208-9.
10. Knowles (1996).

Capítulo 5: Animais que consolam e curam

1. Partridge (1958), p. 475.
2. Para ler a afirmação mais influente deste ponto de vista, ver Dawkins (1976).
3. A mais sistemática exposição desta teoria é a de Wilson (1980).
4. Para uma discussão da medida na qual dar sinais de alarme pode ser perigoso para o indivíduo embora benéfico para o grupo, ver Ridley (1996).
5. Mas se os animais de estimação e os seres humanos podem ajudar-se mutuamente a sobreviver, então são geneticamente co-dependentes e o são há muitas gerações. Dessa forma teriam sido sujeitos à seleção para o altruísmo entre as espécies.
6. Karsh e Turner (1988).
7. Ibidem.
8. Hart (1995); Dossey (1997).
9. Lynch e McCarthy (1969).
10. Friedmann (1995).
11. Hart (1995); Rennie (1997).
12. Hart (1995).
13. Serpell (1991).
14. Hart (1995).
15. Dossey (1997).
16. Por exemplo, Paul e Serpell (1996).
17. Por exemplo, Summerfield (1996).
18. Por exemplo, Phear (1997).
19. Ormerod (1996).
20. Rennie (1997).
21. Susan Chernak McElroy (1997) em seu livro *Animals as Teachers and Healers* [Animais como professores e curandeiros] dá muitos

exemplos de cura e de consolo oferecidos por cães e outros animais, incluindo cães que visitam os doentes e moribundos.

22. Metzger (1998).
23. Garber (1997), p. 137-8.
24. Edney (1992).
25. McCormick e McCormick (1997).
26. Stewart (1995).
27. Ibidem.
28. Masson (1997).
29. Michell e Rickard (1982), p. 127.
30. Ibidem, p. 128.

Capítulo 6: Mortes e acidentes a distância

1. Masson (1997), p. 144.
2. Bradshaw e Nott (1995).
3. Morris (1986), p. 17.
4. Steinhart (1995), p. 24.
5. Gurney, Myers e Podmore (1886); Broad (1962).
6. Stevenson (1970).

Capítulo 8: Chamados e comandos telepáticos

1. Woodhouse (1992), p. 54.
2. Sheldrake e Smart (1997); Sheldrake, Lawlor e Turney (1998); Brown e Sheldrake (1998); Sheldrake (1998a).
3. Ibidem.
4. Ibidem.
5. Bechterev (1949: traduzido de artigo publicado, originariamente, em 1924 na *Zeitschrift für Psychotherapie*).
6. Bechterev (1949), p. 175.
7. Mas algumas experiências preliminares e não-conclusivas foram realizadas com gatos por Osis (1952) e Osis e Foster (1953).

8. Kiley-Worthington (1987), p. 88-9.
9. Roberts (1996).
10. Blake (1975).
11. Ibidem, p. 131.
12. Ibidem, p. 94
13. Ibidem, p. 129.
14. Patanjali: *Yoga Sutras,* iii, 36.
15. Smith (1989).
16. Myers (1997).
17. St. Barbe Baker (1942), p. 41.
18. Steiger e Steiger (1992), p. 16.
19. As amostragens foram realizadas através de telefonemas dados para casas selecionadas aleatoriamente com o auxílio de catálogos telefônicos. Em Bury, 65% das pessoas perguntadas disseram que já haviam telefonado para alguém que relatou estar pensando em ligar para elas naquele instante; 50% das pessoas perguntadas disseram que elas próprias sabiam quem estava ligando antes mesmo de atender o telefonema, sem que houvesse qualquer pista possível. Um número significativamente maior de mulheres sobre homens havia tido essas experiências. (A significância estatística da diferença entre homens e mulheres foi de $p < 0,02$.) Mais de um terço das pessoas que tiveram essas experiências disse que estas aconteciam com freqüência. Em Londres, a uma amostragem aleatória da população foi perguntado: "Você alguma vez já teve a sensação de que uma determinada pessoa ia lhe telefonar alguns instantes antes desta fazê-lo?", ao que 58% das pessoas disseram já ter tido essa experiência.

Capítulo 9: A telepatia entre animais

1. Wilson (1971).
2. Hölldobler e Wilson (1994), p. 109-110.
3. von Frisch (1975).
4. Ibidem, p. 150.

5. Marais (1973).
6. Sheldrake (1994).
7. Wilson (1980).
8. Ibidem, p. 207-208.
9. Partridge (1981).
10. Ibidem, p. 493-4.
11. Modelos matemáticos de peixes em cardumes precisam levar em conta os efeitos de cooperação através de todo o cardume, que é uma das formas de representar o campo do cardume. Ver, por exemplo, Hunth e Wissel (1992); Niwa (1994).
12. Selous (1931), p. 9.
13. Ibidem, p. 10.
14. Potts (1984).
15. Para um resumo de pesquisa recente sobre o comportamento dos bandos de pássaros, ver Parrish e Hammer (1997). Modelos que usam interações locais entre pássaros e seus vizinhos foram construídos com base em programas de autômatos celulares projetados por Craig Reynolds e outros, o mais conhecido deles sendo o programa "Boids" de Reynolds (detalhes podem ser encontrados em seu *site* na Internet: http://hmt.com/cwr/boids/html). Estes programas são capazes de simular parte do comportamento dos bandos de pássaros. Mas alguns modelos são melhores para a previsão do comportamento de bandos do que os "boids" originais. Esses modelos são baseados em fenômenos de campos, tais como os campos que ordenam a rotação magnética dos átomos dentro de um ímã, ou os campos que regem o fluir dos fluidos. Mas nenhum desses modelos computadorizados entra em detalhes de como a comunicação entre pássaros ocorre de fato. Dados obtidos através da observação de filmes registrados em alta velocidade demonstram que a interação é rápida demais para ser explicada por estímulos visuais fornecidos pelos vizinhos. Os pássaros reagem mais rapidamente do que permitiriam seus impulsos nervosos se eles estivessem, apenas, reagindo aos seus vizinhos (Sheldrake,

1988). Em vez disso, eles parecem reagir às mudanças ocorridas na totalidade do bando em movimento. Há ondas que podem passar através dos campos dos bandos (Schecter, 1999). Essas versões de campo dos "boids", novas e aperfeiçoadas, sugerem algum tipo de transferência rápida de informações através de campos e se encaixam bem com o tipo de modelo de campo que estou sugerindo.

16. Long (1910), p. 101-105.
17. Blake (1975).
18. Ostrander e Schroeder (1970).
19. Rogo (1997).
20. Wylder (1978).
21. Peoc'h (1997).

Capítulo 10: Jornadas incríveis

1. Burnford (1961).
2. Young (1995).
3. Lemish (1996), p. 220.
4. Haldane: *Drovers' Roads of Scotland* [Estradas de boiadeiros da Escócia].
5. Herrick (1922).
6. Schmidt (1932).
7. Schmidt (1936), p. 188-9.
8. Ibidem, p. 192.
9. Thomas (1993), p. 7.
10. Ibidem, p. 8.
11. Uma matéria foi mostrada no programa *Out of this World* [Do outro mundo] na BBC 1, no dia 6 de agosto de 1996.
12. McFarland (1981).
13. Steinhart (1995), p. 16.
14. Boitani et al. (1995).
15. Kerby e Macdonald (1955).
16. Liberg e Sandell (1955).

17. Carthy (1963); Matthews (1968).
18. Matthews (1968).
19. Carthy (1963).
20. Gould (1990).
21. Schmidt-Koenig e Ganzhorn (1991).
22. Walraff (1990).
23. Schmidt-Koenig (1979).
24. Essa foi uma lição aprendida através de muitas tentativas para determinar-se a longitude em alto-mar, algo de grande importância para a navegação. Ver Sobel (1996).
25. Keeton (1981).
26. Schmidt-Koenig (1979); Wiltschko, Wiltschko e Jahnel (1987).
27. Moore (1988); Walcott (1991).
28. van der Post (1962), p. 235.
29. Forster (1778).
30. Para um resumo dos resultados da pesquisa, ver Baker (1989).

Capítulo 11: Migrações e memória

1. Brower (1996).
2. Berthold (1991).
3. Keeton (1981).
4. Able (1982).
5. Wiltschko e Wiltschko (1995, 1999).
6. Skinner e Porter (1987).
7. Able e Able (1996).
8. Sobel (1996).
9. Hasler, Scholz e Horrall (1978).
10. Papi e Luschi (1996).
11. Ibidem.
12. Lohmann (1992).
13. Jouventin e Weimerskirsch (1990); Weimerskirsch et al. (1993).
14. Papi e Luschi (1996).

15. Sheldrake (1981, 1988a).
16. Helbig (1996).
17. Perdeck (1958).
18. Ibidem.
19. Ibidem.
20. Baker (1980).
21. Helbig (1996).
22. Nessa hipótese, quando pássaros de raças migratórias diferentes são cruzados, por exemplo as toutinegras da Europa Ocidental com as da Europa Oriental, os filhotes deveriam entrar em sintonia com os dois conjuntos de hábitos migratórios. Na realidade, quando esses pássaros híbridos são testados no início da estação de migração para ver para que lado da gaiola saltam, eles exibem uma variedade muito maior do que os pássaros das raças paternas. Pássaros engaiolados da raça oriental tendem a saltar na direção sudeste; os da raça ocidental, na direção sudoeste; os híbridos costumam, em média, saltitar numa direção intermediária. (Helbig, 1993, 1996). Na vida real, se os híbridos insistissem numa rota rumo ao sul, não seguiriam nenhuma das duas rotas migratórias tradicionais da Europa para a África, com travessias marítimas curtas pelo Estreito de Gibraltar ou pelo Bósforo, e morreriam ou teriam de encontrar um novo local para invernar.
23. Bowen e Avise (1994).

Capítulo 12: Animais que sabem que estão chegando em casa

1. Thomas (1993), p. 143.

Capítulo 13: Animais de estimação que encontram seus donos em locais distantes

1. Os detalhes são contados num relato do século XIX, publicado em St Gallen, intitulado *Zollikofer und sein Hund*, e cuja cópia me foi

cedida, gentilmente, pelo Prof. C. Zollikofer da Universidade de Zurique, que é descendente do embaixador.

2. Cooper (1983), p. 149.
3. Geller (1998).
4. Rhine (1951).
5. Rhine e Feather (1962).
6. Ibidem.
7. Ibidem.
8. Ibidem.
9. Whitlock (1992).
10. Pratt (1964).
11. Reimpresso em *World Farming Newsletter* [Boletim mundial da agricultura], 1983.
12. "Cow's long march" [A longa marcha de uma vaca], *Soviet Weekly*, 24 de janeiro de 1987.
13. Long (1919), p. 95.
14. Ibidem, p. 97-9.

Capítulo 14: Premonições sobre ataques, comas e mortes súbitas

1. Para uma esclarecedora discussão sobre o medo, ver Masson (1996).
2. Hölldobler e Wilson (1994).
3. Brown (1975).
4. Chandrasekeran (1995).
5. Price (1998).
6. Edney (1993).
7. Smith (1997).
8. Support Dogs, PO Box 447, Sheffield S6 6YZ, England.
9. National Service Dog Center, 289 Perimeter Road, Renton, WA 98055-1329, USA. Um programa de treinamento também foi estabelecido como parte do Prison Pet Partnership Program [Pro-

grama de parceria para animais de estimação em cadeias], 9601 Bujacich Road, PO Box 17, Gig Harbor, WA 98335-0017, USA.
10. Chandrasekeran (1995).
11. Na época em que eu escrevia este livro, programas de pesquisa estavam sendo considerados por dois centros nos Estados Unidos: The Epilepsy Institute, 257 Park Avenue South, Nova York, NY, 10010, USA; e o Departamento de Ciências Fisiológicas, College of Veterinary Medicine, University of Florida, PO Box 100144, Gainesville, FL 32610-0144, USA.
12. Lim et al. (1992).
13. Williams e Pembroke (1989).

Capítulo 15: Pressentimentos relacionados a terremotos e outros desastres

1. Sinto-me grato a Anna Rigano por esses relatórios.
2. Tributsch (1982), p. 13.
3. Ibidem.
4. Bardens (1987).
5. Wadatsumi (1995).
6. Geller et al. (1997).
7. Tributsch (1982), p. 9.
8. Ibidem, p. 10.
9. Evernden (1976).
10. Hui (1996).
11. Hui e Kerr (1997).
12. Hui (1996).
13. Otis e Kautz (1981).
14. A probabilidade de os resultados serem devido à probabilidade foi de $p < 0{,}00005$.
15. Tributsch (1982), Capítulo 5.
16. Otis e Kautz (1981).
17. Ikeya et al. (1997).

18. Lighthill (1996).
19. Time Research Institute, PO Box 620198, Woodside, CA 94962, USA.
20. Ikeya, Takaki e Takashimizu (1996); Ikeya, Matsuda e Yamanaka (1998).
21. Cooper (1983).
22. Ibidem, p. 128.
23. Peter (1994).
24. Parson (1956).
25. Inglis (1985), p. 74.
26. Radin (1997), p. 112.
27. Dunne (1958).
28. Radin (1997), Capítulo 7.

Capítulo 16: Poderes animais e a mente humana

1. Para duas histórias sobre os tribais escritas por Laurens van der Post, ver p. 126 e 266.
2. Lang (1911).
3. Em nossos próprios levantamentos, mais mulheres do que homens disseram ter tido uma experiência psíquica e mais mulheres haviam tido experiências aparentemente telepáticas com telefonemas: Sheldrake e Smart (1987); Sheldrake, Lawlor e Turney (1998); Brown e Sheldrake (1998).
4. Baker (1989).
5. A mais impressionante exceção é o trabalho pioneiro de Rhine e Feather (1962). Para um exame da pesquisa realizada por parapsicólogos sobre esse assunto, ver Morris (1977).
6. Peoc'h (1988a, b).
7. Peoc'h (1988c).
8. Peoc'h (1997b).
9. Jahn e Dunne (1987); Radin (1997).

10. Para uma discussão dos efeitos da intenção e de seu relacionamento com o pensamento positivo e a prece, ver Sheldrake e Fox (1996).
11. Cottrell, Winer e Smith (1996).
12. Sheldrake (1994); Cottrell, Winer e Smith (1996).
13. Elsworthy (1898).
14. Dundes (1981).
15. Sheldrake (1994).
16. Sheldrake (1998b, 1999).
17. Braud, Shafer e Andrews (1993a, b); Schlitz e LaBerge (1997). No entanto, um dos investigadores não conseguiu encontrar efeitos positivos quando ele próprio ou seus colegas céticos olhavam: Richard Wiseman. Uma das pessoas que conseguiu efeitos positivos de maneira consistente foi Marilyn Schlitz, do Instituto de Ciências Noéticas de Sausalito, e ela viajou para o laboratório de Wiseman, na Inglaterra para realizar as experiências sob as condições criadas por ele, com um grupo de participantes voluntários alocados, aleatoriamente, para Schlitz ou para Wiseman. Nessas experiências, quando quem estava olhando era Schlitz, o estado emocional dos participantes mudava, conforme revelaram as mudanças na resistência da pele destes, de forma significativa, do ponto de vista estatístico. Quando era Wiseman quem olhava, os participantes não demonstravam diferença significativa alguma (Wiseman e Schlitz, 1997). Isso demonstra um claro "efeito do experimentador", no qual as expectativas e capacidades de quem realiza a experiência podem afetar o resultado. Mas muito embora seja fácil compreender como um cético poderia fazer uma experiência fracassar, os resultados de Marilyn Schlitz não podem ser explicados de maneira parecida. O fato de ela crer na realidade desse efeito não poderia fazer com que os participantes sentissem que ela os olhava, a não ser que houvesse alguma influência real de sua mente a distância.
18. O conceito de campo mórfico talvez pudesse explicar as precognições se fosse melhor desenvolvido para levar em conta a forma pela qual as ondas e as vibrações se espalham através do tempo, sem

interrupções bruscas entre passado, presente e futuro, conforme discutido por Sheldrake, McKenna e Abraham (1998).

19. Para uma discussão de algumas dessas implicações, ver Sheldrake, McKenna e Abraham (1998).
20. Agradeço a David Jay Brown por me ter sugerido essa linha de pensamento.
21. Barrow (1988), p. 361.
22. Davies e Gribbin (1991), p. 217. Um recente desdobramento experimental dos princípios da não-localidade é a realização do "teleporte quântico" (Bouwmeester et al., 1997).

Apêndice A: Como participar da pesquisa

1. Por exemplo, Rhine e Feather (1962); Edney (1993); Peoc'h (1988a, b, c; 1997a, b).
2. Sheldrake e Smart (1997); Sheldrake, Lawlor e Turney (1998); Sheldrake e Brown (1998); Sheldrake (1998a).
3. Sheldrake e Smart (1998, 1999).
4. Sheldrake (1994).
5. Sheldrake (1998b, 1999).

Apêndice B: Experiências com Jaytee

1. Para esse objetivo, longa significa mais de três horas; média, de uma hora e 50 minutos a duas horas e 50 minutos; e curta, de uma hora e 20 minutos a uma hora e 40 minutos.
2. Valor de f (df 2, 27)= 8,84.
3. Valor de f (df 1, 22)= 11,31.
4. Em 1º de julho de 1997.
5. Em 29 de agosto de 1997.
6. Sheldrake e Smart (1998).

Apêndice C: Campos mórficos

1. Sheldrake (1981).
2. Sheldrake (1988a).
3. Sheldrake (1981).
4. Sheldrake (1988a).
5. Ibidem, Capítulos 13 e 14.
6. Waddington (1957).
7. Thom (1975, 1983).
8. Para uma discussão de teorias alternativas da criatividade, ver Sheldrake (1988a), Capítulo 18.
9. Sheldrake (1988a, 1990).
10. Sheldrake (1988a), p. 316-7.
11. Sheldrake (1994).
12. Davies e Gribbin (1991).
13. Bohm e Sheldrake (1985): Campos morfogenéticos e a ordem implícita. Em Sheldrake (1985), p. 234.
14. Goswami (1997).
15. Dürr (1997).
16. Sheldrake (1994).
17. Sheldrake (1988a).
18. Sheldrake (1981), seção 9.6.
19. Sheldrake (1994; 1998b; 1999).
20. Abraham, McKenna e Sheldrake (1992); Sheldrake (1994).
21. Para uma discussão dessa idéia, ver Sheldrake, McKenna e Abraham (1998), Capítulo 4.
22. Sheldrake (1988a), Capítulo 8.
23. Bedichek (1947; reimpresso em 1961), p. 157-8.
24. Sheldrake (1988b).
25. Sheldrake (1988a), Capítulo 9.
26. Sheldrake (1992a). Talvez de forma inevitável, Rose e eu discordamos quanto à interpretação dos dados. Ele permaneceu cético (Rose, 1992), mas suas conclusões baseavam-se num conjunto de

dados errôneos, além de ignorar os resultados fornecidos pelos pintinhos de controle (Sheldrake, 1992b). Ver também Mikulecky (1996).

27. Pinker (1994), p. 33.
28. Ibidem, p. 36.
29. Ibidem, p. 37.
30. Ibidem, p. 41.
31. Ibidem, p. 46.
32. Anderson (1982).
33. Flynn (1983, 1984).
34. Flynn (1987).
35. Neisser et al. (1995); Horgan (1995).
36. Horgan (1995).
37. Ibidem.
38. Darwin (1875).
39. Sheldrake (1988a).
40. Dawkins (1976).
41. Sheldrake e Fox (1996).
42. Sheldrake (1988a).
43. Sheldrake (1981; 1988a; 1990). Ibidem, p. 94.

Referências Bibliográficas

Able, K.T. e Able, M.A. (1996) The flexible migratory orientation system of the Savannah sparrow [O flexível sistema de orientação da andorinha da savana]. *Journal of Experimental Biology* 199, 3-8.

Able, K.T. (1982) The effects of overcast skies on the orientation of free-flying nocturnal migrants [Os efeitos do céu nublado na orientação de migrantes noturnos em vôo-livre]. Em: Papi, F. e Wallraff, H.G. (eds.) *Avian Navigation*, Springer, Berlim.

Abraham, R. (1996) *Vibrations: communication through a morphic field* [Vibrações: a comunicação através de um campo mórfico]. Visual Math Institute, Santa Cruz.

Abraham, R., McKenna, T. e Sheldrake, R. (1992) *Trialogues at the Edge of the West* [Triálogos nos confins do Oeste]. Bear and Co., Santa Fé.

Anderson, A.M. (1982) The great Japanese IQ increase [O grande aumento no QI japonês]. *Nature* 297, 180-1.

Ash, E.C. (1927) *Dogs: Their History and Development* [Cães: sua história e desenvolvimento]. Benn, Londres.

Baker, R. (1980) *The Mystery of Migration* [O mistério da migração]. MacDonald, Londres.

_____. (1989) *Human Navigation and Magnetoreception* [A orientação humana e a magnetorrecepção]. Manchester University Press, Manchester.

Barber, T.X. (1993) *The Human Nature of Birds* [A natureza humana dos pássaros]. St. Martin's Press, Nova York.

Bardens, D. (1987) *Psychic Animals: An Investigation of their Secret Powers* [Animais mediúnicos: uma investigação de seus poderes secretos]. Hale, Londres.

Barrow, J. (1988) *The World Within the World* [O mundo dentro do mundo]. Clarendon Press, Oxford.

Bechterev, W. (1949) "Direct Influence" of a person upon the behaviour of animals [A influência direta de uma pessoa sobre o comportamento dos animais]. *Journal of Parapsychology* 13, 166-76.

Bedichek, R. (1947) *Adventures with a Texan Naturalist* [Aventuras com um naturalista texano]. Reimpressão 1961, University of Texas Press, Austin.

Berthold, P. (1991) Spatiotemporal programmes and the genetics of orientation [Programas espaço-temporais e a genética da orientação]. Em: Berthold, P. (ed.) *Orientation in Birds* [A orientação dos pássaros]. Birkhäuser, Basiléia.

Blake, H. (1975) *Talking with Horses: A Study of Communication Between Man and Horse* [Conversando com cavalos: um estudo da comunicação entre o homem e o cavalo]. Souvenir Press, Londres.

Bloxham, J. e Gubbins, D. (1985) The secular variation of the Earth's magnetic field [A variação secular do campo magnético da Terra]. *Nature* 317, 777-81.

Bohm, D. e Sheldrake, R. (1985) Morphogenetic fields and the implicate order. [Campos morfogenéticos e a ordem implícita]. Em Sheldrake, R. *A New Science of Life* [Uma nova ciência da vida], 2ª ed. Blond, Londres.

Boitani, L., Francisci, F., Ciucci, P. e Andreoli, G. (1995) Population biology and ecology of feral dogs in central Italy [Biologia

populacional e ecologia de cães ferais na Itália central] Em: Serpell, J. (ed.) *The Domestic Dog* [O cão doméstico]. Cambridge University Press, Cambridge.

Boone, J.A. (1954) *Kinship With All Life.* [Uma afinidade com toda a vida]. Harper and Row, Nova York.

Bouwmeester, D., Pan, J.W., Mattle, K., Eibl, M., Weinfurter, H. e Zellinger, A. (1997) Experimental quantum teleportation [Teleporte quântico experimental]. *Nature* 390, 575-9.

Bowen, B.W. e Avise, J.C. (1994) Tracking turtles through time [Rastreando as tartarugas através do tempo]. *Natural History* 12, 5-6, 38-39.

Bradshaw, J.W.S. e Nott, H.M.R. (1995) Social and communication behaviour of companion dogs [Comportamento social e comunicativo de cães de estimação]. Em: Serpell, J. (ed.) *The Domestic Dog* [O cão doméstico]. Cambridge University Press, Cambridge.

Braud, W., Shafer, D. e Andrews, S. (1993a) Reactions to an unseen gaze (remote attention): A review, with new data on autonomic staring detection [Reações a um olhar não-visto (atenção remota): uma revisão com novos dados da detecção autônoma de olhares]. *Journal of Parapsychology* 57, 373-90.

_____ Shafer, D. e Andrews, S. (1993b) Further studies of autonomic detection of remote staring: replications, new control procedures and personality correlates [Estudos adicionais sobre a detecção autônoma de olhares remotos: replicações, novos procedimentos de controle e correlações de personalidade]. *Journal of Parapsychology* 57, 391-409.

Broad, C.D. (1962) *Lectures on Psychical Research* [Palestras sobre pesquisas psíquicas]. Routledge e Kegan Paul, Londres.

Brower, L.P. (1996) Monarch butterfly orientation [A orientação das borboletas monarcas]. *Journal of Experimental Biology* 199, 93-103.

Brown, D.J. e Sheldrake, R. (1998) Perceptive pets: a survey in northwest California [Animais de estimação perceptivos: um

levantamento realizado no noroeste da Califórnia]. *Journal of the Society for Psychical Research* 62, 396-406.

Brown, J.L. (1975) *The Evolution of Behavior* [A evolução do comportamento]. Norton, Nova York.

Burkert, W. (1996) *The Creation of the Sacred: Tracks of Biology in Early Religions.* [A criação do sagrado: rastros da biologia nas religiões primitivas]. Harvard University Press, Cambridge, Mass.

Burnford, S. (1961) *The Incredible Journey* [A incrível jornada]. Hodder & Stoughton, Londres.

Carthy, J.D. (1963) *Animal Navigation* [Orientação animal]. Unwin, Londres.

Chandrasekeran, R. (1995) Epileptic owners swear by seizure-alerting dogs [Epiléticos e sua enorme confiança em cães que alertam quanto à iminência de ataques]. *Washington Post,* 31 de julho.

Clutton-Brock, J. (1981) *Domesticated Animals from Early Times* [Animais domésticos de antigamente]. Heinemann, Londres.

Cooper, J. (1983) *Animals in War* [Animais na guerra]. Imperial War Museum, Londres.

Cottrell, J.E., Winer, G.A. e Smith, M.C. (1996) Beliefs of children and adults about feeling stares of unseen others [Crenças de crianças e de adultos referentes à sensação de estarem sendo olhados por alguém que não podem ver]. *Developmental Psychology* 32, 50-61.

Darwin, C. (1875) *The Variation of Animals and Plants Under Domestication* [A variação de animais e de plantas sob domesticação]. Murray, Londres.

Davies, P. e Gribbin, J. (1991). *The Matter Myth* [O mito da matéria]. Viking, Londres.

Dawkins, R. (1976) *The Selfish Gene* [O gene egoísta]. Oxford University Press, Oxford.

Deag, J.M., Manning, A. e Lawrence, C.A. (1988) Factors influencing the mother-kitten relationship [Fatores de influência no relacionamento entre gata e filhote]. Em: Turner, D.C. e Bateson, P. (eds.) *The Domestic Cat* [O gato doméstico]. Cambridge University Press, Cambridge.

Dossey, L. (1997) The healing power of pets: a look at animal-assisted therapy [O poder de cura dos animais de estimação: um olhar sobre a terapia assistida por animais]. *Alternative Therapies* 3, 8-15.

Dundes, A. (ed.) (1981) *The Evil Eye: A Casebook* [O olho grande: um livro de casos]. University of Wisconsin Press, Madison.

Dunne, J.W. (1958: 3ª ed.). *An Experiment with Time* [Uma experiência com o tempo]. Faber e Faber, Londres.

Dürr, H.P. (1997) Sheldrakes Vorstellungen aus dem Blickwinkel der modernen Physik. Em: Dürr, H.P. e Gottwald, F.T. (eds.) *Rupert Sheldrake in der Diskussion,* Scherz Verlag, Berna.

Edney, A.T.B. (1992) Companion animals and human health [Animais de estimação e a saúde humana]. *Veterinary Record,* 130, 285-287.

_____ . (1993) Dogs and human epilepsy [Cães e a epilepsia humana]. *Veterinary Record,* 132, 337-338.

Ehrenreich, B. (1997) *Blood Rites* [Ritos de sangue]. Metropolitan Books, Nova York.

Eliade, M. (1964) *Shamanism: Archaic Techniques of Ecstasy* [Xamanismo: técnicas arcaicas do êxtase]. Princeton University Press, Princeton.

Elsworthy, F. (1898) *The Evil Eye* [O olho grande]. Murray, Londres.

Evernden, J.R. (ed.) (1976) *Abnormal Animal Behavior Prior to Earthquakes* [Comportamento anormal de animais antes de terremotos]. Programa nacional de redução de riscos causados por terremotos dos EUA, Conferência, 23-24 de setembro.

Fiennes, R. e A. (1968) *The Natural History of the Dog* [A história natural do cão]. Weidenfeld & Nicholson, Londres.

Flynn, J.R. (1983) Now the great augmentation of the American IQ [E agora o grande aumento do QI americano]. *Nature* 301, 655.

_____ . (1984) The mean IQ of Americans: massive gains 1932 to 1978 [O QI médio do americano: enormes aumentos de 1932 a 1978]. *Psychological Bulletin* 101, 95, 29-51.

_____ . (1987) Massive IQ gains in 14 nations *Psychological Bultetin* 101, 171-191.

Fogle, B. (1994) Unexpected dog ownership findings from Eastern Europe [Descobertas inesperadas entre proprietários de cães na Europa Oriental]. *Anthrozoos* 7, 270.

_____ . (1995) *The Encyclopedia of the Dog* [A enciclopédia do cão]. Dorling Kindersley, Londres.

Forster, J.R. (1778) *Observations Made During a Voyage Around the World* [Observações feitas durante uma volta ao mundo]. Robinson, Londres.

Friedmann, E. (1995) The role of pets in enhancing human well-being: physiological effects [O papel dos animais de estimação no aumento do bem-estar humano: efeitos fisiológicos]. Em: Robinson, I. (ed.) *The Waltham Book of Human-Animal Interaction: Benefits and Responsibilities of Pet Ownership* [O livro da interação humano-animal: benefícios e responsabilidades de quem tem um animal doméstico]. Pergamon Press, Oxford.

Galton, F. (1865) The first steps towards the domestication of animals [Os primeiros passos para a domesticação de animais]. *Transactions of the Ethnological Society of London, New Series* 3, 122-138.

Garber, M. (1996) *Dog Love* [Amor de cão]. Hamish Hamilton, Londres.

Geller, R.J., Jackson, D.D., Kagan, Y.Y. e Mulargia, F. (1997) Earthquakes cannot be predicted [Terremotos não podem ser previstos]. *Science* 275, 1616-7.

Geller, U. (1998) Uri Geller's Weird Web [A estranha teia de Uri Geller], *The Times*, 27 de maio.

Godwin, R.D. (1975) Trends in the ownership of domestic pets in Great Britain [Tendências da propriedade de animais domésticos na Grã-Bretanha]. Em: R.S. Anderson (ed.) *Pet Animals and Society* [Animais domésticos e a sociedade]. Balliere Tindall, Londres.

Goswami, A. (1997) Eine quantentheoretische Erklärung von Sheldrakes morphischer Resonanz. Em: Dürr, H.P. e Gottwald, F.T. (eds.) *Rupert Sheldrake in der Diskussion.* Scherz Verlag, Berna.

Gould, J.L. (1990) Why birds (still) fly south. [Por que os pássaros (ainda) voam para o sul]. *Nature* 347, 331.

Gurney, E., Myers, F. e Podmore, F. (1886) *Phantasms of the Living* [Fantasmas dos vivos]. Trubner, Londres.

Hart, L.A. (1995) Dogs as human companions: a review of the relationship [Cães como companheiros do homem: um resumo do relacionamento]. Em: Serpell, J. (ed.) *The Domestic Dog.* Cambridge University Press, Cambridge.

Hasler, A.D., Scholz, A.T. e Horrall, R.M. (1978) Olfactory imprinting and homing in salmon [*Imprinting* olfativo e salmões que encontram seu rio natal]. *American Scientist* 66, 347-55.

Haynes, R. (1976) *The Seeing Eye, The Seeing I* [O olho que vê, o eu que vê]. Hutchinson, Londres.

Helbig, A.J. (1993) What do we know about the genetic basis of bird orientation? [O que sabemos sobre a base genética da orientação dos pássaros?]. *Journal of Navigation* 46, 376-82.

_____ . (1996) Genetic basis, mode of inheritance and evolutionary changes of migratory direction in palearctic warblers [Bases genéticas e mudanças evolucionárias da direção migratória em aves canoras paleárticas]. *Journal of Experimental Biology* 199, 49-55.

Herrick, F.H. (1922) Homing powers of the cat [O poder que os gatos têm de encontrar o caminho de casa]. *Science Monthly* 14, 526-39.

Hölldobler, B. e Wilson, E.O. (1994) *Journey to the Ants: A Story of Scientific Exploration* [Jornada às formigas: uma história de exploração científica]. Harvard University Press, Cambridge, Mass.

Horgan, J. (1995) Get smart, take a test: a long-term rise in IQ scores baffles intelligence experts [Fique esperto, faça um teste: aumento duradouro de QIs desconcerta especialistas em inteligência]. *Scientific American*, novembro, 10-11.

Hui, L. (1996) China's campaign to predict quakes [A campanha da China para prever terremotos]. *Science* 273, 1484-6.

Hui, L. e Kerr, R.H. (1997) Warnings precede Chinese tremblors [Avisos precedem tremores chineses]. *Science* 276, 526.

Huth, A. e Wissel, C. (1992) The simulation of the movement of fish schools [A simulação do movimento de cardumes]. *Journal of Theoretical Biology* 156, 365-85.

Huxley, F. (1959) Charles Darwin: life and habit [Charles Darwin: vida e hábito]. *The American Scholar* (outono, inverno), 1-19.

Hygen, G. (1987) *Vardøger: Vårt Paranormale Nasjonalfenomen.* Cappelens Forlag, Oslo.

Ikeya, M., Matsuda, T. e Yamanaka, Y. (1998) Reproduction of Mimosa and clock anomalies before earthquakes [A reprodução de mimosas e anomalias em relógios antes de terremotos]. *Atas da Academia Japonesa* 74B, 60-64.

Ikeya, M., Takaki, S., Matsumoto, H., Tani, A. e Komatsu, T. (1997) Pulsed charge model of fault behavior producing seismic electrical signals [Modelo de carga pulsante no comportamento de falhas produzindo sinais elétricos]. *Journal of Circuits, Systems and Computers* 7, 153-164.

Ikeya, M., Takaki, S., Takashimizu, T. (1996) Electric shocks resulting in seismic animal anomalous behaviors [Choques elétricos resultam em comportamento animal anômalo sísmico]. *Journal of the Physical Society of Japan* 65, 710-12.

Inglis, B. (1977) *Natural and Supernatural* [Natural e sobrenatural]. Hodder & Stoughton, Londres.

_____ . (1985) *The Paranormal: An Encyclopedia of Psychic Phenomena* [O paranormal: uma enciclopédia de fenômenos psíquicos]. Granada, Londres.

Jahn, R.J. e Dunne, B. (1987) *Margins of Reality* [Margens da realidade]. Harcourt Brace, Nova York.

Jouventin, P. e Weimerskirsch, H. (1990) Satellite tracking of wandering albatrosses [Rastreamento via satélite de albatrozes errantes]. *Nature* 343, 746-8.

Karsh, E.B. e Turner, D.C. (1988) The human-cat relationship [O relacionamento entre gatos e seres humanos]. Em: Turner, D.C. e Bateson, P. (eds.) *The Domestic Cat.* Cambridge University Press, Cambridge.

Keeton, W.T. (1981) Orientation and navigation of birds [A orientação dos pássaros]. Em: Aidley, D.J. (ed.) *Animal Migration* [Migração animal]. Society for Experimental Biology Seminar Series 13, Cambridge University Press, Cambridge.

Keller, O. (1913) *Antike Tierwelt.* Engelmann, Lepzig.

Kerby, G. e Macdonald, D.W. (1955) Cat society and the consequences of colony size [A sociedade dos gatos e as conseqüências do tamanho da colônia]. Em: Turner, D.C. e Bateson, P. (eds.) *The Domestic Cat.* Cambridge University Press, Cambridge.

Kiley-Worthington, M. (1987) *The Behaviour of Horses* [O comportamento dos cavalos]. J.A. Allen, Londres.

Knowles, O.S. (1996) Letter [Carta]. *Psi Researcher* 21, 24.

Lang, A. (1911) Second sight [Segunda visão]. *Encyclopaedia Britannica* (11ª ed.). Cambridge University Press, Cambridge.

Leakey, R. e Lewin, R. (1992) *Origins Reconsidered* [Origens reconsideradas]. Little, Brown and Co., Londres.

Lemish, G.H. (1996) *War Dogs: Canines in Combat* [Cães de guerra: caninos em combate]. Brassey, Washington.

Liberg, O. e Sandell, M. (1955) Spatial organization and reproductive tactics in the domestic cat and other felids [Organização espacial e táticas de reprodução do gato doméstico e de outros felídeos]. Em: Turner, D.C. e Bateson, P. (eds.) *The Domestic Cat.* Cambridge University Press, Cambridge.

Lighthill, J. (ed.) (1996) *A Critical Review of VAN* [Uma revisão crítica do VAN]. World Scientific, Singapura.

Lim, K., Wilcox, A., Fisher, M. e Burns-Cox, C.J. (1992) Type 1 diabetics and their pets [Diabéticos tipo 1 e seus animais de estimação]. *Diabetic Medicine* 9, Supp 2, S3.

Lohmann, K.J. (1992) How sea turtles navigate [Como as tartarugas marinhas se orientam]. *Scientific American*, janeiro, 75-82.

Long, W. (1919) *How Animals Talk* [Como falam os animais]. Harper, Nova York.

Lynch, J.J. e McCarthy, J.F. (1969) Social responding in dogs: heart rate changes to a person [Respostas sociais dos cães: alterações nos batimentos cardíacos de uma pessoa]. *Psychophysiology* 5, 389-93.

Marais, E. (1973) *The Soul of the White Ant* [A alma da formiga branca]. Penguin Books, Londres.

Marx, M.B., Stallones, L., Garrity, T.F. e Johnson, T.P. (1988) *Anthrozoos* 2, 33-7.

Masson, J.M. (1996) *When Elephants Weep* [Quando os elefantes choram]. Delta, Nova York.

_____ . (1997) *Dogs Never Lie About Love* [Os cães nunca mentem sobre o amor]. Jonathan Cape, Londres.

Matthews, G.V.T. (1968) *Bird Navigation* [Orientação de pássaros] (2ª ed.). Cambridge University Press, Cambridge.

Matthews, R. (1994) Animal magic or mysterious sixth sense? [Mágica animal ou um misterioso sexto sentido?]. *Sunday Telegraph*, 24 de abril.

_____ . (1995) Psychic dog gives scientist a lead [Cão vidente dá pista para cientista]. *Sunday Telegraph*, 15 de janeiro.

McCormick, A. e D. (1997) *Horse Sense and the Human Heart* [Os sentidos dos cavalos e o coração humano]. Health Communications, Deerfield Beach, Flórida.

McElroy, S.C. (1997) *Animals as Teachers and Healers* [Animais como professores e curandeiros]. Ballantine Books, Nova York.

McFarland, D. (ed.) (1981) Navigation [Orientação]. *The Oxford Companion to Animal Behaviour*. Oxford University Press, Oxford.

Metzger, D. (1998) Coming home [Voltando para casa]. Em: Peterson, B.. Metzger, D. e Hogan, L. (eds.) *Intimate Nature: The*

Bonds Between Women and Animals [Natureza íntima: os laços entre mulheres e animais]. Ballantine Books, Nova York.

Michell, J. e Rickard, J.M. (1982) *Living Wonders: Mysteries and Curiosities of the Animal World* [Maravilhas vivas: mistérios e curiosidades do mundo animal]. Thames & Hudson, Londres.

Mikulecky, M. (1996) Sheldrake vs. Rose. *Biology Forum* 89, 469-78.

Mithen, S. (1996) *The Prehistory of the Mind: A Search for the Origins of Art, Religion and Science* [A pré-história da mente: buscando as origens da arte, da religião e da ciência]. Thames & Hudson, Londres.

Moore, B.R. (1988) Magnetic fields and orientation in homing pigeons: the experiments of the late W.T. Keeton [Campos magnéticos e orientação em pombos-correio: as experiências do falecido W.T. Keeton]. *Atas da Academia Nacional de Ciências, EUA* 85, 4907-9.

Morell, V. (1997) The origin of dogs: running with the wolves [A origem dos cães: correndo com os lobos]. *Science* 276, 1647-8.

Morris, D. (1986) *Dogwatching* [Observando os cães]. Jonathan Cape, Londres.

Morris, R.L. (1977) Parapsychology, biology and ANPSI [Parapsicologia, biologia e parapsicologia animal]. Em: *Handbook of Parapsychology* (ed. Wolman, B.B.). Van Nostrand Reinhold, Nova York.

Munro, K.J., Paul, B. e Cox, C.L. (1997) Normative auditory brainstem response data for bone conduction in the dog [Resposta normativa auditiva troncocerebral para condução óssea no cão]. *Journal of Small Animal Practice* 38, 353-6.

Myers, A. (1997) *Communicating with Animals* [Comunicando-se com animais]. Contemporary Books, Chicago.

Neisser, U. (1995) *Intelligence: Knowns and Unknowns* [Inteligência: conhecidas e desconhecidas]. Relatório da Associação Americana de Psicologia.

Niwa, H.S. (1994) Self-organizing dynamic model of fish schooling [Modelo dinâmico auto-organizador de cardumes]. *Journal of Theoretical Biology*, 171, 123-136.

Ormerod, E. (1996) Pet programmes in prisons [Programas de animais domésticos nas prisões]. *Society for Companion Animal Studies Journal* 8 (4), 1-3.

Osis, K. (1952) A test of the occurrence of a psi effect between man and the cat [Teste da ocorrência de um efeito psi entre homem e gato]. *Journal of Parapsychology* 16, 233-56.

_____ e Forster, E.B. (1953) A test of ESP in cats [Um teste de percepção extra-sensorial em gatos]. *Journal of Parapsychology* 17, 168-86.

Ostrander, S. e Schroeder, L. (1970) *Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain* [Descobertas psíquicas por trás da Cortina de Ferro]. Abacus Books, Londres.

Otis, L.S. e Kautz, W.H. (1981) *Biological premonitors of earthquakes: a validation study* [Premonitores biológicos de terremotos: um estudo de validação]. Relatório anual preparado para o serviço geológico dos EUA.

Papi, F. e Luschi, P. (1996) Pinpointing "Isla Meta": the case of sea turtles and albatrosses [Encontrando a "Isla Meta": o caso das tartarugas marinhas e dos albatrozes]. *Journal of Experimental Biology* 199, 65-71.

Parrish, J.K. e Hammer, W.M. (eds) (1997) *Animal Groups in Three Dimensions* [Grupos animais em três dimensões]. Cambridge University Press, Cambridge.

Parson, N.A. (1956) *Guided Missiles in War and Peace* [Mísseis guiados na guerra e na paz]. Harvard University Press, Cambridge, Mass.

Partridge, B. (1981) Schooling [Formação de cardumes]. Em: McFarland, D. (ed.) *The Oxford Companion to Animal Behaviour*. Oxford University Press, Oxford.

Partridge, E. (1958) *Origins: A Short Etymological Dictionary of Modern English* [Origens: pequeno dicionário etimológico do inglês moderno]. Routledge and Kegan Paul, Londres.

Paul, E.S. and Serpell, J.A. (1996) Obtaining a new pet dog: effects on middle childhood children and their families [Obter um cãozi-

nho de estimação: efeitos sobre crianças no meio da infância e em suas famílias]. *Applied Animal Behaviour Science* 47, 17-29.

Paxton, D. (1994) Urban animal management [Manejo de animais urbanos]. *Atas da Terceira Conferência Nacional sobre Manejo de Animais Urbanos.* Associação Veterinária Australiana, Canberra.

Peoc'h, R. (1988a) Action psychocinétique des poussins sur un générateur aléatoire. *Revue Française de Psychotronique* 1, 11-24.

_____ . (1988b) Chicken imprinting and the tychoscope: an ANPSI experiment [*Imprinting* em galinhas e o ticoscópio: uma experiência sobre a parapsicologia animal]. *Journal of the Society for Psychical Reasearch* 55, 1-9.

_____ . (1988c) Psychokinetic action of young chicks on an illuminated source [Ação psicocinética de pintinhos sobre uma fonte de luz]. *Journal of Scientific Exploration* 9, 223-9.

_____ . (1997a) Telepathy experiments between rabbits [Experiências telepáticas entre coelhos]. *Fondation Odier de Psycho-Physique Bulletin* 3, 25-8.

_____ . (1997b) Telekinesis esperiments with rabbits [Experiências de telecinesia com coelhos]. *Fondation Odier de Psycho-Physique Bulletin* 3, 28-36.

Perdeck, A.C. (1958) Two types of orientation in migrating starlings and chaffinches as revealed by displacement experiments [Dois tipos de orientações em estorninhos migratórios e tentilhões conforme revelado por experiências de deslocamento]. *Ardea* 46, 1-37.

Peter, M. (1994) Fliegerangriff! Tauben schlugen Alarm. *Kronen Zeitung,* Viena, 26 de novembro.

Pfungst, O. (1911) *Clever Hans: A Contribution to Experimental Animal and Human Psychology* [Clever Hans: uma contribuição para a psicologia experimental animal e humana]. Henry Holt & Co., Nova York.

Phear, D. (1997) A study of animal companionship in a day hospice [Um estudo sobre o companheirismo dos animais num abrigo diurno]. *Society for Companion Animal Studies Journal* 9 (1), 1-3.

Pinker, S. (1994) *The Language Instinct* [O instinto da linguagem]. Penguin, Londres.

Potts, W.K. (1984) The chorus line hypothesis of manoeuvre co-ordination in avian flocks [A hipótese das coristas na coordenação das manobras de bandos de aves]. *Nature* 309, 344-5.

Pratt, J.G. (1964) *Parapsychology: An Insider's View of ESP* [Parapsicologia: uma visão de dentro da percepção extra-sensorial]. W.H. Allen, Londres.

Price, P. (1998) Back from the dead [De volta dos mortos]. *The Times*, 21 de fevereiro.

Radin, D. (1997) *The Conscious Universe: The Scientific Truth of Psychic Phenomena* [O universo consciente: a verdade científica dos fenômenos psíquicos]. Harper, San Francisco.

Rennie, A. (1997) The therapeutic relationship between animals and humans [O relacionamento terapêutico entre animais e seres humanos]. *Society for Companion Animal Studies Journal* 9 (4), 1-4.

Rhine, J.B. (1951) The present outlook on the question of psi in animals [As perspectivas presentes sobre a questão do psi em animais]. *Journal of Parapsychology* 15, 230-51.

_____ e Feather, S.R. (1962) The study of cases of "psi-trailing" in animals [O estudo de casos de psi-rastreamento em animais]. *Journal of Parapsychology* 16, 1-22.

Ridley, M. (1996) *The Origins of Virtue* [As origens da virtude]. Viking, Londres.

Roberts, M. (1996) *The Man Who Listens to Horses* [O homem que escuta os cavalos]. Hutchinson, Londres.

Rogo, D.S. (1997) Do animals have ESP? [Os animais possuem percepção extra-sensorial?] *Psychic Pets and Spirit Animals.* Llewellyn Publications, St. Paul, MN.

Rose, S. (1992) So-called "formative causation": a hypothesis disconfirmed [A chamada "causa formativa": uma hipótese anulada]. *Biology Forum* 85, 445-53.

Schechter, B. (1999) Birds of a feather [Pássaros parecidos]. *New Scientist*, 23 de janeiro, 30-3.

Schlitz, M.J e LaBerge, S. (1997) Covert observation increases skin conductance in subjects unaware of when they are being observed: a replication [Observação dissimulada aumenta condutância em indivíduos que não sabem que estão sendo observados: uma replicação]. *Journal of Parapsychology* 61, 185-96.

Schmidt, B. (1932) Vorläufiges Versuchsergebnis über das hundliche Orientierungsproblem. *Zeitschrift für Hunderforschung* 2, 133-156.

Schmidt, B. (1936) *Interviewing Animals* [Entrevistando animais]. Allen and Unwin, Londres.

Schmidt-Koenig, K. (1979) *Avian Orientation and Navigation* [A orientação das aves]. Academic Press, Londres.

_____ e Ganzhorn, J.U. (1991) On the problem of bird navigation [Sobre a questão da orientação das aves]. Em: Bateson, P.P.G. e Klopfer, P.H. (eds.) *Perspectives in Ethology*, vol. 9. Plenum Press, Nova York.

Selous, E. (1931) *Thought Transference or What? in Birds* [Transferência de pensamentos ou o quê? em pássaros]. Constable, Londres.

Serpell, J. (1983) Best friend or worst enemy: cross-cultural variation in attitudes to the domestic dog [Melhor amigo ou pior inimigo: variações culturais nas atitudes relacionadas ao cão doméstico]. *Atas do Simpósio Internacional do Relacionamento Ser Humano-Animal de 1983*. Academia Austríaca de Ciências, Viena.

Serpell, J. (1986) *In the Company of Animals*. Cambridge University Press, Cambridge.

_____ . (1991) Beneficial effects of pet ownership on some aspects of human health and behaviour [Efeitos benéficos de ter um animal de estimação sobre alguns aspectos da saúde e do comportamento humanos]. *Journal of the Royal Society of Medicine* 84, 717-20.

Sheldrake, R. (1981; 2ª ed., 1985) *A New Science of Life: the Hypothesis of Formative Causation* [Uma nova ciência da vida: a hipótese de causa formativa]. Blond and Briggs, Londres.

_____ . (1988a) *The Presence of the Past: Morphic Resonance and the Habits of Nature* [A presença do passado: a ressonância mórfica e os hábitos da natureza]. Collins, Londres.

_____ . (1988b) Cattle fooled by phoney grids [Gado enganado por mata-burros falsos]. *New Scientist* 11 de fevereiro, p. 65.

_____ . (1990) *The Rebirth of Nature: the Greening of Science and God* [O renascimento da natureza: o esverdeamento da ciência e de Deus]. Century, Londres.

_____ . (1992a) An experimental test of the hypothesis of formative causation [Um teste experimental da hipótese de causa formativa]. *Biology Forum* 85, 431-443.

_____ . (1992b) Rose refuted [Rose refutado]. *Biology Forum* 85, 455-60.

_____ . (1994) *Seven Experiments That Could Change the World: A Do-It-Yourself Guide to Revolutionary Science* [Sete experiências que poderiam mudar o mundo: um guia prático para a ciência revolucionária]. Fourth Estate, Londres.

_____ . (1998a) Perceptive pets with puzzling powers: three surveys [Animais perceptivos com poderes desconcertantes: três levantamentos]. *International Society for Anthrozoology Newsletter* 15, 2-5.

_____ . (1998b) The sense of being stared at: experiments in schools [A sensação de estar sendo olhado: experiências em escolas]. *Journal of the Society for Psychical Research* 62, 311-23.

_____ . (1999) The "sense of being stared at" confirmed by simple experiments [A "sensação de estar sendo olhado" confirmada por experiências simples]. *Biology Forum* 92 (no prelo).

_____ e Fox, M. (1996) *Natural Grace: Dialogues on Science and Spirituality* [A graça natural: diálogos sobre ciência e espiritualidade]. Bloomsbury, Londres.

Sheldrake, R., Lawlor, C. e Turney, J. (1998) Perceptive pets: a survey in London [Animais perceptivos: um levantamento feito em Londres]. *Biology Forum* 91, 57-74.

_____ R., McKenna, T. e Abraham, R. (1998) *The Evolutionary Mind* [A mente evolucionária]. Trialogue Press, Santa Cruz.

_____ e Smart, P. (1997) Psychic pets: a survey in north-west England [Animais mediúnicos: um levantamento feito no noroeste da Inglaterra]. *Journal of the Society for Psychical Research* 61, 353-64.

_____ . (1998) A dog that seems to know when its owner is returning: preliminary investigations. *Journal of the Society for Psychical Research* 62, 220-32.

Shiedrake, R. e Smart, P. (1999) A dog that seens to know when its owner is returning videotaped experiments [Um cachorro que parece saber quando seu dono está chegando: experiências filmadas em vídeo] (em preparação).

Shiu, J.N., Munro, K.J. e Cox, C.L. (1997) Normative auditory brainstem response data for hearing threshold and neuro-otiological diagnosis in the dog [Resposta normativa auditiva tronco-cerebral para limite de audibilidade e diagnóstico neuro-otiológico em cães]. *Journal of Small Animal Practice* 38, 103-107.

Skinner, B.J. e Porter, S.C. (1987) *Physical Geology.* Wiley, Nova York.

Smith, H. (1997) My psychic bunny's a lifesaver [Meu coelhinho mediúnico é um salva-vidas]. *News of the World Magazine*, 8 de junho.

Smith, P. (1989) *Animal Talk: Interspecies Telepathic Communication* [Fala animal: comunicação telepática interespécie]. Pegasus Publications, Point Reyes, Califórnia.

Sobel, D. (1996) *Longitude.* Fourth Estate, Londres.

St. Barbe Baker, R. (1942) *African Drums* [Tambores africanos]. Lindsay Drummond, Londres.

Steiger, B. e Steiger, S.H. (1992) *Strange Powers of Pets* [Os estranhos poderes de animais de estimação]. Fine, Inc., Nova York.

Steinhart, P. (1995) *The Company of Wolves* [A companhia de lobos]. Knopf, Nova York.

Stevenson, I. (1970) *Telepathic Impressions* [Impressões telepáticas]. University Press of Virginia, Charlottesville.

Stewart, M. (1995) Dogs as counsellors? [Cães como orientadores psicológicos?]. *Society for Companion Animal Studies Journal* 7 (4), 1-4.

Summerfield, H. (1996) Pets as therapy [Animais de estimação como terapia]. *Society for Companion Animal Studies Journal* 8 (4), 9.

Thom, R. (1975) *Structural Stability and Morphogenesis* [Estabilidade estrutural e morfogênese]. Benjamin, Reading, MA.

_____ . (1983) *Mathematical Models of Morphogenesis* [Modelos matemáticos de morfogênese]. Horwood, Chichester.

Thomas, E.M. (1993) *The Hidden Life of Dogs* [A vida secreta dos cães]. Houghton Mifflin, Boston.

Tributsch, H. (1982) *When the Snakes Awake* [Quando as cobras acordam]. MIT Press, Cambridge, Mass.

Turner, D.C. (1995) The human-cat relationship [O relacionamento homem-gato]. Em: Robinson, I. (ed.) *The Waltham Book of Human-Animal Interaction.* Pergamon, Oxford.

van der Post, L. (1962) *The Lost World of the Kalahari* [O mundo perdido do Kalahari]. Penguin Books, Londres.

von Frisch, K. (1975) *Animal Architecture* [Arquitetura animal]. Hutchinson, Londres.

Wadatsumi, K. (1995) *Witnesses 1519 Prior to Earthquake* [Testemunhos de 1519 antes do terremoto]. Tokyo Publishers, Tóquio (em japonês).

Waddington, C.H. (1957) *The Strategy of the Genes* [A estratégia dos genes]. Allen and Unwin, Londres.

Walcott, C. (1991) Magnetic maps in pigeons [Mapas magnéticos em pombos]. Em: Berthold, P. (ed.) *Orientarion in Birds* [A orientação dos pássaros]. Birkhäuser, Basiléia.

Walraff, H.G. (1990) Navigation by homing pigeons [A orientação dos pombos-correio]. *Ethology, Ecology and Evolution* 2, 81-115.

Weimerskirsch, H., Salamolard, M., Sarrazin, F. e Jouventin, P. (1993) Foraging strategy of wandering albatrosses through the breeding season: a study using satellite telemetry [Estratégias de alimentação dos albatrozes errantes durante a temporada de procriação: um estudo usando telemetria por satélite]. *Auk* 110, 325-41.

Whitlock, R. (1992) How do they do it? [Como é que eles conseguem?]. *Guardian Weekly*, 4 de dezembro.

Williams, H. e Pembroke, A. (1989) Sniffer dogs in the melanoma clinic? [Cães farejadores na clínica do melanoma?]. *Lancet*, abril, p. 734.

Wilson, E.O. (1971) *The Social Insects* [Os insetos sociais]. Harvard University Press, Cambridge, Mass.

_____ . (1980) *Sociobiology*. Harvard University Press, Cambridge, Mass.

Wiltschko, R. e Wiltschko, W. (1995) *Magnetic Orientation in Animals* [Orientação magnética em animais]. Springer-Verlag, Berlim.

_____ . (1999) Das Orientierungssystem der Vögel: I. Kompassmechanismen. *Journal für Ornithologie* 140, 1-40.

_____ e Jahnel, M. (1987) The orientation behaviour of anosmic pigeons in Frankfurt a.M., Germany [A orientação em pombos anósmicos em Frankfurt, Alemanha]. *Animal Behaviour* 35, 1328-33.

Wiseman, R. e Schlitz, M. (1997) Experimenter effects and the remote detection of staring [Os efeitos do experimentador e a detecção remota do olhar]. *Journal of Parapsychology* 61, 197-207.

Wiseman, R. Smith, M. e Milton, J. (1998) Can animals detect when their owners are returning home? An experimental test of the "psychic pet" phenomenon [Os animais conseguem detectar quando seus donos estão chegando? Um teste experimental do fenômeno dos "animais de estimação mediúnicos"]. *British Journal of Psychology* 89, 453-62.

Woodhouse, B. (1992) *How Your Dog Thinks* [Como o seu cão pensa]. Ringpress, Letchworth.

Wylder, J. (1978) *Psychic Pets: The Secret World of Animals* [Animais mediúnicos: o mundo secreto dos animais de estimação]. Stonehill, Nova York.

Young, R. (1995) Dog walks 60 miles home to its master [Cachorro caminha 97 quilômetros até o seu dono]. *The Times*, 9 de setembro.

markgraph
Rua Aguiar Moreira, 386 - Bonsucesso
Tel.: (21) 868.5802 Fax.: (21) 270.9656
Rio de Janeiro - RJ

permitindo que ela se instale em um lugar seguro. Ele é ainda capaz de apertar um botão do telefone e latir quando o atendem, no caso de uma emergência.

Não, não se trata de uma obra de ficção, fruto da mente inventiva de algum escritor apaixonado por animais. As histórias aqui reunidas são resultado de uma longa pesquisa que vem provar que há muito mais sobre a mente dos animais do que nossa imaginação possa conceber. Telepatia, senso de direção, premonições – estes e outros poderes psíquicos parecem naturais e, mesmo, mais biológicos quando se analisam os relatos sobre o comportamento animal.

Com esta pesquisa inovadora, Dr. Sheldrake examina de que modo nossos animais de estimação podem nos levar a questionar os limites do pensamento científico convencional.

Dr. Rupert Sheldrake estudou Ciências Naturais em Cambridge e Filosofia em Harvard. Doutor em Bioquímica em Cambridge, é autor de sete livros e de mais de cinqüenta trabalhos para publicações científicas.

Cachorros que sabem quando os donos estão chegando em casa. Gatos que correm para perto do telefone, quando alguém a quem são muito próximos está ligando. Cavalos que conseguem encontrar o caminho de casa. Gatos que pressentem quando seus donos estão doentes.

São histórias assim que você vai encontrar neste livro. No entanto, esta não é uma obra de ficção.

O Dr. Rupert Sheldrake, respeitado pesquisador da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, reúne uma série de casos que provam que os animais apresentam uma percepção que muitas vezes escapa à compreensão da ciência.

Em sua análise, Dr. Sheldrake nos leva a refletir sobre o comportamento de nossos animais de estimação e a reavaliar seus estranhos e adoráveis poderes.

ISBN 85 - 7302 - 300 - 7

9 788573 023008

OBJETIVA